



REVISTA DA  
ACADEMIA  
MINEIRA DE  
LETRAS

ANO 98º – VOLUME LXXVIII – 2018

Ficha Catalográfica

Revista da Academia Mineira de Letras – Ano 98º – volume LXXVIII

Revista da Academia Mineira de Letras/Academia Mineira de Letras / V. LXXVIII/  
2018.

Belo Horizonte: Academia Mineira de Letras, 2018.

Fundada em 1922

I. Literatura – Periódico. 2. Obras Literárias I. A

**REVISTA DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS**

Publicação semestral

Diretora: Elizabeth Rennó

Editor: Manoel Hygino dos Santos

Revisão: Pedro Sérgio Lozar

Digitação: Marília Moura Guilherme

Capa: Liu Lopes

Diagramação: Gilson dos Santos Costa

Impressão: Parque Gráfico da Companhia de Tecnologia da Informação de  
Minas Gerais - Prodemge

**APRESENTAÇÃO**

Apresentamos aos leitores o novo número de nossa Revista, após profundas transformações estabelecidas pela Lei Estadual 22.285/2016, que influenciaram na operacionalização de nossos projetos. Passa a operar, agora como parceira, a Prodemge, com a qual procuraremos manter a regularidade das edições.

Ao transmitir escusas pelo indesejado atraso, agradecemos a gentileza e sensibilidade de quantos estiveram e estiverem conosco para êxito de nosso desiderato.

## ÍNDICE

MILTON CAMPOS: UM LITERATO NA POLÍTICA Elisabeth Rennó.....	11
POLÍTICA, PODERES, CHEFIAS E POBREZAS NO GRANDE SERTÃO: VEREDAS Patrus Ananias de Sousa.....	21
A PRIMEIRA GUERRA DO BRASIL FOI EM MINAS; E COM ECONOMIA Pedro Rogério Couto Moreira.....	33
UMA VIA SACRA EM TIRADENTES Angelo Oswaldo de Araújo Santos.....	37
AUTORES NORTE-MINEIROS LANÇAM SEUS LIVROS	
Manoel Hygino dos Santos.....	41
RECEBENDO O ESCRITOR FERNANDO MORAIS Pe. José Carlos Brandi.....	45
O FADO: POESIA PORTUGUESA Ricardo Arnaldo Malheiros Fiuza.....	53
250 ANOS DE RIO POMBA: MARAVILHOSAS, ENCANTADORAS FABULAÇÕES Danilo Gomes.....	61
O PRIMEIRO CRONISTA DE BELO HORIZONTE Rogério Faria Tavares.....	63
DRUMMOND: A INFÂNCIA DA POESIA Antonio Carlos Secchin.....	65

SIMPLES ANÁLISE DA PALAVRA E DO VERBO DIANTE DOS POEMAS <i>INFÂNCIA</i> E <i>A MESA</i> DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE Carmen Schneider Guimarães.....	73
A ESPIRITUALIDADE EM PETRÔNIO BAX Roque Camêllo .....	79
VINTE ANOS SEM O ACADÊMICO DOM OSCAR DE OLIVEIRA J. D. Vital.....	83
PAISAGEM OU RETRATO Carlos Perktold .....	91
TEMAS DA POESIA Zanoni Neves .....	95
A DIVISÃO DAS MINAS GERAIS Paulo Paranhos .....	105
ASSIS - CAMINHO, DIÁLOGO ENTRE CRENTES E NÃO CRENTES Felicidade Patrocínio .....	109
MAIO - LITURGIA DO ENCANTAMENTO Wolmar Olympio Nogueira .....	111
ALÉM DO <i>CHAPADÃO DO BUGRE</i> E <i>VILA DOS CONFINS</i> , OS MAMOEIROS DE UM QUINTAL EM MEDEIROS César Vanucci .....	115
AS CARTAS SINGELAS DE NAVA E DRUMMOND Edmilson Caminha .....	127
O MUNDO PRECISA DE MAIS CANADÁ, LIVRO COLETIVO José Raimundo Gomes da Cruz .....	130

A CENTENÁRIA CINZA DAS HORAS Anderson Braga Horta.....	137
REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS ACERCA DA <i>CASA DE ORAÇÃO DO VALE DE LÁGRIMAS</i> Ana Cristina Pereira Lage .....	143
EM REFERÊNCIA A GANDHI Paulo Narciso Soares.....	157
O ALFERES, LIBERDADE E CIDADANIA Eugênio Ferraz.....	161
LUCIA MIGUEL PEREIRA Fabio de Sousa Coutinho .....	163
DRESDEN NO PASSADO, BRASIL NO FUTURO Lívia Paulini .....	167
VIDA Yeda Prates Bernis .....	175
BORGES Emanuel Medeiros.....	177
SONETOS DE FLORBELA ESPANCA: A VOZ FEMININA E A EXPRESSÃO DO HUMANO Zina C. Bellodi.....	179
ZÉLIA GATTAI - 100 ANOS Cristina Agostinho.....	187
LIVROS RECEBIDOS .....	199
QUADRO ACADÊMICO .....	205

## MILTON CAMPOS: UM LITERATO NA POLÍTICA\*

Elisabeth Rennó\*\*

O nosso objetivo é estabelecer uma comparação do autor como sujeito de transformação de si mesmo, através do tempo, no espaço limiar, como crítico e analítico dos acontecimentos e dentro de duas vivências aparentemente opostas: a literatura e a política, no que apresentam de diferença ou semelhança entre os seus textos.

Escolhemos a figura de Milton Campos, que, de muitos só conhecido pelo lado público e político, se incorpora aos primórdios modernistas mineiros como literato.

Dele, Pedro Nava em seu *Beira Mar*, retrata: ... O que impressionava em Milton Campos não era só a vastidão de sua inteligência, mas sua qualidade e mais o conjunto de predicados com que ela se apresentava na personalidade destinada a ser, na frase de Eugênio Gudín – o modelo intelectual, político e moral duma geração, o que fazia dele o orientador involuntário e desprezioso de nossa geração, no dizer de Drummond. (p. 168).

Nava corrige o retrato falseado de Milton Campos, onde se presume existir na sua tolerância, a falta de combatividade... – *Esse ceo era na verdade homem bom, mas forte; tolerante, mas enérgico. E indobrável nas suas convicções democráticas como veio a mostrar diante a vida política* (p. 169).

Há sempre a sua marca característica, a ironia, a pontilhar-lhe as palavras.

A carreira jurídica e a política desviaram a vocação do homem de letras.

Vários episódios são lembrados até hoje e passaram ao anedotário público, como a do trem pagador durante a greve dos ferroviários da Rede Mineira de Viação, concentrados em Divinópolis, ou a sua resposta a alguém que lhe sugerira candidatar-se à Presidência da República:

\*Este texto serviu-me de apoio para pronunciar uma palestra na abertura da XVII Semana de Estudos de Letras, de 3 a 6 de outubro de 2016, da Faculdade de Educação São Luís, à qual agradeço o convite, especialmente à Profa. Roseli Batista Camargo, Coordenadora do Curso de Letras dessa Faculdade.

\*\*Escritora; Presidente da Academia Mineira de Letras, ocupa a cadeira 21. e.renno@hotmail.com

Deixar este Governo e aguentar mais um? É assim como oferecer licor a um ébrio, cujo estômago já vai mal...

Em Minas, introduziu um novo estilo de governar, como testemunha José Bento Teixeira de Sales em *Milton Campos, uma vocação liberal*. Considera Cyro Siqueira que José Bento não escreveu um livro sobre *o intelectual e homem público Milton Campos, fez antesuma declaração de amor: prosa e verso*.

A ironia miltoniana torna-se autoironia, pois só tem direito de julgar os outros e seus atos quem tem condições de medir-se em defeitos e qualidades.

Após o seu governo e de volta à cadeira de Ciência Política, na Fafich, disse a um seu colega de magistério, que se queixava do pouco interesse da mocidade pelo estudo da Filosofia e das Letras e exemplificava com o corte de cinquenta por cento na sua turma de alunos: – *Quanto a mim, estou feliz. Na minha cadeira o aumento foi de cem por cento. Tinha um aluno e hoje tenho dois*.

A sua atuação governamental foi criticada como de pouca realização. No entanto, os méritos sempre são reconhecidos à proporção que o transcorrer do tempo pode trazer aos censores uma medida de equilíbrio e isenção.

Analisando o processo de coesão entre os jovens intelectuais mineiros no início da década de 20, Fernando Correia Dias, em *Gênese e Expressão Grupal do Modernismo em Minas*, aponta – *três aspectos entrelaçados, mais ou menos sucessivos*:

a atividade comum (jornalismo, emprego público). A maior parte passou pelos bancos da Faculdade de Direito. *O bacharel era um ser de múltiplos e indefinidos interesses intelectuais*.

a interação (influências recíprocas).

o sentimento de identificação grupai, que possuíam.

Para esse grupo de moços (entre eles Milton Campos), o Modernismo foi a válvula de escape para a ruptura dos velhos e opressores padrões tradicionalistas, que limitavam seus horizontes intelectuais.

Foi Milton Campos quem revelou a Carlos Drummond de Andrade a poesia de Manuel Bandeira. Em 1921, Drummond escreveu uma série de poemas simbolistas já prenunciadora de sua poesia futura.

Em 1923, após a assimilação do exemplo paulista, o grupo mineiro já está formado.

Abgar Renault, no prefácio de *Compromisso Democrático*, publicação que engloba discursos políticos de Milton Campos, durante seu governo de 1947 a 1951, descreve a complexidade do caráter do autor manifestada nas suas atitudes, em que a par da modéstia, timidez e acessibilidade nota-se a segurança, a refle-

xão, a sua posição de guarda ao que lhe é estranho ou violador. Classifica-o *um franciscano de bom humor* e considera perturbador o seu ceticismo filosófico ao lado de sua religiosidade. Esse ceticismo *é um processo mental, um instrumento de análise e prospecção da realidade, um meio de diminuir tanto quanto possível a margem de erro de seus julgamentos diante da necessidade da ação*.

A forma de reação usada por Milton Campos, a que já nos referimos, foi a ironia, arma que, no exercício do espírito crítico, foi dirigida contra o que lhe pudesse restringir os anseios de liberdade e de democracia.

Fazemos aqui um paralelo entre o *gauche* Drummond e o *gauche* Milton Campos:

– O *gauche* é o – *displaced*., o *excêntrico*, o colocado – à esquerda. A busca de um reencontro consigo mesmo e de um sentido para as coisas possui um caráter metafísico em Milton Campos e uma direção dentro de um dimensionamento cristão, o que não ocorre na visão barroca de Drummond. Ambos, porém, imergem no mistério do tempo numa continuidade espaço-temporal.

O drama existencial do “gauche” poderia ser assim esquematizado:

Mundial real exterior:

guerras  
nazismo, fascismo  
comunismo x capitalismo

Mundo real interior:

Conflito existencial  
eu x mundo  
angústia

eu > o mundo

eu < o mundo = ao mundo

*gauche* = busca de reencontrar-se.

Drummond poeta, à medida que experimenta o tempo, contesta para receber uma nova resposta, engole o mundo que o tenta engolir e conquista o presente, numa fusão do tempo social e individual. Em Milton Campos, o ceticismo não é uma atitude de encarar o mundo e tentar reduzi-lo a uma realidade imediata e sim um processo mental. Coexistem nele o curso do pensamento político e o curso do sentimento moral.

Tentaremos fazer uma comparação entre os pensamentos filosóficos escritos pelo literato e sua trajetória até os escritos do político:

Em *Fundo de Gaveta*, publicado no primeiro número de *A Revista* em 1925, mas datado de 1922, notamos a sua preocupação com o tempo e sua trajetória até a eternidade:

– O tempo é infinito e indivisível. Mas o homem finge limitá-lo com a ficção dos anos e dos dias, para ter a ilusão consoladora de que é o tempo que passa por ele e não ele pelo tempo.

– Sendo um momento da eternidade, temos o eterno em nós. O ceticismo comodista é que nos leva à convicção de que somos passageiros.

Nas palavras do governador, em 1947, aos altos dignitários da Igreja Católica, em Belo Horizonte, temos:

*Coloco-me, neste momento, no ponto em que se encontram a ação espiritual e a ação temporal – a recuperação e a salvação do homem moderno. Os que trabalham no eterno e os que lidam no tempo têm aí a tarefa comum em benefício da condição humana. Compromisso Democrático (p.64).*

Em discurso, em 1º de setembro de 1949, no encerramento da Semana de Ação Social realizada em Belo Horizonte:

*Os retos caminhos do Evangelho, que conduzem à Verdade, também se assinalam através dos labirintos do mundo, e, se buscam o Eterno, ainda labutam no tempo e têm, sob esse aspecto, o objetivo da felicidade do homem sobre a terra.*

*Aí a ação espiritual e a temporal encontram finalidade idêntica, que é o zelo e a defesa da pessoa humana. Aos governos cabe, sem dúvida, a maior parcela nas responsabilidades pela consecução desse resultado... Compromisso Democrático, (p. 292). Mais adiante completa:*

*Não contestemos que somos um povo conservador. Não somos, porém, naquele sentido que caricaturalmente se atribui a estadista inglês, o qual, se estivesse presente à criação do mundo, teria pedido a Deus que conservasse o caos. O que queremos conservar são certos traços e certas virtudes da nossa formação, que singularizam ou caracterizam nossa comunidade, (p.293). Compromisso Democrático.*

Muitos outros exemplos como os citados poderiam também testemunhar essa identificação eu/mundo em Milton Campos.

Notamos, porém, uma diferença marcante entre Drummond

e Milton: enquanto o primeiro vence o tempo quando conquista o presente ou à medida que o faz, o segundo busca o futuro dentro do seu código de valores, na direção de um eterno. O seu ceticismo é fruto adquirido através do contacto com Voltaire, Anatole France ou Remy de Gourmont; o seu espírito cristão é marca de Graça imposta aos que na humildade se fazem grandes.

Tentaremos identificar nos escritos de Milton Campos as três características do grupo mineiro do Modernismo, na classificação de Fernando Correia Dias:

1ª – a tradição repensada

2ª – a conciliação de lealdades

3ª – o apelo à razão

De acordo com o editorial de *A Revista*: Aos espíritos criadores (Martins de Almeida): solidificar o fio de nossas tradições depreendemos a sua preocupação com o passado tradicional, mas numa renovação adequada à sua época; a recriação da obra de arte, como no dizer de T.S. Eliot: cada nova obra é o prolongamento e alteração crítica das anteriores, portanto com a preservação da continuidade da vida intelectual mineira.

Exemplos:

*Escapou a Maeterlinck, quando escreveu o ensaio sobre o silêncio, um exemplo, frisante. O inacabado, nas realizações artísticas, quando intencional, impressionava mais fundamente, pela elaboração a que obriga a sensibilidade do espectador. O artista interrompeu a obra num ponto de execução, e daí por diante ela é mais expressiva e comunicativa. O inacabado é parte do silêncio nas obras de arte. Fundo de Gaveta.*

*...Podeis estar certos de que Minas tem como uma de suas características o culto do passado e o apelo às tradições. Mas com essa certeza, não acrediteis nunca que esse apego e esse culto sejam inibitórios, induzindo à contemplação, à imobilidade e à inércia. Ao contrário, o passado entre nós vale, sobretudo, como um estímulo e as tradições são um fio invisível, mas atuante de orientação para o futuro. (p. 142) – Compromisso Democrático.*

*...a vocação da Cultura, no consenso geral, é uma característica de Minas. Realizará dessa forma o mais perfeito processo de civilização, que é o de revelar a vocação de um povo, através de sua tradição, e o de satisfazê-lo mediante um fio condutor... (p.204) – Compromisso Democrático.*

...A tradição há de continuar. Se as solicitações do mundo de hoje acentuam o primado das exigências econômicas, será ainda da cultura geral que vai depender o desenvolvimento eficaz de quaisquer atividades, mesmo as mais práticas. (p.205) – *Compromisso Democrático*.

...Tranquiliza-me, porém, a certeza de que são as inspirações cristãs que nos animam, mais do que as preocupações falazes do êxito imediato... (p.61) – *Compromisso Democrático*.

...Escritores do Brasil... Vós exprimis através da variedade de vossos temperamentos e das tendências do vosso espírito, a cultura racional a que Minas tem servido com devotamento e proveito...

...Lançando ideias, renovando doutrinas, suscitando emoções, comunicando, enfim, o vosso espírito com a inteligência receptiva dos homens que leem ou ouvem, estais contribuindo sempre para os destinos humanos e vossas palavras são muitas vezes pontos de partida de ações e movimentos imprevisíveis... Isto revela o vosso poder, mas ao mesmo tempo acentua vossa responsabilidade, porque nenhum escritor digno desse nome escreve em vão... Rousseau não imaginava o que viria depois, quando respondeu à tese proposta pela Academia de Dijon sobre se as artes e as ciências haviam contribuído para corromper ou aperfeiçoar os costumes..., nem a autora da Cabana do Pai Tomás imaginava influir para o Guerra da Secessão... (p.76) - *Compromisso Democrático*.

2ª: Em *A Revista*, número 1, no editorial *Para os cétricos*, encontramos a proposição para uma renovação intelectual do Brasil em todos os campos: na literatura, na arte, na política, uma conciliação entre a cultura regional, nacional e cosmopolita. Somos pela renovação intelectual do Brasil... pelo saneamento da tradição que não pode continuar a ser o túmulo de nossas ideias...

No segundo editorial de *A Revista*, o primitivismo é considerado como fruto do movimento nacionalista. Este é humanizador da consciência intelectual, é necessário acabar com a aristocracia orgulhosa do pensamento, para tomarmos parte na humanidade, na nossa humanidade.

A aspiração para a valorização do primitivismo cultural brasileiro aproxima esse pensamento e o movimento antropofágico.

Exemplos:

*Oscar Wilde era então papel circulante... foi o mais imitado e o mais nocivo dos modelos. (p.26) – Testemunhos e Ensinamentos.*

*Entre gente nova, diante de um artista novo, começo por invocar a antiguidade (p.26) – Testemunhos e Ensinamentos.*

... O sapo tanoeiro... fazendo rimas com consoantes de apoio e comendo hiatos: ...Creio que não despertou o entusiasmo patriótico que merecia aquela tribo de antropófagos que surgiu em São Paulo...

... Vamos comer tudo de novo. (p.26) – *Testemunhos e Ensinamentos*.

d)...a geração presente...procura a vida... (p.26) – *Testemunhos e Ensinamentos*.

Os moços que estavam à frente do movimento (editorial *Para os Cétricos*) diziam desejar e esperar vencer o empreendimento a que se propuseram e pretendiam seguir o romantismo da mocidade e o da ação em todos os campos, utilizando suas puras reservas de espírito e coração.

Milton Campos, em 1950, num discurso como paraninfo de uma turma da Faculdade de Filosofia Santa Maria, cita Cliateaubriand: ideal moço e romântico a incitar a força da Juventude para a concretização de seus ideais. É nas mãos da mocidade que as gerações mais velhas colocam as suas esperanças para que realizem ou continuem a realizar a pretendida obra. (p. 376) – *Compromisso Democrático*.

3ª: Em seguida, o entendimento do mundo pelo processo racional, através do esforço individual para a mudança da realidade social, e através da elite renovadora, da nova geração, esse racional acha-se presente na visão literária e política de alguns modernistas mineiros.

Assim no editorial *Para os espíritos criadores*:

...As nossas leis fundamentais nasceram sob influência do romantismo político do Segundo Império. Foram constituídas pelo idealismo vago, o verbalismo sonoro dos últimos representantes daquele nosso brilhante e dissolvente parlamentarismo... devem ser tiradas da observação direta da vida brasileira, e não copiadas dos modelos estrangeiros. *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro*.

É pela razão, pelo raciocínio intelectual que se pretende decifrar o enigma do mundo, como o prova Drummond.

Em *Testemunhos e Ensinamentos*, Milton Campos, analisando o racional em Emerson, coloca à página 19:

...Viu que eram uma cândida ilusão todos os sonoros dogmas democráticos. Sentiu que eram risíveis e mesquinhas as leis dos homens.

Porém, ...não desesperou de uma República, o que buscava não eram esses aspectos formais da organização social, mas a própria natureza humana, para elevá-la e enobrecê-la. Dentro da democracia, com seus erros e defeitos, pode conseguir-se o fim primordial do Estado, que é o progressivo aperfeiçoamento da cul-



tura humana, e não simplesmente a defesa da propriedade e dos bens materiais.

...o místico não pode sentir verdadeiramente a torpe realidade terrena... Porém colhe-se um resultado praticamente proveitoso: elevar a democracia e espiritualizá-la na sua aparência de charco que às vezes apresenta.

Sobre Antônio Carlos: *um espírito de cético* e a antevisão de si próprio como cético e governador:

– *A expectativa é a melhor possível. Todo mundo confia em que um cético, iludindo-se menos com os princípios abstratos, evitará que, em nome deles, se sacrifiquem os mais preciosos bens reais, como, por exemplo, o de respirar a pulmões plenos...* (p.25) – *Testemunhos e Ensinamentos*.

O Texto Antropofágico, de Milton Campos, por si só reúne todas as características determinadas por Fernando Correia Dias:

a – a tradição, a amizade, a renovação da poesia,

b – a conciliação: Wilde, Bandeira, Drummond, os próprios termos antropofágicos renovadores.

e – a razão, porém dirigida ao alvo tipicamente miltoniano: metafísico, a humanidade reconquistada pelo espírito.

Concluindo, constatamos que no processo de sua construção Milton Campos percorreu um caminho circular, reencontrou o seu Eu depurado, vivenciado, sofrido, através das mesmas ideais e princípios de sua juventude, que foram apreendidos apenas através do lido e do sentido.

## BIBLIOGRAFIA

- CAMPOS, Milton. *Compromisso Democrático*. B.H., Imprensa Oficial, 1951.
- CAMPOS, Milton. *Testemunhos e Ensinamentos*. R.J., José Olímpio, 1972.
- ÁVILA, Affonso. *O Modernismo*. S.P., Perspectiva, 1975.
- NAVA, Pedro. *Beira-Mar*. R.J., José Olímpio, 1979.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- SANTOS, Manoel Hygino dos. *Milton Campos*. IN *Estado de Minas*. 2 de abril de 1981.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: O gauche no Tempo*. Rio, Lia Editor, 1972.

## POLÍTICA, PODERES, CRISTIANISMO E POBREZAS NO CAMPO SERTÃO: 1930-1938

Elisabeth Rennó

A literatura política e social brasileira não encontrou o mesmo vigor e a mesma força de Guimarães Rosa. Para ambos, a literatura é um instrumento de luta e de transformação social. Enquanto a literatura de Guimarães Rosa é uma literatura de resistência, a literatura de Affonso Romano de Sant'Anna é uma literatura de denúncia e de luta. A literatura de Affonso Romano de Sant'Anna é uma literatura de denúncia e de luta. A literatura de Affonso Romano de Sant'Anna é uma literatura de denúncia e de luta.

Porém, a literatura de Affonso Romano de Sant'Anna é uma literatura de denúncia e de luta. A literatura de Affonso Romano de Sant'Anna é uma literatura de denúncia e de luta. A literatura de Affonso Romano de Sant'Anna é uma literatura de denúncia e de luta.



## POLÍTICA, PODERES, CHEFIAS E POBREZAS NO *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

*Patrus Ananias de Sousa\**

A dimensão política e seus desdobramentos não emergiram à primeira vista na obra-prima de Guimarães Rosa. Para muitos bons leitores e críticos a obra trouxe notáveis inovações linguísticas e narrativas, ficando bem-posta no campo da arte pela arte. Sabemos hoje que há uma forte dimensão política e social que foi emergindo aos poucos dentro das sutilezas rosianas, na sua obra, especificamente no Grande Sertão: Veredas. Entre os estudiosos desta obra inesgotável, sempre a nos trazer novas leituras e horizontes, Heloisa Starling foi uma que muito bem captou e elaborou – precursora talvez! – Sobre essas dimensões no seu livro excelente: Lembranças do Brasil – Teoria, Política, História e Ficção em Grande Sertão: Veredas.

Evidente que o romance de Guimarães Rosa não é uma obra política no sentido menor de ser uma obra datada, ideológica, doutrinária. A dimensão política, na perspectiva mais alargada dessa palavra, se insere no contexto da mais refinada produção artística, na expansão das possibilidades da linguagem, na transcendência da vida e das situações humanas, em sintonia com as manifestações e as vozes da natureza, enfim, nas profundas reflexões e indagações sobre os mistérios, as contradições, encontros, reencontros, perguntas que se perguntam, o cenário mutante que acompanha a frágil e fascinante aventura humana sobre a face da terra.

Nesse quadro mais amplo de um romance que se pretende universal, Guimarães Rosa parte da realidade brasileira, na mesma linha adotada com os crescentes desdobramentos da palavra *sertão* como vimos em texto anterior (Sertão, a forte palavra. Revista Brasileiros. Agosto de 2007).

Além dos territórios geográficos, regiões de mais fácil identificação, abrem-se outros sítios de acessos mais complexos como os que se localizam nos terreiros da memória, do coração, do inconsciente, do mito. O Brasil que emerge como a estação primeira da grande viagem rosiana é o que nós melhor conhecemos pela nossa história e formação. É o Estado distante, quando não totalmen-

\*Professor universitário, ex-prefeito de Belo Horizonte, ex-ministro, ocupa a cadeira n° 33 da AML. [ananiaspatrus@gmail.com](mailto:ananiaspatrus@gmail.com)

te ausente. É a sofrida busca de uma modernização tardia que se expressa, entre outras passagens, na referência à coluna Prestes e nos sonhos e palavreados meio desembastados de Zé Bebelo. É uma terra sem lei vivendo ainda, em grande medida, o estado de natureza, onde vence o mais forte com as astúcias e onde mesmo Deus, quando vier, que venha armado.

Já no começo do livro deparamos com suas advertências que, transcendendo as esferas da política e comportando leituras e desdobramentos em outras áreas do conhecimento e das reflexões humanas incidem com força, todavia, nos territórios da sabedoria política: “uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente – dá susto de saber – e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva e negócios bons (...) Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal por principiar”. Aqui talvez a gente comece a compreender por que ao longo da história generosas utopias resvalaram para a violência e o terror.

Territórios, no caso o sertão, sem a presença coesionadora e civilizatória do Estado – estamos aqui falando do Estado Democrático de Direito que assegura e promove os direitos fundamentais – sem lei, é a condição primeira para o surgimento dos poderes à margem virem mesmo sobrepostos aos frágeis e distantes poderes públicos que muitas vezes se põem a serviço dos poderes regionais autoinstituídos. Foi o que ocorreu claramente no Brasil com o coronelismo, que projeta ainda hoje as suas sombras sobre o país. É o que explica a liderança esplêndida de Joca Ramiro, as andanças inquietas de Zé Bebelo, a perversidade do Hermógenes, a emergência do Urutu-Branco.

No Grande Sertão a presença do Estado era mínima e, em muitos momentos e circunstâncias, nenhuma. Ocorreram discretíssimas mudanças, houve um processo tímido de modernização entre a infância e a juventude guerreira de Riobaldo e o seu entardecer na velhice reflexiva como abastado fazendeiro. Mas mesmo nessa quadra derradeira e um pouco mais segura não abria mão de ter por perto os velhos ideais companheiros e não abdicava de exercitar todos os dias a certa pontaria...

Riobaldo viveu o tempo dos chefes guerreiros (ele próprio tornou-se um deles – o Urutu-Branco) que, diferentes dos coronéis que mandavam em territórios mais ou menos demarcados (Joca Ramiro estava próximo destes), não tinham base territorial definida. Eram andejes como os cavaleiros medievais que inspiravam Dom Quixote. Buscavam nessas andanças armadas por algum nível de ordem e respeito no sertão sem lei e sem limites. Medeiro Vaz foi o modelo exemplar desses chefes que abdicaram de suas próprias terras e saíram, desenraizados comandando bandos de jagunços para impor uma certa ordem ainda que instável e passageira.

Guimarães Rosa apresenta os chefes sertanejos: “Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para o concertar concertado. Mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo. Montante, o mais supro, mais sério - foi Medeiro Vaz. Que um homem antigo... Seu Joãozinho Bem-Bem, o mais bravo de todos, ninguém nunca pôde decifrar como ele por dentro consistia. Joca Ramiro – grande homem príncipe! – Era político. Zé-Bebelo quis ser político, mas teve e não teve sorte: raposa que demorou. Sô Candelário se endiabrou, por pensar que estava com doença má. Titão Passos era o pelo preço de amigos: só por via deles, de suas mesmas amizades, foi que tão alto se ajagunçou. Antônio Dó - severo bandido. Mas por metade; grande maior metade que seja. Andalécio, no fundo, um bom homem-de-bem, estouvado raivoso em sua toda justiça. Ricardão, mesmo, queria era ser rico em paz: para isso guerreava. Só o Hermógenes foi que nasceu formado tigre, e assassim. E o “Urutú-Branco”? Ah, não me fale. Ah, esse... tristonho levado, que foi – que era um pobre menino do destino...”

O narrador, personagem e memorialista do Grande Sertão: Veredas fala com respeito e admiração sobre Medeiro Vaz e sua forte liderança que emerge em face da violência: “Quando moço, de antepassados de posses, [...] ele recebera grande fazenda. Podia gerir e ficar estadonho. Mas vieram as guerras e os desmandos de jagunços – tudo era morte e roubo, e desrespeito carnal das mulheres casadas e donzelas, foi impossível qualquer sossego, desde em quando aquele imundo de loucura subiu as serras e se espraizou nos gerais. Então Medeiro Vaz, ao fim de forte pensar, reconheceu o dever dele: largou tudo, se desfez do que abarcava, em terras e gados, se livrou leve como que quisesse voltar a seu só nascimento. [...] e saiu por esse rumo em roda, para impor a justiça [...] Medeiro Vaz era duma raça que o senhor não vê, eu ainda vi. Ele tinha conspeito tão forte, que perto dele até o doutor, o padre e o rico se compunham [...] por isso, nós todos obedecíamos. Cumpríamos choro e riso, doideira em juízo. Tenente nos gerais -ele era. A gente era os medeiro-vazes”.

Medeiros Vaz respeitava, com muito afeto, a liderança de Joca Ramiro: “Quando conheceu Joca Ramiro, então achou outra esperança maior: para ele, Joca Ramiro era único homem, par-de-frança, capaz de tomar conta deste sertão nosso, mandando por lei, de sobregoverno”. Riobaldo foi testemunha dessa admiração que foi além da morte: “Eu sabia que ele, a bem dizer, só guardaria memória de um amigo: Joca Ramiro. Joca Ramiro tinha sido a admiração grave da vida dele: Deus no céu e Joca Ramiro na outra banda do rio”.

Medeiros Vaz não conseguiu atravessar o deserto – o Liso de Suçuarão – e teve que bater em retirada com seus jagunços após matarem e comerem como se fosse um macaco um pobre ser humano coitado, com tantas deficiências, que vivia nu pelos matos.

Entre andanças e batalhas, Riobaldo Tatarana vai registrando, para contar depois, a presença dos pobres, abandonados pelo sertão, fazendo com arte uma

vigorosa denúncia social: “Porque, num estalo de tempo, já tinham surgido vido milhares desses para pedir cura, os doentes condenados: Lazaro de lepra, aleijados por horríveis formas, ferimentos, os cegos mais sem gestos, loucos acorrentados, idiotas, héticos e hidrópicos de tudo: criaturas que fediam. Senhor enxergasse aquilo, o senhor desanimava (...). Um jagunçando, nem vê, nem repara na pobreza de todos, asco. O Senhor sabe: tanta pobreza geral (...) e, vai, um sujeito magro, amarelado, saía de algum canto, e vinha, espremendo seu medo, farraposo: com um vintém azinhavrado no concho da mão, o homem queria comprar um punhado de mantimento; aquele era casado, pai de família faminta. Coisas sem continuação...”

Alteram-se as chefias, as pobrezaas continuam marcando forte presença nos caminhos do sertão e sempre a violência. Nesse contexto Zé Bebelo, diferente de Medeiro Vaz, traz um traço de modernidade, de inovação. “Com Zé Bebelo, ôi, o rumo das coisas nascia inconstante, diferente, conforme cada vez”.

No sertão sem lei, Estado ausente, quem julga é o chefe dos jagunços. Um homem, Rudugério de Freitas, “mandou obrigado um filho dele matar outro” – o irmão. Os dois se acertaram, mataram o pai e iam vender o gado velho. Foram encontrados e por Zé Bebelo e seu bando: “Assim prisioneiros nosso. Demos julgamento. Ao que, fosse Medeiros Vaz, enviasse imediatamente os dois para tão razoável força. Mas porem, chefe nosso, naquele tempo, já era – o Senhor sabia – Zé Bebelo! (...) Zé Bebelo decretou – Absolvo. Tenho a honra de resumir circunstância desta decisão sem admitir apelo nem revogo, legal e realdado, conformemente! ...”

Zé Bebelo era uma frágil ponte de conexão – ou de interrogação – entre o Estado e os territórios sertanejos sem lei, sem instituições, sem políticas públicas. Riobaldo apresenta indícios de que Zé Bebelo tinha relações com o governo. Ou eram apenas desejos, fantasias, encenações na mente fértil de Zé Bebelo: “Acabando o combate saía esgalopado, revolver ainda em mão, perseguia quem achasse, só aos brados: “Viva a lei! Viva a lei!...” e era o pipocopaco ou “Paz! Paz!” Gritavam também.

O julgamento de Zé Bebelo é um dos momentos fortes da obra magnífica. Joca Ramiro, que a paciência nunca perdia, comandou o julgamento e deu o veredito final: “O julgamento é meu, sentença que dou vale em todo este norte. Meu povo me honra. Sou amigo dos meus amigos políticos, mas não sou criado deles, nem cacundeiro. A sentença vale. A decisão o Senhor reconhece?” Zé Bebelo reconheceu. E Joca Ramiro sentenciou interpelando: “Bem se eu consentir o Senhor ir-se embora para Goiás, o Senhor põe palavra, e vai?”

Um julgamento em pleno sertão levantava importantes questões políticas e jurídicas e expõe de forma vigorosa a ausência dos poderes institucionais do Estado, “onde o criminoso vive seu Cristo Jesus arredado do arrocho de autoridade”.

Riobaldo é escolhido, no olhar, por Medeiros Vaz agonizante para suceder-lhe na chefia. Não aceita e indica Marcelino Pampa que “possuía talentos minguados”, mas desde que se tornou chefe Marcelino Pampa “expunha outro ar de ser, a sisuda extravagância soberbo satisfeito! Ser chefe – por fora um pouquinho amarga; mas, por dentro, é rosinhas flores”.

Riobaldo aprendeu a conhecer as seduções do poder.

Com a morte de Joca Ramiro, Zé Bebelo volta do exílio sempre com o discurso de quem busca integrar o sertão e o Estado e superar o estado de natureza, a guerra de todos contra todos: “Falou que a vai reformar isto tudo (...) Disse: vai remexer o mundo (...) Vim cobrar pela vida de meu amigo Joca Ramiro, que a vida em outro tempo me salvou da morte... E liquidar com esses dois bandidos que desonram o nome da Pátria e este sertão nacional”.

As confusas ideias modernizantes de Zé Bebelo mobilizam o imaginário memorialístico de Riobaldo Tatarana, vivendo então o seu entardecer na Fazenda Santa Catarina que ficava pertinho do céu, Riobaldo relembra a infância de menino pobre, pedinte, às margens do Rio de Janeiro, quando vivia na companhia da mãe. Das lembranças da infância de tantas carências ele madurou um projeto para a construção de um porto e de uma ponte no de janeiro: “O porto tem de ser naquele ponto mais alto, onde não dá febre de maresia (...) Dá dó, ver as pessoas descenderem na lama aquele barranco, carregando sacos pesados, muita vez. A vida aqui é muito repagada, o Senhor concorde. O outro, meu tempo, então, o que é que não havia de ser? (...) Daí o Senhor veja: tanto trabalho, ainda, por causa de uns metros de água mansinha, só por falta de uma ponte”.

Com a morte da mãe, o menino pobre foi bem acolhido pelo padrinho, na verdade pai, o homem de posses: “Altas artes de jagunço – isso ele amava constante – histórias”. O filho narrador recupera as palavras do próprio Selorico: “Política. Tudo política e potentes chefias (...) O pessoal que eles numeravam em guerra comprazia uma Babilônia. Botavam até barcas, cheias de homens com bacamartes, cruzando para baixo e para cima o rio, de parte a parte. Dia e noite, a gente ouvia gritos e tiros. Cavalaria de jagunços galopando, saindo para distâncias marcadas. Abriam festas de bomba-real e foguetório, quando entravam numa verdade. Mandavam tocar o sino da igreja. Arrombavam a cadeia, soltando os presos, arrancavam dinheiro em coletoria, e cejavam em Casa-da-Câmara...”. Enfim, exerciam o poder em todas as frentes!

Na casa paterna o menino-adolescente vê, pela primeira vez, a figura esplendida, senhorial de Joca Ramiro. Fica encantado, fora de si: “Só de ouvir o nome eu parei, na maior suspensão (...) Dele, até a sombra, que a lamparina arriava na parede, se transpunha diversa, na imponência, pojava volume. E vi que era homem gentil (...) Assim Joca Ramiro corria pronto os olhos, em tudo ali, sorrindo franco, cara muito galharda...”. Nessa mesma noite ficou conhecido o Hermógenes, o Ricardão e o amigo de sempre Alaripe.

O encontro com Zé Bebelo foi uma surpresa. O jovem Riobaldo fora enviado pelo Mestre Lucas para dar lições aos filhos de um fazendeiro. “Ah, mas ah – esse quem era – o homem? Zé Bebelo (...) Estudante sendo ele mesmo... Ele era a inteligência (...). Somente que eu tinha feito, Siô Baldo, estou todo: entro direto na política. Antes me confessou essa única sina que ambicionava, de muito coração: e era de ser deputado”.

Zé Bebelo se contrapõe à sua própria situação de chefe de jagunheiros e quer cumprir uma missão civilizatória, ajudar o sertão a sair do estado de natureza para o pacto social que funda o Estado de direito, organiza e disciplina a sociedade e implementa as obras e políticas públicas que promovem a segurança e o bem comum: “Agora, temos de render este serviço à pátria – tudo é nacional! – Tudo é nacional (...) Deixa, que, daqui a uns meses, neste nosso Norte não se vai ver mais um qualquer chefe encomendar para as eleições as turmas de sacripantas, desentrando da justiça, só para tudo destruírem, do civilizado e legal (...) A gente devia mesmo de reprovar os usos de bando em armas invadir cidades, arrasar o comércio, saquear na sebaça, barrear com estrumes humanos as paredes da casa do juiz-de-direito, escaramuçar o promotor amontado à força numa má égua, de cara para trás, com lata amarrada na cauda, e ainda a cambada dando morras e aí soltando os foguetes! Até não arrombavam pipas de cachaça diante de igreja, ou isso de se expor padre sacerdote nu no olho da rua, e ofender as donzelas e as famílias, gozar senhoras casadas, por muitos homens, o marido obrigado a ver? (...) Dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas (...) Ao que Zé Bebelo elogiou a lei, deu viva ao governo, para perto futuro prometeu muita coisa republicana”.

Os olhos atentos de Riobaldo começaram a ver e questionar a “abastada comida, armamento de primeira, monte de munição, roupas e calçados para os melhores. E o cobre para semanal de pagamento, pois nenhum daqueles homens estava ali por amor-de-deus, mas ajeitando seu meio de viver. Diziam que era dinheiro do cofre do Governo. Parecia”.

Riobaldo vive as primeiras dúvidas com relação à integridade e aos projetos de Zé Bebelo. E o Governo era uma coisa distante! Só mesmo no entardecer da vida é que Riobaldo começa a ter notícias mais próximas: “Diz-se que o Governo está mandando abrir boa estrada rodageira, de Pirapora a Paracatu, por aí...”

Mas os pobres, desamparados de toda ação governamental, marcam forte e constante presença: “Sempre, nos gerais, é à pobreza (...) no chapadão, os legítimos coitados todos vivem é demais devagar, pasmacez. A tanta miséria (...) se avistou um preto (...) O qual era tão pobre desprevenido, tivemos até de dar comida a ele e à mulher, e seus filhinhos deles, quantidade”.

Riobaldo reencontra Diadorim e faz a escolha pelo coração naquela guer-

ra desprovida de causas e princípios, em que nenhum dos lados o seduzia. “Tudo, naquele tempo, e de cada banda que eu fosse, eram pessoas matando e morrendo, vivendo numa fúria firme, numa certeza, e eu não pertencia a razão nenhuma, não guardava fé e nem fazia parte”.

Os caminhos de Diadorim apontavam sempre para Joca Ramiro. “Mas Joca Ramiro pairava longe, e era feito uma lei, uma lei determinada”.

Nessa época, antes do assassinato de Joca Ramiro, o Hermógenes já demonstrava a sua influência e poder de sedução no jogo político de atrair as pessoas. Riobaldo não fica alheio às distinções que o Hermógenes lhe fazia; são os jogos das relações humanas, da política, do poder. “Para que vou mentir ao senhor? Com ele me apartar assim, me conferindo valia, um certo aprazimento me deu. Natureza da gente bebe de águas pretas, agarra gosma (...) O Hermógenes mandava em mim. Que que quer, ele era mais forte!” Mais adiante Riobaldo atenua o poder do seu futuro inimigo e oponente: “Não era nem o Hermógenes, era um estado de lei, nem dele não era, eu cumpria, todos cumpriam”.

Os acontecimentos no sertão desassistido de legítimas autoridades e ordenamento jurídico levam à derrota e ao julgamento de Zé Bebelo. A decisão excedida no caso por Joca Ramiro, juiz supremo e de fato, leva à rebelião comandada pelo Hermógenes e ao assassinato do grande chefe.

É nesse contexto que Riobaldo encontra Medeiros Vaz quando a guerra ganha novos contornos, envolvendo antigos aliados. “O que o seguinte foi este: o encontro da gente com Medeiro Vaz (...) retratal, barbaça, com grande chapéu rebuçado, aquela pessoa sisuda, circunspecto com todas as velhices (...) A um assim, a gente podia pedir a benção, se prezar. (...) Medeiros Vaz, mandando passar as ordens”. Na ausência de Joca Ramiro era ele, o chefe maior incontestável.

Medeiros Vaz não atravessa o Liso do Suçuarão e morre sem derrotar os Hermógenes. Riobaldo não encara o olhar final de Medeiro Vaz que o indicava para assumir o seu lugar, o comando. Ainda não chegara a sua hora, apesar dos apelos de Diadorim. Riobaldo passa o comando a Marcelino Pampa que, não obstante as suas muitas limitações, veste com discreta, mas manifesta e crescente soberba, as roupagens do cargo. Não dura muito esta chefia provisória. Logo chega Zé Bebelo, voltando do exílio, e assume do cargo.

Riobaldo guardou sempre uma profunda e respeitosa lembrança de Medeiro Vaz. Mas Medeiro Vaz era um homem antigo, queria voltar aos antigos costumes e velhas ordens. Não apontava para o futuro. Nessa perspectiva mais anunciadora, do estado de natureza para o convívio em bases legais, Joca Ramiro e Zé Bebelo são sempre as duas referências. Depois sobreveio o Urutu-Branco!...

Joca Ramiro era o líder incontestado, mais pairava meio distante, meio homem, meio mito. As guerras que ele travava eram bem direcionadas, tinham objetivos e interesses, inclusive a preservação de seus particulares: “Fato que Joca Ramiro também igualmente saía por justiça e alta política, mas só em favor

de amigos perseguidos; e sempre conservava seus bons haveres”.

Riobaldo não conviveu com Joca Ramiro por períodos maiores, no dia a dia das batalhas. Ficaram as fortíssimas lembranças de encontros passageiros; a marca de um chefe que se sobrepunha, capaz de ouvir, ponderar e fazer justiça, aí incorporando a dimensão superior e civilizatória do perdão como no julgamento de Zé Bebelo.

Com este, Zé Bebelo, a relação de Riobaldo era intensa, de fascínio, mas que foi se tornando também conflituosa. Zé Bebelo perdia os prazos. A tensão crescente entre os dois atinge o ponto máximo quando estão sob cerco na Fazenda dos Tucanos. Então, em face da insegurança de Zé Bebelo, começa a crescer e a se afirmar em Riobaldo a consciência do seu poder, a confiança em si mesmo. Emergem os primeiros apelos para se tornar um chefe comandante de homens: “E, por aí, eu sabia mesmo exato: a gente já estava debaixo do cerco (...) Aprendi os momentos (...) Eu e eu (...) Eu e eu (...) Obedecer é mais fácil do que entender. Era? Não sou cão, não sou coisa (...) Daí eu tomava o comandamento, o competentemente – eu mesmo! – e represava a chefia, e forçando os companheiros para a impossível salvação. Aquilo por amor do rijo leal eu fazia, era capaz; pelo certo que a vida deve de ser. Mesmo não gostando de ser chefe, descrendo do enfado de responsabilidades (...) Mas fazia, procedia. E eu mesmo senti, a verdade dum coisa, forte, com a alegria que me supriu: – eu era Riobaldo, Riobaldo, Riobaldo! A quase que gritei aquele este nome, meu coração alto gritou. Arre então, quando eu experimentei os gumes dos meus dentes, e terminei de escrever o derradeiro bilhete, eu estive todo tranqüilizado e um só, e insensato resolvido tanto, que mesmo acho que aquele, na minha vida, foi o ponto e ponto e ponto (...) o que regeu em mim foi uma coragem precisada...”

Zé Bebelo, astuto, começa a entender a emergência de uma nova dimensão, a dimensão do poder, na personalidade de Riobaldo e busca os espaços do entendimento, das mediações, da conciliação: “Ah: o Urutu Branco: assim é que você devia se chamar... E amigos somos. A ver, um dia, a gente vai entrar, juntos, no triunfal, na forte cidade de Januária...”

Mas Zé Bebelo, naquele contexto de crise, entendia, “mas só até uma parte – não entendia o depois do fim, o confrontante”.

Segue, então, crescendo em Riobaldo Tatarana a desconfiança em relação a Zé Bebelo e à sua competência como chefe e cresce, simultaneamente, a confiança em si mesmo. Aproxima-se o momento da ruptura entre as duas lideranças a que declinava e a que subia: “Mas, então, eu carecia de armar um poder, carecia de subir para cima daquele homem. Eu tinha de encher de medo as algibeiras de Zé Bebelo”.

O pacto com o demônio, se ocorreu de fato, é causa ou consequência das mudanças que ocorreram com Riobaldo? De qualquer forma fica a boa advertên-

cia para os vencedores nos jogos do poder: “Quem vence, é custoso não ficar com a cara de demônio”.

Enquanto o notável personagem vivia aquelas transmutações interiores, ocorre o surpreendente encontro com os catrumanos, a mais vigorosa crítica social do grande livro mostrando o abandono em que viviam aquelas gentes: “Mas os outros, chusmote deles, eram só molambos de miséria, quase que não possuíam o respeito de roupas de vestir (...) Gente tão em célebres, conforme eu nunca tinha divulgado nem ouvido dizer, na vida (...) amarelos de tanto comer só polpa de buriti (...) Que viviam tapados de Deus, assim nos ocós. Nem não saíam dos solapos, segundo refleti, dando cria feito bichos, em socavas”.

Zé Bebelo mesmo naqueles confins do esquecimento e da pobreza - “Nós estávamos em fundos fundos” – não o perdia o discurso nacional: “Ei, do Brasil, amigo (...) Vim departir alçada e foro: outra lei – em cada esconso, nas toetas deste sertão (...) O que imponho é se educar e socorrer as infâncias deste sertão! (...) Zé Bebelo, que esses projetos ouvisse, ligeiro logo era capaz de ficar cheio de influência: exclamar que assim era assim mesmo, para se transformar aquele sertão inteiro do interior, com benfeitorias, para um bom Governo, para esse ô-Brasil!”

Chega o dia, a noite, o pacto nas Veredas Mortas, Riobaldo toma nas mãos as rédeas do poder: “Eu comecei a tremeluzir em mim (...) parecia que era só eu quem tinha responsabilidade séria neste mundo; confiança eu mais não depositava, em ninguém (...) Eu queria ser mais do que eu. Ah, eu queria, eu podia. Carrecia (...) Tinham me dado em mão o brinquedo do mundo”.

Torna-se o chefe Urutu-Branco. Incorpora os catrumanos nas suas tropas. À sua direita o cego Borromeu e o menino pretozinho pobre, Guirigó à esquerda. “Ah, a gente ia encher os espaços deste mundo adiante (...) Tinha minha vontade de estar em toda a parte (...) Meu direito era contrariar as regras todas do chefe que antes fora; para mim, só mesmo o que servia era à solta a lei da acostumação”

Urutu-Branco não é infenso ao poder; por algum tempo fica possuído: “Assim, de repente, eu achei: que a conversa com aquele seo Ornelas tinha me rebaixado (...) No eu no meu, não tivessem de me dar a toda aprovação? Ao redor de mim, assim obedecessem. A chefia sabe chefiar (...) Um chefe carece de saber é aquilo que ele não pergunta (...) Eu era o chefe. Vez minha de dar comando e estar por mais alto (...) Todos deviam de me obedecer completamente”.

Naquela avalanche de encantamento com o poder, emerge, tímida, murmurante em alguns momentos a voz da razoável ponderação: “Ah, mas, então, do sobredentro de minhas ideias – do que nem certo sei se seja meu – uma minha-voz, vozinha forte demais, de tão fraca, sumidou um cochicho. Foi. Em tão curta ocasião que teve, essa vozinha me deu aviso. Ah, um recanto tem, miúdos remansos, aonde o demônio não consegue espaço de entrar, então, em meus grandes palácios. No coração da gente, é o que estou figurando. Meu sertão, meu regozijo!

Que isto era o que a vizinha dizia: – ‘Tento, cautela, toma tento, Riobaldo: que o diabo fincou pé de governar tua decisão!..’”.

Diadorim percebe as estranhas e perigosas mudanças, a soberba do poder, e ousa advertir o amigo amado: “Repuno: que você está diferente de toda pessoa, Riobaldo... Você quer dançação e desordem... A bem é que falo, Riobaldo, não se agaste mais... E o que está demudando, em você, é o cômputo da alma – não é razão de autoridade de chefias...”. Mas Riobaldo, o Urutu-Branco então possuído pela sedução da força e do poder dava de ombros: “Eu não queria escutar o reto, naquela ocasião, por desânimo de ser”.

Aos trancos e barrancos Urutu-Branco vai domesticando os desvarios do poder e consolidando sua chefia: “O respeito que tinham por mim ia crescendo no bom entendimento dos meus homens. Os jagunços meus, os riobaldos, raça de Urutu-Branco”.

O novo chefe busca a sua identidade, procura se diferenciar de Zé Bebelo sempre presente nos seus pensamentos: “... Zé Bebelo era projetista. Eu, eu ia por meu constante palpite”. Torna-se um comandante solitário, confiante na sua intuição: “Tomei mais certeza da minha chefia (...) Tirante que não pedi conselhos (...) pedir conselho – é não ter paciência com a gente mesmo; mal hajante... Nem não contei meus projetados (...) E refiro que fui em altos; minha chefia (...) menos me entendiam, mais me davam os maiores poderes de chefia maior (...) Razão minha era assim de ter prazos, para que meu projeto formasse em todos pormenores”. E ele dizia, para se diferenciar de Zé Bebelo, que não era projetista! ...

O paternalismo está sempre associado ao exercício do poder. Urutu-Branco experimenta um sentimento de paternidade em relação aos seus jagunços: “E, todos, tinha vez eu achava que queria-bem o meu pessoal, feito fossem irmãos meus, da semente dum pai e na madre de uma mãe gerados num tempo. Meus filhos”.

O fato é que a chefia tinha madurado no coração, na mente e no corpo de Riobaldo. As decisões fluíam prontas: “Mas, não durava dai, menosmente, eu esquentava outra vez meus altos planos, mais forte; eu refervesse. Eu era assim. Sou? (...) mas sempre o chefe é uma decisão (...) E, quando mesmo dei tento, já tinha determinado as ordens justas carecidas; tudo atinado...”

Riobaldo nunca esquece os pobres, os que nós chamamos hoje de agricultores familiares: Bem sim, que, por perto, assistia alguma pobre gente vinda, cultivando: o quanto se via roça, milharais, feijoal faceiro (...) essas rocinhas de pobres sitiantes”.

É assim, pleno de seus poderes, que o Urutu-Branco comanda a grande batalha final do Paredão. “Duvidei não. Nasci para ser. Esbarrando aquele momento, era eu, sobre vez, por todos, eu enorme, que era, o que mais alto se realçava. E conheci: ofício de destino meu, real, era o de não ter medo. Ter medo ne-

nhum. Não tive! Não tivesse, e tudo se desmanchava delicado para distante de mim, pelo meu vencer: ilha em águas claras... Conheci. Enchi minha história”.

Mas Riobaldo, mesmo possuído por si mesmo, levado pelas vertigens da arrogância e do orgulho tão comuns nos delicados territórios da política e do poder, sente faltar a coragem e a lucidez na hora de matar o Hermógenes e salvar a vida de Diadorim. O que faltou? “Atirar eu pudesse? Acho que quis gritar, e esperei para depoismente, mais tarde (...) Querer mil gritar, e não pude, desmim de mim-mesmo (...) Atirar eu pude? A breca torceu e lesou meus braços, estorvados. Pela espinha abaixo, eu suei em fio vertiginoso. Quem era que me desbrava e me peava, supilando minhas forças? (...) alma que perdeu o corpo. O fuzil caiu de minhas mãos, que nem pude segurar com o queixo e com os peitos. Eu vi minhas agarras não valerem! Até que trespassei de horror, precipício branco (...) Como eu estava depravado a vivo, quedando. Eles todos, na fúria, tão animosamente. Menos eu! Arrepele que não prestava para tramandar uma ordem, gritar um conselho. Nem cochichar comigo pude. Boca se encheu de cuspes. Babei...”

Literalmente, em plena guerra, Riobaldo Tatarana, o poderoso chefe Urutu-Branco, desmaiou. Saiu da real. Seus comandados ganharam a batalha, mataram o Hermógenes. Mas Diadorim morreu também. Dias depois “ultimei o jagunço Riobaldo! Disse adeus para todos, sempremente (...) Desapoderei (...) Desembestei doente”. Riobaldo reencontra a sua frágil humanidade.

A sua relação com a vida, com a política e com as chefias tinha mesmo muito a ver com Zé Bebelo. Ao ter notícias do velho guerreiro, Riobaldo renasceu. O alegre reencontro. Riobaldo sabia das mentiras e bazófias de Zé Bebelo – o negócio para ele naquele último encontro era “ganhar o muito dinheiro”. Buscava, ainda que fosse nos territórios da fantasia, um novo e mais forte poder – o poder econômico. Zé Bebelo tinha as suas outras dimensões: encaminhou Riobaldo para o compadre Quelemém, para fazer com ele a travessia!



## A PRIMEIRA GUERRA DO BRASIL FOI EM MINAS; E COM ECONOMIA...

*Pedro Rogério Couto Moreira\**

A primeira declaração de guerra do Governo do Brasil não foi a uma potência estrangeira. Muito antes da guerra contra o Paraguai (1864-1870), o Governo brasileiro decretou estado de guerra a um inimigo interno. Foi contra os índios chamados genericamente de botocudos. E o teatro das operações militares foi... em território mineiro! Mais precisamente, o vale do rio Doce.

É o que demonstra a Carta Régia de dom João VI ao governador e capitão-general da Capitania de Minas Gerais, Pedro Maria Xavier de Ataíde e Melo, assinada no dia 13 de maio de 1808. O precioso documento foi exumado pela pesquisadora paulista Manuela Carneiro da Cunha, inserido em seu trabalho “Legislação indigenista no século XIX, uma compilação (1808-1889)”, publicado pela Edusp, em 1992; e agora reproduzido em “Brasil: uma história documental”, de Olavo Leonel Ferreira, em boa hora editado este ano pelo Senado Federal, por inspiração de seu ex-presidente José Sarney.

Aos fatos: dom João VI, fugindo das tropas napoleônicas que invadiram Portugal, havia desembarcado no Rio de Janeiro no dia 8 de março de 1808; portanto, o estado de guerra aos botocudos foi decretado pouco mais de dois meses depois de aqui o governante português pôr os pés. Ele assinou o documento com o título de príncipe-regente do Brasil. O ato foi expedido “do Palácio do Rio de Janeiro”, certamente o Palácio dos Vice-Reis, no Largo do Carmo, primeira residência da Corte antes de mudar-se para a Quinta da Boa Vista.

Na guerra contra os botocudos, foram utilizadas tropas do Regimento de Cavalaria Regular de Minas Gerais e civis alistados, inclusive índios pacificados de variada etnia dos sertões mineiros. Tinham eles direito a proventos e ao posto de alferes. Palmas para dom João VI, que cobria os índios com a mesma farda de dignidade que dava aos portugueses.

Nas considerações da decretação do estado de beligerância com os habitantes naturais do território mineiro, dom João VI escreveu (a sintaxe foi atualizada) que atendia aos apelos do governador da Capitania de Minas diante das “invasões que diariamente estão praticando os índios “botocudos”, descritos como

\*Jornalista, acadêmico da AML. Ocupa a Cadeira n° 38. pedrorogeriomoreira@gmail.com



antropófagos, “em muito distantes partes da mesma Capitania, particularmente sobre as margens do rio Doce, e nos rios que no mesmo deságuam”. Os ataques “não só devastam todas as fazendas sitas naquelas vizinhanças, e têm até forçado muitos proprietários a abandoná-las com grave prejuízo seu, e da minha Real Coroa, mas passam a praticar as mais horríveis, e atrozes cenas da (ilegível) bárbara antropofagia, ora assassinando os portugueses, e os índios mansos por meio de feridas, de que sorvem depois o sangue, ora dilacerando os corpos, e comendo seus tristes restos”.

Dom João VI proclama que a política da Coroa portuguesa para com os índios do Brasil é de utilizar, sempre, os meios da civilização, procurando aldeá-los a fim de “gozarem dos bens permanentes de uma sociedade pacífica, e doce, debaixo das justas e humanas leis que regem os meus povos”. No entanto, acrescenta, verificou “a inutilidade de todos os meios humanos” para se alcançar aquele objetivo de paz. Tampouco surtiu efeito, informa o governante do Brasil, “o sistema de guerra defensivo, que contra eles tenho mandado seguir, visto que os pontos de defesa em uma tão grande e extensa linha não podiam bastar a cobrir o País”.

Diante deste quadro adverso, dom João VI manda “suspender os efeitos de Humanidade que com eles tinha mandado praticar”; e que, a partir do recebimento da Carta-Régia pelo governador de Minas, está “princiada contra estes índios antropófagos uma guerra ofensiva”. Esclarece: a guerra deve continuar em “todos os anos nas estações secas, e que não terá fim”, até que o governador da Capitania tiver ocupado militarmente todas as habitações dos botocudos e tiver a certeza de que os índios se convenceram da “superioridade de minhas Reais Armas de maneira tal que, movidos pelo justo terror peçam a Paz, e sujeitando-se ao doce jugo das leis, e prometendo viver em sociedade, possam vir a ser vassalos úteis, como já o são as imensas variedades de índios que, nestes meus vastos estados do Brasil se acham aldeados, e gozam de felicidade, que é consequência necessária do Estado Social”.

O príncipe-regente ordenou ao governador Pedro Maria Xavier de Ataíde e Melo que formasse desde já um Corpo de Soldados Pedestres, com igual soldo dos soldados infantis. Se os pedestres fossem escolhidos entre “índios domésticos”, o soldo deles seria de quarenta réis. Seis comandantes seriam nomeados para chefiar a guerra ofensiva nas terras indígenas do rio Doce, com a patente de alferes. A Carta Régia dá o nome dos seis comandantes nomeados para a missão militar; a um deles só é registrado o sobrenome, “Arruda, morador na Pomba”, ao que parece ser a atual cidade de Rio Pomba, pois é dito em outro livro da Autora que o rio Pomba era um dos lugares mais atacados pelos botocudos (na região, chamados também de aimorés).

Aos seis comandantes concedeu-se a liberdade de escolherem os soldados “que julgarem próprios para formarem diversas Bandeiras, com que

hajam constantemente todos os anos na estação seca para entrar nos matos”. Eles deveriam estabelecer um plano de ataque em conjunto, “mais profícuo para a total redução de uma semelhante atroz raça antropófaga”. Qualquer botocudo encontrado com arma na mão seria considerado prisioneiro de guerra; e seria condenado a servir por dez anos à unidade que o aprisionasse; “e todo o mais tempo em que durar sua ferocidade”.

O príncipe-regente ordenou que de três em três meses os chefes militares das operações de guerra no território de Minas, sob a coordenação do governador e capitão-general Pedro Maria Xavier de Ataíde e Melo, se obrigassem a prestar um balanço dos resultados ao Ministério de Estado de Guerra e Negócios Estrangeiros.

Dom João VI mirava o inimigo botocudo, mas protegia o Tesouro da Coroa. A declaração de guerra contida na Carta-Régia é uma lição exemplar para os governantes que lhe sucederam, até os dias atuais. Vejamos:

Pela nova missão militar, os comandantes da guerra não teriam pagamento adicional ao dos cargos que já exerciam. Só receberiam... elogios! Declara o príncipe: “Reservando-me o dar-lhes aquelas demonstrações do meu real agrado e generosidade, de que os seus serviços demonstrados pelas suas contas, e resultado favorável para a Capitania, os fizerem dignos”.

Aos militares caberia outra missão não-beligerante, e de enorme importância estratégica para a economia do reino do Brasil: a de fazer o levantamento das condições de exploração das riquezas do vale do rio Doce. Assim, deveriam eles mapear as cachoeiras que impediam a navegação plena do rio até a Capitania do Espírito Santo, visando a melhoria do escoamento da produção dos fazendeiros. A estes, vítimas dos botocudos, dava o príncipe-regente o benefício de isentá-los do dízimo pelo prazo de dez anos. A mesma isenção era dada aos produtos que eles exportassem ou importassem, seja descendo o rio Doce, seja subindo desde o território capixaba. Aos garimpeiros que se aventurassem pelas terras infestadas pelos índios antropófagos, em busca de ouro, era concedida uma moratória de seis anos.

Novamente com os olhos severos para o Tesouro da Coroa, o príncipe-regente escreveu na Carta-Régia ao governador de Minas: “Ordeno-vos, finalmente, que, para poderdes executar tão úteis objetivos sem gravame da minha Real Fazenda, introduzais na administração de tudo a maior economia, e me proponhais tudo o que possa contribuir para o mesmo fim pelas repartições competentes”. E exemplifica: “Como a supressão do posto de capitão-mor regente da Campanha; o excessivo ordenado de tesoureiro da Intendência de Vila Rica; e de muitos fiéis de Registro, que não podem ser pagos pelos mesmos Registros”. O fiel de Registro equivaleria hoje ao auditor da Receita Federal e/ou ao fiscal do ICMS...

Não parou por aí a ordem real de economia de gastos na guerra contra os botocudos. Dom João VI ordena ao governador de Minas não prover as vagas que possam ocorrer nos postos de milicianos. E “sobrou” até para os músicos: ele mandou suspender o pagamento aos instrumentistas das bandas dos regimentos de milicianos, “que me consta montar ao enorme preço de muitos contos de réis, o que é um abuso intolerável”. O governante português ainda deu publicamente um puxão de orelhas administrativo no governador Pedro Xavier, admoestando-o por não já haver proposto a supressão do pagamento aos músicos.

Mesmo enaltecendo a grandeza do antigo governante do Brasil de se declarar adepto do tratamento humano aos índios, como dom João VI o faz nos considerandos da decretação do estado de guerra ao inimigo botocudo, a civilização brasileira deplora, desde o inigualável Rondon, no século passado, a progressiva extinção do povo ancestral de nossas terras. Genocídio que, infelizmente, continua na atualidade, conspurcando os nossos ideais civilizatórios.

No entanto, duzentos anos depois da Carta-Régia, pode-se dizer que o documento de dom João VI seria como uma atual Medida Provisória do bem (se é que houve alguma na Nova República): tem lá os seus penduricalhos, o seu “contrabando” ou “jabutis”, porém todos eles judiciosos. O que demonstra, mais uma vez, o equívoco de muitos comediantes brasileiros (leia-se historiadores midiáticos, dramaturgos e cineastas) que teimam em menosprezar a figura do “rei que só gostava de comer coxinha de frango”. Quisera tivéssemos alguns zelosos homens públicos iguais a ele à frente do Tesouro Nacional, para defendê-lo dos novos botocudos que o atacam antropofagicamente sem demonstrar piedade.



## UMA VIA-SACRA EM TIRADENTES

*Angelo Oswaldo de Araújo Santos\**

*O vos omnes qui transitis* pelo Largo das Forras, parai e vede a Via-Sacra de Mario Mendonça. Artista plástico entregue em plenitude à iconografia cristã, ele compôs os Passos da Paixão para as paredes da pequena capela do Senhor Bom Jesus da Pobreza, no coração de Tiradentes, a antiga São José del-Rei, pátria do herói maior. O pintor havia depositado ali uma Via-Crucis, mas resolveu fazer uma nova versão, sete anos depois, com o mais vivo empenho e comovida atenção. Apaixonou-se pela Paixão e fez de cada imagem o vero ícone dessa entrega. Ele já realizou dez Vias-Sacras expostas em igrejas, e cada qual nasceu de renovado entusiasmo, palavra que, etimologicamente, significa “ter Deus na alma”.

A temática sempre atraiu a imaginação dos artistas. Desde a Idade Média, multiplica-se a reprodução da caminhada de Cristo rumo à montanha do Calvário em itinerários logo tomados por romarias. É o que se vê em vários pontos da Itália, onde nasceu a ideia do sacro monte, com as estações abrigadas em edículas. Na cidade de Braga, norte de Portugal, magnífico escadório devido ao artista Carlos Amarante ziguezagueia os passos na encosta monumental. De lá veio a inspiração para a acrópole de Congonhas do Campo, patrimônio da humanidade. “Degraus da arte do meu país onde ninguém mais subiu”, escreveu o poeta Oswald de Andrade, no alto do morro do Maranhão, local em que o eremita Feliciano Mendes consagrou o seu voto ao Bom Jesus de Matosinhos. A Jerusalém do Aleijadinho é a obra máxima do escultor mineiro. O historiador da arte Germain Bazin incluiu Antônio Francisco Lisboa entre os gênios do mundo.

Na pintura, há uma galeria incontável de obras espetaculares, que iluminam especialmente o período medieval, com interpretações virtuosísticas e pungentes do drama do Redentor. O tema foi também tratado por alguns dos mais importantes pintores do modernismo brasileiro. Portinari fez a Via-Sacra da Igreja da Pampulha, que guarda significativa presença do artista e é agora patrimônio mundial.

Di Cavalcanti criou a série que se apresenta na Catedral de Brasília. Guignard pintou sua Via Crucis para uma capela do Rio de Janeiro, hoje em coleções

\*Jornalista, escritor, membro da AML, cadeira nº 3. Secretário do Estado de Cultura. aoswaldo2003@yahoo.com.br

privadas. Nas cercanias de Tiradentes, logo encontraremos a Via-Sacra do pintor e restaurador Edson Mota, em Barbacena, onde viveu e morreu Emeric Marcier, que se deixou fascinar pela iconografia cristã. Uma Via Sacra que pintou com emocionado vigor acha-se na coleção Ângela Gutierrez.

Mario Mendonça dá sequência à tradição e celebra o Cristo na pintura. Sua produção inscreve-se em ponto privilegiado da arte sacra brasileira. Pinta também o Quixote e auto-retratos, como se ambos, ele e o cavaleiro da Mancha, se encontrassem num jogo de espelhos. Mas volta ao Cristo com a emoção de quem se transfigura. O *Leitmotiv* conduz o pincel e enreda o clima trágico da história do homem inocente que é preso, julgado e condenado à morte de cruz para cumprir um desígnio divino traçado desde o surgimento do mundo. O pintor é partícipe da cena, que se estende dentro de sua alma para lançar-se sobre o suporte da pintura por meio do gesto criador, também exercício espiritual em que se sublima o artista. *Attendite et videte*. Pare e veja o espectador *si es dolor sic ut dolor meus*, parece dizer ele, mostrando sua tela como uma Verônica. A dor mística do pintor ilumina o processo criativo, como a dor do transe de Teresa de Ávila e Juan de la Cruz consubstanciou-se no júbilo da poesia.

Os Passos da Paixão foram elaborados com absoluta adesão do artista ao fazer. “Eu me senti magnetizado”, revelou. Cumpriu-se uma fase durante a qual nada lhe alterou a concentração, exatamente pelo arrebatamento que o dominou a partir da decisão de recriar a Via-Crucis do Bom Jesus da Pobreza, em telas com 80 centímetros de altura e 60 de largura.

As imagens devocionais criadas por artistas e artesãos constituem-se, do ponto de vista religioso, em corpos vivos que representam uma ausência, mas há certos ícones caracterizados pela condição de *akheikopoietas*, ou seja, “feitos pela mão divina”, de que dão exemplo as imagens de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira do México e das Américas, e Nossa Senhora de Copacabana, venerada na Bolívia. Há um distanciamento transcendente entre a matéria da obra e o seu criador, já que se trata do resultado de uma intervenção superior, um milagre, segundo a crença de seus devotos. Tais imagens se particularizam por emitirem uma própria carga de sacralidade. Situado no campo da criação artística, o desempenho de Mario Mendonça parece querer tangenciar essa dimensão, porque a persegue, ao buscá-la na intensidade do sentimento que dirige o seu ato pictórico.

Tanto assim que a Via-Sacra do Bom Jesus da Pobreza não se encerra na crucificação no topo do Gólgota, pois o caminho continua *ad coelum*, abrindo-se em luz e esperança, conforme palavras do autor, no sentido de levar os espectadores a contemplarem a ressurreição e a ascensão do Senhor. Há o descendimento da cruz e a *Pietà*, mas logo vêm o sepulcro vazio e a subida aos céus, que representam a vitória de Cristo sobre a morte e a redenção da humanidade. Sem a ressurreição, argumenta, “estaremos pintando um episódio de terror”. Na cena do crucificado, não aparece no alto da cruz o letreiro “INRI” (Jesus Nazareno Rei

dos Judeus), ali mandado fixar pelos soldados romanos. Por sugestão de um amigo judeu, o pintor passou a escrever “Para Você”.

Mário Mendonça confere à capela do Largo das Forras um significado novo no itinerário da visita a Tiradentes, ao promover o diálogo de tempos distintos. Nas paredes laterais, tendo ao fundo o belo retábulo policromado do período colonial, o templo narra a paixão segundo o artista que escolheu a cidade para sediar o seu “museu imaginário” e essa série tão amada. No Largo das Mercês, Mendonça transformou sua casa e os jardins em museu no qual reúne obras que busca ou encontra precisamente para o arranjo de uma coleção compartilhada com o público.

A arte se confunde com a vida, e aqui o artista experimenta radicalmente essa fusão. Mergulhado nas tarefas do museu tiradentino, cujas demandas são sempre crescentes, e embalado pela consciência da imagem conquistada na Via-Crucis, Mario Mendonça tem a felicidade de ver os frutos de seu talento e de sua generosidade distribuídos como alimento espiritual a todos os que têm fome de transcendência.



## AUTORES NORTE-MINEIROS LANÇAM SEUS LIVROS

*Manoel Hygino dos Santos\**

Faço três registros sobre livros de autores norte-mineiros. Assim, para premiar seus leitores neste ano em que chega aos setenta, Edgard Pereira concluiu e fez publicar, no final de 2017, *Dias portugueses e outros*. Algo para comemorar, somando o novo livro a *Violeta Trindade*, *O lobo do cerrado* e *Outono atordado*, premiado pela Xerox do Brasil, em 2001. Não só: professor aposentado de literatura portuguesa pela UFMG, doutor em Letras pela UFRJ, se lhe devem ainda, por sua produção como crítico literário e ensaísta, os títulos *Portugal, poetas do fim do século*, *Mosaico Insólito* e *Arquivo e rota dos sonhos*, com edição portuguesa em 2014.

Lançado pelas Edições Suspiros Poéticos, de Belo Horizonte, o volume que se editou agora constitui uma homenagem ao livro *Suspiros poéticos e saudades*, de Domingos Gonçalves de Magalhães. Mas estas são apenas referências, porque nele se encontra muito mais do que o previsto no singelo título. É mais ainda do que um simples “diário” como sugerido.

Vale a pena a leitura, porque – através de Edgard Pereira – nos aproximamos dos modernos autores de além Atlântico, em África e Europa, embora nos atualizemos sobre o que há de novo nas letras do lado de lá e, ainda, do obituário de nomes expressivos.

O escritor, contudo, não se restringe a Portugal, porque se atém às efemérides, produção de obras, eventos e prêmios, o cotidiano em torno do que se chama “vida literária”, como o fez Eduardo Pitta, de Moçambique. Muito agradável a viagem com o professor mineiro que, ao desembarcar em Lisboa, lembra que Camões, no canto três de *Os Lusíadas*, enaltece as canções de fado e a histórica, nobre e calorosa cidade.

Observa: “O fanatismo pelo futebol lá também existe, talvez em escalas mais civilizadas, se tais sentimentos podem ser graduados”. Comenta que, “por mais que os portugueses reclamem das medidas de austeridade adotadas pelo go-

---

\*Jornalista e escritor, ocupa a cadeira 23 da Academia Mineira de Letras.  
manuelhygino@santacasabh.org.br

verno, nada pode ser dito que lhe desmereça a competência e determinação na gestão do patrimônio público. Percebe-se a atuação de pessoas que trabalham de forma séria e compromissada,” detalhe que sinto nas mensagens que de lá me enviam os escritores Ronaldo Cagiano, de Cataguases, e Eltane, que decidiram trocar a residência da terra descoberta por Cabral pela de seu nascimento.

Mesmo de longe, Edgard acompanha o Brasil. Quando da Copa do Mundo, em 2014, aqui realizada. Cláudia Leite cantou o hino da competição, usando um maiô escuro e se tornou piada nas redes sociais lusas com o apelido de “galinha pintadinha”.

Na sequência das lembranças, a de Lúcia Machado de Almeida, falecida em 2005, a quem visitara no apartamento na praça da Liberdade, onde sabia receber bem ao lado do esposo, o idealizador do Museu do Ouro, em Sabará, Antônio Joaquim de Almeida. Recordar-se, ainda, Pedro Rogério Couto Moreira, nosso confrade na Academia Mineira de Letras, filho de Vivaldi, presidente perpétuo do sodalício e culpado de meu ingresso ali, com cumplicidade de Murilo Badaró, seu sucessor.

Pedro Rogério encaminhara a Pereira o opúsculo *Geografia Sentimental de Miguel Torga em Minas Gerais*, separata da Revista da Academia, de que sou por ora editor. Também evocado o acadêmico Benito Barreto, o homem da *A Saga do Caminho Novo*, quando de sua concorrida posse. Enfim, um belo encontro com o excelente professor-escritor.

Observe, ademais, que menos de um mês após o lançamento em Montes Claros, cidade natal, o jornalista Alberto Sena autografou em Belo Horizonte o seu livro de estreia, *Nos Pireneus da Alma*. Trata-se da narrativa de sua experiência ao fazer o milenar Caminho de Santiago, por duas vezes, a pé, acompanhado pela esposa Sílvia. Brincando, brincando, são 1.300 quilômetros com mochila nas costas e apoiados em cajados.

Afianço: é um volume precioso, sob vários aspectos e pode incentivar novos peregrinos à fascinante viagem pela península ibérica. Quem não se animar ao repto, deverá recorrer a esta obra.

Ivana Rabello, doutora em Literatura, professora e escritora, declarou: “Confesso que, ao cabo da leitura deste livro, escrito por Alberto Sena Batista, precisei fechar o olhos e iniciar eu própria uma caminhada interior. O que se lê – um misto de relato de viagem, um diário de peregrinação, uma narrativa de aventura – é o resultado da árdua e corajosa caminhada. Escrito em primeira pessoa, pela voz de Bento/Alberto, oferece ao leitor todo o roteiro da peregrinação do casal, confissões, confabulações, momentos de rara poesia, belas paisagens apresentadas pela letra hábil do jornalista que Alberto Sena Batista é e instantes de prosa filosófica, nos quais um homem, desprendendo-se da pesada bagagem do materialismo parte decididamente rumo a outras conquistas”.

Itamaury Teles de Oliveira, também jornalista e escritor, da Academia

Montes-Clarenses de Letras e da Maçonica, afirmou: “Ao ler este relato extremamente rico em detalhes, repleto de reflexões que só o corpo extenuado pela dura jornada mística pode produzir, cheguei à conclusão de que será infrutífera a busca por explicações tangíveis no campo da racionalidade humana. Não há, evidentemente, qualquer relação de causa/efeito a justificar algo que transcende a nossa capacidade de entendimento. A resposta está muito além do além...”.

Há pessoas que fazem de conta que cumprem o itinerário, como Paulo Coelho, mas pegam ônibus, táxi, van etc. Para Alberto Sena, Prêmio Esso de Reportagem, deve-se levar apenas o essencial; roupa do corpo, uma muda, três camisas, cuecas, dois pares de meia, um ponche com artigos de higiene, além de queijo e outras coisinhas. “A gente aprende que não precisa de tanta coisa para viver bem”.

O escritor pondera: “*Olha, para dizer a verdade, eu fui como uma espécie de cano de PVC vazio. A torrente de água dentro dele veio do alto. Numa época de convulsão social como a que vivemos, quando o ódio, o rancor, a mágoa, a inveja e os demais sentimentos negativos imperam, “Nos Pireneus Da Alma” irradia o Amor, as boas relações humanas, a energia positiva do Caminho, a magia, o magnetismo e o misticismo também. Afinal, convivemos com gente de várias partes do mundo e nos demos muito bem. A Humanidade e o Brasil principalmente, estão precisando, urgentemente, de resgatar os valores verdadeiros, que põem em pé, dignamente, os homens e as mulheres. Caso contrário, o Brasil e a Humanidade como um todo caminharão célere rumo ao fim*”.

Uma derradeira anotação: Passei longas (?) horas percorrendo as páginas. Havia muito texto a ler e a perscrutar nas fotos, numerosas e preciosas por seu valor histórico e sentimental. Na realidade, “Zé Gomes simples assim”, publicado em 2016, não é apenas um conjunto de imagens e registros escritos de seus autores, capitaneados pro Wagner Gomes, o organizador.

Livro que desperta sensações e sentimentos gratos. Caríssimo, no que tange ao seu valor material, porque o papel é de primeiríssima qualidade e, portanto, de alto preço; caríssimo, porque resgata o passado para um público devotado, que o deseja forte e perene; parcialmente adormecido, mas não morto. Saudade, pela melancolia que povoa o leitor pelos momentos, oportunidades e acontecimentos, mas também pelos belos instantes que não tivemos a sorte de viver, mas que tanto gostaríamos.

De uma singela homenagem do filho comovido, evolui-se para uma composição feliz de vários autores, da família ou não, gente que esteve ao lado de José Gomes durante sua existência, marcada pela simplicidade da origem e pela disposição de ser útil. Uma límpida demonstração do que eram as famílias antigas, com sua estrutura alicerçada na dignidade, na honra pelo trabalho, pela boa conduta e pelo espírito de solidariedade.

José Gomes, chefe dos Correios e Telégrafos em uma cidade grande (hoje

pelos 400 mil habitantes), pai de família, vinculado e incentivador de valiosos projetos no campo social, esportivo e filantrópico, maçom movido pelos melhores princípios da irmandade, revela que se pode vencer com honestidade, ser útil. Os depoimentos, diversos, demonstram como foi a sua jornada pessoal, em uma comunidade que procurava concretizar sonhos e aspirações. No período que ora cruzamos, que parece evidenciar a inclinação e a direção de só se conquistar sucesso pelos ínvios caminhos, pela improbidade, é alentador confirmar que as trilhas do êxito e da ventura podem ser as do bem.

Esta a lição que fica do livro de Wagner Gomes, ao ensejo do centenário de seu pai. Por sinal, ao ver as imagens e percorrer os diversos excelentes textos, dá-se uma volta ao passado, através de farta documentação fotográfica. Ao tecer a crônica de vida paterna, o autor revela o sentido de família, da união dos cidadãos de bem visando aos seus mais cálidos sonhos e ideais. O trabalho, cuidadoso, carinhoso, de Wagner Gomes é um hino a Montes Claros de ontem, que foi de seu pai, meu, seu, de sucessivas gerações, mais do que uma exaltação aos ancestrais que edificaram a cidade grande no longínquo sertão norte-mineiro. É, antes e acima de tudo, talvez, uma canção de esperança e de confiança no futuro de uma gente, operosa, dinâmica, que sabe o que quer para si e para a descendência. A bela edição constitui, ademais, pelo que se vê, mais do que um precioso documentário sobre a história de um lugar e uma gente, cujo denodo se acompanha desde a construção da casa da Dona Eva, a primeira, até os edifícios e bairros que se incorporaram ao panorama do lugar fundado por Gonçalves Figueira.

Teria sido ele o “irmão pequeno” da poesia “Infância” de Carlos Drummond de Andrade?



## RECEBENDO O ESCRITOR FERNANDO MORAIS\*

*Pe. José Carlos Brandi Aleixo\*\**

### I – INTRODUÇÃO

Inicialmente agradeço ao Dr. Roque Camêllo, ilustre e operoso Presidente desta augusta Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes, a honrosa missão de nela acolher, nesta noite de gala, ao exímio escritor Fernando Moraes, filho e glória desta abençoada cidade.

No mês de outubro há várias efemérides dignas de ser recordadas no contexto da vida e da obra de nosso homenageado. Cabe recordar sua ativa militância política e ter sido ele Secretário de Cultura e Secretário de Educação do Governo do estado de São Paulo. Em um 3 deste mês, em 1930, eclodiu importante revolução no país. Em um 24 de 1943, surgiu o Manifesto dos Mineiros. E 29 recorda tanto a fundação da Biblioteca Nacional em 1810 como a inauguração de seu novo prédio cem anos após. Finalmente nesta mesma data em 1945 ocorreu a renúncia do Presidente Getúlio Vargas e o término do Estado Novo.

Permitam-me evocar dois nomes que fazem parte significativa desta Casa. Em partidos diferentes deixaram exemplos de incomum espírito público. Uma delas, Tancredo Neves, é enaltecido eloqüentemente pelo nosso brilhante novo confrade Fernando Moraes. Intrépido batalhador pela democracia, foi consagradoramente eleito presidente da República, pelo Colégio Eleitoral, em janeiro de 1985 e assegurou, mesmo com o sacrifício de sua nobre vida, a desejada transição. O outro, Pedro Aleixo lutou pelos mesmos altos ideais. Em 1943 foi dos articuladores e assinantes do Manifesto dos Mineiros. Em abril de 1967 ocupou por alguns dias a Presidência da República. Em dezembro de 1968 opôs-se ao Ato Institucional nº 5 que se diferenciava dos anteriores por ser de duração indeterminada e por suspender o “habeas corpus”.

Isto contribuiu para que fosse impedido pelo AI – 12 de 31 de agosto de 1969 de substituir o enfermo Presidente Costa e Silva e destituído da Vice-Presidência no seguinte 14 de outubro pelo AI – 16.

Tancredo Neves e Pedro Aleixo apresentam outro importante traço co-

\* Discurso proferido na posse de Fernando Moraes na Academia Marianense de Letras, Mariana/MG, 29/10/2005.

\*\* Sacerdote, membro da Academia Mineira de Letras, cadeira nº 19.  
brandialeixo@ccbnet.org.br

mum. Ambos desposaram ilustres jovens da mesma preclara cidade de Cláudio.

Mariana está presente de muitas formas na história política e cultural brasileira. Gostaria de recordar, neste sentido, um fato aparentemente menos conhecido e divulgado. Foi no Oratório do Bispo de Mariana, Dom Bartolomeu Manuel Mendes dos Reis, em Lisboa, que o Patriarca de nossa Independência José Bonifácio de Andrada e Silva contraiu núpcias com a irlandesa Narcisa Emília O'Leary, nos idos de 31 de janeiro de 1790. No século seguinte Barbacena, então como hoje dentro da circunscrição deste egrégio episcopado, acolheu descendentes ilustres deles.

Traços da vida de quem ora fala, como os de sua origem familiar, sua condição de sacerdote, acadêmico e professor tornam compreensíveis algumas reflexões e evocações suscitadas pela leitura prazerosa do extraordinário acervo bibliográfico do novo membro de nosso grêmio literário.

## II – A OBRA DE FERNANDO MORAIS

A produção literária de Fernando Morais é vastíssima e reconhecidamente de superior qualidade. Menciono algumas das obras, em ordem cronológica, salientando, inicialmente, que não só os títulos mas também os subtítulos são altamente expressivos para definir a matéria delas e despertar a saudável curiosidade do leitor: A Ilha (Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro). Alfa-Omega. 1976. Prefácio de Antonio Callado, 126p.; Olga. A Vida de Olga Benário Prestes, judia comunista entregue a Hitler pelo governo Vargas. Companhia das Letras. 1984, última capa de Jorge Amado, 314p.; Chatô: O rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand. Companhia das Letras. 1994, 732p.; Corações Sujos. A história da Shindo Renmei. Companhia das Letras. 2000, 349p.; Cem quilos de ouro: e outras histórias de um repórter (o sonho da Transamazônica acabou. Primeiro rascunho de A Ilha – O homem de Fidel na CIA. A guerrilha na Nicarágua – República Fantasma. Confissões do frade – O Napoleão do Planalto. O Solitário da Dinda. Entre Kane e os malditos da Beat Generation. Encontro marcado com Chatô. Ele mandou prender Pinochet). Companhia das Letras, 2003, 327p.; Na toca dos leões: a história da W/Brasil, uma das agências de propaganda mais premiadas do mundo. Planeta Brasil. 2005, 495p..

As obras, com exceção da primeira citada, mais sóbria, são enriquecidas com excelentes ilustrações, acurados índices onomásticos, relação cuidadosa e minuciosa da grande variedade de fontes (depoimentos, entrevistas, instituições, publicações). Vale dizer ao menos que 184 personagens foram entrevistados para o livro Chatô e 88 para Corações Sujos. Os elegantes agradecimentos e os esforços para determinar a origem e autoria das fotos enobrecem o autor. Também digna de registro é a solicitude do jornalista em informar, sobre o paradeiro de muitos partícipes nos eventos dos estudos em questão.

É fácil entender que Fernando Morais se tornou escritor consagrado nacional e internacionalmente. Obras suas ingressaram na cobiçada categoria de “best-sellers”. Já venderam mais de três milhões de exemplares no Brasil e em mais de 21 países. Prêmios literários múltiplos coroaram seus trabalhos: três vezes o “Esso de Reportagem”; quatro vezes o “Abril de Jornalismo”; o “Luis Viana Filho”, da Academia Brasileira de Letras; o “Manuel Bonfim” do Governo do Distrito Federal; o “Jabuti”, em 2002, da Câmara Brasileira do Livro em razão de Corações Sujos. Olga, adaptado para o cinema por Jayme Monjardim, visto por mais de quatro milhões de espectadores, foi indicado, para o “Oscar” de melhor filme estrangeiro de 2005.

O novo confrade foi também o roteirista da minissérie “Cinco dias que abalaram o Brasil” sobre os últimos dias do presidente Getúlio Vargas, exibida pela Globosat/GNT.

Muito poderia ser dito sobre artigos, entrevistas, e outros escritos da lavra de nosso acadêmico. Seleciono um prefácio seu ao livro Diáspora. Os longos caminhos do exílio, de José Maria e Thereza Rabelo. Cito-o porque suas palavras valem plenamente para caracterizar sua própria maneira de compor – “Mutato nomine de te ipso agitur”.

“Este é um livro que conta um pedaço dramático de nossa história – a do Brasil e a da América Latina – com um saboroso ingrediente adicional. Não se trata de um daqueles maçantes e pedregosos ensaios que obrigam o leitor a reduzir a marcha a cada parágrafo, como se topasse com um quebra-molas. Diáspora é escrito na primeira pessoa por um jornalista experimentado e por sua companheira, o que faz dele um livro ágil, rápido, que o sujeito pega e não tem mais vontade de largar”

Outras palavras e declarações do próprio Fernando Morais nos ajudam a entender o segredo de seus êxitos.

“O que eu sei é que não conheço um só jornalista que escreve bem e que não seja um consumidor voraz de literatura. É o velho bordão: ler é a melhor, senão a única, maneira de aprender”.

“Eu procuro dar aos meus livros um tratamento estético que algumas pessoas chamam de literário. O que é isto? Simplesmente tentar dar ao texto final a fluência, a elegância e a sedução de uma obra literária. Isso não é algo que ocorra por acaso. Eu sofro muito para chegar à forma final. E mesmo após reescrever dez, doze, quinze vezes um parágrafo ou um capítulo, é comum eu bater os olhos em um exemplar impresso do livro e ficar certo de que aquele trecho poderia ter ficado melhor”.

Os romanos com sua precisão e concisão características já preconizaram esta mesma idéia: “Per aspera ad astra” e “Per angusta ad augusta”.

\* Fernando Morais – Roteiro para um filme. Prefácio ao livro de José Maria e Thereza Rabelo – Diáspora. Os longos caminhos do exílio. São Paulo. Geração – 2001. p. 11.

\*\* E-mail, 18-10-2005.

É sabido que Aléxis de Tocqueville causou mudança substancial na análise política quando saindo da mera leitura de relatos oriundos de diferentes países, deslocou-se, em 1831, da França até os Estados Unidos e lá entrevistou numerosos segmentos sociais antes de escrever e publicar o famoso livro *De la démocratie en Amérique*. O nosso novo confrade em linha semelhante mas com o uso talentoso dos mais modernos recursos tecnológicos, com paciência beneditina, soube valer-se, em grau exponencial, das entrevistas, para enriquecer seus trabalhos. Com a mesma determinação e perseverança soube vasculhar os mais diversos arquivos, muitos deles até então inacessíveis ou de mui difícil alcance.

Realço outro ponto alto na obra de nosso colega: a riqueza de pormenores significativos. Apenas alguns exemplos.

Lê-se em *A Ilha*: “Há dois anos (1974), Dom Cesare Zacchi, o atual Núncio, liderando um grupo de seminaristas, participou pessoalmente de um período de trabalho voluntário no corte de cana”.

Em *Olga* aprende-se que as primeiras vítimas da Câmara de gás de Bernburg, em um teste inicial deste sistema macabro de assassinato, não foram prisioneiros estrangeiros, nem judeus ou judias nascidos no país, mas um grupo de corajosos vinte pilotos alemães que na guerra civil espanhola se negaram a cumprir ordens contrárias às suas consciências, emanadas do Comandante-geral da Legião Condor, General Hugo Sperrle.

O mesmo livro ilustra, com um exemplo concreto, a dramática situação econômica da Alemanha após a derrota na 1ª Guerra Mundial: “a brutal espiral inflacionária chegou a tal ponto que um dólar, que em meados de 1922, valia mil marcos, passou a custar 350 milhões de marcos já no ano seguinte”.

Em o Rei Chatô está a interessante informação de que a Igreja espanhola liderou, em 1934 uma campanha para assegurar às mulheres o sufrágio.

## A Ilha

Jorge Bolaños, primeiro Embaixador de Cuba no Brasil, após o reatamento de nossas relações diplomáticas, em conferência no Instituto de Cultura Hispânica, em Brasília, informou-nos que uma das primeiras iniciativas culturais do novo governo, em 1959, foi editar a obra prima de Miguel de Cervantes e distribuí-la, a granel, por todos os municípios do país. Acredito, piamente, que se Dom Quixote for lido, estudado e seguido em todos os quadrantes do globo, particularmente em seu comportamento altruísta, a humanidade conhecerá um futuro melhor.

Uma visita histórica a Cuba foi a do Papa João Paulo II de 21 a 26 de janeiro de 1998. Ela foi, exemplarmente, preparada e realizada em conformidade

\* 3ª edição, p. 34. Visitei-o pessoalmente, em Roma, quando era ele Presidente da Academia Diplomática Pontifícia. Lembro-me bem de um comentário dele: “É importante que não se diga na ausência de uma pessoa o contrário do que se disse a ela na sua presença”.

\*\* Olga, 3ª ed. p. 282.

com prévios entendimentos minuciosos entre Havana e o Vaticano. Houve conversações sérias e respeitadas. O Papa encontrou Fidel cinco vezes. Quatro celebrações foram transmitidas diretamente por rádio e televisão em toda a rede nacional. As multidões junto ao Papa em um contínuo crescendo chegaram ao milhão de pessoas no último dia. Algumas sentenças suas continuam ecoando. São exemplos: “O Espírito sopra sobre Cuba” e “Que o mundo se abra para Cuba e que Cuba se abra para o mundo”. Pouco antes da chegada do Papa o governo restabeleceu o natal como festa civil.

## Olga

Sobre Olga são eloquentes as palavras de Jorge Amado: “Nos últimos anos, poucas obras alcançaram no Brasil sucesso tão estrondoso quanto esta biografia de Olga Benário Prestes. Jornalista renomado, Fernando Morais revelou-se também um pesquisador competente, e escritor dotado de sensibilidade e de talento. Com simplicidade, sabedoria e grandeza ele soube recriar um drama profundamente humano de nossa época”.

A história de Olga ensina-nos que as ditaduras criam o clima nefasto para as mais graves tragédias. Uma das características fundamentais da democracia está na promulgação dos direitos humanos e no mais absoluto respeito por eles. É nesta declaração que o cidadão perseguido pode buscar remédio contra a opressão e abroquelar-se contra o arbítrio e a violência. Neles os governantes encontram o limite de seu poder.

## Chatô, o rei do Brasil

O autor logrou a façanha de retratar, de forma competente e literária, a vida turbulenta, acidentada, talvez caprichosa, criativa, original, contrastante e polêmica de uma figura fascinante de nosso século XX. Mostrou a audácia, talvez a temeridade de quem muito se destacou na política, no jornalismo, nas artes, talvez em mais de um sentido e diplomacia do país.

“Pela figura impressionante do personagem, pelo profissionalismo do biógrafo, pelos fatos inusitados, pela história que se apresenta, o livro de Fernando Morais torna-se essencial a qualquer estudante das Ciências da Comunicação não deixando de ser atraente ao leitor leigo que encontrará nele motivos para um deleite enquanto se deixa levar um pouco por ventos da idosa modernidade

\* ACCATTOLI, Luigi. *Karol Wojtyła, O homem do final do Milênio*. São Paulo, Paulinas. 1999. p. 319-323.

\*\* MORAIS, Fernando. *Olga*. Última capa.

\*\*\* ALEIXO, Pedro. Discurso de 15-3-1934 na Constituinte Nacional. In: *Perfis Parlamentares* n° 30. Brasília. Câmara dos Deputados. 1985. p. 125.



brasileira”

Permito-me salientar que entre ele e Pedro Aleixo houve um relacionamento construtivo apesar das muitas diferenças face ao poder político. Cabe mencionar que o marianense foi com Juscelino Barbosa e Álvaro Mendes Pimentel um dos fundadores do Estado de Minas, em 7 de março de 1928. Ao incorporar o periódico aos “Diários Associados” Chatô o confirmou na Presidência que exerceu até sua morte em 1975. Uma proeza de Chatô foi reunir dentro do programa de Asas para o Brasil, na mesma solenidade, no final de março de 1942, em pleno regime de exceção, o oposicionista Pedro Aleixo e várias autoridades governamentais, inclusive o ministro da aeronáutica Salgado Filho, no batizado do avião Prudente de Moraes. Chateaubriand concluiu seu imaginativo, irônico e bem humorado discurso assim:

“Pedro, há uma certa analogia entre o vulto de Prudente de Moraes e você. Ambos foram presidentes da Câmara Federal, ambos cabeçudos, ambos tirados do limbo da história para viverem hoje essa página romanceada da juventude do céu, nos quadros da Campanha de Aviação.

Senhores, como veem, a fauna liberal, enterrada viva, no terremoto de 1937, apresenta fósseis maravilhosos como este Pedro Aleixo, ditador perpétuo do Estado de Minas”.

Como registra Fernando Moraes, Pedro Aleixo, Vice-Presidente e Presidente do Congresso Nacional, representou o Presidente Costa e Silva nas solenidades de despedida do jornalista imortal. Com sentidas palavras rendeu ao amigo, de quatro décadas, a mais calorosas homenagem.

Entre as muitas belas facetas da vida de Chateaubriand, singularmente retratadas pelo nosso homenageado, está a capacidade de louvar o novo, o pioneiro, a serviço do progresso do país. Neste contexto permito-me acrescentar mais um aos numerosos exemplos do autor do livro. Ele admirou, louvou e apoiou o trabalho do jesuíta Pe. Roberto Sabóia de Medeiros, que criou em São Paulo a Faculdade de Engenharia Industrial, até hoje viçosa e florescente.

### Corações Sujos

Neste livro Fernando Moraes, com outra excelente reportagem, reconstrói capítulo dramático da história da comunidade nipônica no Brasil. No após guerra o total, no nosso país, de pessoas oriundas do Japão e de seus descendentes aqui nascidos era de mais de 200.000. Estavam divididos entre os Kachigumi

\* Antonio de Andrade. Resenha do livro *Chatô, o rei do Brasil*.

\*\* SALGADO, Marília de Albuquerque. (organizadora). *Pedro Aleixo, Jornalista*. Artigos publicados em jornais de 1934 a 1974. Belo Horizonte. Estado de Minas, 1997.

\*\*\* “Os jesuítas e o Brasil”. (18 de março de 1944). In: *O pensamento de Assis Chateaubriand*. Seleção de artigos e discursos de 1924 a 1968. Belo Horizonte. Fundação Assis Chateaubriand e Diários Associados. 1992. p. 155-157. Ver também: SOUSA, Pe. José Coelho de. *P. Roberto Sabóia de Medeiros, S.J. Apóstolo da Ação Social*. São Paulo, Loyola, 1980. o Pe. Sabóia viveu de 18-5-1905 a 31-7-1955.

(cerca de 80%) que apregoavam a vitória do Império do Sol Nascente e os Makegumi, ou derrotistas, apelidados pelos anteriores de “corações sujos”, traidores da pátria. No período de janeiro de 1946 a fevereiro do ano seguinte, os da maioria realizaram, no estado de São Paulo, múltiplos atentados causando a morte de 23 adversários e o ferimento de cerca de 250 deles. Mais de 30 mil suspeitos dos crimes são presos pelo DOPS, dos quais, 381 sofrem condenações de 1 a 30 anos de cárcere.

No final de 1946 o Presidente da República Eurico Gaspar Dutra, expulsada, por decreto, do Brasil, “como elementos nocivos aos interesses nacionais” oitenta membros da Shindo Renmei (Liga do Caminho dos Súditos) nascida em 1944. Nenhum deles, contudo, chegou a ser deportado. Recursos judiciais, impropriadamente, por advogados, protelaram a execução das sentenças. No natal de 1956, o Presidente Juscelino Kubitschek libertou todos os presos.

Um dos temas fundamentais que a leitura desta tragédia suscita é o do justo equilíbrio entre os direitos e deveres dos imigrantes e de seus descendentes. A obrigação de acatar as leis e autoridades do país de residência não exclui, necessariamente, o direito de conhecer e preservar a língua e valores da pátria de origem imediata ou remota. Mas as relações entre diversas comunidades de um país são influenciadas pelas relações entre os diversos governos em questão. E o complicador, na história narrada, foi o confronto entre os países aliados e os do Eixo (Alemanha, Itália, Japão). Brasil e Japão entraram em guerra em 1945. Com o conhecimento e aceitação do verdadeiro desenlace, a rendição de Tóquio, as relações entre brasileiros de diferentes origens são singularmente harmoniosas. O novo desafio é o da sorte das dezenas de milhares de nipo-brasileiros que trabalham no nosso país antípoda. Tudo demonstra que nas relações internacionais um dos princípios básicos é o da reciprocidade. Já bem dizia no século XVI, em sua cátedra de Salamanca, o mestre Francisco da Vitória: “nós não temos sobre os índios da América mais direitos do que aqueles que eles teriam sobre nós, se aqui chegassem antes”. “Non plus quam si illi invenissent nos”.

### III – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ingresso em nosso sodalício de um tão ilustre escritor suscita, entre outros temas, o da nossa responsabilidade no uso da pena, deste singular instrumento de trabalho.

Com sua conhecida erudição o Padre Antonio Vieira, proclamado por Fernando Pessoa, “Imperador da língua Portuguesa” nos informa que *calamidade vem de cálam*. O mau emprego da pluma, particularmente por governantes, causa em seus países os maiores estragos, verdadeiras calamidades. Por outro lado a pena, a máquina de escrever, o computador, a gráfica, brindam-nos com grandes tesouros. Os bons escritos ensinam-nos muito sobre a natureza humana,

suas tristezas e suas alegrias, e o melhor caminho a ser seguido.

Fernando Morais é reconhecidamente um grande mestre na arte de escrever. É uma glória, particularmente para esta douta cidade de Mariana. Que continue a enriquecer-nos com suas produções sempre a serviço das grandes causas. Sua trajetória tem sido mais uma eloquente comprovação dos inspirados versos:

Quem Mariana visita  
vê, num enlevo febril  
que em sua História palpita  
muita glória do Brasil.\*

O livro fornece valiosa informações sobre grande variedade de termos que se prestariam a ricas e diferentes análises. Tal é o caso da notícia que a Igreja espanhola estava liderando, em 1934, um campanha para assegurar às mulheres o direito ao voto, iniciativa já colocada em prática, no Brasil, na eleição para a constituinte em 1933.



\* MAIA, Pedro Anísio. in: O Arquidiocesano. Mariana, Editora D. Viçoso, 1969, nº 513, p. 4.

## O FADO: POESIA PORTUGUESA\*

Ricardo Arnaldo Malheiros Fiúza\*\*

Tecnicamente, poderia eu dizer que o FADO “é a canção predileta de Lisboa e do meio estudantil de Coimbra, ao som das guitarras. Tem caráter dolente e fatalista, linha melódica simples, constando de oito compassos binários, divididos em duas partes que se repetem”.

Porém, experto não sou no assunto e, ao invés de me aprofundar na técnica musical, nessas águas de especialistas, prefiro ser esperto para apenas dizer algo que sei sobre a poesia das letras do Fado, como o conhecemos nas viagens que fazemos, Janice e eu, a Lisboa e a Coimbra.

Mouraria, Bairro Alto, Alfama, Alcântara, Rua das Escolas Gerais, Rua das Praças, Travessa da Queimada...

E lá estávamos nós, nesses sítios lisbonenses, no aprendizado dos mistérios e encantos daqueles autênticos poemas musicados. As casas noturnas (o Fado é da noite...), como o “Sr. Vinho”, “A Severa”, “O Luso”, a “Parreirinha d’Alfama”, o “Timpanas”, a “Toca do Rato” e outras eram nossas escolas...

As vozes de Maria da Fé, Maria do Céu, Maria de Nazaré, Maria Fernanda, Fernanda Maria, Celeste Maria, todas Marias, e outras intérpretes veteranas nos fizeram de iniciados a apaixonados. Depois, vieram os CDs e as apresentações das mais novas fadistas, como a fascinante Mariza, a romântica Carminho, que trouxe as letras de Tom Jobim para o fado, a poderosa Dulce Pontes e a encantadora jovem Sarah. Continuamos ligados, cada vez mais, ao FADO. Ouvimos também os ícones Carlos do Carmo e Amália.

Conhecemos o Fado Maior, o Fado Menor, o Fado Novo, o Fado Corrido, o Fado Bailado, o Fado Malandro, o Fado Gingão, o Fado Desgarrado...

E, sobretudo, passamos a prestar mais atenção às letras desse cantar, que precisam ser ouvidas em silêncio e devoção, ou lidas, sentidas, compreendidas. O Fado não é música de fundo; não é, na expressão importada, uma *lounge music*.

Nessas pesquisas e atenções, descobri que grandes poetas lusos, como Júlio Dantas, Antero do Quental, Carlos Oliveira, Eugênio Andrade, Almeida Gar-

\*Palestra proferida na Academia de Letras, Ciências e Artes de Santa Rita do Sapucaí-MG, em 21 de abril de 2017

\*\* Membro da Academia Mineira de Letras (cadeira 7) e do Grêmio Literário de Lisboa. editoradjunto@delreyonline.com.br

rett, Fernando Pessoa, José Régio e a apaixonante Florbela Espanca também são fadistas. Isso é, seus primorosos versos foram musicados por grandes compositores e se tornaram fados de sucesso (lembro-me, ainda, que os nossos Vinicius de Moraes, com “Saudades do Brasil em Portugal”, e Ivan Lins, com “Guitarras”, renderam-se ao fado).

Também fomos apresentados além do Fado do Tejo, ao Fado de Coimbra, o fado dos doutores, bem diferente do lisboeta. Com seu tom de serenata, fica melhor ao ar livre, em noites de luar, no Penedo da Saudade ou no Choupal à Beira do Mondego, no ar universitário da tradicional cidade. Ali ouvimos, junto à multidão silenciosa, Hilário, Menano, Fernando Teles e o inesquecível Zéca Afonso, o poeta da comovente canção “Grândola, Vila Morena”, hino da Revolução dos Cravos Vermelhos.

\*\*\*

– O fado pode ser mesmo trágico, como em “A Orfãzinha”, de Francisco Radamanto:

“Outra mãe não pode ser.  
Nós temos uma só mãe.  
Morreu, se outra vier,  
eu quero morrer também.

Um dia, a outra chegou.  
Toda a gente em festa linda.  
Só a pequenita chorou,  
sozinha, mais órfã ainda”.

– Pode ser triste e desesperançado, como em “Lavava no rio lavava”, da Amália:

“Já não temos fome, mãe,  
mas não temos também  
o desejo de a não ter.

Já não sabemos sonhar,  
já andamos a enganar  
o desejo de morrer”.

– Pode vir carregado de um amor conformado, como em “Por morrer uma andorinha”, de Frederico de Brito:

“Se deixaste de ser minha  
não deixei de ser quem era.  
Por morrer uma andorinha,

não acaba a primavera”.

– Pode ser desiludido, como em “Não és tu”, de Almeida Garrett:  
Mas não és tu... ai não és:  
toda a ilusão se desfez.  
Não és aquela que eu vi.  
Não és a mesma visão,  
que essa tinha no coração.  
Tinha, que bem lho senti”.

– Pode ser um amor marinheiro, como em “Fado Português”, de José Régio:

“O fado nasceu um dia,  
quando o vento mal bulia  
e o céu o mar prolongava.  
Na amurada de um veleiro,  
no peito de um marinheiro  
que estando triste cantava”.

– Pode ser heroico, como em “O Infante”, de Fernando Pessoa:  
“Deus quer, o Homem sonha, a obra nasce.  
Deus quis que a terra fosse toda uma.  
Que o mar unisse, já não separasse.  
Sagrou-te e foste desvendando a espuma”.

– Pode ser, ainda, marítimo (Portugal é mesmo à beira-mar plantado), como em “Gaivota”, de Alexandre O’Neil:

“Se um português marinheiro,  
dos sete mares andarilho,  
fosse, quem sabe, o primeiro  
a contar-me o que inventasse,  
se esse olhar se enlaçasse.  
Que perfeito coração,  
no meu peito bateria,  
meu amor na tua mão  
nessa mão onde, perfeito,  
bateu meu coração”.

– Pode ser uma oração, bem lusitana, como em “Senhora do Almortão”, canção popular adaptada por Dulce Pontes, que fala de um reino unido que nunca foi:

“Senhora, Senhora do Almortão,  
Senhora do Almortão,  
Ó minha linda raiana,  
Virai costas a Castela

Não queiras ser castelhana.  
A vossa capela cheira,  
cheira a cravos, cheira a rosas,  
cheira a flor de laranjeira”.

– Pode ser outra linda prece, como em “Senhora da Nazaré”, de João Nobre:  
“Senhora da Nazaré, rogai por mim;  
também sou um pescador que anda no mar.  
Ao largo da vida, aprobei nas vagas sem fim.  
Vi o meu barquito de sonhos sempre a naufragar.

As minhas redes lancei com confiança,  
colhi só desilusões num mar ruim.  
Perdi o leme da esperança.  
Eu não sei remar assim.  
Senhora da Nazaré, rogai por mim”.

– Pode ser uma despedida, já saudosa, como em “Meu Alentejo”, de Bento Caieiro:

“Abalei do Alentejo,  
olhei para trás chorando.  
Alentejo da minh’alma,  
tão longe me vais ficando”.

– Pode ser brincalhão, como em “Quadras ao gosto popular”, de Fernando Pessoa:

“No dia de São João,  
há fogueiras e folias.  
Gozam uns e outros não,  
tal qual como nos outros dias...”

– Pode ser, maravilhosamente oriental, como em “Fado Nascente”, do fabuloso Rão Kyao, músico e poeta:

“Embarcou nas caravelas,  
correu tascas e salões,  
viajou pelas vielas,  
a cantar suas paixões.

Sem nunca perder o norte.  
Às vezes vira a nascente  
Em busca de antepassados,  
da busca de nossa gente”.

– Pode ser ingênuo e puro, como “Se deixas de ser quem és”, da sempre presente Amália:

“Meu amor d’alfazema,  
de alecrim e rosmaninho,  
queria fazer-te um poema,  
mas perco-me no caminho”.

– Pode ser terno, como em “As meninas dos meus olhos”, de Fernando Ribeiro:

“As meninas dos meus olhos  
já não sei aonde estão.  
Deixa-me ver nos teus olhos,  
se as guardas no coração”.

– Mas pode ser também malandro e picante, como em “Fui ao mar buscar sardinhas”, da grande Amália, poetisa e cantora:

“Coisas que eu tenho na ideia,  
depois de me ir ao mar.  
Será que me entrou areia  
Onde não devia entrar?”

– Pode ser uma ode ao gosto de cantar, como em “Viva a quem canta”, de Pedro Barroso:

“Viva quem canta,  
que quem canta é que diz,  
quem diz o que vai no peito,  
no peito vai-me um país”.

– Pode ser épico, como em “Cavaleiro Monge”, do múltiplo Fernando Pessoa:

“Do vale à montanha,  
da montanha ao monte,  
cavalo de sombra, cavaleiro monge.  
Por invios caminhos,  
por rios sem ponte,

caminhais sozinhos.  
Do vale à montanha,  
da montanha ao monte,  
cavaleiro de sombra, cavaleiro monge.  
Porquanto é sem fim,  
sem ninguém que o conte.  
Caminhais em mim”.

– Pode ser alegre, bem alegre, como em “Fado Curvo”, de Carlos Maria Trindade:

“No templo que é só do fado,  
a alma é como um jardim  
onde as flores dançam de lado,  
na ventania sem fim”.

– Pode ser emocionado, como em “Há uma música do povo”, do Fernando, “muito” Pessoa:

Há uma música do povo,  
nem sei dizer se é um fado...  
Que ouvindo-o há um ritmo novo,  
no ser que tenho guardado...”

– E vem a ser também um protesto social, como em “Menino do Bairro Negro”, de Zéca Afonso:

“Olha o Sol que vem nascendo,  
anda ver o mar.  
Os meninos vão correndo  
ver o Sol chegar.

Menino sem condição,  
irmão de todos os nus,  
tira os olhos do chão.  
Vem ver a luz”.

– Pode ser um sábio conselho, como em “Ferreiro”, fado popular adaptado por Guilherme Inês:

“Ó ferreiro, guarda a filha,  
não a ponhas no portal.  
Que anda aí um rapazinho  
que a quer por bem ou por mal”.

– Pode ser uma aspiração, uma vontade, como em “Desejos vãos”, na poesia inigualável de Florbela Espanca:

“Eu queria ser o Mar, altivo e forte,  
que ri e canta, a vastidão imensa.  
Eu queria ser a Pedra que não pensa.  
A Pedra do caminho, rude e forte.  
Eu queria ser o Sol, a luz intensa.  
Eu queria ser a Árvore tosca e densa”.

– Pode ser alegre e rural, como em “Cantiga da Terra”, de Zéca Medeiros:  
“Quero ver o que a Terra me dá,  
ao romper desta manhã.  
O poejo, o milho e o araçá,  
a videira e a maçã”.

– Mais uma vez da bela Florbela, pode ser dolorido, como em “Caravelas”:  
“Cheguei a meio da vida já cansada  
de tanto caminhar! Já me perdi!  
Dum estranho país que nunca vi,  
sou neste mundo a exilada”.

– Pode ser, e é, uma exaltação, como em “Recusa”, de Mário Rainho:  
“Se ser fadista é ser triste.  
É ser lágrima prevista.  
Se por mágoa o fado existe,  
então eu não sou fadista.

Mas se é partir à conquista  
de tanto verso ignorado,  
então eu não sou fadista,  
eu sou mesmo o próprio fado”.

– É dançante, como “Fado português em nós”, do mestre Paulo de Carvalho:  
“Nasceu de ser português.  
Fez-se à vida pelo mundo,  
o sonho vagabundo,  
foi pela terra abraçado.  
O fado  
viveu de ser português.  
Foi alegre e foi gingão,  
por ser o fado uma canção”.

– Pode ser esta maravilha, um poema de amor, como em “Estrela da tarde”, do poeta maior José Carlos Ary dos Santos:

“Meu amor, meu amor,  
minha estrela da tarde,  
que o luar te amanheça  
e que o meu corpo te guarde”.

– Pode ser uma linda promessa, como em “Haja o que houver”, de outro mestre, Pedro Ayres Magalhães:

“Haja o que houver,  
eu estou aqui.  
Haja o que houver,  
espero por ti.  
Longe de ti,  
cada momento é pior.  
Volta no vento,  
por favor”.

– E, já agora, terminando, agradecido a esta plateia culta e atenta, digo que o Fado pode ser um pedido de desculpa, como em “Deus me perdoe”, de Silva Tavares:

“Mas eu sou assim.  
Cantando dou brado  
e nada me dói.  
Se é, pois, um pecado  
ter amor ao Fado,  
que Deus me perdoe”.

Perdoem-me por os cansar tanto, porém, invocando Camões, “se mais tempo houvera, mais tempo eu falara”, confesso.

Por sua atenção e carinho, muito obrigado!



## 250 ANOS DE RIO POMBA: MARAVILHOSAS, ENCANTADORAS FABULAÇÕES

*Danilo Gomes\**

Para celebrar os 250 anos de Rio Pomba, MG, o escritor Roberto Nogueira Ferreira poderia ter-se valido da narrativa histórica, linear, tradicional. Preferiu, com sabedoria de tarimbado estilista e perspicácia de jornalista, o campo da ficção. Mas ficção com o suporte de dados, nomes, situações, cronologias, de um passado que “tem muitas gavetas”.

Cada capítulo de seu novo livro ( o 12º ) é uma gaveta que se abre com curiosidade para o encantamento. Ali se vislumbram informação, amor, humor, poesia. Com toques da mineiridade da Zona da Mata, já próxima do Oceano Atlântico que nos separa e une a Portugal, onde nasceu em Silves, Carregosa, o pai do autor, Franklin Soares Ferreira.

Nesse seu livro “250 Fabulações de Amor a Rio Pomba”, Roberto Nogueira Ferreira deixou de lado a clássica narrativa que vem de Heródoto de Halicarnasso até Fernando Braudel, Jacques Le Goff e o nosso ilustre Octavio Tarquinio de Sousa, para operar no campo da ficção, melhor dizendo, da fabulação, entrecruzando passado e presente.

O resultado é positivo e alcança a festejada categoria do prazer da leitura.

Com epígrafes dos poetas Carlos Drummond de Andrade, Belmiro Braga, Murilo Mendes e Wilson Pereira, os capítulos são gavetas transformadas em portas e janelas que se abrem para o passado com cortes para o presente. É o talento do autor que opera a magia.

Assim, voltamos à fundação da cidade pelo Padre Manoel de Jesus Maria, que ali rezou a 1ª missa em 25-12-1767. Nome originário e original da urbe que nascia sob o sol dos trópicos: Freguesia do Mártir São Manoel do Rio da Pomba e Peixe dos Índios Croatos e Copós.

A partir das festividades comemorativas dos 250 anos (em 25 de dezembro de 2017), entro pelo livro adentro, abrindo gavetas, como bom gaveteiro que sou, pois nascido em Mariana, MG.

Passeio pela Praça Doutor Último de Carvalho e seu Coreto, onde tocam as marciais Bandas União Pombense e Corporação Musical Santa Cecília – e

\*Jornalista, escritor, ocupa a cadeira nº 1 da AML. [croniistadanilogomes@gmail.com](mailto:croniistadanilogomes@gmail.com)

ainda temos as românticas harmonias das Orquestras Ideal e Copacabana. Entro nas redações dos jornais. N' "O Imparcial" encontro o famoso José de Assis Vieira. Passo pelo campo do Pombense Futebol Clube. Assisto às missas na Matriz de São Manoel. Vou a comícios políticos, com música e foguetório, de Último de Carvalho, Dnar Mendes, Odilon Braga, Luizinho Furtado, Paulo Furtado e outros próceres. (Parece que estou de volta à minha Mariana dos anos 40 e 50 do século passado.)

O encantamento não para. Nem eu quero parar. Ah, o passado tem mesmo muitas gavetas, como diz o autor. Percorro o Clube dos Trinta, o Regina Hotel (do Quirico Marini), o Colégio Regina Coeli, o Ginásio Pombense, o Hospital São Vicente de Paulo, o Clube Recreativo Caiçaras e outros pontos conhecidos.

No decorrer das festas, tomo a bênção a personagens veneráveis: o Padre Manoel, o Padre Gallo, o Arcebispo Dom Oscar de Oliveira (da minha Mariana), o Professor Plínio Alvarenga, o Dr. Nelson Hungria e, em especial, à bem-aventurada Floripes Dornelas de Jesus, a Santa Lola do Sagrado Coração de Jesus.

Por derradeiro, depois da Bênção Final e da Apoteose, as páginas magníficas do autor, grande memorialista, me levam a procurar o popular Zé Budega e com ele apreciar umas "cervejas geladas e picanhas saborosas" no sítio do Luizinho Furtado, comemorando a efeméride...

\*\*\*

Roberto Nogueira Ferreira, poeta, historiador, memorialista, biógrafo, jornalista, professor, consultor empresarial, homem público, nascido em Juiz de Fora, casado com a pombense Maria Ângela e ele próprio pombense de coração, é autor de vários livros, dentre eles "Cem Anos- Luz! O Imparcial: 1896-1996"; "O Sagrado Coração de Lola: a 'Santa' de Rio Pomba"; "Cidadão Frank – Ópera Luso-Brasileira em 58 Atos". São 12 obras marcantes e importantes.

Como bem destacou Valéria Áureo, no primeiro prefácio deste livro, Roberto Nogueira Ferreira, membro da Associação Nacional de Escritores-ANE (sediada em Brasília) e do IHGDF, oferece-nos uma bela viagem no tempo, iluminada pela magia e o encantamento, permeada pela imaginação e muita criatividade – e tudo isso reafirma ser ele "um escritor de excelência".

Fico muito honrado em recomendar ao público de língua portuguesa a leitura deste esplêndido livro, em que se mesclam, com mestria, História e ficção, pesquisa rigorosa e minuciosa, fino humor e sutil graça, amor ilimitado a Rio Pomba e um permanente toque mágico de poesia, que é a quintessência da literatura.



## O PRIMEIRO CRONISTA DE BELO HORIZONTE

Rogério Faria Tavares\*

Ao longo de seus cento e vinte anos, Belo Horizonte inspirou cronistas de primeira linha, como Carlos Drummond de Andrade, Djalma Andrade, Roberto Drummond e Fernando Brant. Nos dias de hoje, pode contar com a pena experiente de Manoel Hygino dos Santos e com o talento de Michele Borges da Costa. Observadores atentos e espirituosos do cotidiano e dos costumes, os autores das crônicas de jornal acabam redigindo, despretensiosamente, uma espécie de 'história paralela' da sociedade em que vivem, fonte valiosa de pesquisa para os estudiosos. É como muitos leem, atualmente, os textos escritos por Alfredo Camarate, considerado o primeiro cronista da capital mineira.

Nascido em Lisboa, em 1840, Camarate estudou no Reino Unido e viajou por diversos países, terminando por imigrar para o Brasil, em 1872. No Rio de Janeiro, trabalhou no comércio e colaborou em vários jornais. A ele se atribui a fundação da crítica musical brasileira. A mudança para Ouro Preto se deu em 1893, mesmo ano em que começou a assinar alguns textos no Minas Gerais, órgão noticioso da Imprensa Oficial do Estado. Convidado a integrar a Comissão Construtora da Nova Capital, chefiada por Aarão Reis, Camarate mudou-se com a família para o arraial em que se ergueria Belo Horizonte, iniciando a série de crônicas intitulada "Por montes e vales", sob o pseudônimo de Alfredo Riancho, em 1894, três anos antes, portanto, da inauguração oficial da cidade. Esquecido por décadas, o trabalho de Camarate foi resgatado pelo historiador Abílio Barreto em livro de 1936, e, depois, revalorizado pelo professor Eduardo Frieiro, cujos estudos possibilitaram uma edição especial da revista do Arquivo Público Mineiro, de 1985. Trabalhos mais recentes voltaram a iluminar a contribuição de Camarate para a literatura e a história de Belo Horizonte. Destaco os de autoria de Pedro de Castro Luscher e de Thiago Carlos Costa.

Imbuído das ideias em favor do progresso e da civilização, Alfredo sofria influência do positivismo, naquela época bastante forte, e do espírito republicano e modernizador. As grandes reformas urbanas feitas em algumas cidades europeias no século dezenove, sobretudo em Paris, pelo Barão de Haussmann, eram

\* Jornalista, escritor. Ocupa a Cadeira n° 8 da AML. Coordenador da Universidade Livre da AML. rfaritavares@gmail.com

modelos a serem seguidos. Sob essa ótica é que caminhava pelas ruas. Reparava em tudo. Escreveu sobre os bairros mais pobres, o estilo arquitetônico das casas humildes, os padrões hoteleiros, os hábitos alimentares, as cerimônias fúnebres, o aspecto físico dos habitantes do arraial...

Para quem gosta de imaginar como teria sido Belo Horizonte em seus primeiros anos, nada melhor do que ler o que Alfredo escreveu, como o trecho que reproduzo agora, de março de 1894: "(...) divisamos a povoação de Belo Horizonte, incrustada numa mata verde-negra e densíssima dentre a qual emergiam os campanários da igreja, construída nas primitivas simplicidades da arquitetura (...) Umbrasas muito humildes com aparência de cubatas e, nos intervalos das casas, longos muros de barro vermelho, assombrados por árvores frutíferas. Mas tudo aquilo muito limpo, muito alinhado e sempre da mesma forma e com o mesmo encanto se chega a Belo Horizonte; um 'belo horizonte; na realidade'!"



## DRUMMOND: A INFÂNCIA DA POESIA\*

Antonio Carlos Secchin\*\*

### Infância<sup>1</sup>

Carlos Drummond de Andrade

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
Minha mãe ficava sentada cosendo.  
Meu irmão pequeno dormia.  
Eu sozinho menino entre mangueiras  
lia a história de Robinson Crusoe,  
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu  
a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu  
chamava para o café.  
Café preto que nem a preta velha  
café gostoso  
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo  
olhando para mim:  
- Psiu... não acorde o menino.  
Para o berço onde pousou um mosquito.  
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava  
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história  
era mais bonita que a de Robinson Crusoe. (p.6)

\* Palestra proferida no Congresso "O mundo, vasto mundo de Drummond", na UFRJ, em 14/5/2002

\*\* Escritor, Professor Universitário, da Academia Brasileira de Letras, ocupante da cadeira número 19  
acsechin@uol.com.br



Eis um poema do primeiro livro de Drummond, *Alguma poesia*, lançado em 1930, e todos nós sabemos que o primeiro texto do primeiro livro de Drummond é o famosíssimo “Poema de sete faces”. Mas talvez nem todos saibam que o segundo poema do primeiro livro de Drummond é “Infância”.

Então, depois do “Poema de sete faces”, na seqüência do livro Drummond optou por colocar “Infância”. Para um bom poeta não é casual a inserção de um texto numa determinada seqüência dentro da obra. O que isso revela? O “Poema de sete faces”, em seus versos “*Mundo mundo, vasto mundo, / mais vasto é meu coração*” (p.5), denunciaria em Drummond umas das tensões da sua poesia, que é o ímpeto para mundo, o ímpeto do cosmo, uma força centrífuga. E logo a seguir, já no segundo poema, ele se recolhe para Itabira do Mato Dentro, para o texto de “Infância”, efetuando portanto um movimento centrípeto.

Assim, as oscilações entre a atração do mundo grande e o ensimesmamento na província já estão de alguma forma prenunciadas pela própria seqüência dos poemas no livro de estreia. Logo após um texto inicial, que fala do “*vasto mundo*”, surge outro em que há o recolhimento não só para um espaço preservado, interiorano e interiorizado, mas também para um tempo preservado, o tempo mítico da infância. Podemos, ao longo da trajetória de Drummond, acompanhar esses sucessivos movimentos de sístoles e diástoles, de expansões e retrações. Num determinado momento, vai predominar o cidadão com o sentimento do mundo e, logo após, teremos um fazendeiro do ar, recolhendo-se em seus mais íntimos recessos.

Outro aspecto interessante é que o poema se tece numa linguagem coloquial, corriqueira: não há termos mais sofisticados, a cena descrita remete vagamente a um ideal de tranquilidade, de idílio bucólico. Na família, cada um ocupa as funções protocolares, num contexto de Casa Grande. Tentaremos mostrar como, às vezes, há um certo descompasso entre uma apreensão algo ingênua que o significado do texto nos apresenta de imediato e uma tensão ou uma contradição entre esse significado explícito, que é, digamos, ofertado sem problema ao leitor, e uma sutil orquestração da *forma* do poema, colocando em xeque as primeiras “verdades” que nos foram mostradas. Sabemos que, numa determinada fase da obra mais tardia de Drummond, as feridas familiares vão sangrar com grande intensidade. Lembremo-nos de “Os bens e o sangue”, e de uma série de poemas dos anos 40 e 50 em que Drummond tematiza ostensivamente os dilemas e as fissuras da ordem familiar. Mas tais dilemas já estão lançados neste poema de 1930, como espécie de semente que vai frutificar bem mais tarde, e aqui se consigna de modo camuflado. Isso nos leva a uma retomada do texto para tentar demonstrar como é importante atravessar o que vigora serenamente na sua superfície do texto para capturar o que se esconde na urdidura dos significantes. Retornemos à primeira estrofe:

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
 Minha mãe ficava sentada cosendo.  
 Meu irmão pequeno dormia.  
 Eu sozinho menino entre mangueiras  
 lia a história de Robinson Crusóe,  
 comprida história que não acaba mais.

Leitura primeira: o poeta descreve um quadro familiar aparentemente harmônico. Ninguém está em conflito, e os membros da família são enunciados um a um. Atenemos, porém, para alguns problemas que o texto começa a nos colocar a partir da própria seqüência na apresentação da família: o pai, naturalmente, encabeça o grupo. A mãe ocupa o previsível segundo lugar. Mas o irmão pequeno está em terceiro, e o menino Drummond vem por último. Ora, numa hierarquia não conflituosa, ele ocuparia o terceiro lugar, antes do irmão mais novo. A sensação da exclusão não é manifesta no significado do poema, mas comparece em sua forma, na medida em Drummond se inscreve como o último dos elementos, fechando, ou se fechando, dentro dessa ordem anômala. Vejamos, agora, como essa família (não) se move. Todos estão envolvidos em atividade que implica simultaneamente movimento e estaticidade: “*Meu pai montava o cavalo, ia para o campo*”. Em relação ao cavalo, parado; em relação ao campo, andando. “*Minha mãe ficava sentada cosendo*”: parada, com movimento de mãos. O irmão, dormindo: tranquilidade e com oscilações possíveis do seu movimento de sono. Ele, sozinho, lia uma história. A mãe move os dedos na costura; ele repete esse movimento através da leitura, virando as páginas. E o pai, na rédea do cavalo, também fornece a sensação de que algo se move, mas também a de que algo está estático. A diferença é que, com exceção do pai, todos os outros estão literalmente parados: o bebê no leito, o futuro poeta encostado à mangueira e a mãe sentada. O pai, em oposição, é aquele que se afasta. Então, de todos eles, é o pai, no verso 1, quem começa uma viagem de perda, uma viagem de afastamento em relação ao núcleo familiar. E o menino já se afirma como “*gauche na vida*”, situando-se no quintal, território intervalar, duplamente deslocado, tanto em relação ao “dentro” da casa quanto ao “fora” da mata.

Além disso, nessa hierarquia, cada membro ocupa um verso. E há um outro fator muito expressivo: os versos terminam por um ponto. Exibem-se todos os membros da família, mas sintaticamente isolados. Um verso um ponto; outro verso, outro ponto. Assim, o trânsito familiar, que o leitor poderia supor pacífico, já é sutilmente embaralhado, tanto pela hierarquia meio *gauche* de haver o terceiro elemento vindo em quarto lugar, e o quarto em terceiro, quanto também pela presença dos pontos, obstando a que esse circuito familiar se engrene ou se integre de maneira mais contínua. Ainda a ressaltar, no fecho da estrofe 1, o derradeiro e, por ora, intrigante verso: “*comprida história que não acaba mais*”. Do

ponto de vista da gramática, haveria aí um erro. O poeta se está referindo ao passado, a uma ação pretérita, e deveria ter escrito “comprida história que não *acabava* mais” – ou seja, se utilizaria do pretérito imperfeito para conferir duração a uma ação no passado. Mas optou por “*comprida história que não acaba mais*”, no presente do indicativo. Fica um erro, entre aspas, gramatical, mas um grande acerto poético, do qual falaremos mais tarde.

Na segunda estrofe, algo vai alterar esse quadro de pacatas solidões:

No meio-dia branco de luz, uma voz que aprendeu  
a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu  
chamava para o café.  
Café preto que nem a preta velha  
café gostoso  
café bom

O clima amistoso propiciado pela figura de origem africana faz-nos lembrar “Irene no céu” (“*Irene preta/ Irene boa/ Irene sempre de bom humor*”<sup>22</sup>), de Manuel Bandeira, publicado no mesmo ano de 1930 em *Libertinagem*. A figura carinhosa da ama-de-leite, da mucama no regime patriarcal, povoou o imaginário de nossos grandes modernistas, Bandeira e Drummond. Mas, aqui, a presença da preta velha vai exercer outras funções, mais complexas do que aquele símbolo bonachão do poema do Bandeira. Ela surge para romper a solidão do menino, chamando-o para o café. Em relação à família, não houve diálogo, não houve trânsito. É um elemento externo a ela que vai inserir o menino num universo sensorial, ligado a cheiros, a luzes, a sabores, numa figuração prazerosa. No meio-dia branco de luz, irrompe uma voz negra. Retomemos as pertinentes observações que o crítico Silviano Santiago elaborou em sua leitura do poema (in: *Carlos Drummond de Andrade: Petrópolis, Vozes, 1976, p. 47 e seguintes*): a voz negra num espaço branco pode ser também entendida como metáfora de outro preto no branco, que é a tinta na superfície do papel onde o garoto estava lendo uma história. Então, a textura branca é invadida pelo discurso em negro que o chama para a vida e para a aventura, tanto no livro que lia como na voz da mulher. Começa a desenhar-se uma correspondência algo mágica entre o espaço da literatura, de onde provém esse primeiro preto no branco, e o espaço empírico da realidade, onde também ecoa uma voz negra no dia claro. E, se atentarmos para o livro que o menino lia, constatamos que nesse livro, *Robinson Crusoe*, o rompimento da solidão do protagonista se dá através do contato com uma etnia outra, a do índio Sexta-Feira. É exatamente esse o papel, no poema, da preta velha, representante de uma etnia diversa que desperta o garoto para a vida “real”, mas um “real” correspondente ao encanto do literário, como se fosse sua duplicação: diluem-se as fronteiras entre o lido e o vivido. O local onde o garoto estava, entre mangueiras, é também a réplica da vegetação tropical onde

Robinson viveu sua aventura.

Após o ambiente familiar da estrofe 1, o poeta descreveu um território externo de luz e prazer, na estrofe 2, para retornar ao espaço fechado e doméstico na estrofe 3:

Minha mãe ficava sentada, cosendo  
olhando para mim:

- Psiu... Não acorde o menino.

Para o berço onde pousou um mosquito.

E dava um suspiro. Que fundo!

Efetua-se a retomada quase literal de um verso da estrofe 1: “*Minha mãe ficava sentada cosendo*”. Na nova versão: “*Minha mãe ficava sentada cosendo/ olhando para mim*”. De início, é simples repetição de verso, mas agora num contexto em que tudo se altera. Em primeiro lugar, o pai desapareceu. Na nova ordem familiar remontada pelo poeta, o pai está ausente, uma vez que, ainda na primeira estrofe, fora para o campo: assim, já está “do lado de lá”, no lado do longe. E o afastamento do pai propicia dois efeitos: o primeiro é a criação de outra hierarquia: em “*ficava sentada cosendo, olhando para mim*”, Drummond se insere após a mãe, e não deslocado para o derradeiro lugar, como ocorrera na primeira estrofe. Além de o menino galgar para o segundo posto, é na ausência do pai que a mãe, olhando para um filho, fala do outro. O isolamento do ponto, na estrofe 1, deixa de existir, como se, com a retirada paterna, a família começasse a se mover e, de alguma maneira, a convergir. A mãe que está cosendo é quem costura a relação familiar, na medida em que desata o nó paralisador da intransitividade, dela e das crianças. Todavia, poder-se-ia objetar que, quando se dirige a Drummond, a mãe lhe diz que *não fale*: “*Psiu... Não acorde o menino.*”; desse ponto de vista, sua fala é uma incitação ao silêncio. Mas, por outro lado, ao preservar o silêncio, a mãe é a figura que permite o sonho. Leia-se a evocação madura do soneto “Carta”, em *Lição de coisas* (1962):

A falta que me fazes não é tanto  
à hora de dormir, quando dizias  
“Deus te abençoe”, e a noite abria em sonho.

É quando, ao despertar, revejo a um canto  
a noite acumulada de meus dias,  
e sinto que estou vivo, e que não sonho. (p.490)

Ora, se Drummond se queixa por não sonhar, recorda-se, como vão consolo, e que a mãe era aquela que permitia o sonho, que o liberava para o sonho. E, de alguma maneira, essa incitação ao silêncio de Drummond vai provocar

a própria criação do poema.: o poeta Drummond contesta e burla a proibição ao menino Carlos, falando sobre o fato de não ter podido falar, pois, em “Infância”, a voz é das mulheres – na segunda estrofe, a preta velha, portadora da promessa de perfumes e sabores; na terceira, a mãe, portadora do sonho.

Já a figura paterna está de todo ausente, como se verifica na estrofe 4:

Lá longe meu pai campeava  
no mato sem fim da fazenda.

Drummond, isola o pai, reforçando-lhe a carga de afastamento através de um dístico em que ele fica literal e graficamente apartado do resto da família. Ora, se o mato é sem fim, e se o pai se dirige ao mato, é claro que essa viagem não tem volta. Ele está perdido para sempre. Como o mato é infinito, há de haver sempre outros e longínquos caminhos para se perder mais e mais.

O poeta voltará a falar essa perda irreversível no poema “A mesa”, de 1951, em que convoca todos os familiares para uma impossível reconciliação, numa tentativa que finda nos seguintes versos:

Estais [o pai] acima de nós,  
acima deste jantar  
para o qual vos convocamos  
por muito - enfim - vos queremos  
e, amando, nos iludirmos  
junto da mesa

vazia. (p.300)

“Infância” se fecha pela afirmação “*E eu não sabia que minha história/ era mais bonita do que a de Robinson Crusóé*”, que pode ser associada ao último verso da primeira estrofe: “*comprida história que não acaba mais*”. Sm, porque a história de Crusóé acabou, não era tão bela assim. Acabou quando o herói se reintegrou à civilização. E Drummond, por ter sido poeta a vida inteira, pôde desenvolver esse facultade de circular ininterruptamente entre o reino da realidade pragmática e esse espaço imaginário onde tudo é possível. Ele pôde brincar de ser Robinson Crusóé com uma ilha portátil de poesia. - pois, na personagem naufraga de Robinson, nós localizamos a própria figuração do poeta, um ser apto a acolher vozes vindas de todas as direções, de todas as culturas e etnias, e recriá-las no timbre particular de sua intransferível dicção. E esse espaço mágico, que é o mais solitário e, ao mesmo tempo, o mais povoado de todos, espaço em que o indivíduo consegue transitar da solidão radical para a solidariedade mais irretrita, atende pelo nome de literatura.

### Notas

1 As citações de versos de Carlos Drummond de Andrade serão eztraídas de *Poesia completa*. Rio der Janeiro: Nova Aguilar, 2001, e as páginas onde se encontram os versos serão indicadas no corpo do texto.

2 BANDEIRA, Manuel. Irene no céu. In: ---. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1966. p.125.



## SIMPLES ANÁLISE DA PALAVRA E DO VERBO DIANTE DOS POEMAS 'INFÂNCIA' E 'A MESA' DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*Carmen Schneider Guimarães\**

O poema "Infância" é um postal engastado na memória do menino Carlos.

Muito pouco se pode dizer, em análise, do texto poético "Infância", de Carlos Drummond de Andrade, após o especialíssimo estudo que Antônio Carlos Secchin escreveu e pronunciou em duas marcantes oportunidades: Palestra proferida no Congresso "O mundo, vasto mundo de Drummond" na UFRJ, e "Infância", no BDMG - Cultural, em Belo Horizonte.

O escritor, poeta e acadêmico, referido com os mais valiosos qualificativos de um analista e crítico literário, abordou assuntos pautados acima da simples leitura do poema. Entranhou-se Secchin na selva poética de Drummond, com a força de sua agudez intelectual para extrair da pouca oferta do poeta, uma substancial colheita; no seu trabalho está, com Antônio Carlos Secchin, o que ele entendeu ser a raiz dos versos e o conceito do texto. O analista vai buscar em outras poesias de Drummond, em algumas opiniões de grandes estudiosos e até poetas, em passagens reveladoras da fala de Drummond, novos estudos, justificativas para as verdades elaboradas em seu trabalho. Seguindo-lhe o exemplo, encontrei em "A Mesa" certos pensamentos do poeta que falam sobre o assunto: "A infância não passa de subtrações/ na tradição da família./Tudo é fotografado na coleção da parede".

Arvorei-me em buscadora de palavras e vidente intérprete de intenções, com o que apresento pequeno achado de primeira vista.

### INFÂNCIA

O primeiro verso já diz muito: o distanciamento entre o pai e o filho, quando o menino usa a expressão "meu pai", em vez de "papai"; torna-se evidente também a prática diária da ação, entendida pelo tempo do verbo – "montava e ia", quando há continuidade no ato de montar, em vez de "montou e foi".

\*Escritora. Ocupa a cadeira nº 5 da AML. Presidente emérita da AFEMIL - Academia Feminina de Letras. [carmenschneiderguimaraes@yahoo.com.br](mailto:carmenschneiderguimaraes@yahoo.com.br)

No segundo verso, repete-se o mesmo distanciamento, agora com “minha mãe”, em vez de “mamãe”, usado pelas crianças, “ficava sentada”, e não “estava sentada”, o que reforça o desapego de mãe e filho, intuindo a que se pensasse que ela talvez não fosse ter outra atitude com relação a ele, porque permanecia sentada.

Aponta também para separação entre o pai, que “ia” e a mãe que “ficava”. Ela não “estava sentada”, mas “ficava sentada”. O pai ia sem se despedir da mãe nem do filho, ou ao menos, passar-lhe a mão pela cabeça. Assim começavam a formar-se as características do pequeno “gauche”. Ele se sentia sempre à margem das pessoas e das coisas. Na verdade, parece que era à sua volta que existia certa ambiência desconfortável, e ele se deixava modular sempre à esquerda.

Ainda na primeira estrofe, depois da partida do pai, apenas o menino animava a cena, após dizer que “meu irmão pequeno dormia” e ele, menino sozinho, lia depois da caminhada até as árvores; Carlos parecia não ter um cão, nem um cavalinho para pequenas cavalgadas, e achava refúgio amistoso entre as mangueiras, talvez aquelas plantadas próximas da varanda da casa, onde o grupo se encontrava, para fugir da inclemência do sol, agora do meio-dia. E é justamente nesse horário, que a segunda estrofe conta que “no meio-dia, branco de luz, (mesmo que a luz não seja branca), talvez para contrastar com a cor da velha preta, que chamava para o café. Pode dar-se também a equivalência do papel branco e a tinta preta da leitura do livro, lembrada por Antônio Carlos Secchin.

No texto, não foram usados, até certo momento da poesia, adjetivos e nem advérbios. A polêmica expressão “que não acaba mais” apenas substitui o adjetivo “inacabável”, e parece que o enredo acompanha Carlos sempre, por isto, “não acaba mais”.

“Fazendeiro do ar”, por quê? Carlos não pisava com firmeza o chão da fazenda do Pontal. Sentia-se um pouco fora de foco, desambientado. Criança, não se encantava com as ofertas campestres, preferia as novidades da leitura. Não se deixara atrair pelas lides oferecidas ao pai e que, com certeza, seriam as suas. Campear, por exemplo, que é, na realidade? Quem vive na fazenda sabe que se trata de ir atrás de animais fugidos ou desgarrados da boiada, para trazê-los de volta, o que não se faz apenas no campo, como disse o menino Carlos: “campeando na mata sem fim da fazenda”.

Embora vivendo ao ar livre, não se sentia preso aos quefazeres sempre repetidos que via do pai, fazendeiro. A poesia libertava-o, daquele círculo opressor sobre suas expansivas atividades intelectuais. Ele queria ser diferente, quem sabe, voar? E repetia: “Não sufoquem a infância”... E talvez nesse tempo, declarasse: “Retrato da parede” (...) “Olhando o azul do azul da fazenda do Pontal/ descobriu a infância e que as suas histórias/ eram bem mais bonitas do que a de Robinson Crusóé”.

O “irmão pequeno” o que é? Seria o “irmãozinho”, se na família assim

fosse chamado. A mãe disse apenas “Não acorde o “menino”. Nota-se certa frieza revelada nos versos de Carlos; seria uma “queixa”? É verdade que mais tarde, o poeta tenta melhorar seu relacionamento na poesia com sua mãe, o que se vê no poema “Os pais”, no livro “A Mesa”: “Mãe se escreve com ememaiúsculo suave/ pai se escreve com pemaiúsculo dobrado./ Abença pai – a bença mãe”.

Costume antigo de se dizer ao filho mais velho, quando a mãe estava grávida: “Você vai ficar no canto!” Era como Carlos se sentia! Não é o que o poeta escrevia a respeito dos 13 irmãos, contando os “anjos”, nos versos ali na grande “Mesa”, espiritualmente recomposta e refeita – poema de estrofe única com trezentos e quarenta versos heptassílabos brancos. “A reunião dos filhos/ ou “São todos anjos./ Rezar aos anjos/para esquecer perdas/as perdas aguçadas/de saudades petrificadas/ foram catorze e hoje *ad infinitum*.”

Voltando à “Infância”, nota-se também o emprego de expressões substituindo advérbios, bem como ausência de adjetivos, como já dissemos.

De muito relevo é o fato que Antônio Carlos traz para ser considerado com atenção: “às vezes, Drummond se fecha em difíceis copas, outras se deixa expandir em consideradas formulações.”

Nenhum qualificativo para os membros da família, a não ser a farta descrição e os adjetivos referentes à ex-escrava, possivelmente a “mãe de leite”: ela era preta, sua voz inesquecível nos embalos de fazer dormir, que possivelmente levavam a sonhar; habilidosa com a arte culinária, pelo menos, o café era gostoso e bom e preto que nem ela. Não se esquecia das cantigas de ninar, e ele sabia disto porque ela o ninara, com certeza, e era para o colo de quem “o sozinho menino”, ignorado, o “gauche”, gostaria de fugir; em vez disto, refugiava-se entre as mangueiras amigas, e lia o seu companheiro de solidão, o livro de Robinson Crusóé. Em belos versos futuros, o poeta fala de sonhos após o carinho de mãe (branca) que o fazia adormecer e sonhar.

O menino do texto de Drummond não se refere a escolas, e aquele deveria ser um tempo de férias, mas com certeza, ele já era bem mais que alfabetizado, pois o livro que lia não era de simples livro infantil. Ao contrário, a história de Robinson Crusóé, citada por ele, compunha-se de momentos de fortes e pesadas cenas de sofrimento e morte, assassinatos e até canibalismo, dando motivos a que a criança ansiasse por instantes felizes. Seu desejo era de que aquela agonia se acabasse logo, tanto para o náufrago, como para ele. O que não acontece; Carlos pensava nos primeiros sonhos, quando ainda no colo de sua babá. A história de Crusóé está no livro, por isso, é inacabável, não acaba mais.

Carlos Drummond de Andrade ainda não se achava capaz de escrever uma história com começo, meio e fim, razão por que se valia de versos, que poderiam conter grandes e variados significados. Resolveu, entretanto, tentar, e partir para os “*Contos de Aprendiz*”, nos quais inclui também textos vividos por crianças.

Belo dia, há sempre um belo dia no tempo histórico de grandes personalidades, Drummond decidiu que era hora de escrever sua verdadeira biografia, e seria em versos brancos. Com esta disposição, colocou diante de si a imagem bem guardada de uma famosa comemoração. Tratava-se de conagração pelos setenta anos de seu pai, Carlos de Paula Andrade, e agora, diante do poeta, já seriam noventa anos. Desta fantasiosa comemoração, nasceu o fabuloso livro, já citado, “A Mesa”.

Estava ali o poeta, na Fazenda Três Vinténs, dos idos das lavras do ouro, com a senzala. A mesma fazenda que tivera plantação de café, com a própria moenda no ribeirão que corta as terras do Coronel Carlos de Paula Andrade, cujo Coronel, mais tarde, encantou-se com a viçosa cultura dos vinhedos, e chegou a produzir vinho de excelente qualidade.

Tempos passados, o poeta, tendo necessidade de comunicar-se mais com as pessoas, deliberou escrever Crônicas do Dia a Dia para jornal.

Em resumo, podemos concordar com a conclusão do Professor Antonio Carlos Secchin, que lembra o poema “Infância” e o “Poema de Sete Faces”: “Mundo, mundo, vasto mundo / mais vasto é o meu coração”, quando declara que Drummond “se recolhe para Itabira do Mato Dentro” no poema “Infância” e volta-se para o “sentimento do mundo e, logo após termos um fazendeiro do ar, levado para os seus mais íntimos recessos”.

Depois que a família deixou a fazenda, apenas o irmão Altivo permaneceu ando-lhe assistência e vida; e seguindo os passos do pai, seu filho o sucedeu, enquanto Altivo foi fazer o nome no Rio de Janeiro, como jornalista e valoroso advogado.

## MINAS É MUITAS”

*O texto em questão complementa artigo do número anterior da acadêmica Carmen Schneider Guimarães, não inserido na edição, por equívoco.*

Na verdade, o que o texto estampa é o seguinte:

“Quando o sujeito do verbo ser (e outros verbos de ligação) for:

a) palavra de sentido amplo, como “vida”, “humanidade”, “ciência”... (etc); (no caso, Minas);

b) isto, isso, aquilo... mais predicativo no plural – o verbo pode concordar com o sujeito (singular) ou com o predicativo (plural):

Exemplos:

“O mundo” será lutas?

“O mundo” serão lutas?

“A ciência” parecia sonhos

“A ciência” pareciam sonhos.

“Isto” é estórias

“Isto” são estórias

“Tudo” era amolações.

“Tudo” eram amolações

*O tema continuava no parágrafo 128, da página 203, sob o título: “Predicativo do Sujeito”, onde encontramos citados inúmeros verbos de ligação e alguns que podem funcionar como tais: permanecer, tornar-se, achar-se, começar, acabar, e uma série de outros.*

E Vivaldi terminou o assunto com mais uma de suas irreverências costumeiras: “Publique-se: “Aviso aos imbecis: “Não tentem corrigir Guimarães Rosa!”.



## A ESPIRITUALIDADE EM PETRÔNIO BAX\*

Roque Camêllo\*\*

Carmópolis o viu nascer em 1927 e seu bucólico e poético sítio nas cercanias de Belo Horizonte deu-lhe as portas da eternidade em 2009.

Foi uma longa viagem de 82 anos, longa não pelo caminho percorrido nem pelo tempo, mas pelo conteúdo de sua vida refletindo em sua arte e em sua humanidade que construíram o *homo spiritualis*: PETRÔNIO BAX.

Desde criança assumiu um compromisso com o eterno. Era um ser da transcendência. Homem do silêncio e da aleluia pelo dom da vida, parecia a todos que dele se aproximavam uma usina da luz. Era amante da música suave que o arrebatava ao êxtase da criação. Amava a natureza e se deixava envolver por ela. Os pássaros, as borboletas, as abelhas, os grilos, os vagalumes, as cigarras, as formigas, os seres pequeninos que habitavam ou visitavam seu *minimum minimorum* latifúndio na Lagoa do Miguelão, ele os tinha todos como irmãos.

Bax amava viver em grau sublime de intensidade e tinha uma predileção especial pelas crianças e pelos jovens, fases da existência que, aliás, nunca o deixaram. Soube manter dentro de si a infância e a juventude. Suas obras, nas artes plásticas e na literatura, refletem a pureza própria de tais momentos.

Tinha paixão pela lua, pelo sol, pelo amanhecer, entardecer e anoitecer. Gostava da chuva e do seu cair sobre a casa, sobre as árvores, sobre os jardins que emolduram ainda hoje o espaço de seu atelier, verdadeiro templo da criação.

Distante do mar, crescendo e vivendo entre montanhas, tinha um profundo amor às águas e, por isso, parecia estar sempre mergulhado no mar, dividindo seu tempo com as coisas, os peixes e os frutos do mar.

Filho de pai holandês, que o destino trouxe para o Brasil, certamente, quando criança, pois assim, certa vez poeticamente me externou, imaginou como seria viver em um lugar abaixo do nível do mar. Aí poderia estar a gênese de seu amor às águas e, portanto, ao mar com tudo aquilo que é do mar.

Mirar a água, ouvir seu som, olhar para o céu, ultrapassar as nuvens, sentir a suavidade do ar e buscar a lua e as estrelas, tudo para Bax era encontrar o Infinito.

\* Conferência pronunciada na Casa de Minas Gerais (SP) em 8 de março de 2012.

\*\* Ex-Presidente da Academia Marianense de Letras, falecido em 18 de março de 2017.

Não poderia ter sido outra coisa que não artista e poeta, pois ambos carregam o sentimento do mundo por onde ele passou espiritualizando a si e aos outros.

Sua pessoa foi sempre um hino à vida enquanto seus dias encarnavam a fé, a esperança e o amor ao próximo. Esta era a religião que o unia ao Criador e lhe incentivava os passos na busca da verdade, sedimentando sua origem e seu futuro no Eterno.

Ainda que se pensasse um grão de areia no cosmos, não se abdicava de ser partícula do Criador Infinito.

Poeta, deixou-nos 5 obras literárias de extraordinária leveza: Espelho de Alexandra, Som de Um Caramujo, Barco-Sonho do Pintor, Espelho das Águas e Das águas ao Espírito.

Artista plástico, iniciou sua carreira em 1946 sendo aluno do grande Alberto da Veiga Guignard, responsável pela formação de uma plêiade de jovens que se notabilizaram e engradeceram as artes nacionais.

Foram mais de 60 anos dedicados à vida artística, estando suas obras em muitos Estados brasileiros e no Exterior. Muito se escreveu sobre Petrônio Bax desde sua primeira individual em 1951, até a retrospectiva da obra na Galeria Alberto da Veiga Guignard no Palácio das Artes, da Fundação Clovis Salgado, em 2008, quando se lançou o livro "Bax, Vida e Obra", de Ivone Luzia Vieira.

Está ele presente no Dicionário das Artes Plásticas no Brasil (1969), na *Enciclopédia Delta Larrouse* (1972), no *Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos do MEC* (1973), no *Suplemento Literário do Minas Gerais* (Edição Especial de 1987), em *Artes Plásticas – Brasil*, de Júlio Louzada (1989), no *Dicionário de Pintores Brasileiros*, de Walmir Ayala (1997).

Há diversos vídeos sobre ele e com depoimentos seus como "Guignard – A Educação e o Olhar", direção de Paulo Vilara com realização do B DMG Cultural (1996), "No Jardim de Bax", direção de Ana Romano, realização da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte pela Fundação Municipal de Cultura, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (2006) e "Bax: 80 anos de vida e Exemplo", direção e produção conjunta de Márcio Almeida, Luciano Soares e Wolney Rodrigues, com realização da Prefeitura de Carmópolis, sua terra natal (2007).

Agora, eis-me inaugurando esta mostra: "BAX – 200 FACES DE JESUS DE NAZARÉ", em São Paulo, nesta casa que o governo mineiro instituiu como sua representação e denominou Espaço Minas Gerais.

Minas e São Paulo são dois Estados fundamentais para as altas e justas pretensões do Brasil, não que aos demais não caiba esta missão ou que estejam dela eximidos. Apenas o que, agora, nos remete é uma responsabilidade maior e inalienável para com a pátria até mesmo porque somos parte um do outro. Há situações históricas que nos entrelaçam fortemente. O próprio descobrimento de Minas e seu apogeu ao findar o Século XVIII com o deslocamento do eixo eco-

nômico, social e cultural da região litorânea para o desconhecido interior, se deu a partir das Bandeiras que saíram de São Paulo, mais especificamente de Taubaté. Tanto o foi que este simpático e próspero município paulista tem uma pequena diferença de idade, apenas 50 anos, em relação a Mariana, a primeira Capital de Minas, onde está sepultado seu fundador, o taubateano Salvador Furtado de Mendonça.

Para mais demonstrar este liame histórico esta sempre jovem e pujante São Paulo, a cidade de todos os brasileiros, já teve como capital a Vila do Ribeirão do Carmo, hoje Mariana, quando se tornou sede episcopal em 1745 junto com Mariana, pelo mesmo documento papal, a *Bula Candor Lucis Eernae*, o que gerou a elevação das duas Vilas de então à categoria de cidades, pelo Rei Dom João V.

Os séculos seguintes foram testemunhas da relação biunívoca de compromisso dos dois Estados a favor sempre da Federação Brasileira e do desenvolvimento da Nação.

E quando se fala em desenvolvimento, é indispensável que se fale em Cultura, que é a carteira de identidade de um povo.

Não basta o progresso material, se o destinatário do bem comum ficar à margem, sem proveito na educação, na cultura, na saúde, na segurança, no morar e se transportar condignamente, no comunicar-se bem porque somos da polis, enfim, por esses comezinhos elementos que constroem a paz social.

Pois bem, aqui estamos, no coração mais ativo do Brasil; onde ainda pulsa a velha frase "São Paulo não pode parar", o que é verdade e isto para o bem do Brasil, aqui estamos para, num momento de enlevo espiritual, inaugurar uma exposição de arte que é batizada com este sugestivo nome: "BAX: AS 200 FACES DE JESUS DE NAZARÉ". Este "Espaço Minas Gerais", nós o podemos ter como o lugar do repouso para recobrar forças para a caminhada, para um momento de reflexão, para um encontro com o transcendente.

Somos, de fato, chamados pra o Infinito, evidentemente, sem nos descuidar dos compromissos e missões na construção de nossa história individual e coletiva.

Pois bem, após completar, 80 anos, prestamos-lhe uma homenagem, em Mariana, expondo, com sua presença, parte de seu rico acervo na Casa de Cultura e, quando faleceu em 2009, como prefeito municipal, decretei luto oficial por 3 dias considerando a grande perda para a Cultura de Minas Gerais e do Brasil.

Bax soube cumprir esta tarefa com maestria. Não o fez sozinho porque ninguém é uma ilha absoluta. Somos partes um do outro. Jamais Bax rompeu com o seu passado porque é no chão do ontem que as raízes se ocultam e assimilam a vida. Sua trajetória comprova que o futuro depende essencialmente desse chão.

Por isso, plantou suas árvores, buscando para seu regaço a Leda e, com esta, colheu esses dois frutos maravilhosos, o Eduardo e a Simone Bax, a curadora desta mostra.



Ao fazermos esta viagem de encantos por entre as “200 Faces de Jesus”, sintamos que Petrônio Bax pintou mais do que os olhos, o olhar de Jesus, um olhar para o Infinito, aquele “locus” que, um dia, Ele afirmou Ser a “Casa de meu Pai” e onde há morada para todos.



## VINTE ANOS SEM O ACADÊMICO DOM OSCAR DE OLIVEIRA\*

*J. D. Vital\*\**

Faz 20 anos que o arcebispo de Mariana e acadêmico dessa casa, dom Oscar de Oliveira, nos deixou. Ele morreu aos 85 anos de idade, em fevereiro de 1997.

Foi aquele um ano de muitas perdas no circuito internacional.

Vamos lembrar algumas delas:

Deng Xiaoping, o criador do capitalismo de estado na China.

A princesa Diana, vítima de um acidente de carro dentro de um túnel em Paris, acossada por paparazzi. Lady Di morreu em 31 de agosto, mas permanece querida pelos ingleses como “a Princesa do Povo”.

Herbert de Souza, nosso conterrâneo Betinho, de BH. Criador da campanha contra a fome. Ele ficou famoso na voz de Elis Regina, como o irmão de Henfil, entre os que deixaram o Brasil num rabo de foguete nos tempos da ditadura.

Vicente Matheus, presidente do Corinthians.

Dois educadores memoráveis: Darcy Ribeiro e Paulo Freire.

Um jornalista também inesquecível, apesar de preconceituoso: Paulo Francis.

O criador da TV Globo, Walter Clark.

E a recém canonizada Madre Tereza de Calcutá, criadora das missionárias da caridade na Índia.

Talvez, o arcebispo Dom Oscar de Oliveira seja um dos menos lembrados no grupo dos que partiram vinte anos atrás.

Ele, o terceiro arcebispo de Mariana, sucessor dos arcebispos Dom Silvério Gomes Pimenta e Dom Helvécio Gomes de Oliveira, membro da Academia Mineira de Letras e obstinado criador de museus sacros morreu na madrugada do dia 23 de fevereiro de 1997.

Dom Oscar morreu na cidadezinha onde nasceu e foi coroinha, a simpática Entre Rios de Minas, a meio caminho de São João del-Rei.

Desde quando renunciou ao áureo trono de Mariana, por força do Direito

\* Palestra na Academia Mineira de Letras em 10.8.2017.

\*\*Jornalista, ex-assessor de Imprensa do Governo de Minas; jd vital@cbmm.com.br

Canônico, e foi substituído em 1988 por Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, nosso arcebispo emérito recolheu-se ao aconchego da vida pacata. Tal qual o estadista e herói francês, Charles De Gaulle, que após liderar a França na guerra e na paz, buscou a tranquilidade de Colombey-les-Deux-Eglises.

O quase esquecimento da importância histórica e cultural de Dom Oscar de Oliveira deve-se, creio eu, a razões ideológicas e a armadilhas da História.

Parte da esquerda católica tomou nota, parágrafo por parágrafo, palavra por palavra, da carta-pastoral que o arcebispo escreveu em 9 de fevereiro de 1964, intitulada *Comunismo, Religião e Pátria*.

O deputado federal padre Pedro Maciel Vidigal, do PSD, encarregou-se de dar-lhe eco nacional, lendo da tribuna, o texto de seu velho amigo e colega do Seminário de Mariana.

Estávamos nos estertores do governo do presidente João Goulart. Pouco depois, Jango, como todos sabemos, foi afastado pelo golpe militar de 31 de março.

Em 1965, padre Pedro Maciel Vidigal, com o beneplácito do arcebispo Dom Oscar, conseguiu junto ao Vaticano autorização para deixar o ministério sacerdotal e se casar. Ele se casou em janeiro de 1966 com Rute Guerra.

Ainda em 1966, outro acontecimento deu vazão a novos comentários e posicionamentos dos devotos do esquerdismo denunciante na Igreja. Em 8 de setembro, após uma série de desavenças, mal-entendidos e incompreensões, foi fechado o Seminário Maior de Mariana, conforme relato em meu livro "A revoadada dos anjos de Minas ou a diáspora de Mariana".

O episódio feriu e amargou a alma católica de Minas. E ganhou o furor nacional de muitos esquerdistas católicos que, às vezes, para estribar suas convicções ideológicas, costumam lançar ao geena da história quem pensa ou age de forma diferente da deles. Dizia-se, em visão simplista, que o seminário fechara porque o arcebispo, alinhado ao governo militar, batia-se contra os avanços do Concílio Vaticano II.

Não importa se os fatos não tenham sido bem assim.

Essa intolerância, com desvios que ainda hoje racham nosso país e dividem amigos e famílias, foi criticada um século atrás, exatamente em 1920, por Lênin, no livrinho *Esquerdismo, a doença infantil do comunismo*.

Por isso, até nos dias atuais muitos preferem enxergar no arcebispo Dom Oscar de Oliveira apenas um membro da "troica" conservadora da Igreja em Minas, junto com o arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo de Proença Sigaud, e o arcebispo de Pouso Alegre, Dom José D'Angelo Neto.

Daí, vem a má vontade dos que pouco o consideram, seja no campo pastoral, seja no cultural ou na literatura.

De sua lavra poética, dedicada especialmente à Mãe de Deus, sei pouco. Mas o secretário de Cultura de Minas, Angelo Osvaldo de Araújo, de memória invejável, recita uma quadrinha de verso singelo:

*Nossa Senhora faz meia  
Com linha branca de luz;  
O novelo é a lua cheia  
E as meias são pra Jesus.*

Não esperem de mim, por carência de conhecimento de teoria literária, dissertações sobre a obra do acadêmico que aqui chegou em 11 de maio de 1984, saudado pelo então governador de Minas e também acadêmico, Tancredo Neves. Dom Oscar tomou posse na cadeira de número 27, na vaga deixada pelo cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta.

Vivíamos dias de efervescência política. Em Minas e no Brasil. O governador Tancredo Neves trocara o gabinete no segundo andar do Palácio da Liberdade pela cabine do bimotor do governo mineiro. Em articulações frenéticas, mas secretas, Tancredo rodava o Brasil em busca de apoio para viabilizar-se como candidato à sucessão do general presidente João Baptista de Figueiredo.

Mesmo assim, o governador encontrou uma brecha em sua tumultuada agenda para comparecer à Academia e fazer o discurso de boas-vindas a Dom Oscar. Eu me lembro desse dia. Era chefe da Assessoria de Imprensa e Relações Públicas do Governo de Minas.

Essa iniciativa da Academia Mineira de Letras de homenagear Dom Oscar alinha-se ao gesto do então presidente da Casa, Vivaldi Moreira, e do acadêmico Tancredo Neves. Por isso, cumprimento a presidente Elizabeth Rennó e particularmente meu amigo e jovem acadêmico, Rogério Faria Tavares, a quem agradeço o convite para dizer algumas palavras sobre o arcebispo de minha arquidiocese.

Autor de poesias elogiadas pelo estilo clássico por dois acadêmicos dessa casa, o sociólogo Edgard de Vasconcelos e o cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho, Dom Oscar publicou os livros poéticos *Moinho D'água* e *Estância de Saudades*. O cônego Vidigal de Carvalho tem autoridade para analisar a obra literária do arcebispo, a quem dedicou o livro *Dom Oscar de Oliveira: um apóstolo admirável*.

O então presidente da Academia, o saudoso senador Murilo Badaró, me disse sobre o cônego Vidigal de Carvalho: "é o maior orador sacro de Minas". Badaró se referia ao rico discurso, feito de cor, por Vidigal de Carvalho quando tomou posse na cadeira de número 12, já ocupada por Alberto Deodato, Tancredo Neves e por meu amigo o ex-prefeito de Araxá Olavo Drummond, sob a égide do patrono Alvarenga Peixoto.

Permitam-me lembrar que, menino, Oscar de Oliveira foi para o Seminário Menor de Mariana em 1925. Em 1933, concluído o segundo ano de Teologia, foi enviado a Roma pelo arcebispo Dom Helvécio Gomes de Oliveira. Só os estudantes mais talentosos eram eleitos para estudar na Pontifícia Universidade Gregoriana. Em meu livro *Como se faz um bispo, segundo o alto e o baixo clero*, re-

produzo o pensamento geral da época de que estudar em Roma era meio caminho andado para a mitra episcopal.

Sua escolha não despertou inveja, mas admiração, segundo disse ao cônego João Francisco Ribeiro, de Santa Bárbara, meu padrinho de crisma e amigo, monsenhor Gerardo Magela Pereira, vigário da matriz de São João Batista, em Barão de Cocais. Na despedida, rumo à Cidade Eterna, o então teólogo Oscar de Oliveira foi saudado pelo colega de turma Gerardo Magela Pereira, de Capela Nova, mais tarde agraciado com o título de monsenhor pelo colega arcebispo.

Quando chegou a Roma, os seminaristas brasileiros estudavam no Colégio Pio Latino-Americano, junto com estudantes de fala espanhola. No ano seguinte, Oscar de Oliveira, junto com José Alves Trindade, mais tarde bispo de Montes Claros, e Agnelo Rossi, futuro cardeal de São Paulo, integrou a turma de 33 alunos fundadores, em 1934, do Pontifício Colégio Pio Brasileiro, na Via Aurelia.

Sua ordenação sacerdotal aconteceu em 1935, aos 23 anos de idade. Oscar permaneceu em Roma cursando Direito Canônico. Sua tese de doutorado, com que foi aprovado em 1938, mereceu o grau *summa cum laude*, na Universidade Gregoriana, em Roma, sob o título *Os Dizimos Eclesiásticos do Brasil nos períodos da Colônia e do Império*.

De regresso ao Brasil, lecionou Direito Canônico no Seminário Maior de Mariana e foi cura da catedral. Em 1954, foi feito bispo coadjutor da Diocese de Pouso Alegre pelo Papa Pio XII. Em 1959, o Papa João 23 o levou de volta a Mariana para socorrer o arcebispo Dom Helvécio Gomes de Oliveira, já adoentado. Com a morte de Dom Helvécio, em 1960, Dom Oscar tornou-se o terceiro arcebispo da Cidade dos Bispos e Primaz de Minas.

Destaco sua atração pelo jornalismo. Oscar criou o jornal *O Arquidiocesano* que circulou por 36 anos. Instalou a Gráfica Dom Viçoso, ainda em plena operação, enfim seguiu a tradição jornalística de seu antecessor, dom Silvério Gomes Pimenta, que fundou e dirigiu os jornais *O Bom Ladrão* e *O Viçoso*.

Ainda não se deu o devido reconhecimento ao legado inovador e patriótico deixado pelo arcebispo de Mariana, dom Oscar de Oliveira, ao patrimônio histórico, artístico e cultural de Minas Gerais.

Aqui se desconhece ou se faz pouco caso para com sua obra. Instituições internacionais, como a Unesco, pensam diferente. Elas alardeiam sua contribuição à preservação dos bens culturais brasileiros. Dos quatro museus que criou, o Museu da Música recebeu em 2011 o reconhecimento do Programa Memória do Mundo, da Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. O Museu mineiro está na boa companhia da Fundação Oscar Niemeyer, do Museu Nacional de Belas Artes e da Fundação Biblioteca Nacional.

Instalado no antigo Palácio dos Bispos, o Museu da Música orgulha Minas Gerais. Fundado em 6 de julho de 1973, com a presença do ministro da Educação Jarbas Passarinho, o museu reúne cópias de “missas, novenas, ladainhas,

Te Deums, motetos e antífonas de Semana Santa, hinos, cânticos e também dobrados e arranjos de bandas”, segundo outro biógrafo de Dom Oscar, monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues no livro *O Báculo e a Mitra de Dom Oscar de Oliveira, 11º Bispo e 3º arcebispo de Mariana (1960 – 1988)*. O livro integra a coleção “Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana”, de que monsenhor Flávio é ilustre diretor.

O arcebispo saiu por sua vasta arquidiocese garimpendo partituras do barroco mineiro que estavam literalmente jogadas às traças. Ou, no dizer do pesquisador alemão Curt Lange, vinham sendo utilizadas como papel de embrulho nos vilarejos mineiros.

Composições musicais que, no passado, cantaram as belezas celestes nos coros das nossas igrejas estavam desaparecendo carcomidas pelo tempo, por insetos e pela incúria. Dom Oscar conseguiu salvar inúmeras peças sacras, inclusive de minha terra, Barão de Cocais. Relíquia preciosa é a partitura manuscrita de Lobo de Mesquita, “a partitura mais antiga encontrada no Brasil (1783) e vedete número um do Museu”, segundo monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues.

O Museu da Música foi precedido pelo Museu da Arte Sacra, criado em 8 de abril de 1961, apenas um ano após ser empossado em Mariana, com a morte de Dom Helvécio. Ele fora nomeado arcebispo coadjutor de Mariana, em 1959 pelo papa São João 23.

Ele ganhou a admiração de todos pelo zelo na coleta de obras sacras, imagens, castiçais, paramentos e outras peças, para o Museu de Arte Sacra da Arquidiocese.

Sua iniciativa me faz lembrar a rainha Vitória, da Inglaterra. Informada do risco que os cedros do Líbano corriam de extinção, pelo excesso de devastação, mandou construir, com recursos do erário inglês, um muro protegendo as poucas árvores remanescentes no povoado Becharre. Pouca gente sabe disso. Nem por isso, o pioneirismo de Sua Majestade tem menos importância.

Estive lá em julho. A Floresta dos Cedros de Deus, assim chamados pelo seu parentesco com a eternidade divina, conserva alguns cedros que ultrapassam a casa dos 3 mil anos de idade. São contemporâneos dos cedros que o rei Salomão mandou buscar em Tiros, não longe dali, para construir o Templo de Jerusalém.

O Museu de Arte Sacra foi instalado na antiga Casa Capitular, um belo sobrado de estilo rococó construído a partir de 1770 para servir de sede do cabido local. O acervo reúne cerca de dois mil objetos de arte, como esculturas em pedra sabão de Aleijadinho e Francisco Xavier de Brito, e pinturas de Mestre Ataíde. Destaque para um relicário de ouro com 168 brilhantes, para o mobiliário requintado, louças chinesas, objetos particulares de bispos, jarras de porcelana – um primor de acervo. Hoje, o museu é dirigido pelo querido amigo, cônego Nedson Pereira de Assis.

O vanguardismo de Dom Oscar inspirou a criação de outros museus de arte sacra em Minas Gerais, como o Museu do Aleijadinho, fundado em 1968 pelo nosso querido Dom Francisco Barroso, na igreja de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, em Ouro Preto. O Museu do Pilar, também em Ouro Preto, foi fundado pelo padre José Feliciano da Costa Simões na década de 1980 e o de São João del Rei, inaugurado em 1992. O Museu do Oratório, em Ouro Preto, criado pela empresária Ângela Gutierrez em 1998, dá sequência à volúpia memorial de Dom Oscar. E em 2015, foi inaugurado o Museu de Congonhas, com traço do arquiteto Gustavo Penna, na Cidade dos Profetas.

Meus amigos,

Vou parar por aqui, limitando-me a citar outras iniciativas de Dom Oscar. Como a restauração do órgão da catedral, fabricado pelo celebrado artista alemão Arp Schnitger. Nessa louvável empreitada, o arcebispo contou com o apoio do então presidente da Cemig, Francisco Noronha. Os turistas se encantam com as audições dominicais das organistas Elisa Freixo e Josélia Godinho.

Cito ainda a criação da Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana – FUNDARC, mais tarde dirigida por meu querido e saudoso Roque Camello e hoje sob o comando competente do cônego Lauro Sérgio Versiani Barbosa.

Não posso, contudo, finalizar sem louvar o espírito criador e patriótico do arcebispo dom Oscar em favor do ensino superior na Cidade dos Bispos. Ele moveu céus e terras para convencer a Universidade Católica de Belo Horizonte a ministrar cursos superiores na área de filosofia e educação. Isso foi em convenio com a Fundação Marianense de Educação, em 1969.

Em 1979, os cursos marianenses foram incorporados à Universidade Federal de Ouro Preto. Para viabilizar a parte de Mariana, o arcebispo não hesitou em doar, em regime de comodato por 51 anos, o antigo prédio do Seminário Menor Nossa Senhora da Boa Morte à Universidade Federal de Ouro Preto. Além disso, fez a doação de 212.500 metros quadrados de terrenos da arquidiocese para a UFOP construir o Instituto de Ciências Humanas e Sociais.

Poeta, escritor, jornalista, historiador, fundador de emissoras de rádio, construtor do prédio do Instituto de Filosofia do Seminário, Dom Oscar foi pastor amado pelos párocos, que visitava a cada quatro anos. Não era uma visita de buscar café, como se diz em Minas. Fazia questão de demorar-se por alguns dias com o padre local.

Apesar da fama de turrão, era engraçado. Priscila Freire, ex-diretora do Museu da Pampulha, conta que Dom Oscar ouvia sonolento uma palestra do então secretário nacional de Cultura Marcos Villaça em evento promovido por Angelo Osvaldo em Ouro Preto. Angelo era secretário de Cultura e Turismo do prefeito Alberto Caram.

À mesa do palestrante, Dom Oscar parecia distraído com os anjos nas nu-

vens e no teto do Pilar. Quando Marcos Villaça, hoje membro da Academia Brasileira de Letras, falando sobre o folclore mineiro, citou a Mula Sem Cabeça, Dom Oscar despertou e virando-se para Priscila Freire, disse:

“Mula Sem Cabeça é mulher de padre”.

Vejo, com imensa simpatia, que não é apenas nossa Academia que se lembra do arcebispo Dom Oscar. No próximo dia 15, o arcebispo atual de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha, inaugura as novas instalações do Arquivo Eclesiástico que Dom Oscar criou em 1965 e agora passa a chamar-se Arquivo Eclesiástico “Dom Oscar de Oliveira”. O arquivo, com conteúdo importantíssimo para a história do Brasil, vai funcionar no Palácio do Getsêmani, antiga residência episcopal, na Praça São Pedro.

Isso é muito bom.



## PAISAGEM OU RETRATO

*Carlos Perktold\**

Ao preencher um formulário pela internet, surpreenderam-me as opções de impressão citadas neste título. O formulário deveria ter mencionado apenas se o papel seria impresso na posição horizontal ou vertical. Simples assim. Mas se podemos complicar, pra que simplificar? As pessoas não familiarizadas com pintura podem não se lembrar que vertical é sinônimo de retrato e horizontal de paisagem. São as duas posições mais comuns dos suportes quando os pintores os executam.

Por causa de uma cadeia associativa dessas duas palavras, lembrei-me de que sempre comento com amigos pintores e colecionadores que uma paisagem é relativamente simples de ser pintada por pessoas talentosas. Qualquer bom pintor sabe fazê-la. Grandes artistas as transformam em obras de arte imortais. A lista deles é longa. Difícil mesmo é pintar retratos de pessoas, conhecidas ou não, e transformar a tela e o retratado em um objeto artístico ou em uma obra-prima, reconhecidos de longe por parentes e amigos, mesmo os retratos cubistas e os pós-modernos. Com certeza, por isso, os museus americanos e europeus mantêm em seus acervos abertos ao público uma quantidade enorme deles. As diretorias e os curadores desses museus sabem o quanto é difícil pintá-los e, vendo um deles com qualidade, compram-no ou o aceitam para seus acervos. Guignard afirmava que “é a arte mais difícil”.

Apesar disso, há uma resistência enorme entre colecionadores e alguns curadores de museus brasileiros em adquiri-los e expor. Nada mais incompreensível aos olhos deste articulista. Os primeiros alegam que não querem retratos de alguém desconhecido da família pendurados na parede da sala. Nem mesmo autorretratos de pintores brilhantes ou de pessoas intelectualmente importantes pintados com amor entre amigos. A alegação não procede e indica apenas que o colecionador observou apenas o conteúdo e não percebeu a forma, a beleza dos traços, a força das pinceladas e a certeza de que foram executados por artistas talentosos.

Os segundos, os curadores, reconhecem o seu valor e sabem da dificuldade de executá-los, mas têm limitações de verbas e, quando estas são suficientes, pre-

\* Critico de arte, integrante da Associação Internacional de críticos de Arte (ABCA-ASCA).  
perktold@terra.com.br

ferem adquirir uma paisagem. Retratos são sempre comprados com parcimônia. Os museus com política operacional aceitam doações, mas é difícil explicar tantas ausências deles nos acervos oficiais. Não são somente as suas faltas por intermédio de compras, mas até mesmo de doações não aceitas, com frequência, por falta de critérios oficiais de seus recebimentos. É mais que provável que os familiares que os doam não se interessam em imortalizar seus parentes dentro dos museus. Eles já estão perpetuados nas telas, porque ninguém joga fora um belo quadro, retrato ou não. Esses familiares querem apenas deixar em museus um quadro que, se vendido, se perderá em acervos particulares. Como nesses casos não precisam do dinheiro, fazem a doação. O grande público prefere as paisagens e alguns curadores seguem também nesse caminho.

Sabe-se que os preços de retratos no mercado de arte brasileiro são menores que de uma tela de paisagem, contrariando o que descrevi no segundo parágrafo e o próprio mercado internacional. Neste, os quadros mais caros do mundo são retratos: Da Vinci, Vermeer, Van Gogh, Picasso, Klimt, De Kooning são os artistas cujos quadros, sempre retratos, são os mais caros da história. A própria Mona Lisa é o quadro mais visto e reproduzido no mundo e que, estando no Louvre, há muito, perdeu a referência de seu preço em dinheiro. Já vi diminutos retratos em óleos sobre madeira de nobres europeus e que, quase certo, não teriam compradores no Brasil. Mas eles estão em lugares privilegiados nas paredes de museus europeus e americanos, expostos e iluminados como obras-primas que são. A identificação do retratado é citada em fichas ao lado de cada um, mas há casos de pessoas desconhecidas. Se algum deles for colocado em leilão no Brasil, dificilmente alcançariam os preços europeus, apenas porque são retratos e não paisagens.

Salvio de Oliveira foi retratado por Inimá de Paula há décadas. Surpreendentemente, o retrato está na horizontal, na posição de paisagem, e é uma obra-prima executada com admirações mútuas, gratidão e amor. Quando de minha curta gestão como presidente da Associação dos Amigos do Museu da Pampulha tentei comprá-lo para o meu acervo. A família do saudoso *marchand* concordou em reduzir o seu preço, desde que o comprador fosse o museu. Foi inútil. A burocracia é tamanha que ninguém suporta esperar o andamento do processo de compra e ainda receber um valor menor que o preço de mercado. Além da burocracia há a eterna falta de verba nos museus, dificultando ainda mais a vida de diretores e curadores. O resultado é que hoje ele está em alguma residência em Curitiba, onde valorizam as coisas que desprezamos. Se o leitor acompanha leilões de arte, sabe o tanto que eles são vendidos com preços menores e com poucos interessados. Reafirmo: uma dificuldade a mais para aumentarmos o acervo de nossos museus com "a arte mais difícil".

Claro que tudo isso não é generalizado em demasia. Alguns colecionadores concordam com este articulista e os compram, aguardando o amanhecer de um

futuro que esperam não estar longe. Enquanto isso há no mercado uma escala de valores na lista dos compradores: a preferência manifesta é por retratos de crianças. Qualquer uma delas retratada no último ano de vida de Guignard, por exemplo, tem hoje pelo menos 60 anos de idade, uma vez que o artista morreu em junho de 1962. Se a peça é vendida, significa que o próprio personagem ou os seus herdeiros se desinteressaram pelo seu jovem antepassado e, nos leilões, os compradores, entre uma menina e um menino, ficam com a primeira. Entre uma jovem e um jovem, idem retrato de um idoso ou uma idosa, cujos descendentes não querem mais saber de seus ascendentes por perto, mesmo com traços elaborados de um grande artista, o preço cai.

\*Autorretratos de Guignard e Pancetti são exceções sempre lembradas. O autorretrato que primeiro ilustra esta matéria é de Guignard. Nele há um reconhecimento do envelhecimento do pintor e a sua paixão por Ouro Preto numa bela paisagem ao fundo do quadro. Note o leitor que, com frequência e em vários artistas de renome, retrato e paisagem estão juntos. Dona Helena da Silva Azevedo, viúva de Santiago Americano Freire, casal com quem o pintor fluminense-mineiro conviveu durante os últimos sete anos de sua vida, quando o viu, fez questão de registrar no verso do quadro: "Este deslumbrante auto retrato (sic) é de autoria de Alberto da Veiga Guignard". Ele não é apenas um maravilhoso retrato de um grande pintor, mas um texto literário, uma autobiografia com a demonstração de sua trajetória de alegrias e sofrimentos, de marcas da vida que somente a angústia de ter nascido com defeito leporino, mas escolhido dos deuses pelo talento de poeta pictórico, pode deixar registrado no corpo e na alma, ambos estampados no pequeno óleo sobre cartão.

Como a pintura deve ser lida como se fosse um texto literário, há pintores que "escrevem" um texto ficcional com a figura humana, como se fosse personagem de conto ou de romance, sem se preocuparem se ela é de alguém que posou para ele e que de fato existe ou existiu. São apenas isso, repito: figuras humanas. Outros "escrevem" a biografia do retratado. No primeiro caso, há Reynaldo Fonseca. Seus quadros têm o humanismo que se espera de artistas e suas obras equivalem a textos ficcionais e muito raramente a uma biografia. No segundo, há Portinari, Guignard, Pancetti, Inimá, Herculano, Carlos Bracher, Malagoli, Miguel Gontijo, Milton da Costa no início de sua carreira. Bustamante Sá e muitos outros que deixo de citar. Os retratos devem ser imortais textos biográficos até o momento em que são pintados, por isso, podem expressar ingenuidade com figuras jovens e humanismo lírico com adultos intelectual e afetivamente resolvidos. São todos aqueles que representam o oposto do "Retrato de Dorian Gray", romance e personagem de Oscar Wilde, cujo retrato ia envelhecendo na tela enquanto Dorian permanecia jovem.

\*A segunda ilustração desta matéria é uma obra de Maurice Montet (1905-

\* Os parágrafos assinalados fazem parte de artigo publicado pelo autor em outra revista, motivo pelo qual faltam os retratos referidos

1997), artista francês que gostava de pintar crianças, mas abriu exceção para o seu amigo e vizinho. Assim que este retrato me viu em um catálogo de leilão em Paris, sabia que eu seria seu dono. Pinturas são assim: procuram seu dono, reconhecendo de longe quem as amará. Foi uma luta burocrática enviar o valor para pagamento no exterior e trazê-lo para o Brasil. Envolvi amigo italiano para cumprir minha obrigação. Depois de algum tempo, descobri os familiares do artista e entrei em contato com eles para obter mais informações sobre o bravo pintor. Para minha surpresa, recebi um livro contendo várias reproduções de seus quadros e o retrato que tanto amei desde o início está reproduzido nele, como se estivesse esperado alguém que se certificasse da sua beleza. Além de belo, ele traz a velhice do amigo para o suporte, ratificando a amizade de infância a perdurar na maturidade. Montet, tão desconhecido no Brasil, é um artista brilhante, que demonstrou todo seu humanismo também nas paisagens nas quais as figuras humanas são parte do cenário de um conjunto que brilha ao primeiro olhar.

O leitor atento percebeu o quanto este articulista é apaixonado pela pintura e, particularmente, pelos retratos. Dessa forma, eu poderia estender este texto por mais páginas e páginas, comentando trabalhos de outros pintores que conheço ou que fazem parte da pinacoteca brasileira. Menciono ainda um dos retratos mais lindos que já vi, pertencente ao acervo da família de João Guaglia. Ele foi retratado por Ado Malagoli quando ambos eram jovens pintores. Quem conheceu Guaglia, como eu, já na maturidade, teve uma ideia de sua beleza física quando jovem. Guaglia era alto para os padrões brasileiros, forte, tinha o rosto bem marcado por linhas retas que os pintores retratistas adoram e era moreno com olhos verdes. Malagoli pintou apenas o seu rosto num óleo sobre tela, mas que rosto e que pintura! É uma peça invejável e deveria estar em algum museu brasileiro, tamanha é sua beleza e a grandiosidade do talento do pintor depositado no pequeno suporte. Além desses detalhes encantadores que fazem até mesmo das pessoas de rosto assimétrico lindos modelos, há a certeza do recado da grandiosidade do talento artístico quando os olhos são pintados. Nada chama mais a atenção do espectador do que os olhos humanos, cheios de calor e afetividade. Afinal eles são a janela da alma, asseguram-nos Poe e um compositor brasileiro, e ela deve ser tão pura quanto o talento do artista.



## TEMAS DA POESIA

*Zanoni Neves\**

### APRESENTAÇÃO

São diversos. E estão estritamente relacionados à natureza humana, aos sentimentos humanos. Vamos comentar apenas três neste artigo: o tema da alegria e do amor, que irmana e torna mulheres e homens belos, fraternos e solidários; o da dor irremediável ocasionada pelas perdas afetivas, a que todos os seres humanos são (ou serão) submetidos; e a temática social, que reconhece a condição e o valor dos humildes e oprimidos, e a relevância da justiça social.

A impossibilidade de transcrever todos os poemas na íntegra deve-se à limitação de espaço nesta Revista que, com tanta generosidade, acolhe nossos textos. Desejamos que a leitura parcial de alguns poemas estimule o leitor a conhecê-los na sua totalidade.

### ALEGRIA E AMOR

Para demonstrar a alegria como tema da arte poética, selecionamos um exemplo marcante: o poema "Ode à alegria" (1785), de Friedrich von Schiller, também conhecido como "Hino à alegria":

Amigos, basta desses cantos!  
Entoemos um outro, e mais grato  
O canto da alegria!  
Alegria, brilhante centelha divina  
Filha do Elísio  
Adentremos, com as faces encantadas,  
Teu santuário de glórias  
Tua força mágica irmana  
O que a diversidade separou  
Todos os homens celebram a fraternidade  
Onde tua asa suave pousou. [...]

(Schiller, Wikipedia)

\* Mestre em Antropologia Social-UNICAMP; associado efetivo do IHG-MG.  
zanonineves@ig.com.br

Grandiloquente, o poeta exorta-nos à participação, à fraternidade, à paz, à solidariedade - irmanados pela alegria.

“Ode à alegria” inspirou a nona sinfonia de Ludwig van Beethoven - uma comprovação de que as artes dialogam, irmanam-se, para produzir beleza em favor da Humanidade.

Nas origens mais remotas da literatura portuguesa, na Idade Média, já se cantava o amor, ou seja, as “cantigas de amor” do Trovadorismo onde também se ouviam as “cantigas de amigo” e outras. (Saraiva, 1999, p. 49)

Atravessando os séculos, o amor permanece como tema dos poetas. No menor poema da Língua Portuguesa, o modernista Oswald de Andrade transmite-nos a ideia da alegria subjacente aos versos: “Amor / humor”. E, no Manifesto Antropófago, que é um marco da literatura brasileira, ele arremata: “A alegria é a prova dos nove”. (1928, p. 4)

E por falar em amor, lembremos o poeta que melhor falou desse sentimento aos corações amantes e apaixonados:

MAIOR AMOR nem mais estranho existe  
Que o meu, que não sossega a coisa amada  
E quando a sente alegre, fica triste  
E se a vê descontente, dá risada.

E que só fica em paz se lhe resiste  
O amado coração, e que se agrada  
Mais da eterna aventura em que persiste  
Que de uma vida mal aventurada.

Louco amor meu, que quando toca, fere  
E quando fere vibra, mas prefere  
Ferir e fenecer - e vive a esmo

Fiel à sua lei de cada instante  
Desassombrado, doido, delirante  
Numa paixão de tudo e de si mesmo. (Moraes, 1984, p. 68)

Este é o “Soneto do maior amor”, de Vinicius de Moraes. Fala das estranhezas e contradições do amor, sobretudo, do amor-paixão, que nos leva a situações pouco racionais e, até mesmo, ao delírio. Mas, sem ele, a vida pode tornar-se insípida.

## PERDAS IRREMEDIÁVEIS

Expressar a dor das perdas irremediáveis também é com os poetas.

Para nós pobres mortais, o sofrimento decorrente de uma perda afetiva torna-se, às vezes, difícil de ser verbalizado. Já para os poetas, pode ser expresso com beleza e percuciência. Como exemplo, vale mencionar o poema “The Raven”, no qual Edgar Allan Poe lembra sua amada Lenore. Nesse belíssimo poema, o corvo representa a tristeza, a melancolia, a saudade, o vazio da existência, a consciência da ausência definitiva, a lembrança da pessoa amada definitivamente perdida, o pensamento repetitivo acerca da perda irreparável: “Nevermore!”. Recorrente no poema, esta expressão denota o irremediável.

Poe escreve o poema inspirado em sua dor. É evidente que o leitor poderá constatar que a dor do poeta foi ou poderá vir a ser a sua própria dor ou a de outro ser humano em situações futuras.

Fernando Pessoa tinha plena consciência de que a dor da perda irreparável é um sentimento universal a que todo ser humano foi, é ou será submetido irremediavelmente. Assim, o poeta lusitano traduz O CORVO sem mencionar o nome Lenore, a paixão de Alan Poe. Por conseguinte, para o leitor, pelo menos para o leitor de língua portuguesa, fica ainda mais generalizada a concepção da dor sofrida pelo poeta como perda irremediável a que todos, seres humanos, seremos submetidos mais cedo ou mais tarde.

Vejamos, a seguir, algumas estrofes de “O corvo” na tradução de Pessoa:

“Profeta”, disse eu, “profeta - ou demônio ou ave preta!  
Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus umbrais,  
A esse luto e este degredo, a esta noite e este segredo,  
A essa casa de ânsia e medo, dize a esta alma a quem atrais  
Se há um bálsamo longínquo para esta alma a quem atrais!”  
Disse o corvo, “Nunca mais!”

O poeta está em busca de paz e conforto para o seu sofrimento ocasionado pela ausência da pessoa amada. A resposta do corvo é apenas uma, única: “Nunca mais!”

“Profeta”, disse eu, “profeta - ou demônio ou ave preta!  
Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais.  
Dize a esta alma entristecida se no Éden de outra vida  
Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais,  
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!”  
Disse o corvo, “Nunca mais!”



O poeta deseja livrar-se da tristeza, da dor da perda afetiva; deseja expulsar o pensamento repetitivo que lhe traz o infortúnio:

“Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!”, eu disse. “Parte!  
Torna à noite e à tempestade! Torna às trevas infernais!  
Não deixes pena que ateste a mentira que disseste!  
Minha solidão me reste! Tira-te dos meus umbrais!  
Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus umbrais!”  
Disse o corvo, “Nunca mais!” [...]

O corvo instala-se definitivamente na alma do poeta, traduzido com maestria pelo grande vate da Língua Portuguesa, Fernando Pessoa. As sombras do corvo projetam-se irremediavelmente na vida do poeta:

“E o corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda  
No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.  
Seu olhar tem a medonha cor de um demônio que sonha,  
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão há mais e mais,  
Libertar-se-á... Nunca mais!” (Wikisource.org/wiki/O corvo)

Uma perda irreparável, semelhante à perda de Edgar Allan Poe, motivou o poema “A Carolina”, de Machado de Assis:

“Querida, ao pé do leito derradeiro  
Em que descansas dessa longa vida,  
Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro  
Que, a despeito de toda a humana lida,  
Fez a nossa existência apetecida  
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores – restos arrancados  
Da terra que nos viu passar unidos  
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos  
Pensamentos de vida formulados,  
São pensamentos idos e vividos.” (Machado de Assis, 1961, p. 366)

O poema de Machado de Assis faz pensar na boa rotina dos casais ajustados, profundamente ligados pelo afeto, e que definitivamente se separam em virtude da ocorrência da morte. Quem sobrevive também experimenta a morte - em vida. Trata-se de um poema de perda, mas é também um poema de amor.

No poema “In Extremis”, Olavo Bilac revela-nos um contraste entre, de um lado, o esplendor da natureza, a exuberância de árvores e flores, de pássaros e ninhos, e, de outro, a tristeza, o medo, o horror da morte:

Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia  
Assim! De um sol assim! Tu, desganhada e fria,  
Fria! Postos nos meus os teus olhos molhados,  
E apertando nos teus os meus dedos gelados...

E um dia assim! De um sol assim! E assim a esfera  
Toda azul, no esplendor do fim da primavera!  
Asas, tontas de luz, cortando o firmamento!  
Ninhos cantando! Em flor a terra toda! O vento

Despencando os rosais, sacudindo o arvoredor...  
E, aqui dentro, o silêncio... E este espanto! E este medo!  
Nós dois... e, entre nós dois, implacável e forte,  
A arredar-me de ti, cada vez mais, a morte...

Eu, com o frio a crescer no coração, - tão cheio  
De ti, até no horror do derradeiro anseio!  
Tu, vendo retorcer-se amarguradamente,  
A boca que beijava a tua boca ardente,

A boca que foi tua! E eu morrendo! E eu morrendo  
Vendo-te, e vendo o sol, e vendo o céu, e vendo  
Tão bela palpitar nos teus olhos, querida,  
A delícia da vida! A delícia da vida! (Bilac, s.d., p. 107-108)

Mais um poema de perda e... de amor. O poeta celebra a vida em presença da morte. A ressaltar: “a delícia da vida” em contraste com o vazio da morte, a inexorabilidade da perda!

Em “Budismo moderno”, Augusto dos Anjos fala de suas perdas, que não foram poucas: a perda da saúde, de entes queridos.

Tome, Dr., esta tesoura, e... corte  
 Minha singularíssima pessoa.  
 Que importa a mim que a bicharia roa  
 Todo o meu coração, depois da morte?!

Ah! Um urubu pousou na minha sorte!  
 Também, das diatomáceas da lagoa  
 A criptógama cápsula se esbroa  
 Ao contato de bronca destra forte!

Dissolva-se, portanto, minha vida  
 Iguamente a uma célula caída  
 Na aberração de um óvulo infecundo;

Mas o agregado abstrato das saudades  
 Fique batendo nas perpétuas grades  
 Do último verso que eu fizer no mundo! (Anjos, s.d., p. 44)

Se Poe escolheu o corvo para caracterizar a separação irremediável, Augusto dos Anjos escolheu outra ave aziaga, imortalizando, em seu poema, uma frase lapidar para falar da dor da perda: “Um urubu pousou na minha sorte”. Sentença que ganhou o gosto popular e pode-se ouvi-la entre os queixosos da vida, em velórios e exéquias e, até mesmo, entre amigos nos botequins, sob o influxo de libações alcoólicas.

Depois da morte, pouco importa ao poeta o destino da matéria. Assim como nesse poema está presente o seu já reconhecido cientificismo (“diatomáceas”, “criptógama”), presentes também estão o amargor e o ceticismo que caracterizam o seu fazer poético.

## A TEMÁTICA SOCIAL

No poema “Perguntas de um operário que lê”, Bertold Brecht introduz a visão da classe social. Por suas convicções, assume o lado dos oprimidos e deserdados:

Quem construiu as portas de Tebas?  
 Nos livros constam nomes de reis.  
 Foram eles que carregaram as rochas?  
 E Babilônia destruída mais de uma vez?  
 Quem a construiu de novo?  
 Quais as casas de Lima dourada

Que abrigavam os pedreiros?  
 Na noite em que se terminou a muralha da China  
 Para onde foram os operários da construção?  
 A eterna Roma está cheia de arcos de triunfo.  
 Quem os construiu? [...] (Brecht, 1982, p. 31)

As insistentes perguntas do poeta apontam a relevância de se pensar em justiça social; de se refletir sobre a necessidade de reconhecimento do primado do trabalho. Vale lembrar que o teatro de Brecht é um aríete contra o poder discricionário. Dentre os bons exemplos de sua dramaturgia, destaca-se a peça Galileu Galilei.

O poeta do amor, Vinicius de Moraes, também era um homem sensível à temática social. Seu poema “O operário em construção” revela o despertar de uma consciência sociopolítica: “(...) E um fato novo se viu / que a todos admirava: / o que o operário dizia / outro operário escutava./ E foi assim que o operário / do edifício em construção / que sempre dizia sim / começou a dizer não [...]”. (Moraes, 1984, p. 128) A epígrafe deste poema é uma citação de Lucas (Cap. V, vs 5-8) a indicar a religiosidade de seu autor.

“Morte e vida severina”, de João Cabral de Melo Neto, que tem como subtítulo “Auto de Natal pernambucano”, fala-nos do emigrante nordestino, que parte do semiárido em direção à metrópole para fugir à penúria, à seca e ao domínio do latifúndio.

Essa cova em que estás,  
 Com palmos medida,  
 É a conta menor  
 Que tiraste em vida

É de bom tamanho,  
 Nem largo nem fundo,  
 É a parte que te cabe  
 Deste latifúndio.

Não é cova grande,  
 É cova medida,  
 É a terra que querias  
 Ver dividida. [...] (Melo Neto, 1980, p. 87)

Por suas propostas, trata-se de um poema que se mantém atual. Basta acompanhar as notícias de jornais para constatar essa atualidade. A questão da terra move os confrontos entre, de um lado, grileiros e latifundiários e, de outro,

lavradores, indígenas, posseiros. Certamente, nenhum panfleto conseguiu superar a contundência dos versos acima citados.

Um poema datado, porém, revelador da incorporação de novas temáticas sociais à arte poética, deve ser mencionado: “Bomba suja”, de Ferreira Gullar.

Introduzo na poesia  
A palavra diarreia.  
Não pela palavra fria  
Mas pelo que ela semeia.

Quem fala em flor não diz tudo.  
Quem fala em dor diz demais.  
O poeta se torna mudo  
Sem as palavras reais.

No dicionário a palavra  
É mera ideia abstrata.  
Mais que palavra, diarreia  
É arma que fere e mata.

Que mata mais do que faca,  
Mais que bala de fuzil,  
Homem, mulher e criança  
No interior do Brasil. [...]

(Gullar, 1980, p. 218)

Em sua época, muito difundido, este poema foi tão importante que o conhecemos pela primeira vez numa pequena comunidade mineira, através da apresentação de um jogral, - mais precisamente em Pirapora, nos anos 1960. Chegou até lá, em que pese à precariedade dos meios de comunicação e a inexistência de asfalto na ligação entre Belo Horizonte e a ribeira do São Francisco.

Os índices de mortalidade infantil nele mencionados, que o leitor poderá constatar na continuação de sua leitura, eram elevadíssimos naquela década. Coincidentemente, aquele município revelava altos percentuais de mortalidade infantil na segunda metade da década de 1960: para cada 1000 crianças nascidas com vida em Pirapora, mais de 100 não completavam o primeiro ano de vida. (Apud Neves, 2012, p. 100)

No Brasil como um todo, os índices decresceram sensivelmente ao longo dos anos, embora ainda permaneçam altos em algumas regiões. De qualquer maneira, o poema era (é) um convite à reflexão.

O “Bomba suja” vale como exemplo de denúncia social e da incorporação de novas temáticas à poesia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poeta exorta-nos à alegria, que integra os seres humanos fraternalmente. É relevante que repudiemos outros “cantos” como o discurso do ódio por exemplo, e entoemos o canto da alegria.

O amor é o tema recorrente dos poetas ao longo dos séculos. Há o eterno retorno ao tema através de gerações e gerações.

Quem expressaria melhor a dor das perdas irremediáveis senão os poetas?

Eles apontam-nos a fugacidade da vida, a finitude próxima ou, talvez, um pouco mais distante, de nossa existência. Assim, o vimos na pena de Edgar Allan Poe, traduzido por Fernando Pessoa; e no soneto pungente de Machado de Assis, ferido pela dor da separação, pela ausência de sua Carolina. Outros poetas também nos falam de perdas irremediáveis.

As “dores do mundo”, tomando de empréstimo uma expressão definidora de Arthur Schopenhauer (1960), estão presentes no fazer poético de grandes autores, e sua leitura pode contribuir para nos confortar. É importante mencionar que os poetas tratam da dor psíquica do indivíduo, mas abordam também as “dores” da sociedade, dos povos, dos oprimidos como vimos na seção A TEMÁTICA SOCIAL.

Ainda que em presença do trágico, ainda que falando da dor irremediável, os poetas legam-nos a beleza de sua arte. Mas também estão atentos à obra do Homem em sua passagem pelo planeta: o trabalho, a justiça social...

É importante ressaltar que alguns temas são perenes, recorrentes na pena dos poetas ao longo dos séculos, como o amor, por exemplo. Outros perdem importância em determinados momentos históricos, mas ressurgem mais adiante com toda força.

Heráclito de Éfeso, que viveu há aproximadamente 450 anos antes da era cristã, nos faz refletir: “Nada há de permanente à exceção do movimento, das mudanças.” (Heráclito, 2000, p. 25) O efesiano remete-nos ao vir-a-ser, às transformações socioculturais. Assim, pensamos a obra dos grandes poetas, que nos transmitem o legado da beleza: a permanência de sua obra ao longo dos séculos como matéria de reflexão e deleite, um caminho luminoso que se perpetua, útil para a compreensão da natureza humana, sem se perder de vista a permanente renovação da arte poética através das gerações.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. “Manifesto antropófago”. Revista de Antropofagia. São Paulo: Ano 1, nº 1, maio de 1928.

ANJOS, Augusto dos. Eu / Outra poesia. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

BILAC, Olavo. Poesias. São Paulo: Ed. Tecnoprint / Ediouro, s.d., Coleção Prestígio.

BRECHT, Bertold. Antologia poética de Bertold Brecht. Trad. Edmundo Moniz. 3ª edição, Rio de Janeiro: Elo Editora, 1982, Col. Poesias Seleccionadas.

GULLAR, Ferreira. Toda poesia (1950-1980). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, Coleção Vera Cruz (Literatura Brasileira), Vol. 300.

HERÁCLITO. Os pré-socráticos – Vida e Obra. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2000, Coleção “Os pensadores”.

MACHADO DE ASSIS, A. Poesias completas. In: Obras completas de Machado de Assis. São Paulo: Editora Mérito S.A., 1961.

MELO NETO, João Cabral de. Morte e vida severina e outros poemas em voz alta. 14ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1980.

MORAES, Vinicius de. Poemas de Vinicius de Moraes. 2ª edição, São Paulo: Global Editora, 1984, Col. “Os melhores poemas”, 7.

NEVES, Zanoni. Pirapora em tempos idos – Poesia, artigos e ensaios. 2ª ed., B. Horizonte: Núcleo de Estudos do Vale do São Francisco, 2012.

PESSOA, Fernando. Obra poética. São Paulo: Nova Aguilar, 1976.

POE, Edgar Allan. Selected Writings. Harmondsworth (GB): Penguin, 1967.

SARAIVA, Antônio José. Iniciação à literatura portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHILLER, Friedrich von. “Ode á alegria”, in: Wikipedia.org.

SCHOPENHAUER, Arthur. Dores do mundo. Trad. José Souza de Oliveira. 4ª ed., São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora, 1960, Biblioteca de Autores Célebres.

Wikisource.org/wiki/O\_corvo.



## A DIVISÃO DAS MINAS GERAIS

*Paulo Paranhos\**

Independentemente das tentativas de se dividir o território mineiro no século XIX, há que se fazer uma menção, também, a outros empreendimentos, buscando a fragmentação territorial, e que, da mesma forma que as demais propostas, foram fulminadas principalmente levando-se em conta a defesa da geopolítica mineira.

Apresentada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 28 de outubro de 1932, e, posteriormente, em 1º de dezembro de 1937, o professor Mário Augusto Teixeira de Freitas (um dos criadores do atual IBGE) propunha uma redivisão político-administrativa do Brasil tendo como base a fixação territorial de cada unidade da federação entre 250 e 350 mil km<sup>2</sup>. Além disso outras balizas foram por ele implementadas no projeto, sendo, em síntese, a que mais chamava atenção aquela que extinguiu com diversos estados em função do aumento de outros.

No caso específico de Minas Gerais, este seria desmembrado em três unidades: Minas Gerais, Mucuri e Mantiqueira, esta última com a anexação do estado do Rio de Janeiro ao território do atual sul das Minas Gerais, ficando a cidade do Rio de Janeiro como capital do novo estado, uma vez que a capital federal seria deslocada para Belo Horizonte, provisoriamente aguardando-se uma possível transferência para o planalto central como previa a Constituição de 1891.

Assim teríamos ao novo Estado do Mucuri anexada parte da Bahia e todo o Espírito Santo; para Minas Gerais, a área circunscrita a Belo Horizonte e ao Estado da Mantiqueira, como visto, o sul das Minas Gerais e o estado do Rio de Janeiro.

Essa posição adotada no projeto de Teixeira de Freitas, que estratificava a federação em estados, municípios, distritos e acrescentava um fator novo: os departamentos. Na ocasião, outros intelectuais acompanhariam o seu raciocínio, destacando-se aqui a adesão dada pelo major João Segadas Vianna que, por sinal, já havia levantado a hipótese, a partir do final da revolução de 1930, de se redistribuir o Brasil, solução que foi de perto também acompanhada por homens de

\* Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e da Academia Caxambuense de Letras. paranhosdoriobranco@gmail.com

peso como o industrial Henrique Lage, o engenheiro Paulo de Frontin e pelo conhecido geógrafo Everaldo Backseuser.

Dentre as dezenas de títulos, propostos para essas conferências e debates, destacamos alguns que não só discorreram a respeito dos problemas da Europa, mas de forma geral ao mundo. Por ex: "Para onde vai a Europa, para onde vai o mundo?", nas falas de Gualtiero Bassetti e Romano Prodi. "- O Caminho como retorno," com Marcelo Veneziani. Muito significativa a temática da discussão "Integração: Anulamento das diferenças? Com Andrea Riccardi, que levantou a preocupação com a globalização das culturas. O tema "Sedentários e Migrantes" tratado pelos palestrantes Rula Jebreal e Lúcio Caracciolo, pede solução humanista para as vítimas da migração. As catástrofes ambientais não foram preteridas, daí os debates em torno da água cujo mote: Mãe Terra-Água teve como condutores Tiziano Onesti, Mario Tozzi, Carlo Montalberti, Ermete Realacci e Enzo Fortunato.

Como não poderiam faltar reflexões sobre as questões da comunicação no mundo virtual, estas foram levantadas sob os títulos: "A Rede e a Degeração da Linguagem, Para onde nos traz a Web?" "O futuro do jornalismo, Informação e Comunicação: história e domínio transformando a face do homem contemporâneo".

E foi assim que, em busca de soluções pacíficas para os graves problemas atuais do homem, rumo à elaboração de caminhos para a construção de um mundo melhor, que os diálogos foram entremeados com concertos musicais, apresentações artísticas e literárias.

Nutridas pela esta experiência avassaladora e renovadas pela esperança, eu e minhas irmãs viajantes voltamos para casa com o propósito de caminhar, mais ainda, na direção humanista, sugerida pelos embates e propósitos firmados no IIº Pátio de Francisco.

No entanto, as modificações territoriais preconizadas por Teixeira de Freitas não poderiam nem seriam implementadas, haja vista que se deveria alterar profundamente a estrutura político-territorial do Brasil.

Convém recordar que todas as tentativas de fragmentação do território brasileiro no século XIX foram rechaçadas, ao final, principalmente considerando-se a defesa na manutenção da unidade territorial que se implantou a partir da formação do Império em 1822. E agora não seria diferente. Aliás, um estudo interessante, de autoria de Elias Alves Penha mostra com bastante clareza essa refutação por parte das autoridades da época de um redivisionamento do Brasil: No que tange à perspectiva de implementação do Plano, percebe-se nitidamente que o mesmo esbarrou em um grave equívoco: a concepção onipotente do Estado Nacional. Derivado desta concepção, imaginou-se que o Estado estava acima das classes sociais, estando, portanto, refratário às influências de grupos particulares e elites regionais. Neste sentido, desconsiderou o documento o poder de pressão

política da burguesia industrial e das oligarquias agrárias, cujo apoio foi fundamental para a consecução da política de desenvolvimento industrial, via substituição de importações (A criação do IBGE no contexto político do Estado Novo. Rio de Janeiro: IBGE, 1993, p. 104).

Não restam dúvidas de que as características regionais que encontramos, por exemplo, em Minas Gerais são muito grandes e variadas. Há poucos dias percorri uma parte do território do sul, partindo de Caxambu, atravessando por Santa Rita do Sapucaí, alcancei Espírito Santo do Dourado, Silvianópolis (antiga Santana do Sapucaí), Turvolândia, São João da Mata, Carvalhópolis, Machado e Fama, e pude constatar, nesse quadrilátero por mim percorrido, que existem sim diferenças com as demais áreas de outras mesorregiões de Minas Gerais, principalmente aquelas mais ao norte do estado, mas isto não invalida a noção de unidade desta importante fração da federação. Dividir apenas por dividir, naqueles momentos talvez estivessem em jogo interesses particulares deste ou daquele político com olhos voltados para os seus negócios.

Hoje, não dividir é uma expressão que deve – pelo menos no caso das Minas Gerais – ser definitiva.



## ASSIS – CAMINHO, DIÁLOGO ENTRE CRENTES E NÃO CRENTES

*Felicidade Patrocínio\**

O destino era a Toscana e a exploramos completamente. Muita beleza natural, arte, cultura e história milenar, caberiam talvez aqui num extenso relato, o que faremos oportunamente.

No momento, priorizamos o fecho de ouro desta expedição fantástica, de quatro irmãos viajantes, corajosas e decididas, que foi a passagem final pela Úmbria, especificamente pela meca franciscana, a belíssima e acolhedora cidade de Assis, onde acontecia o simpósio mundial, IIº Pátio de Francisco, desta vez cognominado de Cammino-Dialogo tra credenti e non credenti.

Começamos a subida para Assis pela encosta em busca do primeiro templo de Francisco, a igreja de São Damião, queimada assim que foi construída, mas teimosamente reconstruída pelo santo da natureza e seus seguidores. Lá visitamos o quarto, onde Clara, no seu santo amor por Deus e Francisco, suspirou pela última vez. De lá, uma caminhada até o topo da colina para olhar o vale da Úmbria e nos maravilhar com a beleza que um dia alienou o santo, filho de um nobre.

Lágrimas nos olhos, entramos em Assis e buscamos os espaços onde acontecia o diálogo social ecumênico, voltado para a construção da Paz no mundo hodierno.

A cidade, tomada por visitantes do mundo inteiro, desta vez com acréscimos, devido ao Encontro, respirava um ar de humanismo. Nas praças fronteiriças, espaços externos e internos da Igreja de São Francisco, igreja esta cuja contemplação provoca silencioso pranto, tal é a beleza de sua arte, aconteciam palestras, diálogos, concertos, leituras. Autoridades eclesiais e laicas, políticos, intelectuais, filósofos e povo em geral, oriundos de múltiplas bandeiras mundiais, já se debatiam em busca de urgentes soluções para a desestruturação e conflitos que percorrem o mundo. A igreja foi a primeira a reconhecer a necessidade urgente de um diálogo entre os estados, a sociedade, as culturas e a ciência, com a participação de outros crentes e não crentes, que não fazem parte do catolicismo. Abria-se ali um caminho para a paz, começando pelo respeito a todas as religiões que não se opõem ao humano, antes o afirmam e promovem. Reconheceu-se a relativida-

\*Artista Plástica, Membro da Academia Feminina de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico e da Associação dos Artistas Plásticos de Montes Claros. [felicidadepatrocinio@gmail.com](mailto:felicidadepatrocinio@gmail.com)

de das mesmas, entendendo que apesar das diferenças, elas oferecem perspectivas sobre vivências do Absoluto.

O título do Encontro exigiu a nossa atenção para o significado da palavra *Cammino*, lembrando que estrada é vida, lembrando que a humanidade sempre esteve a caminho. Desde Abraão em busca da Terra Prometida, desde Ulisses em busca da pátria perdida, nas grandes peregrinações religiosas anuais, no ir e vir decorrente da abertura das fronteiras devido a globalização e ao frenesi da velocidade.

Mesmo que os caminhos sejam, por vezes densos e as rotas diversas, mesmo que o “sol se faça escaldante”, recomendam-nos os proponentes do Encontro, que, importante é não ceder nas beiras das “estradas”, pois o caminho, aqui e agora, é a reflexão de um mundo que urge transformações. E completam, lembrando-nos o que ensinava Sócrates – “que uma vida sem reflexão não merece ser vivida”.

De acordo com o intelectual Padre Mauro Gambetti, o IIº Pátio de Francisco clama por uma humanidade com intenções franciscanas, que seria cultivar num sentido antropológico e espiritual o confronto de caminhos humanos, com abertura e docilidade, no sentido de disponibilidade. E será Francisco de Assis o paradigma reconhecido de homem viajor. Por isto, aqui, o caminho poderia ser entendido como substantivo a exprimir a memória do homem que procura o sentido do existir. E continuará sendo o testemunho de Francisco a nos convencer pela claridade da meta que o sustentou: - a proximidade, a inclusão, a autenticidade, a liberdade e o amor.

Já no sentido da palavra Caminho como verbo, o Padre Gambetti convida a todos para a experiência da abertura para a perspectiva da confluência de experiências diferentes, obrigando-nos ao acolhimento de visões aparentemente em conflitos. Podendo advir daí um tempo inclusivo e respeitoso das diversidades e o cultivo da esperança de avançar juntos, como irmãos para a plenitude das verdades e do amor. De acordo com o intelectual, neste encontro, povos, fé, cultura, experiência, competência se reúnem, não só para pensar, mas para gerarem juntos a sensibilidade que promova aproximações, capazes de enfrentar a realidade com serenidade e confiança. E será o Padre Enzo Fortunato, também proponente do Encontro, a advertir os participantes quanto ao nível de tolerância dos debates que deveriam ser como a abertura de uma janela por onde deveria entrar um raio de sol. Para enfatizar este cuidado, recorre à Sócrates, indicando que: - cada palavra, antes de ser pronunciada, deverá passar por três portas: - Sob a arcada da primeira está escrito: “É verdadeira? Sob a segunda: É necessária? Sob a terceira o último apelo: -É gentil?”

E foi a partir destas premissas que as conferências, palestras, debates e testemunhos se fizeram francamente franciscanos e os temas provocativos de confrontos das diferenças se pautaram no mais puro humanismo.



## MAIO – LITURGIA DO ENCANTAMENTO

*Wolmar Olympio Nogueira Borges\**

À netinha Maria Karolinskas

A cada ano, o mês de Maio, aureolado pelo mito poético, renova-se no calendário universal, fenômeno a manifestar-se no Brasil com a mesma nuance primaveril que Ihe é peculiar na Europa; outrora o terceiro na ordenação do calendário romano, trocado para o lugar de quinto mês na reforma Juliana e Gregoriana, conserva-se ainda na simbologia pagã que o indicava protegido de Apolo, deus das Artes e da Luz, prosaicamente retratado na figura de um mancebo plétórico de vida, a trazer à cabeça uma cesta de flores.

De aquelas arcaicas comemorações gregas em honra dos mistérios orgíacos e órficos consagrados à deusa Cybele e Atís, nos idos de Março tais celebrações, com o advento do Cristianismo, na Idade Média, transformaram-se em “Festas de Maio” sob invocação da imagem da Virgem Maria dulcíssima de santidade e pureza — à verdade de que a partir do século XII, graças a São Bernardo de Clairvaux, da Ordem de Cister, a Santa Mãe de Jesus, Maria, cujo nome significa iluminada ou estrela do mar, tomara-se símbolo de espiritualidade, louvada na poesia trovadoresca Provençal dos menestres de França, da Baviera (Alemanha), da Espanha, de Portugal, e de maneira indefectível consagrada nas *Gestas*, nas *Romarias*, nos *Caminhos de Santiago de Compostella*, nos *Livros de Cantiga de Santa Maria* de Afonso X da Hespanha, nos *Loores* de Berceu, nos escritos de Bernardo de Ventadorn, no *Cancioneiro de El Rey dom Diniz*, ou no *Cancioneiro de Rezende*.

A figura da Virgem bíblica ressurgiu nos Anais da tradição cristã revestida do diáfano véu de pureza originária, identificada à majestade da Graça Celestial, a pairar sobre a fonte inspiradora da beleza grega, porém sem Ihe desfigurar o conceito de harmonia captada na Ordem Suprema do Universo, a eurrítmia cósmica – por direcioná-la para os mistérios da fé e para a supremacia do Deus Onipotente.

A atmosfera do mês de Maio parece aguçar a substância da emoção dispersa na fluidez da beleza: prenunciam-na o céu translúcido, as floradas, as nu-

\*Membro efetivo do IHGMG, cadeira Conselheiro Lafayette, Procurador aposentado do EMG.

vens corredias, o ar rarefeito, a transparência dos montes, a suavidade das várzeas, o brilho das serranias, as cores dos *bouganvilles*, dos ipês, das paineiras, das azaléias, ou as ilimitadas luzes de alegria no ouro reluzente das manhãs – da mesma maneira que, nos plenilúnios a tepidez do ar fecunda a terra, o orvalho estua a seiva, e o amor no coração do homem identifica-se às estrelas na eterna cadência do ritmo cósmico, em revérberos.

Espetáculo exuberante da fauna e flora, reflorescimento que antecederá, nos primórdios, o mistério do som e da palavra, tendo por fundo a espiritualizada força da alma da natureza sorridente nos coloridos multiformes, nas abstrações luminosas, uma latejante dádiva Celestial a despertar os seres sensíveis para a compreensão do significado da estética, do vibrar da alegria harmoniosa, ou para a facúndia da amorosidade da vida, substanciais elementos, delas dependentes.

Energia mística, concentrada nas origens, mas aberta em liberdade, admirável evidência do renovador fenômeno do desabrochar das potencialidades outonais, efêmero por repetitivo ou imorredouro pela intensidade de miríades gradações vivas, fundamental e espontânea, mercê da correlação de configurações entre a causa remota da criação e o seu efeito palpável na forma de bela ornamentação dos elementos naturais. Rítmica beleza terrena, junto à qual a feiura seria estigmatizada como erro!

Aparência maravilhosa a nimbar de fantasias o Céu e a terra, sensação de leveza, graciosidade a adornar as íntimas expansões da mãe-natura, uma especial cintilação originária que dela própria se nutre.

Pulsações de tonalidades, no silêncio a iluminarem os seres, a excitarem o espírito, frêmitos coriscantes na aparência de emanções da Divindade, como se transmitissem aos sentidos uma consciência prática e a direcionarem afeições às personalidades integradas à pureza daquele fenômeno a cada geração à procura de atingir a eternidade como essência do insubstituível amor, que é a transcendência do belo na terra.

Roupage outonal a dar sentido à paisagem, a compor acontecimentos.

Desse modo, o ambiente límpido reaviva a brasilidade aguçada pela palpação de sua própria saudade, herança dos desbravadores portugueses de além-mar, piedosa emoção com ardores de fé, riqueza moral resguardada ainda no crisol das tradições junto às aldeias, nos lares do Antigo e do Novo Mundo.

Nítida policromia do prazer com aroma de virtudes ao se extravasarem de branduras ou do muito bem-querer, as imponderáveis flutuações da graça consolo d'alma e retempero para os ideais da raça.

Aos corações dos brasileiros, presa das tradições calcadas em belezas imemoriais, serão sempre caras as evocações que possam vir das “Festas da Coroação de Nossa Senhora do mês de Maio” celebradas em grandiosos templos, nas igrejas, nas modestas capelinhas do sertão, muito cheias de preces, repetidas por vezes uníssonas, lídimas expressões da cristandade na forma de ondas lustrais do

sentimento a se espriarem aos pés da Imaculada, distinguida Imagem costumeiramente postada no alto, em altar especial – toda a liturgia enriquecida do fulgor das almas ávidas por se purificarem através a magnificência religiosa!

E, dela, dir-se-ia jorrar uma fonte cristalina a refrescar de bênçãos aos que se aproximavam enternecidos ou curiosos, atraídos pela espiritualidade ali espargida.

O singelo ritual abrilhanta-se com o desfile das meninas e moças vestidas de anjos – crianças alheias ao sofrimento do dia a dia e distanciadas do drama cotidiano da existência – apenas deslumbradas pela oportunidade de depositarem no regaço da Virgem Santa as flores-símbolos da piedade humana, gesto de humildade a traduzir as mensagens de bondade colhidas em Paris, na Rue du Bac, ou, em gruta de Lourdes, na cidade da França, em La Fallavaux, é Lisieux de Marie Fraçoise Thérèse Martin, em Medjugorge, na Hungria, em Fátima, das três venturosas crianças de Portugal, em Guadalupe, do indiozinho Diego, ou em Aparecida do Norte, no Brasil, lugarejos receptáculos da verdade cristã, aonde as luzes do espírito se tornaram blandícias poéticas a ‘resgatarem a virtude da fé adormecida no coração dos crentes do mundo inteiro.

Porem, sempre atuais as mesmas figuras do encantamento, serafins hiperesesiados, anjinhos em grande número adornados de cores azuis, brancas, amarelas, verdes, rosas, vermelhas, roxas, cingidos por cordéis a imitarem os frades, pompons caídos pelas bordas das vestes, vidrilhos reluzentes, pés frágeis a caminharem hesitantes em face de irregularidade do equilíbrio de corpos, vozes desafiadas na cantoria, olhos verdes do amor e da ternura, azuis, castanhos ou negros da meiguice, tenros corações a sonharem com o Céu; anjos de asas recortadas com recheios de pano e papel, ou de penas naturais arrancadas às garças que, após se verem refletidas nas lagoas, soltas ao entardecer, voam a caminho do além; angélicas criaturas, absortas pela timidez, presas à própria fragilidade e ao momento ansiosamente desejado, na presunção de poderem ouvir permeio aos espirais do aroma de violetas, lírios e rosas, repetida, na hora da coroação, a sentença de suprema eloquência afetiva ditada pela Imaculada Mãe Santíssima à dócil pastoreira de Fátima, Portugal: “E, por fim, meu Imaculado coração triunfará”... magia de vibrátil espiritualidade, enlevo das almas unidas pela pureza do amor verdadeiro – epílogo mesclado a flores por já realizados os sonhos naquele momento, pois, ao final da festa, já a se dispersarem à porta do templo como pombos álares de volta aos lares, céleres, na revoada ao repicar dos sinos.

Mas é quando se indaga se não estariam ressurgidas também na figura delas aquelas, “jinas”, poeticamente definidas no Alcorão, a nimbarem na Mansão da Paz, “virgens celestiais, formosas huris de olhos negros e corpos de alabastro, rostos puros e belos que têm o brilho casto das pérolas”.

Enfim, abrangência de uma única emoção e fé, integração de amorosa dádiva espiritual de cunho universal.



Liturgia do encantamento libertada das sombras do tempo, tais rituais religiosos do mês de Maio tornam-se úteis e necessários à Pátria como lições de pedagogia moral a concorrerem para a formação das “jeunes-filles en fleur” a fim de que elas, a exprimirem o bem, possam distinguir-se pelos nobres sentimentos, pela frágil graciosidade, pela dignidade aureolada de singeleza, ou sejam coroadas no futuro pela sua altivez e austeridade de costumes; meninas adornadas de pureza, despretensiosamente fiéis às forças morais integradoras da Família, já a prenunciarem as mulheres guardiãs do sacrário do Lar, delicadas florinhas capazes de suportarem ventos e tempestades – os mesmos anjos de tempos idos, do mês de Maio, ou as próprias ninfas gregas, puras como Vestais, a exprimirem doçura, enlevo, ternura, adornadas de simbólicas e espirituais asas brancas e vestes longas, transparência da delicadeza que as tornariam sublimes, eternamente submissas à mensagem da Gloriosa Maria Santíssima dulcíssima rainha do Mês de Maio!

De que modo negar que a estação das flores e dos frutos sazoados não recenda a sortilégio, pois se nem mesmo as próprias pessoas incrédulas, despojadas do manto protetor de religiosidade, conseguem ficar-lhe indiferente?

Ninguém melhor interpretara o fenômeno vital de renovação da natureza do que o poeta-personagem de “Os Maias”, na imagem pagã expressada pela sensibilidade do inigualável Eça de Queiroz: – “Maio chegou! Sê minha! / Dizia o vento à rosa!...”



## ALÉM DO CHAPADÃO DO BUGRE E VILA DOS CONFINS, OS MAMOEIROS DE UM QUINTAL EM MEDEIROS

*César Vanucci\**

Amanhecera com um jeito de frio para as barras do dia. Era o tempo de trazer essa vigorosa queda, qual um tempo de geada. Um alaranjado de postema tomava conta de alturas todas do céu, pelo menos até onde havia um ângulo a ser feito com os olhos de quem mirava. O mês mais fundo da frialdade já tinha escapado. Ainda assim, havia brisa de erguer cabelo em todos os ares. Era o mês de agosto, o ano de 1965 e geara naqueles dias anteriores, quando junho e julho dobravam as mangas para a travessia de sua própria identidade. Ano seco aquele. Ano de cisterna toda sentir falta de suas águas mais superficiais. As comparações apareciam todas. Diziam. Ano mais frio depois da guerra. Referiam-se à Grande Guerra segunda, aquela que deixou brasileiros emparedados por aí.

A cidade, naquela hora de amanhecido e quase nada de luz inteira, estendia-se numa placidez sem ladrões e sem qualquer necessidade de reparo. Havia silêncio recortado de si mesmo por tudo quanto era canto. Tempos bonitos, os sossegos atravessados por uma toada de buzina que abria a goela ao longe, quiçá acima do Amoroso Costa ou nas distâncias de uma viela do Fabrício. Quiçá nas quebradas do Corredor dos Boiadeiros, lugar onde algum bêbado ainda tentava controlar as pernas devido à noitada de ontem.

Nada quebrava o bulício do amanhecido. Era uma hora de muito dispêndio de sonolência. Os pardais ainda nem tinham demonstrado vontade de canto. Começava o clareamento de todas as coisas vivas e mortas. Era hora ainda de passarinho dormir e de galinha cochilar na espera da primeira libação de luz. Para dizer mesmo a verdade, havia um halo de espessura tênue demais em torno de tudo. Um bêbado fez uma volta completa em torno de um poste e o mundo para ele parecia noctívago demais, em toda a sua estrutura e existência. Coisa quase monótona, comum de ser vista em qualquer rua desse mundo de interiores. Era o Zangão. Diria quem fosse de seu conhecimento, era o Zangão Velho de Guerra. Zangão, o garçom do Tabu, quando o restaurante encimava as tabuletas emblemáti-

\*Jornalista, escritor. Presidente da Academia Municipalista de Letras. cantonius1@yahoo.com.br

cas da zona de meretrício na São Miguel, a rua por excelência com a Negrinha e outras putas que sabem fazer direito o ritmo da delação, do grito e da gemida providencial e espasmódica. Além do mais, a sequência ali tinha sobrenome, o Beco dos Aflitos. A fama do Beco ficou alastrada demais depois que muitos anos cumpriram sua estadia, sua travessia. Bastava soletrar para que a lembrança ficasse. Dava para perceber que o Zangão ainda não tinha tirado a roupa do ofício, a calça preta e a camisa branca com gravata escura.

Uberaba cortava-se num plano unívoco, sem distinções e sem qualquer arremedo de contrariedade. A manhã era um bloco maciço e macio, a um só termo das comparações. Por ser ainda embutido em mangas curtas de um inverno que queria espremer o carço das horas, um frio amanhecido e sonolento, com tabuada de travesseiro ainda, veio dos lados da Baixa e da Mandioca, cruzou outro mais fundo, um que vinha dos chapadões da Palestina, o Zangão urinava fartamente ao sopé do poste de energia elétrica. Segurava-se ao poste, um braço apoiado ali porque o corpo oscilava como figura de calango sobre o fio de um muro longo. As pernas na companhia daquele balé cheio de trejeitos bizarros.

Foi naquele momento que Mário Palmério saiu à rua e viu o garçom escornado ao canto do mundo. Para o comendador Palmério a figura do Zangão era somente mais um acasalado de dados com a manhã que se abria mais e mais a partir das decências daquele céu enorme.

– Bom dia, Deputado e Comendador!

A saudação do Zangão, mesmo sem se preocupar com as divisórias da moralidade e da glória, se ali era deveras ou não um lugar onde se pudesse verter água, meio da rua, de modo impune. Mário Palmério saudou com sua voz de roncado imerso em tempo antigo.

Homem de modos, cavalheiro, saudou.

– Bom dia, Zangão!

Cidade minguada, em crescimento franco por conta das universidades que criavam escamas e explodiam, a Farinha Podre arremetia-se. Por cada canto de seus arrabaldes a especulação imobiliária fazia seus cálculos, de como ganhar mais sem fazer força. Ainda assim, as criaturas se reconheciam com facilidade, mesmo se entendiam pelos nomes de batismo. Era uma troca habitual de falas espontâneas. Todo mundo conhecia todo mundo. Mário Palmério estava habituado a comer seu filé com arroz e o eterno molho vermelho no Tabu, quando as madrugadas insones o moviam aqui e acolá. O filé e molho inventados pelo Chin eram alguma coisa de indescritível. A delícia para gente grande.

Era assim que a vida se apunha e pressupunha-se que os teores de felicidade das criaturas eram muito mais superficiais do que em tempos mais modernos. Somente uma forma de ver o mundo, sem as sanhas precipitadas que fazem as doenças mais rápidas de dias competitivos em demasia. O deputado entrou na Chevrolet Veraneio marrom, com reflexos de dourado, deixou o Zangão na soleira de seu mesmo destino.

O garçom tinha respondido à sua saudação com um enorme e gutural soluço. Um odor de gasolina remexeu com seus sentidos e ele sorriu porque o primeiro pardal cruzou diante do pára-brisa enquanto o alaranjado alto, de postema, agravava-se no calor da cor com um rosado quebradiço e seco, umas nuvens esfoliadas participando do projeto expressionista da marcha do dia. Quando tivesse um tempo, voltaria às mesas do Tabu, logo ali, nas beiradas da zona da rua São Miguel. Havia já mais de semana que não ia até lá. Perder ocasião de andar ao Tabu é a mesma coisa que adiar alegrias. O cheiro de ponta de rua. Isso era coisa que agradava demais ao homem mais emblemático que o Triângulo Mineiro ousou criar.

Ainda olhara outra vez pelo retrovisor e tivera a impressão que o Zangão conversava com o próprio mapa que fizera aos pés do poste e ao longo da memória marcada de um dia. E se não estivesse muito enganado, o Zangão estava com sérias dificuldades em guardar o pinto murcho dentro dos panos. O comendador riu sem ofensas de qualquer dignidade.

Mário Palmério dirigiu a Veraneio em rumo da casa de João Guido e depois teriam que passar em outra casa, a de Chico Veludo, apanhariam o homem para seguir viagem. Coisa muito bem paramentada e planejada de antemão, de tal sorte que a espera por aquilo era quase antiga. Era a cúpula da política do Triângulo Mineiro que se reunia para a definição comum da viagem a Medeiros, lugarejo que devia margear os planos de Corgo D'Anta, do Pium-i, da Lagoa da Prata, do Bambuí, esses pontos referenciais na unidade substanciada do estado e Minas Gerais. Deslocavam-se os políticos com a finalidade de sair um tanto do raio de ação centralizado no Triângulo Mineiro. Votos são bem vindos em qualquer lugar do mundo. Era preciso deveras ampliar as possibilidades para futuras eleições.

O deputado Mário Palmério tinha apartado uma verba suficiente para a construção de telefonia naquele ponto do estado, em Medeiros. Homem público deve mesmo abrir as malas para lugares meio relegados por outros políticos. Se faziam a viagem, razão suficiente para que se desse andamento às campanhas seguintes – sua verba apartada tinha sido muito bem aplicada nos misteres propostos – a vida segue avante e os sinos não param seus toques ao longo dos caminhos. Sendo assim, pensar menos e agir mais, sempre com o coração em vésperas de servir. Pelo menos é assim que deve ser dito. O deputado ia inaugurar a sua proposta de modernismo em terras distantes de seu epicentro eleitoral. Ocuparia um lugar de destaque numa região que precisava ser ocupada antes que outro lançasse mão da coroa e do terreno. Estava feliz com todos os ramos de acontecimentos, a vida era promissora demais. Seus assessores disseram que ali era a bola da vez. Tinha deveras que apresentar seus risos ao mundo, jamais houve homem tão magmático como seria Mário Palmério em todas as suas nuances de figura que se tornou pública à custa de uma engrenagem iluminada e muito própria daqueles que não sabem perder o fio e a meada. Emblemático, quem o conhecia não se cansava de dizer.

Quando o deputado parou diante da casa de João Guido, já havia um sinal de bem-te-vi numa galha de magnólia, um trinado do pássaro quando ele se percebe entremeado por difusão de luz. As grandes gameleiras da avenida, diante da casa de João Guido, elas mesmas iniciavam aquele ritual azulado do canto de sanhaços. O prefeito já esperava à porta, apenas ajeitou os óculos sobre o nariz e entrou na perua. Essa gente tinha a mania britânica da pontualidade. Era um dia promissor, qualquer um podia ver que sim. Esse início de dia com cantiga de passarada sempre atinge os nervos das criaturas. Retesam menos os nervos. Dá vontade de se ouvir uma canção que sai do mais fundo do banjo. E tinham tempo contado para chegar em Medeiros, que o festejo só estaria completo com a chegada do ilustre e benemérito deputado, aquele que fora responsável pela verba que viabilizara o serviço que ora se inaugurava. Seria um encontro vermelho entre o povo e o deputado. Acirrado suor. Isso ficava patente na cabeça de todos. Esses meios de ano no Brasil Central sempre são regados com um latejado vermelho. Coisa de poesia.

Dali até a casa de Chico Veludo, ligeiro seria. O trato fora bem claro. Que tinham que chegar na hora certa porque o tempo não perdoa a ninguém nesses casos. Chico Veludo esperava. A mesma pontualidade britânica, pelo menos isso os políticos exibiam naqueles dias de ouro e glória. Completava-se o círculo e os homens partiram. Era o começo de uma viagem que ia deixar memória em página de livro. Quando atravessaram adiante da primeira ponte do Lajeado, foi que o dia deu sinais mais eminentes de luz. Aí sim, já havia sinais de gavião nos ares, diversos deles. E a formação em formato de flecha dos bandos de garças brancas, aquelas que deviam buscar charcos enquanto o sol se solidificava.

Homens de alguma prudência política – até onde os políticos podem desfrutar de prudência –, entretanto, os três saíram de casa sem os cuidados básicos com o café da manhã. A pontualidade neles era mais evidente do que o jejum. Saíam sem forrar o estômago. Sem tempo para tanto, apenas ajeitando papéis e arquivos para a viagem, nenhum deles tomara sequer uma xícara de café preto. Homens de meia idade, neles não demorava a se revelar a necessidade de um acalanto ao bucho. Iam calados com relação a isso. Homens educados, não se manifestavam, porém. Ninguém ia reclamar até que a substância da fome obrigasse a dizer que o couro do bucho se colava às costelas. Quando estavam adiante de Sacramento, que a Veraneio foi embicada para o mais fundo do chapadão da Zagaia, Chico Veludo falou de uma maneira até que jovial. Batia nos joelhos, era uma sua maneira de manifestar a idéia que sopitava. Não queria estragar o cerne da viagem com lamúrias miúdas, muito menos, grandes. Então, aquele bater em as mãos abertas sobre os joelhos. Devia mesmo ser o momento em que as tripas finas queriam engolir as grossas.

– Mário, quando houver por aí uma bodega, um bar, qualquer coisa assim, tu debes parar para que possamos sair do jejum. Não tive oportunidade de comer

qualquer breguesso antes de sair de casa. A patroa roncava ainda quando saía da cama. E nem pão velho achei na despensa!

Mário Palmério conhecia o ritmo do mundo. Entendia que isso ia ser ouvido apenas começasse o dia a apertar as tarraxas. Sabia que tinham entrado num sítio de sertão fundo, portanto, achar tal conforto naquelas funduras era coisa impossível. Não havia lugar algum onde se pudesse suprir a boca, a não as minas de água fria que coalhavam ao longo do caminho. Ele mesmo saía de casa sem comer. Sendo assim, o sentimento entre eles todos era comum e encadeado. João Guido, parlamentado de modos, justificou o seu jejum. Cada criatura tem sempre uma diversidade de motivos para justificar a fome.

– A Rosa está com a mania de sair da cama somente depois das sete da manhã. Foi só chegar aos quarenta anos sobre a cacunda que desandou a ter mais preguiça que vontade. Por isso, o atraso de tudo!

Rosa era da casa havia anos afincados. Praticamente fora nascida e criada dentro do casarão da família. Os três homens estavam em jejum pleno. Esse era o caso que se justificava. A preguiça e o sono da Rosa era um motivo comum entre o trio. Além do mais, com a idade que tinham nas costelas, teriam que se conter e parar de reclamar das agruras de uma manhã de jejum. Era isso que ficaria estampado até que não pudessem mais se conter. A média de idade poderia ser de cinquenta anos em cada um. Isso criava crostas de silêncio em pequenas apatias ou desejos. Não obstante a relutância em abrir a boca para dizer qualquer eventualidade, havia em companhia deles somente as seriemas que cruzavam a estrada de chão batido. Cada um já buscava um posto de apoio, uma casa, qualquer coisa para salvação.

E um grupo de tucanos que se destacava à flor alta das mamoneiras, essas rainhas soberbas dos intermédios de campo e cerrado, árvores de porte alentado e que dão sombra de sobra a quem viaja por aqueles pedaços de mundo. As mamoneiras são inesquecíveis e sabem formar grandes colônias com sombra emancipada. E um grupo de emas com filhotes graúdos que vinham de nascimento do último janeiro. O galope delas, os modos de frangões que querem se dissipar na imensa planície de chapadão e platô. Depois de duas horas na travessia do Zagaia, a fome deu de arrochar demais em roda do umbigo dos três ilustres. Chega um momento dentro dessa vida que a fome começa a causticar em vez só de castigar.

A voz veio dolorida demais.

– Um lugar aí, Mário, qualquer um, onde se possa beber uma xícara de café. Deve haver, não é possível!

Não havia. Somente chapadão, mamoneiras e emas. Algum tucano. Impossível de veras. A estrada abria-se com buaqueira por causa das últimas chuvas do ano vigente. Não havia nada. O desalento da paisagem para quem requer auxílio para a barriga. Nem cavaleiros com quem se cruzasse no caminho para onde desciam, nem isso era possível. Desandaram a por as mãos para fora das janelas, um

pedido inosso de ajuda. Ou subiam esses cavaleiros citados, sabe-se lá o contorno certo que regula o mapa. Tem vez que para saber se uma coisa sobe ou desce, nada mais singular que fazer a comparação com a verticalidade de mapas quaisquer. Sendo assim, o Amazonas está arriba e o Sul está abaixo.

Então, depois de um sofrimento atroz que lhes pregava o estômago aos ossos das costas, os homens avistaram uma casinhola à beira da estrada. Aquilo transformou a vida dos três em regozijo quase bíblico. Caiada de branco e um aviso na parede. Por fim, alcançaram uma coisa determinada pela providência divina. Pensão São Benedito. Mas que nome mais bonito para se chamar um logradouro. Acharam que era o lugar ideal para se molhar a boca com um chiado de café quente. Afinal de contas, mesmo em velhas taperas existe um bule de café quente. As portas abertas, Chico Veludo foi adiante, alegando que tinha que tomar um comprimido qualquer e isso tinha que ser feito com o bucho cheio. Era apenas mais uma desculpa que não podia controlar com nervos sem balelas. E logo, os outros dois. Uma fila indiana de dar dó. Sentiam as cintas frouxas sobre as barrigas de político.

Veio lá de dentro do casebre uma velha de trejeitos enrugados e ares muito solitários. Parecia muito bem apetrechada de adaptações para um lugar ermo como era aquele. A velha estendeu três cadeiras ao longo de seu convite, que se sentassem. Pelo menos ali tinha uma vantagem, ela era solícita. E o cachorro dela, que atendia pelo nome de Perequito, veio cheirar os fundilhos de cada cidadão proeminente que estava ali – via-se pelas roupas e modos que eram gente de fibra. O Perequito parecia entusiasmado e ao mesmo tempo temeroso de que aquele povo gostasse de carne de cachorro. Dava para se perceber isso.

– Café para três e pão para os mesmos, senhora. Nessas alturas do campeonato, vamos pagar bem pela oferta. Digo à senhora que estamos viajando há umas oito horas e passando necessidade de boca!

A velha chegou a dar um passo para trás. Via-se que suas rugas eram muito elásticas. Ela arregalou os olhos. Estava espantada com aquele tipo de ousadia que se determinava em três homens aparentemente muito sabidos. Eles estavam a desafiar a velha Pensão São Benedito. Falou alto e muito sem arquejado. A vivacidade dela entornava pelas bordas da boca.

– Pão? Que pão? Pão tem muito lá de onde os senhores estão vindo. Há mais de ano e meio que não vejo pão aqui. Quando sonho com pão, já me dou por satisfeita, aquele gosto tostado me mata!

– E o café?

– De fedegoso! Tenho de fedegoso!

– Adoçado?

– Com mel de borá!

Sabiam que mel de borá não adoça nada. Costuma ser azedo, pior que mel de marimbondo. Entretanto, a coisa estava feia demais. Aceitaram a enco-

menda proposta porque não havia outra solução para o problema pendente. Era aquilo ou não seria nada. Estava bem claro o drama. A velha lhes preparou o tal café de fedegoso, coisa que somente tinham visto em romances de costumes das décadas anteriores. Se não estivessem enganados, fora o Rosa quem falara sobre café de fedegoso. Coisa dos tempos do Império muito antigo. Beberam. Olhavam-se de forma arrevesada enquanto bebiam. Bom não era, porém, danado de sadio para mais aguçar a fome. Mário Palmério achou que aquilo servia muito bem para fazer boca de pito. Já era alguma coisa que merecia bastante consideração.

Então, dois minutos depois que saíram ali fora para apreciar o dia e os ares, acenderam seus cigarros e se olharam com sinais de grandes sofrimentos nos olhos. As barrigas começaram a roncar. O céu girava. Não estavam habituados a jejum alongado. Famintos. E tinha mais um porém, Chico Veludo não podia passar da hora de comer que podia desmaiar. E, foi que repararam que ali era um lugar de muitos teiús. Quem não tem mais o que fazer deve mesmo contar teiús. Mansos. Pachorrentos e muito gordos. Deviam comer ovos de perdiz e mutum às pamparras. Muitos deles estendidos ao longo das raias de sol que iam em torno da casa. Faziam parte de uma delicada compleição da terra. E havia um jirau de varas de pindaíba ali, três teiús montados no lugar. Eles nunca tinham bispado calangos grandes assim como eram aqueles. Dos graúdos, quase que pequenos jacarés. Cada um maior do que o outro.

Quando o sol dava nas escamas deles, havia um verde acessório sobre cinzento. Mesmo o Perequito não era besta o bastante para tomar chicotada no lombo do rabo grosso dos bichos. A arma deles costuma ser impudente nas horas de defesa. Por isso, mantinha-se mais afastado o cão. Era prudente, sensato. O Perequito sequer se abalava com as suas presenças marcantes. Mário Palmério soprou a fumaça do cigarro Minister arriba e falou com aquela sua voz de tenor que tinha marcas paraguaias na alma.

– Podíamos mandar a velha cozinhar um desses para nós. Estão gordos que até o couro se racha. E não custa nada apanhar um. Tenho uma flobé firme no porta-malas da perua. Tiro e queda!

– João Guido deu uma risada seca. Aquilo era uma anedota muito besta que estava a ouvir. Desconhecimento da natureza. Era a mesma coisa que dizer que podiam muito bem comer um pedaço de couro de anta.

– Não. Isso demora mais de um dia para ser cozido. Só um doido mandaria a velha fritar ou cozinhar um bicho desses!

Era uma chusma grande de calangos gigantesco. Se tivessem sobra de tempo, estariam bem servidos. Um deles tinha se enfiado debaixo da perua. Marchara com a delicadeza parva dos gordos. Então, foi que Chico Veludo enxergou lá dentro, sobre a mesa grande um mamão enorme, maduro e já com as pintas escuras clássicas do fruto que está no ponto de ser comido. Seus olhos sofreram de

brilho telúrico. Um dia a mais e já estaria além das medidas. Começaria a sofrer de podridão papáinica. Teve uma ideia genial. Era aquilo ou nada mais. Mamão é coisa muito sadia. E o sabor para um homem faminto é uma coisa inenarrável. Dizem até que é bom para a pele. Para os intestinos então, nem se fala. Reuniu coragem e falou com a velha. Pensou que poderia estar espezinando, subtraindo.

– Quanto a senhora quer pelo mamão?

– Nada... Vou cobrar somente pelo café de fedegoso e pela pousada. Custa-me manter a estadia de viajantes!

– Entendemos sim senhora!

– O mamão é vosso. Estão com cara de defuntos!

– A senhora salva vidas!

Mesmo não entendendo o que seria a estadia, os homens disseram que sim. Afinal de contas, ali havia sombra. Estava bem posto. Um lugar onde se mostrava esperança. Então, os três, tomados de um medo de que o mundo fosse se acabar naquele chapadão sem nada mais que pudessem mastigar, cortaram o mamão dentro da gamela mesmo onde estava, fizeram-no em três partes iguais e comeram. Era uma fruta pálida, escorregadia, quase a se liquefazer. Comeram a casca e as sementes foram no embrulho. Era bom, não restavam as dúvidas. Era bom sim senhor. Melhor do que mel de borá. Descobriram naquele dia que mamão de chapadão é doce como mel. Dúvidas algumas. Onde ela colhera aquilo.

E partiram dali com o coração cheio de dívidas para com aquela mulher prestimosa e seus calangos. Não eram só as dívidas. Não tinham visto nenhum mamoeiro por ali. As dívidas.

Descobriram também que mamão é sorvedouro e buraco no bucho. Não sabiam se somente ele ou se também o café de fedegoso. Quanto mais progrediam, mais a fome apertava. A violência da viagem se tornava desmedida. Travessia de deserto. Ao se secar o bagaço do que ocorreu depois, chegaram em Medeiros muito atrasados e a festa comia solta para mais de quatro mil almas. O alívio fê-los menos descomedidos ou ansiosos. Apenas o carro estacionou, que desceram os políticos, os foguetes explodiram. Pipoco de todo som. Foguetes de todos os naipes. Coisa extraordinária; Chico Veludo e João Guido estavam extasiados com o que viam. A turba estava mais enervada do que eles mesmos. E não houve tempo para muita coisa. Decerto haveria dança depois do foguetório. Sempre assim. Isso fazia o povo nervoso. Queriam os mais jovens cair na grande dança de baixo de toldo.

Estavam atrasados. O povo não diz contradições a isso, mas repara muito. Veio de lá o prefeito, o senhor João Venâncio, explicou que era a vez de o deputado falar. Muita coisa tinha que ser explicada e muito depressa. O povo queria dançar. Estavam atrasados demais, não dava mais tempo para nada. O dia se acabava depressa. Político esperto precisa mostrar cadência.

Mário Palmério e os outros dois caminharam apressados. A hora urgia, não

dava mais para esperar. Quando o deputado meteu o pé ao estribo, que ia subir ao palanque armado ali justamente para a ocasião, a cólica o apanhou e lhe deu vertigem. Lembrou-se incontinenti do café de fedegoso. Temeu estar envenenado. E o suadouro à testa. Aquilo não era certo de jeito nenhum. Sempre fora regulado e bem regulado nestas partes. Conhecia-se. A velha tinha dado veneno a eles. Conhecia as próprias tripas. De qualquer maneira, melhor jeito de ficar livre desse tipo de veneno é pondo para fora do corpo. Melhor não insistir com uma coisa indelicada assim. A cólica arrojava mais e mais. Se insistisse em segurar, sujaria os panos. Durante toda a viagem tinha sentido esse remelexo matreiro das tripas. Só que não daquele jeito absurdo. Sentiu a testa fria e as mãos perdidas para serviço qualquer.

Explicou o caso ao senhor prefeito João Venâncio, que o caso era grave. Precisava dar solução à barriga. O prefeito tergiversou, falou que não havia mais tempo. Mário Palmério segurou o braço do homem, mostrou que carecia de muita piedade. O caso era sério demais. Por fim, diante das agruras que lia no semblante do nobre deputado, pensou um pouco e coçou o queixo. Se houvesse um acidente sobre o palco armado em praça pública, seria bem pior. Então, a melhor coisa a fazer é tomar juízo e aceder enquanto era tempo. Pensou bem. Não podiam ter muitos luxos em um caso de urgência como era aquele. Falou.

– Entramos pelos fundos, ali é o quintal da minha casa. Tem as moitas de mandiocal. Tem muita laranjeira e abacateiro dando cobertura. Tem as bananeiras. É o lugar ideal. O povo está distraído com o churrasco e cerveja. Pronto, está decidido. Ali mesmo e pronto!

Entraram pelo caminho proposto. Não havia dúvidas. A idéia fora muito boa, a do prefeito João Venâncio. Debaixo de uma cerca de arame farpado de somente três fios, coisa mambembe, atravessaram sem dificuldades. Cerca bamba. Quando se viu entre as touceiras de bananeiras, Mário Palmério arriou as calças e nem teve tempo direito de dizer a quem vinha. A que vinha. A situação lhe parecia bastante caótica para exercer atavios e delicadezas. Foi a chicotada tremenda, uma que tinha somente um tubo de munição. Sentiu-se envenenado, mas não mortalmente. O veneno ia embora. Nada além de um tubo de munição completa: era isso que saía qual jato muito bem elaborado. Um vento fresco brincou com seus cabelos. Gostava demais de cuidar dos cabelos longos, aquilo era regalia.

O alívio foi imediato. Deu graça aos céus. Os dois companheiros deviam estar por ali, a conversar com vereadores e outras autoridades do local. Limpou-se com as próprias palhas secas das bananeiras e caminhou para o seu objetivo. Olhou as mãos, estavam sem nódoas de qualquer espécie. O grande Mário Palmério subiu ao estrado grande e conversou com o povo. Estava lúcido demais. Ao que parecia os venenos módicos elaboram lucidez e inteligência. Discursou que foi uma maravilha. Tocou a todos com sua vibração e banda espontânea. Houve palmas e houve depois os abraços e os tapinhas às costas, cenário sem o qual

não se diria que aquele era um encontro político. Houve retribuição de risos e o deputado chegou a beijar três meninos de colo. Simbologia da atração de votos. E os três comeram até se fartar. Ali havia a fartura. Tiraram a barriga da miséria. E beberam cerveja e cachaça. Depois, quais anjos que se sabem e merecem, ganharam cama e lençóis limpos. Dormiram bem. O dia seguinte seria de travessia outra vez.

O chapadão da Zagaia esperava por eles com seus brocotós e suas coleções de teiús gigantescos.

No dia seguinte embarcaram e acabaram a jornada de volta para Uberaba. Tinham feito o jejum com a alegria fornecida pelos alimentos da serra da Canastra. Inaugurava-se em vida de cada um a lembrança, uma memória interessante dos dias de travessia do Chapadão do Bugre. Aquela marca os acompanharia pelo resto da existência. Ou algo semelhante que exigisse o epíteto de marca profunda dos tempos de jovialidade e ímpetos. Estavam agradecidos pelo sucesso da empreitada. Nada deu errado. Viagens assim costumam ser chamadas de promissoras. De tal forma que agradeceram demais aos céus.

Os céus sabiam certas respostas. Nada destoava. Medeiros, por seu turno, guardou a figura desses homens numa larga fotografia que está lá até hoje, dependurada à nova prefeitura. Documento.

No ano seguinte, Mário Palmério teria que voltar a Medeiros. Eram os ciclos eleitorais que tinham que ser cumpridos se acaso ele quisesse se converter em mais poder. Era ano de eleição e o deputado teria que fazer a campanha. Não tinha que ficar regulando energia, o que tinha que fazer era mesmo arregaçar as mangas e meter os peitos. Lugar de boa produção de eleitores, era bem-quisto ali. A assessoria falara que de lá ele arrancara um saco de votos. Voltaria a Medeiros. Mostraria a sua cara e seus cabelos longos para aquele povo hospitaleiro. Somente não cometeria os mesmos erros a primeira viagem. Recordava-se muito bem dos sofrimentos, das cólicas e das interjeições de fome dos companheiros.

Não partiria em jejum e não deixaria nunca de levar água e matula no carro. Era homem escolado, o mesmo erro duas vezes seria estultice. Suas surpresas estariam grandes demais quando estivesse diante do lugar de antes. Cada dia é de verdade um enorme complexo de diferenças quando comprada aos demais. Não havia mais o povaréu da festa daquele dia. A cidade estava amena e muita gente nem mais se lembrava de sua face de deputado. Se comparada ao ano anterior, apesar de ser dia de comício, a cidade estava calma, ajuizada, quase silenciosa. Apenas alguns zurros de jegues nas pastagens em volta das casas mais afastadas do epicentro das praças. Buzinas metódicas, algumas. Nada mais.

Quando chegou à casa do senhor João Venâncio, o homem serviu pão de queijo e broa de fubá. Era tudo muito simbólico e largado de forma farturenta sobre uma peneira de taquara trançada. E café de marca mesmo de café. O sabor de novo das cercanias da Canastra. Encontravam o lado civilizado do mundo outra

vez. Tudo ia de vento em popa. Delicioso. Era a glória quase urbana que voltava ao estado de alma do deputado Mário Palmério. Preparado, não poria mais os pés na peia do ano que passara. Suas lembranças dos sofrimentos passados, teiús e outras réguas ainda estavam muito vivazes. Trincava nos dentes um pão de queijo cheio de berrugas quando foi interrompido pelo prefeito João Venâncio. Então, o prefeito o segurou pelo braço, falou. Falava de forma muito curiosa.

– Deputado, quero te mostrar a transformação que houve em nosso quintal e bananal desde o dia em que o senhor esteve aqui, no ano que passou. Uma coisa deveras extraordinária. Depois da vossa partida, isso aqui virou um grande criatório de sanhaços de toda qualidade e cor!

Saíram pelo quintal e Mário Palmério avistou o impacto grandioso daquilo que o homem queria mostrar. Seus olhos se encheram de susto. Onde houvera as palhas de bananeira daquele dia fatídico, estendiam-se os pés de mamão mais formosos e sadios que a terra poderia um dia embalar. Era uma floresta de mamoeiros jovens e muito delicados. Ele se aproximou e contou mais de setenta deles. Aquilo sim, explicava a intenção de tantos sanhaços. Ufanou-se de sua capacidade de urdir a trama perfeita de uma história que não teria tempo e nem vontade de contar. Sanhaços? Sanhaços são loucos por mamão maduro. Não contaria essa história com caneta e papel. Mas que deixaria previsível para a pena de um atrevido que o faria depois, segundo as conseqüências do ato que se chama Criação. Era assim que fazia seus cálculos. Nunca se tem paz quando o estado criativo suplanta mesmo o homem público. Alguém ia acabar tomando nota dessas coisas.

Segundo as conseqüências do ato que se chama Criação. A perfeita ordem das coisas. Que seja nos Confins, no Chapadão ou na parição dos mamoeiros mais célebres que um dia Medeiros haveria de fotografar. Preciosos, verdes com mar. E que fosse o negativo dessa fotografia a imensidão que nem precisa de prosa seguinte. A mudança do cenário. O atrevimento de quem conta supre-se da básica do tempo e algum esforço de espaço. Mas é preciso contar.

Documentos. Assim é a História, soube ser completa.



## AS CARTAS SINGELAS DE NAVA E DRUMMOND

Edmilson Caminha\*

São vários, na literatura brasileira, os livros com a correspondência de grandes escritores: entre Machado de Assis e Joaquim Nabuco, Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, Drummond e Mário de Andrade, Alceu Amoroso Lima e a filha monja... São cartas valiosas, plenas de grandeza humana e de substância literária, que, reunidas em volumes, garantem-lhes, como testemunhos de amigos e documentos de uma época, a curiosidade dos leitores e a atenção da crítica. O que não se dá com textos carentes de interesse e de conteúdo histórico, páginas que importam, se tanto, apenas ao autor e ao destinatário, que só por prodígio editorial podem vir a compor um grande livro.

A meio caminho das duas espécies está *Descendo a rua da Bahia: a correspondência entre Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade* (Rio de Janeiro : Bazar do Tempo, 2017), edição primorosa, do bom gosto do projeto gráfico à riqueza da iconografia, da qualidade das notas à relevância dos anexos, como o excelente posfácio “Aqueles dois”, de Humberto Werneck. Organizada e comentada por Eliane Vasconcellos e Matildes Demetrio dos Santos, a obra vale, sobretudo, como lembrança de um tempo, da circunstância em que viviam os jovens Nava e Drummond, retrato da província mineira e do protagonismo carioca, ao dizer mais das coisas e dos lugares do que da dupla que se correspondia.

São 63 documentos – cartas, postais, cartões de visita – trocados no decorrer de 57 anos, de 1926 a 1983, sem o teor literário, e mesmo a dimensão humana, de outros escritos de Nava, bem como da correspondência drummondiana com, por exemplo, Tristão de Athayde e Cyro dos Anjos. Reconheça-se, assim, a competência da editora Maria de Andrade, ao fazer um primor de livro não pela importância dessas cartas, mas a despeito delas.

Em 1932, quando médico na cidade paulista de Monte Aprazível, Nava lembra: “Você falou em pornografia, meu caro Carlos, e em cartas pornográficas (...) Estou aqui sem saber das ‘últimas’ e perdendo aquele treino da anedota de bandalheira, que é uma arte tão sutil e complicada como o piano”. Arrisca-se, então, a contar a dos dois portugueses que comeram estrume de vaca, embora o faça por escrito, o que, observa com argúcia, “também vai mal à pornografia, arte es-

\* Escritor, jornalista, professor de literatura e língua portuguesa. Membro da Academia Brasileira de Letras e sócio da Associação Nacional dos Escritores. [edmilson.caminha@gmail.com](mailto:edmilson.caminha@gmail.com)

sencialmente oral, como a dos rapsodos”. Passados 47 anos, Drummond enviou-lhe, em 1979, carta para agradecer a leitura de um livro “tão rico de informação especializada”. Graças ao rigor das anotações feitas por Nava, sabemos tratar-se de *Orogenitalism*, do norte-americano Gershon Legman, edição em inglês, sobre técnicas orais de excitação genital. Donde se pode concluir que, depois de quase meio século, o tema continuava a merecer a atenção da dupla...

A Drummond – então no gabinete do secretário do Interior de Minas Gerais, Gustavo Capanema –, o futuro memorialista do *Baú de ossos*, homem reto desde sempre, não se constrange em pedir que interceda, junto ao chefe, pela irmã professora que se submeterá a concurso. Imagine-se o problema do burocrata, diante do pleito embaraçoso de um cordial amigo. Cordial, aqui, nos dois sentidos do termo: o de trato ameno e o outro, estabelecido por Ribeiro Couto e consagrado por Sérgio Buarque de Holanda, de quem não faz distinção entre o particular e o coletivo, o privado e o público. Ignora-se o que lhe terá dito o poeta, se é que houve resposta, pois nada consta, sobre o assunto, nos arquivos de Nava.

Por entre essas passagens menores, citam-se os nomes de Abgar Renault, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Afonso Arinos, João Alphonsus, importantes na cultura e na política mineiras, de que se valem as organizadoras para resgatar acontecimentos marcantes na história do Brasil, como a Revolução Constitucionalista de 1932.

A iconografia é de impressionante riqueza, pelas dezenas de retratos e pelas reproduções fac-similares de documentos vistos poucas vezes, como os originais das memórias de Nava e das sugestões de um insuspeito desenhista Drummond, para a capa do livro *Menino antigo*. As notas, sempre esclarecedoras, chegam a pecar por excesso, como a que apresenta dados de um cientista americano sobre quem se publicara reportagem no Brasil, não com a foto dele, mas do famoso reumatologista brasileiro Pedro Nava, que concedera na véspera entrevista ao jornal...

A lamentar, apenas, alguns erros de revisão, injustificáveis em obra de tamanho apuro: Odilon “Behreus” (em vez de Behrens), “sediosos” (em lugar de sediciosos), “Miritia” (em vez de Miritiba, onde nasceu Humberto de Campos, cuja foto tem a legenda trocada com a de João Alphonsus), “Armando” (em lugar de Amando) Fontes, “Paracatu” (em vez de Paracuru), terra natal do romancista Antônio Sales, e, por duas vezes, Barão de “Jaguaribe” em lugar de Jaguaripe, rua onde se realizavam os célebres encontros do Sabadoyle. Nada, porém, que comprometa o trabalho, e não se possa corrigir na segunda edição.

Se o memorialismo de Nava e a poesia de Drummond elevam-se muito acima da correspondência que trocaram, o livro que a reúne vale pela riqueza de sentimentos, pela comunhão espiritual de dois homens que, no dizer da organizadora Matildes Demetrio dos Santos, “conseguiram fazer da amizade uma bên-

ção”. Abençoados somos, também, os leitores dessas cartas, pelo prazer estético de degustar, como aos bons vinhos, uma das mais belas edições da literatura brasileira, nos últimos tempos.





## O MUNDO PRECISA DE MAIS CANADÁ, LIVRO COLETIVO

*José Raimundo Gomes da Cruz\**

Ao meu filho Márcio Gomes e à sua  
mulher Gabriela, brasileiros canadenses;  
aos seus filhos Mateus e Flora,  
canadenses brasileiros

*In 1954, coming back from Finland on my  
way home I went through Holland. Through the  
Netherlands. They thought I was American. They were  
decent to me. Courteous. But when someone asked  
what part of the States I was from I said, no, not me, me,  
I'm Canadian, and they started to cry, the older ones, and  
they all ran and embraced me and took me inside and fed  
me and invited neighbours in to see me saying something like  
'hij is een Canadees'. I've never forgotten sitting there proudly  
thinking this is what it is to be Canadian...*

(Donald Sutherland, ator, ob. cit., p. 35)

O livro coletivo citado se inclui entre as muitas comemorações dos 150 anos do Canadá (Confederação, 1867). Ele contém depoimentos de uma centena de canadenses contemporâneos. Além do ator citado, incluem-se o Primeiro Ministro Justin Trudeau (em foto do tempo de criança, carregado pelo pai, Pierre Trudeau), Alanis Morissette, Dan Aykroyd, Céline Dion, Lorne Cardinal, Norman Jewison, Nadia Litz, Kim Cattrall, Chris Hadfield. Na apresentação do livro, não falta citação do canadense Marshall McLuhan: "Canadá é o único país

\* Procurador de Justiça de São Paulo aposentado. jrgeruz@uol.com.br

no mundo que sabe como viver sem uma identidade” (sobre McLuhan, além da 2ª epígrafe do meu livro *Cinema, Verdade e Fantasia*, São Paulo, 2012, o texto intitulado “Centenário de Herbert Marshall McLuhan”, também com epígrafe dele).

A epígrafe citada acima se traduz facilmente: “Em 1954, voltando da Finlândia de regresso para casa passei pela Holanda. Pelos Países Baixos. Eles pensavam que eu era norte-americano. Eles foram corretos comigo. Corteses. Mas quando alguém perguntou de que parte dos EUA eu era, eu disse, não, não eu, eu sou canadense, e eles começaram a gritar, os mais velhos, e eles correram e me abraçaram e me chamaram para dentro e me ofereceram alimentos e convidaram os vizinhos para entrarem e me verem enquanto diziam ‘hij is een Canadees’. Jamais esqueci de ficar sentado ali pensando orgulhosamente isto é o que é ser canadense...”

Antes de prosseguir, relembro meu estudo “Canadá: Direito e Processo”, publicado pela *Revista Forense*, vol. 351, 2000, pp. 117/159. Prenunciando outro trabalho que seria escrito anos depois, destaco a maior autonomia das províncias canadenses, algo parecido com os Estados da federação norte-americana (“Os Códigos do Estado da Califórnia EUA”, divulgado pela *Revista Brasileiro de Direito Comparado*, v. 27, 2004, pp. 145/202). Peculiaridade do Canadá constituiu sua integração na Comunidade Britânica.

Destaque importante: “Se o federalismo canadense conheceu sucessivos perfis, tornando-se ‘mais consensual e mais democrático’, seu sistema de governo não resultou do acaso: “Criando a Confederação canadense só alguns anos após o fim da guerra da Secessão, no momento em que os Estados Unidos estão reencontrando uma unidade que lhes custou caro, os fundadores do sistema evitarão imitar o modelo dos seus vizinhos do sul, de inspiração republicana, fundada numa constituição do tipo popular. A soberania canadense achará, desde as origens da Confederação, sua razão de ser num poder que tem sua fonte no sistema parlamentar britânico e que lhe foi conferido pelo próprio parlamento de Westminster”. Saliente-se, em essência, que o sistema de governo se caracteriza por um “reagrupamento dos poderes executivo e legislativo, no seio do sistema parlamentar, sob a autoridade constitucional da Coroa, que deixa ao Gabinete ou Governo, sob a liderança do Primeiro ministro, a função de governar” (citações referentes a Jean-Claude Redonnet e seu livro *Le Canada*, Paris : Presses Universitaires de France, 1996, pp. 9, 10 e 41, cf. meu estudo citado, p. 119).

Quando citei o trecho em epígrafe deste comentário em conversa com o casal canadense Ralph e Helen Westington, em Ottawa, em recente estada nesta Capital, eles lembraram experiência análoga. Viajando pela Holanda, há vários anos, de carro, perceberam, por ser alta temporada turística, a dificuldade para encontrarem hospedagem. Chegaram até a dormir uma noite no próprio carro. Quando perguntaram a certo holandês se ele podia informar sobre hospeda-

rias, logo que o interlocutor de ambos soube que eles eram canadenses, convidou-os para hospedarem-se em sua própria casa. Ralph e Helen, embora da minha geração, foram os primeiros vizinhos do meu filho Márcio Gomes, que, em 2008, após três anos como patologista cirúrgico e professor na Província de Québec, acabava de mudar-se para Ottawa, com sua esposa Gabriela. Lá nasceriam seus filhos Mateus (em 2010) e Flora (em 2013).

À página 10 do livro que fornece título a este comentário, apenas “in-su-lin... The life-saving peptide hormone discovered by Sir Frederick Banting, Charles Best, and others at the University of Toronto in 1921” (in-su-lina... O peptídeo hormônio salvador da vida descoberto por Sir Frederick Banting, Charles Best, e outros na Universidade de Toronto em 1921”). Mera coincidência: os professores de medicina do Hospital de Ottawa, nestes 150 anos do Canadá, para arrecadar fundos destinados a certa pesquisa, realizaram um concurso muito concorrido de dança. Deixo de identificar qualquer dos participantes por respeitar a discrição de cada qual sobre sua louvável iniciativa.

Do poema *Ode to Canada*, de Heather Reisman, à página 109 do livro comentado, retiro os versos iniciais: “I love that our belief in equality is not only in our Charter but deep in our DNA./ I love that health care is a right and not a privilege./ I love that Canadian writers, musicians, artists, and creatives/ from all fields punch so above their weight on the world stage” etc. Tento traduzir: “Amo que nossa crença na igualdade não decorra só do texto constitucional, mas esteja na profundidade do nosso DNA./ Amo que o cuidado com a saúde seja um direito e não um privilégio./ Aprecio muito que escritores, músicos, artistas e todos aqueles dotados de criatividade, de todos os campos atuem acima da sua capacidade no panorama mundial.”

Em página dupla (166/167), o livro comentado destaca: “Newfoundland held dominion status as ITS OWN COUNTRY until 1949 when it joined the Canadian Confederation.”

O *Petit Larousse illustré* 1989, no vocábulo Newfoundland remete ao vocábulo *Terre-Neuve*, onde detalha: a) a localização da grande ilha americana e suas peculiaridades geográficas; b) o histórico, que culmina com a sua transformação na décima província do Canadá, em 1949.

À página 104: “SOR-RY / ‘sàrè, sòrè/ What Canadians say when someone else bumps into us on the sidewalk.” Traduzo: “Desculpe... Aquilo que os canadenses dizem quando alguém esbarra na gente na calçada.”

Não se trata de detalhe insignificante. E faz lembrar certo passeio que fiz no começo da mudança do meu filho Márcio e sua Gabriela para o Canadá, com estes e, como sempre, com a Maria Lúcia. Acabei de referir-me a Newfoundland, situada na desembocadura do Rio Saint Laurent. Agora, falo da nascente do mes-

mo rio, no lago Ontário, com suas Mil Ilhas (Thousand Islands). Descíamos a larga calçada que precede o ancoradouro do barco para passeios turísticos andando lado a lado, entre os canteiros. À nossa frente, apareceu estacionado carro policial, ocupando metade do passeio que usávamos. Bastaria andarmos dois a dois no trecho do veículo. O motorista deste apressou-se a ligá-lo e dar marcha-à-ré, para continuarmos os quatro lado a lado também naquele trecho.

Insignificância? De modo algum, mas forma de refinamento, de índole prestativa, de cativante receptividade.

Outro destaque do livro comentado: “My birthday wish for Canada is that Canadians BECOME MORE ENGAGED WITH HERITAGE – Both Natural Heritage and Human Heritage.” (Robert Bateman – Artista, p. 178). Ou: “Meu desejo de aniversário para o Canadá é que os canadenses se tornem mais engajados com a herança – ambas, herança natural e herança humana.”

Não consigo resistir à dupla página de Amanda Lindhout (pp. 184/185, a 2ª página, só com doze vistas da natureza), “humanitária e autora”, com destaque de OPENNESS, palavra que Antônio Houaiss, em seu Dicionário Inglês-Português (Rio de Janeiro : Record, 1982) traduz como “abertura; lhaneza, sinceridade; imparcialidade; compreensão; receptividade”. Nova transcrição prévia se impõe: “My birthday wish for Canada is that we continue to be an example and leader of progressive change in the world. To me, being Canadian means embracing diversity, inclusivity, equality and openness. The most powerful moment of being Canadian that I have experienced was when I arrived home from captivity in Somalia and I realized just how many Canadians had been part of making that possible for me through incredible generosity, prayer, and support.” Quer dizer: “Meu desejo de aniversário para o Canadá é que nós continuemos a ser exemplo e líder de progressiva mudança no mundo. Para mim, ser canadense significa abraçar a diversidade, a inclusão, a igualdade e a abertura. O mais poderoso momento de ser canadense que eu experimentei foi quando eu cheguei de volta do cativo na Somália e verifiquei quanto muitos canadenses tinham participado em tornar aquilo possível através de inacreditável generosidade, oração e apoio.”

O autor e ilustrador Terry Fan, à p. 206 do livro sobre o qual escrevo, limita-se a registrar: “Canada is the country I choose to live in.” (“Canadá é o país que escolho para nele morar”).

Relembrando os trechos iniciais da receptividade holandesa aos canadenses citados, não posso esquecer o “festival de tulipas” da primavera de Ottawa, que revi em maio último. As flores de origem holandesa, no parque em que se concentram na Capital canadense, ali mesmo vêm sua história resumida. Com a ocupação da Holanda pelas tropas nazistas, a rainha e seus familiares se refugiaram em Ottawa. Como a rainha se achava grávida, o 1º Ministro canadense Mackenzie King conseguiu aprovação pelo Parlamento do seu país de lei conside-

rando território holandês as dependências da maternidade de Ottawa, em que a rainha daria à luz o herdeiro do trono do seu país. Por esta e outras gentilezas, após o fim da 2ª guerra, a família real prestou homenagens de gratidão ao Canadá, entre as quais se inclui a remessa de mil mudas das flores tão características da Holanda: as tulipas.

Durante minha recente visita aos familiares em Ottawa, certo jornal publicou matéria sobre a Chief Justice da Suprema Corte do Canadá, Beverley McLachlin. Como nos EUA, o cargo de Chief Justice da Suprema Corte não é temporário. Assim, a mencionada Chief Justice canadense ocupa o cargo desde 7/1/2000. A citada reportagem referia-se à intenção dela de aposentar-se neste ano dos 150 anos do Canadá. Isso me fez notar que o livro objeto deste comentário não traz depoimento dela nem de outra personalidade do mundo jurídico do país.

Em 2008, ano em que o meu filho mencionado deixou Sherbrooke, na Província de Québec e se instalou em Ottawa, tratei de visitar com a Maria Lúcia a Suprema Corte canadense. Certo funcionário desta nos recebeu com grande distinção e nos guiou pelas instalações de maior interesse, fornecendo publicações e informações verbais. Quando perguntei quantos processos eram julgados anualmente pela Suprema Corte canadense, ele respondeu prontamente:

– Noventa.

Achei tão pequeno esse número que insisti, aguardando possível retificação. Eram 90 processos anuais mesmo.

Antes das sucessivas visitas iniciadas em 2005, eu conhecera o Canadá: Montreal, Québec, Toronto e Ottawa, em 1998. De lá, trouxera alguns livros jurídicos, quase inexistentes na doutrina brasileira. Daí o já citado artigo “Canadá: Direito e Processo” e outro sob o título “Notas sobre a Advocacia no Canadá”, divulgado pela Revista do Instituto dos Advogados de São Paulo, n. 6, jul/dez 2000, pp. 245/257.

Citei, nele, várias vezes, o livro “Introduction to the study of law”, 5. ed. Toronto : Carswell, 1997” de S. M. Waddams, “estudo do direito das províncias de common law do Canadá” (p. 245). Inclui passagem deste livro, como a “maioria dos advogados gasta seu tempo executando transações rotineiras e evitando ao máximo qualquer problema complexo ou de interesse teórico. O advogado ocupado não tem tempo para tais perfumarias.” (p. 246) Mais adiante, informação do mesmo autor há pouco citado: “no Canadá, o advogado, cuja maior atividade prática consiste em tratar de assuntos imobiliários e redação de testamentos, pode, se quiser, dirigir-se à Provincial Court of Appeal ou à Supreme Court of Canadá com pouca ou nenhuma experiência”. (pp. 250/251)

No começo dos anos 1980, participei do debate de que resultou a criação do nosso Juizado Especial de Pequenas Causas (cf. meu artigo “Reflexões sobre o juizado especial de pequenas causas na Revista AJURIS. v. 27, pp. 24/46; na Revista de Jurisprudência do Tribunal de Justiça de São Paulo. v. 86, pp. 15/28 e

na Revista Forense. v. 285, pp. 93/102). Falava-se, então, em certa litigiosidade contida para as causas de pequeno valor desencorajadas para seu ingresso em juízo com patrocínio de advogado e todo o formalismo de outras causas. Não convém omitir que a referida expressão sugere a litigiosidade incontida, para causas de maior valor.

Tudo isso é lembrado, em face do número anual de processos julgados pela Suprema Corte canadense e da habitual atuação dos seus advogados, sugerindo a virtude também da litigiosidade contida. Pelo menos, absteve-me de escrever sobre a atuação da Suprema Corte do Canadá.

De todas as páginas do livro que acabo de comentar e de outras referências trazidas a este texto, a conclusão confirma o título do livro e deste comentário: “O mundo precisa de mais Canadá”.



## A CENTENÁRIA CINZA DAS HORAS

*Anderson Braga Horta\**

Nascido em 1886, foi por volta dos nove anos – ainda, pois, no final do século XIX – que o menino Manuel, filho do engenheiro Manuel Carneiro de Souza Bandeira, começou a manifestar interesse por poesia: na cidade natal, Recife, conforme umas “Confidências a Edmundo Lys”, incluídas em *Andorinha Andorinha*. Só aos dez, porém, isto é, em 1896, novamente no Rio de Janeiro, onde residira perto de três anos, começará a escrever. Sua formação literária foi solidamente tradicional, incluindo desde os “gongóricos portugueses” até os do Oitocentos – românticos, parnasianos e simbolistas. Seus primeiros versos “sérios” trazem a marca desses estilos, que dominou sem prejuízo – ao contrário, até embasando-as – das posteriores criações modernas que fizeram dele um dos maiores renovadores de nossa poesia no século XX.

Apesar dessa inclinação precoce, revela o Poeta que sua verdadeira vocação era a Arquitetura. Perseguindo essa meta, mudou-se para São Paulo, matriculou-se na Escola Politécnica e no Liceu de Artes e Ofícios, para dedicar-se às aquarelas e ao desenho a mão livre. Nesse período, de aproximadamente ano e meio, quase não escreveu. Até que a tísica lhe frustrou a carreira. “Então” – prossegue – “na maior desesperança, a poesia voltou como um anjo e sentou-se ao pé de mim.”

Começou a publicar os seus versos para fingir que não existia em vão, conforme suas próprias palavras. Não temos como saber que arquiteto se perdeu; sabe-se, contudo, que magnífico poeta ganhamos. Não existiu em vão; ao contrário do que modestamente insinuava, sua vida foi cheia e profícua, tanto na poesia quanto na prosa, no magistério como no influxo literário e humano.

De como se preparou para a poesia, nomeadamente para o livro de estreia, cujo centenário comemoramos, diz, resumidamente, nessas mesmas confissões:

*“Ao aparecer A Cinza das Horas os críticos assinalaram logo a influência de Antônio Nobre sobre mim. De fato, mas quantas sofri! É um nunca acabar! Creio, porém, que as mais decisivas são, pelo menos para mim, outras. As da música e do desenho, por exemplo. Aprendi a simplicidade de certas líricas nos Lieder de Schubert, a precisão vocabular nos desenhos de Da Vinci e outros.*

\* Poeta, crítico e ficcionista, reside em Brasília. [bragahorta@gmail.com](mailto:bragahorta@gmail.com)

*E as quadras populares? Quantas vezes queria lembrar uma quadra e não podendo reconstituí-la fazia da melhor maneira o remplissage; tempos depois encontrava a quadra impressa e via como estava melhor do que na minha reconstituição: examinava os motivos da superioridade, descobria o segredo e passava a utilizá-lo nos meus versos.*"

Ele não o diz inequivocamente, mas vê-se que o segredo era a simplicidade, que foi uma das virtudes desse poeta altamente técnico e erudito. Disse-o, sim, João Ribeiro, no artigo de imprensa em que exalta as qualidades do antigo discípulo.

Antes de passarmos à revisitação do livro centenário, deixemos marcadas algumas datas contextualizantes: a da ida para São Paulo – 1903; a da manifestação da doença e volta ao Rio, com estadas em cidades de clima serrano, como Petrópolis, Teresópolis e Campanha – 1904; a dos primeiros versos livres – 1912, segundo os “Dados Biográficos” de Estrela da Vida Inteira (José Olympio, 1966); a da internação em sanatório de Clavadel, Suíça – 1913; a do desencadeamento da 1.ª Grande Guerra, com o consequente retorno ao Brasil – 1914.

No Itinerário de Pasárgada, Bandeira se reconhece devedor do “subconsciente”, do “transe”, do “alubrimento”; da inspiração, em suma (gosto de usar a polêmica palavra...). Deixam-no visível os dois poemas iniciais de sua obra. Releiamos os setissílabos de “Epígrafe”:

Sou bem nascido. Menino,  
Fui, como os demais, feliz.  
Depois, veio o mau destino  
E fez de mim o que quis.

Veio o mau gênio da vida,  
Rompeu em meu coração,  
Levou tudo de vencida,  
Rugiu como um furacão,

Turbou, partiu, abateu,  
Queimou sem razão nem dó –  
Ah, que dor!

Magoado e só,  
– Só! – meu coração ardeu:

Ardeu em gritos dementes  
Na sua paixão sombria...  
E dessas horas ardentes  
Ficou esta cinza fria.  
– Esta pouca cinza fria...

Sim, sua poesia tem raízes na vida, e nessas raízes corre sangue. Não se trata de mera arte poética. Vejamos os belos eneassílabos que vêm logo depois, este encantador “Desencanto”:

Eu faço versos como quem chora  
De desalento... de desencanto...  
Fecha o meu livro, se por agora  
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...  
Tristeza esparsa... remorso vão...  
Dói-me nas veias. Amargo e quente,  
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia rouca  
Assim dos lábios a vida corre,  
Deixando um acre sabor na boca.  
– Eu faço versos como quem morre.

É frequentemente citada a antonomásia de “São João Batista da Nova Poesia”, criada por Mário de Andrade para homenagear o grande precursor do nosso Modernismo. Não creio que suas antecipações figurem tanto no livro aqui enfocado quanto no seguinte, Carnaval, em que há poemas como “Os Sapos”, “Debussy” e “Sonho de uma Terça-Feira Gorda”; mas em A Cinza das Horas é imperioso reconhecer o impacto do sexto poema, em seu sexto dístico, brusca ruptura do comportamento dominante nos versos anteriores:

Aquele corvo, o voo torvo,  
O meu destino aquele corvo!

Elipse, truncamento, dissonância que me evocam o segundo verso do belíssimo soneto de Álvares de Azevedo assim começado:

Ó páginas da vida que eu amava,  
Rompei-vos! nunca mais! tão desgraçado!...

Vai o parêntese para ilustrar como as antecipações podem ser recuadas... No “Ruço” bandeiriano há ainda a considerar o último verso, que eu diria amétrico: “A nossa infância, ó minha irmã, tão longe de nós!”

O poema destoa dos que lhe vão em torno: imediatamente antes, a polimetria menos vibrante de "Paisagem Noturna"; um soneto "A Camões", corretíssimo, é certo, mas como que feito a martelo, e outro "A Antônio Nobre", aquecido pela empatia que liga Bandeira ao homenageado, também tuberculoso. Assim compara o Poeta a sua sorte à do português (note-se o forte verso final):

Tu que penaste tanto e em cujo canto  
Há a ingenuidade santa do menino;  
Que amaste os choupos, o dobrar do sino,  
E cujo pranto faz correr o pranto:

Com que magoado olhar, magoado espanto  
Revejo em teu destino o meu destino!  
Essa dor de tossir bebendo o ar fino,  
A esmorecer e desejando tanto...

Mas tu dormiste em paz como as crianças.  
Sorriu a Glória às tuas esperanças  
E beijou-te na boca... O lindo som!

Quem me dará o beijo que cobiço?  
Foste conde aos vinte anos... Eu, nem isso...  
Eu, não terei a Glória... nem fui bom.

Seguem-se composições em octossílabos (metro tão do agrado do Poeta), como o insinuante "Chama e Fumo", outras de inflexão mais próxima à simbolista, como o "Crepúsculo de Outono" (datado de Clavadel, 1913), sonetos alexandrinos tipicamente parnasianos, qual "A Aranha", as setissilábicas "Cartas de meu Avô", na zona de transição entre romantismo e parnasianismo, o nosso parnasianismo de acentuadas reverberações românticas, o parnasianismo romântico do mais lírico Bilac... Em "Volta", pela três vezes enunciada frase "Enfim te vejo" e pela história amorosa sugerida apenas, quero ver uma homenagem a Gonçalves Dias ("Ainda uma Vez – Adeus"), poeta da mais alta admiração de Manuel Bandeira. Destaco o erotismo disfarçado de ironia no "Poemeto Irônico", a rondilha cantante de "Poemeto Erótico", o ritmado eneassílabo de "Desalento", a leveza meticulosamente construída de "Um Sorriso".

No fim do mencionado artigo em que elogia prodigamente o livro, João Ribeiro lança, como de passagem, uma restrição ao dizer que ainda há nele, se bem que rara e excepcionalmente, algum "funesto tributo às manias reinantes" (isto é, o abuso das convenções e dos artifícios). Ora, devemos admitir que no meio desses versos há poemas que não voam. Bandeira é grande entre os grandes poe-

tas, mas nem mesmo os mais altos dentre eles podem sempre levantar voo. E ele mesmo confessa, na citada passagem do Itinerário, que só a partir de Libertinagem se resignou "à condição de poeta quando Deus é servido" e que os três livros anteriores "ainda estão cheios de poemas que foram fabricados en toute lucidité". (Em todo caso, entenda-se, o Poeta nunca se "distrai" das técnicas do verso, que já se lhe amalgamaram ao imo.)

Mesmo poemas dos mais laboriosamente produzidos (frutos da pura lucidez, que não do transe) Bandeira sabe "salvá-los" com um final de espanto, de agudeza conceitual ou de pura beleza. Ele aprendeu – ou intui – o valor do fecho, da última impressão, e o trabalha conscientemente. Ele sabe usar a chave de ouro, esse recurso poético tão freqüentemente criticado, em especial quando empregado como elemento intensificador do soneto parnasiano. (Claro que há também o chavão dourado – tudo pode ter sua contrafação...) Ora, uma chave de ouro tem, de fato, esse valor; ela pode iluminar retroativamente um poema que de outro modo não sobressairia, ou não seria tão bom. É o caso desta "Boda Espiritual", que desde sempre me encanta, e que sem a áurea coda não seria mais que um bem-feito poeminha erótico:

Tu não estás comigo em momentos escassos:  
No pensamento meu, amor, tu vives nua  
– Toda nua, pudica e bela, nos meus braços.

O teu ombro no meu, ávido, se insinua.  
Pende a tua cabeça. Eu amacio-a... Afago-a...  
Ah, como a minha mão treme... Como ela é tua...

Põe no teu rosto o gozo uma expressão de mágoa.  
O teu corpo crispado alucina. De escorço  
O vejo estremecer como uma sombra n'água.

Gemes quase a chorar. Suplicas com esforço.  
E para amortecer teu ardente desejo  
Estendo longamente a mão pelo teu dorso...

Tua boca sem voz implora em um arquejo.  
Eu te estreito cada vez mais, e espio absorto  
A maravilha astral dessa nudez sem pejo...

E te amo como se ama um passarinho morto

Acentuando os dois últimos versos, particularmente o finalíssimo, que nos mergulha definitivamente nas nebulosas da poesia, vou encerrando esta homenagem.

Se *A Cinza das Horas* não é, ainda, o mais cabal prenúncio de Manuel Bandeira à estética da Semana de Arte Moderna, é, todavia, um belo, moderno e importante livro, em que já se manifesta a grandeza do poeta.



## REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS ACERCA DA CASA DE ORAÇÃO DO VALE DE LÁGRIMAS

Ana Cristina Pereira Lage\*

### Resumo:

Pretende-se analisar os anos iniciais da Casa de Oração do Vale de Lágrimas, uma instituição educativa feminina que existiu próxima à Vila de Minas Novas, na Capitania de Minas Gerais, na segunda metade do século XVIII. Neste artigo será analisado o documento mais antigo da referida instituição e encontrado até o presente momento: um ofício do Arcebispo da Bahia, D. José Botelho de Matos, enviado para Diogo de Mendonça Corte Real e datado de 1754 (AHU Bahia, caixa 8, docs. 1183-1187). Neste documento, o Arcebispo solicita a verificação da existência de um Recolhimento feminino no sertão da Capitania de Minas Gerais. No processo de verificação é possível encontrar informações acerca da primeira regente da instituição, D. Isabel Maria, das demais mulheres recolhidas e das práticas educativas desenvolvidas na instituição, bem como alguns detalhes da habitação, da religiosidade e do apoio da população local à sua manutenção. Observa-se que as práticas desenvolvidas na instituição tinham não só um caráter devocional, mas também preparavam as mulheres para o trabalho doméstico em busca da autossuficiência da Casa e já apresentava o aprendizado da escrita e da leitura. Questiona-se a intencionalidade destas práticas, uma vez que o grupo de mulheres vivia de forma reclusa, o contato com o mundo exterior acontecia apenas nos momentos de celebração religiosa no interior da instituição, e aproximavam-se então daquelas práticas desenvolvidas no interior de instituições confessionais femininas, especialmente nos recolhimentos da América Portuguesa. Verifica-se ainda as manobras das representações discursivas da Regente Isabel Maria, dos padres e da população local para informar que a instituição não era um Recolhimento e, assim, não passar pela supervisão do arcebispado baiano. É importante salientar que a análise documental aponta então para uma instituição que pretendia caracterizar-se enquanto uma casa educativa e, somente em um momento posterior, tornou-se efetivamente um recolhimento para mulheres.

\* Doutora Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM .  
lage@ufvjm.edu.br

Este trabalho pretende analisar aspectos educativos de uma mesma instituição que, ao longo de sua história, teve dois nomes e compreendeu dois espaços distintos. Conhecida inicialmente como *Casa de Oração do Vale de Lágrimas*, a maior parte da documentação acerca da instituição aqui analisada aponta que esta surgiu próxima à Vila de Minas Novas, na região norte de Minas Gerais, por volta de 1750\*. Porém, no conjunto documental que será analisado mais detalhadamente neste trabalho, é possível afirmar que esta data de início é realmente imprecisa e pode remeter a sua fundação para a década de 1720\*\*.

Posteriormente, quando a instituição foi transferida para o Arraial de Santa Cruz da Chapada em 1780, também próximo à Vila de Minas Novas, documentos apontam que esta passou a ser denominada como Recolhimento de Sant'Ana da Chapada, ou Recolhimento de São João da Chapada ou apenas Recolhimento da Chapada. Neste trabalho, procura-se aqui compreender as especificidades do momento da instituição quando esta intitulava-se *Casa de Oração do Vale de Lágrimas* por meio da análise do documento mais antigo encontrado até este momento e que traz informações das mulheres recolhidas no *sertão* da Capitania de Minas Gerais\*\*\*.

A fonte que é analisada nesta pesquisa trata-se de um conjunto de documentos que estão agrupados em um único arquivo digitalizado do Arquivo Histórico Ultramarino, Seção Bahia, sob o título *Offício do Arcebispo da Bahia, para Diogo de Mendonça Corte Real, referindo-se a um Recolhimento de mulheres, fundado no sertão por uma filha do Mestre de Campo da Conquista João da Silva Guimarães e pedindo instruções a este respeito*\*\*\*\*. Além deste ofício, encontram-se anexados documentos da verificação da existência da instituição e que demonstram as dificuldades do arcebispado em controlar um espaço tão distante de Salvador. O conjunto documental possui 10 páginas e apresenta inicialmente a solicitação de verificação da instituição pelo referido Arcebispo, e logo após traz uma representação de D. Isabel Maria, a Regente da instituição, onde esta apresenta uma justificativa para a sua manutenção e o estado em que esta se encontra\*\*\*\*\*. A seguir, encontram-se alguns testemunhos favoráveis à manutenção da instituição e feitos por uma elite local, encabeçados por Pedro Leolino Mariz, Mestre de Campo e Comandante da Vila de Minas Novas\*\*\*\*\*. Por fim, apresenta um auto da investigação empreendida pelo Padre

\* Ver: ROCHA, José Joaquim da. *Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais*. Transcrição Maria Efigênia Lage. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995; VASCONCELLOS, Diogo Pereira Ribeiro de. Breve descrição geographica, physica e política da Capitania de Minas Geraes. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. 1901, p. 853.

\*\*Ofício do Arcebispo da Bahia, D. José Botelho de Matos para Diogo de Mendonça Corte Real. 1754. Arquivo Histórico Ultramarino - seção Bahia, caixa 8, docs. 1183-1187.

\*\*\* Id. Ibidem.

\*\*\*\* Ofício do Arcebispo da Bahia, Id. Ibidem.

\*\*\*\*\* Representação de D. Isabel Maria, fundadora e diretora do referido Recolhimento, justificando a sua fundação e o estado em que se encontrava. Minas Novas, 2 de março de 1753. In: Ofício do Arcebispo. Id. Ibidem.

\*\*\*\*\* Atestado de varias pessoas, certificando o bom comportamento de D. Isabel Maria. Vila do

Nicolau Pereira de Barros, da distante Vila de Curvelo.\* No conjunto de relatos apresentados no processo de verificação é possível encontrar informações acerca da primeira regente da instituição, D. Isabel Maria, das demais mulheres e das práticas educativas desenvolvidas na instituição, bem como detalhes da habitação, da religiosidade e do apoio da população local à sua manutenção. Na análise destas fontes, é possível observar algumas manobras da Regente Isabel Maria, de padres e da população local para fortalecer a ideia de que a instituição não era um Recolhimento feminino e, assim, não passar para a supervisão do arcebispado.

Neste ponto é necessário apontar que um documento escrito representa um determinado discurso de um indivíduo ou grupo social em um determinado tempo e espaço. Assim, quando o documento aqui analisado demonstra as manobras de um determinado grupo, é importante salientar que a fonte não é isenta de subjetividade, de intenções e manipulações para apresentar um discurso que busca responder da melhor forma às indagações do Arcebispo da Bahia. Segundo Roger Chartier, a realidade é contraditoriamente construída por diferentes grupos que compõem a sociedade. A construção das identidades sociais resulta em uma relação de força “entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma.” Outra via interpretativa “considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade.”\*\* Assim, nesta perspectiva, é necessário compreender que os autores dos documentos que são aqui analisados, em suas escritas delimitam uma certa resistência ao controle do arcebispo baiano e também demonstram uma unidade do grupo, aquele que tem interesse na manutenção da *Casa de Oração do Vale de Lágrimas* sem as interferências do poder soteropolitano.

É importante interpretar o significado da denominação *Vale de Lágrimas*, que remete às desgraças humanas após o pecado capital, além dos sofrimentos que seriam pagos por meio de orações no plano terreno. Segundo a Bíblia, o Vale de Lágrimas ou o também conhecido Vale de Baca, seria um local necessário para se passar antes de alcançar a glória celestial.\*\*\* Por outro lado, O termo *Casa de*

Bom Sucesso e Minas do Araçuaí, 19 de janeiro de 1754; Atestado de Pedro Leolino Mariz, Mestre de Campo, Comandante das Minas Novas do Araçuaí, acerca de D. Isabel Maria e do seu Recolhimento. Villa de N. Sra. Do Bom Sucesso, 28 de fevereiro de 1754. In: Ofício do Arcebispo. Id. Ibidem

\* Auto de investigação a que procedeu o Padre Nicolau Pereira de Barros, Vigário da Matriz de Santo Antonio e N. Sra. Do Bom Sucesso de Corvello, por ordem do Arcebispo da Bahia, sobre o Recolhimento fundado nos limites da freguesia do Fanado. Bahia, 6 de junho de 1754. In: Ofício do Arcebispo. Id. Ibidem.

\*\* CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Estudos Avançados*, 11(5), 1991. p. 183.

\*\*\* “Ao passarem pelo vale de Baca, fazem dele um lugar de fontes; as chuvas de outono também o enchem de cisternas. Prosseguem o caminho de força em força, até que cada um se apresente a Deus em São.” (Salmo 84, 6-7. In: Bíblia Sagrada. Disponível em: [http://www.bibliaon.com/salmos\\_84/](http://www.bibliaon.com/salmos_84/). Acesso em 27 de junho de 2016.



Oração está presente também na Bíblia Sagrada e apresenta a ideia de Casa de Jesus e um define um local que propício para a limpeza dos problemas mundanos.<sup>9</sup>

Questiona-se então se a instituição aqui analisada estabeleceu-se desde o seu início enquanto Recolhimento, vista apenas como espaço de devoção e vida contemplativa e diferenciando-se dos conventos da época pela ausência dos votos por parte das recolhidas, ou se era um lugar com uma intencionalidade diferenciada como aponta o significado de Casa de Oração, que propunha sobretudo a expiação dos problemas mundanos.

No dicionário de Rafael Bluteau, a palavra recolhimento aparece caracterizada como: “Casa de religião ou retiro do mundo, sem votos religiosos.”<sup>10</sup> Na América Portuguesa, a fundação deste tipo de instituição era mais facilitada pelo fato de ser exigida somente uma licença episcopal para o seu funcionamento, enquanto os conventos necessitavam de uma ordem papal e a aceitação da instalação por parte de uma determinada ordem religiosa<sup>11</sup>. Assim, caso desejassem e se considerassem recolhidas, as mulheres que habitavam na *Casa de Oração do Vale de Lágrimas* necessitariam apenas da autorização de D. Jozé Botelho de Mattos, arcebispo da Bahia, para o seu reconhecimento enquanto recolhimento. Porém, o documento aqui analisado aponta que, quando o arcebispo solicitou a verificação da existência de um Recolhimento feminino no sertão da Capitania de Minas Gerais, tanto as mulheres que habitavam a *Casa de Oração*, quanto os religiosos que ministravam a comunhão neste espaço ou até os homens da elite local, apontavam que esta era uma casa habitada por várias mulheres de uma única família e que apenas recebiam outras mulheres com intencionalidade educativa, mas sem caracterizar-se enquanto recolhimento<sup>12</sup>. Parte-se então do princípio que a *Casa de Oração do Vale de Lágrimas* era uma instituição educativa, uma vez que propiciava uma determinada educação às mulheres que lá habitavam e que as características necessárias para caracterizá-las enquanto habitantes de um recolhimento, foram construídas ao longo da sua história, de acordo com os interesses das suas habitantes e da população local.

Segundo Dermeval Saviani, “(...) a palavra “instituição” guarda a ideia

<sup>9</sup> “Tendo JESUS entrado no templo expulsou a todos os que ali vendiam e compravam, também derubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas, e disse-lhes: está escrito: a minha casa será chamada casa de oração, vós porém, a transformais em covil de salteadores”. (MATEUS 21:13. In: Bíblia Sagrada. Disponível em: <http://www.bibliaonline.net/bol/>. Acesso em 26 de junho de 2016.

<sup>10</sup> BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Collegio das artes da Companhia de Jesu, 1712. vs.1 e 4. Disponível em: [www.brasiliiana.usp.br](http://www.brasiliiana.usp.br). acesso em 15 de junho de 2013.

<sup>11</sup> Para todo o período colonial é possível encontrar registros de 16 recolhimentos femininos no território brasileiro. Destes, 03 conseguiram passar para a condição de Convento. Outras três instituições já nasceram como conventos. Informações retiradas do cruzamento de dados realizado em: AZZI, Riolando e REZENDE, Maria Valéria. A vida religiosa feminina no Brasil colonial. In: AZZI, Riolando (org.). *A vida religiosa no Brasil. Enfoques históricos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

<sup>12</sup> Ofício do Arcebispo da Bahia. Op. cit.

comum de algo que não estava dado e que é criado, posto, organizado, construído pelo homem.”<sup>13</sup> Assim, parte-se do princípio de que a instituição aqui analisada aglutina procedimentos, ideias, crenças e rituais comuns por meio de uma determinada educação. Para Justino Magalhães<sup>14</sup>, é necessário buscar uma identidade às instituições educativas e deve-se utilizar uma linha metodológica que descreva o particular institucional, mas que demonstre as suas relações com o contexto econômico, político, social e cultural da época e dos espaços analisados. Assim, antes da análise da instituição e suas práticas educativas, pretende-se compreender um pouco acerca da região e das relações de poder que circulavam em seu entorno.

### A região de Minas Novas e o sertão:

A Vila de Minas Novas, fundada em 1730 como Arraial de Nossa Senhora de Bom Sucesso do Fanado, foi desanexada politicamente da Capitania da Bahia em 1757, quando passou para a subscrição da Comarca do Serro Frio, na Capitania de Minas Gerais. Eclesiasticamente continuou vinculada ao Arcebispado da Bahia até 1853. Esta particularidade da região acarreta a busca de documentos em arquivos diversos: além dos portugueses, mineiros e baianos. Assim, em 1754, momento de análise deste trabalho, o seu território estava político e eclesiasticamente vinculado à Capitania da Bahia, mas logo se desmembrou politicamente e passou a pertencer à Capitania de Minas Gerais, embora eclesiasticamente estivesse subordinada ao Arcebispado da Bahia.

Segundo Andréa Lisly, desmembrar o território de Minas Novas da Capitania da Bahia facilitaria a circunscrição da Demarcação Diamantina para a Coroa portuguesa, uma vez que a exploração de ouro e pedras preciosas também abarcava aquele espaço. Por outro lado “as dilatadas distancias em relação ao bispado de Mariana justificavam conservar o Termo de Minas Novas sob a jurisdição eclesiástica do Arcebispado da Bahia.”<sup>15</sup>

O controle por parte dos governadores e capitães gerais da Capitania de Minas Gerais devia-se ao fato de que as autoridades baianas estavam distantes mais de duzentas léguas da Vila e não seriam capazes de combater o contrabando de diamantes e ouro, o que facilitava então a sua anexação à Comarca do Serro Frio.<sup>16</sup> Mesmo com a anexação à Comarca, a população do Arraial de Minas

<sup>13</sup> SAVIANI, Dermeval. Instituições escolares: conceitos, história, historiografia e práticas. In: *Cadernos de História da Educação*, no. 4, jan-dez. 2005, p. 28. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/382>. Acesso em 02 de janeiro de 2014.

<sup>14</sup> MAGALHÃES, Justino. A história das instituições educacionais em perspectiva. In: GATTI Jr., Décio e INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs.). *História da educação em perspectiva – ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Uberlândia, MG: EDUFU; Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

<sup>15</sup> GONÇALVES, Andréa Lisly. Catequese, cóngruas e jurisdição religiosa no Termo de Minas Novas do Araçuaí. In: *LPH. Revista de História*. Ano 11, no. 11. Mariana: Dep. História/UFOP, 2001. p. 64.

<sup>16</sup> FONSECA, Claudia Damasceno. Urbs e civitas. A formação dos espaços e territórios urbanos nas Minas setecentistas. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. V.20, n.1. p.77-108. Jan-jun. 2012.

Novas pleiteou o seu retorno à jurisdição da Bahia.\* Por outro lado, também utilizaram da confusão administrativa causada pela mudança de jurisdição e deixaram de pagar alguns impostos devidos à Coroa, como foi o caso do subsídio para a reconstrução de Lisboa após o terremoto de 1755.\*\*

Embora a Vila enriquecesse pela exploração mineral, verificava-se que o clima e o solo não eram propícios para a exploração agrícola. Além disso, as longas distâncias dos grandes centros acarretavam períodos de escassez de alimentos. Em 1788, José Joaquim da Rocha informava que a Vila de Minas Novas vivia da exploração de ouro e de diamantes, porém, nos anos de pouca chuva, a população sofria pela falta de produção de alimentos e das dificuldades de abastecimento da região. O clima era quente e seco e toda a água provinha do Rio Araçuaí, cuja margem propiciou a instalação da *Casa de Oração do Vale de Lágrimas*.\*\*\*

Segundo documentação anterior, em 1744 os oficiais da Câmara da Vila de Minas Novas, “com sensível dor” indicavam ao rei português que o ouro já não era abundante e a população da Vila de Minas Novas vivia em estado de “deplorável miséria”, tanto financeira quanto de alimentos e solicitavam o “alívio” dos impostos.\*\*\*\* Outros documentos apontam também para as dificuldades de sobrevivência na Vila de Minas Novas, mas também demonstram o caráter exploratório do território que a cercava.\*\*\*\*\*

Pode-se considerar que a Vila de Minas Novas assentava-se no território do sertão norte de Minas Gerais ou no sertão sul da Bahia. No século XVIII, o *sertão* caracteriza-se como “(...) o interior, o coração das terras. Opõe-se a marítimo e costa.”\*\*\*\*\* Ao discutir a noção do termo *sertão*, palavra carregada de significações, Claudia Damasceno Fonseca aponta para a compreensão de um espaço desconhecido, selvagem e mítico, sendo especialmente utilizado pelos textos contemporâneos à colonização do Brasil.\*\*\*\*\*

Homens circulavam pelo sertão em busca de mais ouro e diamantes no entorno da Vila de Minas Novas, tanto para suprir os anseios da coroa portugue-

\* Assento de uma carta de 1765 dos oficiais da Câmara da Villa do Bom Sucesso das Minas Novas do Araçuaí, ao rei D. José I, sobre a representação que fizeram os moradores daquele distrito pretendendo a restituição da sua sujeição ao governo da Bahia e Comarca daquela cidade da parte sul. Arquivo Histórico Ultramarino – Minas Gerais, cx. 85, doc.63.

\*\* Carta de D. José Luiz de Menezes, Conde de Valadares e governador de Minas Gerais, para Francisco Xavier de Mendonça Furtado, secretário de Estado da Marinha e Ultramar, expondo as razões por que as populações do distrito de Minas Novas se haviam atrasado na sua contribuição para a recuperação dos danos causados pelo terremoto. 24 de fevereiro de 1769. AHU – Minas Gerais, cx.94, doc.32.

\*\*\* Rocha, op. cit.

\*\*\*\* Representação dos oficiais da Câmara da Vila de Nossa Senhora do Bom Sucesso, das Minas Novas de Araçuaí, expondo a pobreza do povo da referida Vila e solicitando o alívio total do imposto de capitação, assim como providência regia para a sua contribuição a Tropa de Dragões. Arquivo Histórico Ultramarino – Minas Gerais. Caixa 44, Doc.123.

\*\*\*\*\* Carta dos oficiais da Câmara de Araçuaí, para o rei D. José I, expondo de forma circunstanciada, o estado social e econômico da região das Minas Novas de Araçuaí. AHU – Minas Gerais. Cx.69, doc.74.

\*\*\*\*\* BLUTEAU, op. cit., v.4, p.395

\*\*\*\*\* FONSECA, Claudia Damasceno. *Des terres aux villes de l'or*. Pouvoirs et territoires urbains au Minas Gerais (Brésil, XVIII siècle). Paris: Calouste Gulbenkian, 2003. p. 39.

sa, quanto para conquistar riquezas e poder. Um destes homens foi o Mestre de Campo João da Silva Guimarães, responsável por encaminhar ao rei constantes remessas de pedras que recolhia em suas empreitadas. “Instalado no Alto Sertão da Bahia, Guimarães tornou-se sesmeiro e comerciante, e sua trajetória insere-se num conjunto de imersões em busca de conquistas pelos sertões da Bahia durante todo o Setecentos.”\* Segundo o Arcebispo da Bahia, sabia-se que:

Mestre de Campo da Conquista João da Silva Guimarães, que há muitos anos, que há juízo por mais de vinte, que com alguns homens brancos e escravos vive entranhado naqueles sertões, sem comercio de outras criaturas racionais, mantendo-se do que trabalha e de algumas porções de ouro, que os Governadores deste Estado lhe tem mandado dar para descobrimentos que lhes representa e segura muito capazes, para o que tem dom especial.\*\*

Enquanto circulava pelos sertões com a proteção da Coroa Portuguesa, João da Silva Guimarães deixou sua filha Isabel Maria, possivelmente em uma de suas sesmarias, próxima à Vila de Minas Novas. Neste espaço foi fundada a instituição aqui analisada.\*\*\*

### Percepções acerca da Casa de Oração do Vale de Lágrimas

Em seu documento, o Arcebispo D. José Botelho de Matos informa que já recebera notícias acerca da instituição há muito tempo, mas decidiu investigar sobre a mesma naquele momento, uma vez que sabia da ampliação do número de mulheres recolhidas e ainda possuía preocupações pessoais sobre o local em que habitavam. “Está sito este Recolhimento na parte mais remota deste Arcebispado, apartado 4 léguas da mais vizinha povoação, e em lugar solitário, montuoso e tanto que me seguram causa horror.”\*\*\*\* Na visão de fora e distante do Arcebispo da Bahia, a instituição apresentava-se distante da Vila mais próxima, erma, cercada por dois rios e montes,\*\*\*\*\* provavelmente sem condições para estabelecer um espaço habitado somente por mulheres.

Na afirmação de que a instituição apresentava-se como um Recolhimento, o Arcebispo dizia que as mulheres até portavam o *hábito de Sant’Ana*. Embora não exista uma ordem religiosa feminina em homenagem à Sant’Ana no século XVIII, verifica-se que algumas instituições portuguesas tinham a referida Santa como padroeira, o que provavelmente é o mesmo caso da *Casa de Oração do Vale de Lágrimas*. Além disso, entende-se que havia uma forte influencia desta santa na instituição aqui analisada, uma vez que possuíam um tipo de capela que era consagrada para a mãe de Nossa Senhora e até possuíam uma imagem da san-

\* IVO, Isnara Pereira. Homens de caminho: trânsitos, comércio e cores nos sertões da América Portuguesa. Século XVIII. *Tese de Doutorado*. Departamento de História. UFMG, 2009. p.14.

\*\* Ofício do Arcebispo da Bahia. Op. cit

\*\*\* Ofício do Arcebispo da Bahia. Id. Ibidem

\*\*\*\* Ofício do Arcebispo. Id. Ibidem

\*\*\*\*\* Para Raphael Bluteau, montuoso significava “cheio de montes”. BLUTEAU, op. cit. p.541.

ta. Observa-se que esta devoção estava muito presente nas Minas setecentistas, especialmente em terras mineradoras, uma vez que Sant'Ana é considerada a padroeira dos mineradores.\*

Em uma região de sertão, onde as mulheres recolhidas possuíam laços com mineradores, as suas orações eram direcionadas então à Santa que era protetora também de seus parentes. Torna-se ainda importante salientar o papel fundamental da história da referida Santa na educação de sua filha Maria, o que se destaca nas obras barrocas, especialmente nas suas retratações enquanto Sant'Ana Mestre. Nesta última, a santa é representada com um livro aberto e com uma menina atenta ao seu lado, onde demonstra o papel das mães enquanto educadoras de suas filhas. A santa torna-se "[...] onipresente no catolicismo setecentista das Minas. Mais do que um instrumento do saber, o livro é um canal de comunicação, destinado a Maria e aberto também ao fiel que contempla a imagem."\*\* Entende-se então que a relação de Sant'Ana com a educação reflete-se no estabelecimento da instituição feminina aqui analisada, a qual se coloca sob a sua proteção e institui-se enquanto espaço educativo no sertão de Minas Gerais.

Diante das preocupações do Arcebispo com o vestuário das mulheres que habitavam a *Casa de Oração*, a regente Isabel Maria explicou em sua defesa que, por viverem distantes de vilas, com poucos recursos e afastadas de outras pessoas, usavam uma túnica de estamena.\*\*\* Além disso, informava que, como era Irmã da Ordem Terceira do Carmo, entendia que a túnica lhe assentava melhor do que em uma peregrina, uma vez que, em sua opinião, "o hábito não faz o monge", pois sabia que muitas mulheres circulavam pelas Minas Gerais portando este vestuário e pedindo esmolas para ganho próprio. As habitantes de sua casa, porém, viviam com "honestidade, cautela e recato" e longe de "públicos rebuliços".\*\*\*\*

No relato da primeira Regente é ainda possível compreender como se constituiu a *Casa de Oração*. Segundo Isabel Maria, ela sempre viveu nesta casa, que pertencia à sua família, sem conhecer arraiais, vilas ou cidades. Toda a sua educação "no santo temor de Deus", acontecera no interior da casa e por meio de seus pais. Em 1753, momento da escrita do documento aqui analisado, constava então com a idade aproximada de 40 anos e tinha em sua companhia uma irmã, uma

\* Sant'Anna tornou-se padroeira de mineradores – tradição já corrente na Espanha – e de "moedeiros". Assim como as minas, Anna escondia ouro em seu ventre: Maria Imaculada. A analogia teve ressonância no mundo rural das Minas Gerais, alvo das esperanças que colonizadores nutriam há séculos. (MELLO e SOUZA, Maria Beatriz de. Mãe, mestra e guia: uma análise da iconografia de Santa'Anna. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, 2002, pp.223-250.)

\*\* MELLO e SOUZA, Maria Beatriz de. Mãe, mestra e guia: uma análise da iconografia de Santa'Anna. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, 2002, pp.223-250, p. 243

\*\*\* "Tecedura de lã, fiada ao fuso." In: BLUTEAU, op. cit. p. 306

\*\*\*\* Representação de D. Isabel Maria, fundadora e diretora do referido Recolhimento, justificando a sua fundação e o estado em que se encontrava. Minas Novas, 2 de março de 1753. In: *Ofício do Arcebispo*. Op.cit.

prima e uma sobrinha. Algumas moças lhe foram entregues por seus respectivos pais para se "exercitarem no que não é proibido pela lei divina e humana". Com relação ao cotidiano da sua casa, a Regente informava:

Quero narrar a v. Exa. o meu modo de vida. Faço oração tal pela manhã e à noite. Confissão de vida casta entre me tendo alguma de Frei Antônio das Chagas e Frei Manoel dos Santos e mestre da vida. E não me aparto de combate espiritual com o mais que o divino Espírito Santo me ajuda. Se este santo exercício a chuva do céu nas vilas faz lama neste Retiro em que me acho, poderá dar fruto ou se a minha dita acha-se mais operários que julgadores e segadores não haveria tanta cizânia semeada por quem talvez tem obrigação de atalhar e nem seria tão dificultoso o confessar - se e comungar a meu de quem para se aproveitar das fontes que nosso Jesus deixou na sua Igreja anda com medos como quem vive em terra de hereges. (...). Fio, faço renda, lavo, coso e cozinho por não querer admitir uma escrava de portas dentro donde tem nascido tantas ruínas e não hei de despedir de mim quem me busca para viver com honra fugindo das garras do demônio, mas antes, tomara remediar a todas que há no universo eminentes aos perigos que nunca mais se podem reparar e violadas. Vivo de esmolas e das minas gerais é o maior socorro que tenho, porque estas em que me acho só tem abundância em redor de minerais. Não repare v. Exa. no estilo com que me expresso porque a condição mulheril tem seus desvarios.\*

Em sua narrativa, Isabel Maria apresenta-se como uma mulher que vive em constantes combates espirituais, o que justifica inclusive o nome da casa em que vive, *Vale de Lágrimas*, local necessário para expurgar a "lama" do mundo terreno. Mas além das orações, as moradoras da casa necessitavam de confessores para expurgar os seus pecados. Em busca de obter um local cada vez mais purificado, a Regente apontava que não poderia permitir a presença de escravas no interior da casa e, portanto, ela e suas agregadas eram responsáveis pela sua manutenção, uma vez que fiavam, costuravam, faziam renda, arrumavam e cozinhavam. Isolavam-se contra os perigos do mundo externo e sempre receberiam aquelas que fugiam das "garras do demônio". A sobrevivência era escassa e dependia especialmente de doações das famílias das mulheres que ali chegavam e de esmolas. Por fim, justifica-se a sua escrita, carregada de "desvarios femininos". Observa-se que esta escrita apresenta o medo de uma mulher com relação ao mundo externo, por habitar e administrar uma casa cujo dono estava ausente há mais de vinte anos, instalada em um ambiente inseguro, distante de povoações e onde a religião tornava-se o seu amuleto de sobrevivência. Estes anseios eram estendidos para as demais mulheres que procuravam abrigo naquela casa. A relação com o mundo masculino acontecia apenas por parte dos momentos de confissão e comunhão, sacramentos necessários para o conforto da religiosidade local.

Segundo Pedro Leolino Mariz, Mestre de Campo e Comandante da Vila de

\* Id. Ibid.

Minas Novas, Isabel Maria havia chegado a Minas Novas ainda na “flor da idade”, em companhia de seu pai e por lá ficou solitária, uma vez que o pai estava ausente, participando de uma conquista há mais de 20 anos. Em sua casa e terras próprias, Isabel Maria viveu assistida por sua família, “sempre com honestidade, recolhimento como na mais austera clausura, e fazendo daquele domicílio casa de oração”.<sup>\*</sup> Novamente aparece a necessidade de situar a instituição enquanto Casa de Oração, mas indica que a vida neste espaço aproximava-se do modo claustral, como os recolhimentos. Observa-se então que, no momento da escrita dos documentos aqui analisados, a intenção das mulheres que habitavam na Casa de Oração não era de instituir-se formalmente enquanto Recolhimento, mas apenas de separar-se do mundo de forma que pudessem tanto fortalecer a sobrevivência do grupo, quanto auxiliar na salvação dos pecados mundanos.

(...) e fazendo daquele domicílio casa de oração, não respira dela se não virtudes, e amor de Deus com grande edificação de todos os habitantes destas Minas servindo a todos de exemplar uma donzela que sempre viveu a perfeição e empregando se continuam em santos exercícios ditados da sua própria inclinação e cultivados com a direção de seus confessores; entregando se cada vez mais a oração se tem adquirido o credito de serva de Deus Nosso Senhor, e como a tal se lhe tem agregado algumas donzelas amantes da virtude, que desejam imitá-la; pelo que a julgo digna, e merecedora de todo o favor que a possa com as mais companheiras conduzir a ultima perfeição, e assim seja o mesmo Senhor Louvado nessas Minas de almas tão distintas como parece.<sup>\*\*</sup>

Isabel Maria tornava-se exemplar em seu recolhimento do mundo, o que levava a procura de sua casa por outras mulheres “amantes da virtude”, além daquelas que pertenciam à sua própria família, que consistia na presença da “(...) sua prima Quitéria Feliciano, uma irmã Ricarda da Silva, e uma sobrinha Ignacia da Silva.”<sup>\*\*\*</sup>

Na análise dos documentos aqui apresentados observa-se a necessidade da comunidade local de fortalecer a ideia de que a fundadora da instituição foi Isabel Maria e o surgimento ocorreu de uma forma espontânea. Porém, relatos posteriores apresentam outra versão, na qual o fundador da instituição teria sido o Padre Manoel dos Santos que, após ser atingido por um raio e sobrevivido, prometeu angariar esmolas e estabelecer um recolhimento feminino no sertão da capitania mineira. Sua fundação esteve ligada a uma visão sobrenatural de um eclesiástico, muito comum nos relatos de fundação de outras instituições do mesmo tipo. Após a sua *salvação*, o padre então “[...] applicou os seus bens todos á cons-

\* Atestado de Pedro Leolino Mariz, Mestre de Campo, Comandante das Minas Novas do Araçuaí, acerca de D. Isabel Maria e do seu Recolhimento. Villa de N. Sra. Do Bom Sucesso, 28 de fevereiro de 1754. In: *Ofício do Arcebispo*. Op. cit.

\*\* Atestado de Pedro Leolino Mariz, Mestre de Campo, Comandante das Minas Novas do Araçuaí, acerca de D. Isabel Maria e do seu Recolhimento. Villa de N. Sra. Do Bom Sucesso, 28 de fevereiro de 1754. In: *Ofício do Arcebispo*. Op. cit.

\*\*\* Atestado de varias pessoas, certificando o bom comportamento de D. Isabel Maria. Vila do Bom Sucesso e Minas do Araçuaí, 19 de janeiro de 1754. In: *Ofício do Arcebispo*. Op. cit.

trução d’esse edificio.” Inicialmente foram recolhidas “[...] D. Izabel de tal, e D. Quiteria de tal, irmãs, a quem seguiram outras mulheres, por lhes agradar o retiro do mundo, segurando o meio mais oportuno de se dedicarem a Deos.”<sup>\*\*\*</sup>

No documento aqui analisado, o padre Manoel dos Santos também aparece aos olhos do Arcebispo da Bahia como o responsável em fundar a *Casa de Oração do Vale de Lágrimas*.

Por varias vias nos tem chegado a noticia, que o Padre Manoel dos Santos natural da Ilha da Madeira, com algumas esmolas, que tirou nas Minas se atrevera sem preceder licença nossa a levantar nos limites da freguesia do Fanado deste nosso Arcebispado entre dois Rios, sitio totalmente ermo, e despovoado, uma capela, a que vulgarmente dá nome de Casa de Oração, passando a tanto a sua ousadia, que ele se resolveu a erigir junto dela um Recolhimento onde já tem conservado até dez moças, das quais ele dito Padre é confessor Diretor, e como tal sem mais autoridade alguma lhes deu Estatutos e Regra de viver, recebendo delas dotes, e dando-lhes licença para comungarem três vezes em cada semana, e para usarem do hábito de Religiosas de Santa Anna.<sup>\*\*\*</sup>

A suspeita do Arcebispo baiano sobre o Padre Manoel dos Santos anota que havia vários delitos realizados por este último, mas especialmente estava a falta de licença para instituir uma capela, além de um recolhimento e, ainda, a autorização para ministrar a confissão aos fiéis.

Onze meses se passaram para que o Padre Nicolau Pereira empreendesse a sua viagem e instaurasse o interrogatório na *Casa de Oração do Vale de Lágrimas*, considerada por ele como “casa de vivenda do Mestre de Campo João da Silva Guimarães”.<sup>\*\*\*</sup> Quando o padre Manoel dos Santos depôs acerca da sua situação na instituição, afirmou que apenas era um confessor, que celebrava missa naquela casa e que ele portava uma licença de certo Vigário Geral, denominado Manoel Rois de Silva, na qual concedia-lhe a faculdade de poder celebrar e levantar altar portátil em espaços que fossem distantes de uma légua do povoado mais próximo e, como o Vale de Lágrimas estava a 4 léguas de distancia da Vila de Minas Novas, não via nenhum problema em atuar naquele espaço.<sup>\*\*\*\*</sup>

\* PIZARRO e ARAÚJO, José de Souza Azevedo. *Memórias históricas do Rio de Janeiro e das províncias anexas à jurisdição do Vice-Rei do Estado do Brasil*. Parte II, Tomo VIII. Rio de Janeiro, Typografia de Silva Porto. 1822, p.191.

Ver ainda: ROCHA, José Joaquim da. *Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais*. Transcrição Maria Efigênia Lage. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995; ABRANCHEZ, Joaquim Manoel de Seixas. Informações sobre o Recolhimento do Arraial da Chapada, Termo de Minas Novas (1780). In: *Revisão do Arquivo Público Mineiro*. Ouro Preto, Imprensa Oficial de Minas Gerais, V. 02, 1897; CARRATO, José Ferreira. *Igreja, iluminismo e escolas mineiras coloniais*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

\*\* Carta de D. José Botelho de Matos para o Padre Nicolau Pereira de Barros, Vigário da Matriz de Santo Antonio e N. Sra. Do Bom Sucesso de Corvello. Bahia, 9 de julho de 1753. In: *Ofício do Arcebispo*. Op. cit.

\*\*\* Auto de investigação a que procedeu o Padre Nicolau Pereira de Barros, Vigário da Matriz de Santo Antonio e N. Sra. Do Bom Sucesso de Corvello, por ordem do Arcebispo da Bahia, sobre o Recolhimento fundado nos limites da freguesia do Fanado. Bahia, 6 de junho de 1754. In: *Ofício do Arcebispo*. Op. cit.

\*\*\*\* Id. *Ibid.*

Quando Isabel Maria foi inquirida, esta informou que não procurou nenhuma licença para abrir um Recolhimento, uma vez que eram suas as terras e casa em que habitava com a sua prima Quitéria Feliciano e alguns escravos para auxiliarem na plantação. Mas "era verdade ter em sua companhia algumas filhas alheias cujos pais por julgarem ela dita educar bem lhes tinham entregue para as ensinar a ler, escrever, coser e bordar, e bons costumes, o que tudo fazia pelo amor de Deus." É interessante notar que nesta parte aparece a menção ao ensino da leitura e da escrita no interior da instituição, além da costura, do bordado e dos bons costumes. Parece que, no momento da inquirição, Isabel Maria distanciava-se então do seu relato apresentado em sua representação ao Arcebispo da Bahia no ano anterior, no qual apresentava os seus "desvarios femininos" e onde demonstrava existir um caráter muito religioso da sua casa.\*\* Quando o Padre Nicolau interrogou as "agregadas", observa-se que estas reproduziram o discurso da Regente, uma vez que:

Responderão umas que por amizade e criação que tinham com a dita D. Isabel Maria, e sua prima D. Quitéria Feliciano, viviam em sua Companhia, e outras que seus pais por verem a boa educação que davam as ditas, a sua família as tinham trazido a este lugar e entregue as ditas para lhes ensinarem a ler, escrever, coser, e bordar, e que este era o fim a que aqui tinham vindo e que estavam na sua companhia muito satisfeitas, pois tudo isto exercitavam juntamente com este exercício louvavam a Deus.\*\*\*

Nos relatos das agregadas é possível visualizar a necessidade que as suas famílias tinham em proporcionar-lhes o aprendizado e colocam como primordial a justificativa do domínio da leitura e da escrita. A louvação a Deus constitui-se como um apêndice ao aprendizado. Aliás, nesta parte do documento, é possível comprovar o aprendizado da escrita na instituição ao visualizar a assinatura de próprio punho de todos os depoentes: o Padre Manoel dos Santos, Isabel Maria, Quitéria Feliciano, Maria (Glz) Chaves, Clara Maria do Sacramento, Catherina (Glz) de Menezes e mais 5 assinaturas femininas que estão ilegíveis.\*\*\*\*

Nas considerações do Padre Nicolau Pereira de Barros e encaminhadas ao Arcebispo, é possível ainda imaginar como era a casa em que habitavam e o espaço em que rezavam. Este último constituía-se em uma sala, com 36 palmos de comprimento, e 18 de largura, construída de adobe e com cal por cima. Possuía uma porta para o exterior e outras duas para as varandas da Casa. Além disso, tinha dois espaços separados por treliças ("gelosia"), de onde as recolhidas assistiam às missas, recebiam o sacramento e confessavam. Neste espaço de oração havia ainda um altar móvel, com uma imagem de Santa Ana e outra de Jesus Cristo. A Casa que habitavam consistia em 6 cômodos, mas não mereceram muita reflexão no relato do referido padre.\*\*\*\*\*

\* Auto de investigação a que procedeu o Padre Nicolau Pereira de Barros. Id. Ibid.

\*\* Representação de D. Isabel Maria, fundadora e diretora do referido Recolhimento, justificando a sua fundação e o estado em que se encontrava. Minas Novas, 2 de março de 1753. In: Ofício do Arcebispo. Op.cit.

\*\*\* Auto de investigação a que procedeu o Padre Nicolau Pereira de Barros. Op. cit.

\*\*\*\* Id. Ibid.

\*\*\*\*\* Id. Ibidem.

Não cabe aqui questionar quem foi o fundador, Isabel Maria ou o Padre Manoel dos Santos, e menos ainda, se a instituição era desde o seu início um Recolhimento, uma vez que o documento analisado neste artigo aponta um discurso que funcionava como uma tentativa de ludibriar o Arcebispo da Bahia e assim retardar a sua interferência na *Casa de Oração do Vale de Lágrimas*. Em um documento posterior, um ofício encaminhado ao Conselho Ultramarino, o Arcebispo da Bahia deixa pistas sobre a sua leitura do documento anterior, sobre as representações do discurso apresentado e sobre o fato de que tentaram ludibriá-lo:

Muito agradeço a V. Exa. A resposta que é servido dar-me sobre o Recolhimento, de que é Diretora D. Isabel Maria, filha do Mestre de Campo da Conquista João da Silva Guimarães, porque com ela fica sossegada a minha consciência, que andava bastante muito inquieta.

Procurarei ter nele a vigilância que me for possível, como S. Majestade me ordena, e pelo meu caráter sou obrigado, porem nunca será a que baste, suposta a distancia de duzentas e tantas léguas, em que está deste Sitio o mais escabroso, e deserto em que se acha, e não haver naquelas serras pessoa, de quem um Prelado se fie, nem espere, que o informe com verdade, porque nelas se não cuida mais, que na própria conveniência, e não dar ocasião a que alguém se dê por ofendido, por evitar a vingança, e descompostura, que naquelas partes são certas. De tudo, o que houver digno de conta, a darei prontamente.\*

Cabe aqui analisar a importância do discurso que buscava ludibriar o Arcebispo para assegurar a manutenção da instituição aqui analisada. Outra questão é posta: por que o Arcebispo da Bahia importava-se com um grupo de 10 mulheres que viviam embrenhadas em um local "escabroso"? Primeiramente porque as terras e essas mulheres pertenciam a uma determinada elite local e, depois, porque viviam de uma forma que, a seu ver, precisavam da sua autorização instituírem-se enquanto recolhimento. Por outro lado, a elite local permitia e desejava o funcionamento da instituição, uma vez que esta era necessária para abrigar e manter as suas mulheres em momento das ausências masculinas. Mas é ainda mais importante salientar o fato de que algumas mulheres agregavam-se nesta instituição com a intencionalidade de estabelecerem práticas educativas, que tanto poderiam envolver atividades de leitura e escrita, quanto de conteúdo doméstico e tudo envolvido pelo caráter religioso que se requeria por meio das orações e com a intencionalidade de colaborar com a limpeza dos pecados do mundo terreno.



\* Ofício do Arcebispo da Bahia, para Diogo de Mendonça Corte Real, sobre o Recolhimento, de que era Directora D. Isabel Maria, filha do mestre de Campo Joao da Silva Guimaraes. Bahia, 14 de maio de 1755. AHU Bahia, caixa 9, doc.1612

## EM REFERÊNCIA A GANDHI

*Paulo Narciso Soares\**

Serei rápido. Passei há pouco pelo pé dos montes claros, esta branca e baixa cordilheira que dá nome à nossa cidade. Vi, triste, como está exausta a vegetação, longamente torturada pela seca. Lemos aqui que pela data de São Miguel Arcanjo, um domingo, a chuva veio, contrariando a meteorologia, que disse - não vem. Veio. Regou por horas a serraria. De 29 a hoje, vieram outras chuvas, generosas para fins de setembro/início de outubro; contudo, mitigada na sede, nossa serra se ressentiu dos duros meses de estio. Sua vegetação calcinada vê, contempla, oásis de altas árvores verdes, mas ainda não tem forças para exibir-se assim, revigoradas também, renascentes, o reboto da vida. A serra está magoada, doída. Assolaram seu sopé e ameaçam cavalgá-la, com cimento e ferro. Demora-se a reagir; mostra debilidade - espia a cidade que longamente escoltou e protegeu - e espera vir o bom samaritano. Mas, a ajuda não vem. Rezemos, rezemos para que mais chuvas consolem nosso contraforte ferido, para que se reanime, e venha, como sempre veio, aguardar - verde e exuberante - a chegada do Menino em dezembro, permitindo riachitos morro abaixo, na forma de cascatas, em direção às Grutas de Belém. Estas penhas, em tempos não distantes, exibiam cachoeiras prateadas descendo encostas. Que fizemos delas, nós os homens? Enquanto procuramos respostas, recorro ao sábio que por sortilégios acaba de entrar. Ele morreu, certa vez. Foi matado. Não por inimigo. Mas por um da sua igual fê, que o achava condescendente com a fê rival. Triste. Morreu a tiros - e, como antecipou, pronunciando o santo nome de Deus - e perdoando.

Não há nome mais alto do que o seu, nos últimos 100 anos, para significar Paz. No entanto, foi lhe negado três vezes o Prêmio Nobel da Paz, que ele honraria, e não o contrário. Coisa dos homens. Leia cada palavra do que ele vai dizer. Leiam por dentro. Depois, conferenciem com a serra, ainda cinzenta, calcinada, dolorida, exangue, e enviem a ela um pensamento de amor. Presságios de vida.

Frases do Mahatma Gandhi, a Grande Alma: Estou firmemente convencido de que só se perde a liberdade por culpa da própria fraqueza.

Acredito na essencial unidade do homem e, portanto, na unidade de tudo o

\*Jornalista, advogado, Prêmio Esso de reportagem. paulonarciso98fm@gmail.com

que vive. Por conseguinte, se um homem progredir espiritualmente, o mundo inteiro progride com ele, e se um homem cai, o mundo inteiro cai em igual medida. Minha missão não se esgota na fraternidade entre os indianos. A minha missão não está simplesmente na libertação da Índia, embora ela absorva, em prática, toda a minha vida e todo o meu tempo. Por meio da libertação da Índia espero atuar e desenvolver a missão da fraternidade entre os homens.

O meu patriotismo não é exclusivo. Engloba tudo. Eu repudiaria o patriotismo que procurasse apoio na miséria ou na exploração de outras nações.

Uma vida sem religião é como um barco sem leme.

A fé – um sexto sentido – transcende o intelecto sem contradizê-lo.

A minha fé, nas densas trevas, resplandece mais viva.

Somente podemos sentir Deus destacando-nos dos sentidos.

O que eu quero alcançar, o ideal que sempre almejei com sofreguidão é conseguir o meu pleno desenvolvimento, ver Deus face-à-face, conseguir a libertação do Eu. Orar não é pedir. Orar é a respiração da alma.

A oração salvou-me a vida. Sem a oração teria ficado muito tempo sem fé. Ela salvou-me do desespero. Com o tempo a minha fé aumentou e a necessidade de orar tornou-se mais irresistível... A minha paz muitas vezes causa inveja. Ela vem-me da oração. Eu sou um homem de oração.

Como o corpo se não for lavado fica sujo, assim a alma sem oração se torna impura.

O Jejum é a oração mais dolorosa e também a mais sincera e compensadora.

O Jejum não tem absolutamente sentido sem fé em Deus.

Para mim, nada mais purificador e fortificante que um jejum.

Os meus adversários serão obrigados a reconhecer que tenho razão. A verdade triunfará...

Até agora todos os meus jejuns foram maravilhosos: não digo em sentido material, mas por aquilo que acontece dentro de mim. É uma paz celestial.

Jejum para purificar a si mesmo e aos outros é uma antiga regra que durará enquanto o homem acreditar em Deus.

Quem quer levar uma vida pura deve estar sempre pronto para o sacrifício.

O dever do sacrifício não nos obriga a abandonar o mundo e a retirar-nos para uma floresta, e sim a estar sempre prontos a sacrificar-nos pelos outros.

Uma civilização é julgada pelo tratamento que dispensa às minorias.

O Brahmacharya é o controle dos sentidos no pensamento, nas palavras, e na ação. Quem aspira a ele não deixará nunca de ter consciência de suas faltas, não deixará nunca de perseguir as paixões que se aninham ainda nos ângulos escuros de seu coração, e lutará sem trégua pela total libertação.

A regra de ouro consiste em sermos amigos do mundo e em nos considerarmos uma grande família humana.

A força de um homem e de um povo está na não-violência. Experimentem.

Para a autodefesa, eu restabeleceria a cultura espiritual. A melhor autodefesa, e a mais duradoura, é a autopurificação.

Possuo a não-violência do corajoso? Só a morte dirá. Se me matarem e eu conseguir ter, uma oração nos lábios pelo meu assassino e o pensamento em Deus, ciente da sua presença viva no santuário do meu coração, então, e só então, poder-se-á dizer que possuo a não-violência do corajoso.

Se um único homem chegar à plenitude do amor, neutraliza o ódio de milhões.

Cresce minha fé na oração silenciosa. Ela é em si, uma arte – talvez a arte suprema, e a que exige a mais refinada perseverança.

O silêncio é um grande auxílio aos que, como eu, buscam a Verdade. Na atitude silenciosa a alma encontra seu caminho sob uma luz mais clara, e o que é falso e ilusório transforma-se em cristalina claridade.

A verdadeira prece do coração traz consigo o trabalho autêntico. Por fim, o próprio trabalho torna-se prece.

A prece não é um pedido é um anseio da alma. É uma admissão cotidiana de nossa fragilidade.

O que mais me impressiona nos fracos, é que eles precisam humilhar os outros, para se sentirem fortes.



## O ALFERES, LIBERDADE E CIDADANIA

*Eugênio Ferraz\**

A Comenda da Liberdade e Cidadania simboliza os ideais do herói maior desta Nação, o Tiradentes. Ele aqui nasceu, nesta fazenda do Pombal.

Foi batizado Joaquim José da Silva Xavier e eternizado na história das Minas Gerais e do Brasil há mais de 200 anos.

Foi ele o líder da Inconfidência Mineira, movimento que, na proximidade da distância de mais de 2 séculos, se mostra, mais do que nunca atual, em razão de suas avançadas ideias nacionalistas, políticas, sociais e econômicas.

Tudo isto pode ser traduzido como CIDADANIA, palavra que também significa os ideais de Gonzaga, Cláudio, Pe. Toledo, Alvarenga Peixoto, Álvares Maciel e, sobretudo, do próprio Tiradentes em seus sonhos maiores de liberdade.

Liberdade e Cidadania é o nome desta Comenda que homenageia o herói, unindo, através dela, São João del-Rei, Ritópolis e Tiradentes, que antes disputavam o privilégio de tê-lo nelas nascido.

Mas o Alferes não é natural apenas desta Comarca do Rio das Mortes.

Ele é múltiplo; é destes Campos das Vertentes; ele é de Minas, das montanhas de Minas, ele é do Brasil.

Por isso, Senhoras e Senhores, são aqui agraciadas personalidades locais, estaduais e nacionais, selecionadas nas exatas dimensões e pelas competências e visões dos que os indicaram.

São eles os Poderes executivos, legislativos, judiciário, entidades culturais e empresariais municipais, estaduais ou mesmo nacionais, além desta chancelaria.

Nas edições iniciais, pretendemos todos da chancelaria que a Comenda da Liberdade e Cidadania, ao agraciar diferentes personalidades, tivesse, como de fato tem, alcance nacional.

Isto chama a atenção para o nosso máximo herói, suas origens e sua história.

Tudo isto bem traduz a "Canção do Herói", o hino desta Comenda, do grande artista Marcus Viana, que se inspirou em texto da ensaísta Ivanise Junqueira para preparar a obra-prima musical merecedora de ser conhecida e cantada pelos mineiros.

\*Engenheiro, jornalista, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, chanceler da Comenda Liberdade e Cidadania. eugferraz@gmail.com



Esta estrutura que todos aqui vemos hoje somente se concretizou, ainda que tardiamente, graças aos esforços do dr. Auro Andrade, seu inspirador maior e dos nossos também pares Wainer Ávila e José Egídio de Carvalho, aliados ao secretário de turismo local, Marcus Fróis.

Disse outro grande herói mineiro desta região, Tancredo Neves: "O primeiro compromisso de Minas é com a Liberdade".

Se mil vidas eu tivesse, mil vidas eu daria, disse o Alferes! Tiradentes continua doando sua vida através de pessoas que comungam com seus ideais.

Hoje, aqui, unindo iguais e desiguais, grandes e pequenos, sem distinção de raça, gênero, cor ou credo, estamos todos irmanados pelo ideal maior que inspira esta Comenda: Liberdade e Cidadania.

Ao escolhermos o Orador Oficial desta solenidade, o caro general Henriques Nolasco, comandante da 4ª Região Militar do Exército Brasileiro, pesaram na indicação seus exemplares atributos.

Sua competência, experiência, sobriedade e eficácia profissional, e o fato o mesmo já ter comandado o 11º Regimento de Infantaria de Montanha de São João del-Rei, que tanto orgulha esta terra e o Brasil.

A Chancelaria da Comenda da Liberdade e Cidadania registra, com emoção, a presença, nesta cerimônia, do doutor Luciano Chaves, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, descendente direto de Joaquim José da Silva Xavier.

Antes de encerrar este breve registro, desejamos um abençoado e próspero Ano Novo para todos e, sobretudo, para este sofrido país, tão carente de personalidades que o dignifiquem e deixem suas exemplares marcas na história, como o fez o nosso Herói maior.

A Canção do Herói, hino oficial desta Comenda da Liberdade e Cidadania, invoca, e esta Chancelaria roga a todos os agraciados que sigam o exemplo de Tiradentes de Liberdade e Cidadania, entoando, sempre seus versos:

muito além dessas montanhas  
brilha qual chama sagrada  
iluminando gerações  
que nunca mais vão se perder  
filhos da cidadania  
vela por nós liberdade.



## LUCIA MIGUEL PEREIRA

*Fabio de Sousa Coutinho\**

Miguel Pereira, o grande médico brasileiro das duas primeiras décadas do século passado, teve uma vasta prole. Lucia Vera, ou apenas Lucia, como ela mesma se encarregou de simplificar, foi a segunda de seus seis filhos, precedida apenas pela irmã Helena. Nascida em 12 de dezembro de 1901, era mineira por acaso. Sua mãe, para fugir do calor do verão do Rio de Janeiro, passava uma temporada em Barbacena, quando deu à luz, sem tempo de voltar ao Rio para fazê-lo, como era seu desejo.

"Carioca de Minas", Lucia Miguel Pereira nasceu no mesmo 1901 em que vieram ao mundo o romancista paraibano José Lins do Rego, os mineiros João Alphonsus (contista), Abgar Renault e Murilo Mendes (poetas), o escritor paulista Antônio de Alcântara Machado e a maior voz feminina da poesia de língua portuguesa, a carioca Cecília Meireles. Se se tratasse de vinhos, poder-se-ia dizer que 1901 foi o ano de uma bela safra. Como se cuida de criaturas humanas, é lícito afirmar que, ao lado de Zé Lins, João Alphonsus, Abgar Renault, Murilo Mendes, Alcântara Machado e Cecília, Lucia compõe uma verdadeira geração, das melhores e mais vigorosas de que se tem notícia na Literatura Brasileira.

O primeiro trabalho literário de Lucia Miguel Pereira foi publicado numa revista que as antigas alunas do Colégio Sion fundaram no Rio de Janeiro, chamada *Elo*. Lucia tinha vinte e cinco anos e começou a escrever sobretudo artigos em que procura transmitir impressões de leitura. O ensaio sobre Euclides da Cunha, sob o título de *Um bandeirante*, foi publicado no número 3 da *Elo*, em setembro de 1927. Antes, saíra outro, sobre *Isabel, a redentora*.

Foram ao todo vinte números, aparecidos de julho de 1927 a maio de 1929. *Elo* não era uma publicação fútil. Ao contrário, as colaborações, além de traduzirem genuína preocupação estética e cultural, debatiam, frequentemente, relevantes temas brasileiros. Prova disso é o já citado estudo de Lucia sobre Euclides. Além desse, a futura biógrafa de Machado de Assis e Gonçalves Dias publicou ali vários artigos, já denunciadores da notável ensaísta que viria a ser mais tarde. No número 4, por exemplo, de outubro de 1927, o artigo *O problema feminino aborda um assunto que a ocupou durante toda a vida*.

\* Membro Titular do Pen Clube do Brasil e da Academia Brasiliense de Letras, e Presidente da Associação Nacional de Escritores - ANE. - fabiodesousacoutinho@terra.com.br

Datam, porém, da fundação do *Boletim de Ariel*, a excelente revista literária dirigida, em sua fase inaugural, a partir de 1931, por Gastão Cruls e Agrippino Grieco, os primeiros artigos de Lucia para uma publicação especializada. Foi aí que ela começou a tomar a sério o que fosse escrever, a ganhar consciência de que estava se tornando escritora de verdade. Resolveu, então, aparecer também em livro, aventura a que muito a animaram outros tantos bons amigos, entre os quais Manuel Bandeira e Augusto Frederico Schmidt, que foi por sinal o editor do primeiro romance de Lucia Miguel Pereira, intitulado *Maria Luísa*.

A estreia de Lucia como romancista, com *Maria Luísa* e *Em Surdina*, ambos de 1933, e a consolidação de sua atuação como crítica literária nas páginas do *Boletim de Ariel* deram a ela um prestígio e uma visibilidade que marcaram seu ingresso na etapa balzaquiana da vida. O ano de 1934 assinala a inauguração de uma loja *art-déco* na Rua do Ouvidor, 110, em pleno coração do Rio de Janeiro: a recém-criada Livraria José Olympio Editora. Nessa livraria, que Lucia passou a frequentar desde a instalação, ela encontrou outras duas mulheres talentosas e à frente de seu tempo: a linda viúva Adalgisa Nery e a jovem Dinah Silveira de Queiroz. Alguns anos mais tarde, em 1939, juntou-se a elas uma escritora cearense de trinta anos incompletos, Rachel de Queiroz, já consagrada pelo romance regionalista *O quinze*, publicado em 1930, no mesmo ano em que Rachel completou vinte anos de idade.

No quarteto feminino, formado por mulheres completamente diferentes umas das outras, todas contrariavam a visão predominante na época, que achava que o lugar delas era na cozinha. Não por acaso, os produtos de limpeza reinavam absolutos na publicidade dirigida ao público feminino.

Lucia Miguel Pereira era uma morena atraente e a encarnação da intelectual sofisticada. Despertou, logo, a atenção de Octavio Tarquínio de Sousa, historiador e Ministro (depois, Presidente) do TCU. Octavio era um dos melhores amigos de José Olympio e um dos seus mais importantes colaboradores. A apresentação da solteira Lucia ao quarentão desquitado Octavio coube a Augusto Frederico Schmidt, outro frequentador do 110 da Rua do Ouvidor e amigo dos dois escritores.

Quem pode desvendar os mistérios do coração? O fato é que o namoro de duas pessoas tão sensíveis e cultas logo se tornou união permanente, indo o casal viver numa casa no nº 160 da Rua Inglez de Souza, no alto do tranquilo bairro carioca do Jardim Botânico. Ali ficaram até 1948, quando se mudaram para uma bela cobertura no recém-inaugurado e moderníssimo conjunto do Parque Guinle, projetado por Lúcio Costa.

O casal gostava de receber e transformou suas residências do Jardim Botânico e de Laranjeiras em democráticos pontos de encontro da intelectualidade da então capital da República. Entre os frequentadores estavam desde expoentes do pensamento católico, como Alceu Amoroso Lima, até o comunista Astrojildo

Pereira, que colaborava na *Revista do Brasil*, dirigida por Octavio, e que em diversas ocasiões refugiou-se na cobertura do Parque Guinle para não ser preso.

Lucia e Octavio foram, também, na prática, os pais de Antônio Gabriel de Paula Fonseca Junior, filho de outra Lucia, a filha do primeiro casamento de Octavio. Muito mais que avó postiça, Lucia Miguel Pereira foi a verdadeira e devotada mãe de Gabriel, que soube cultivar sua memória pela vida afora. Na Fazenda Monte Alegre, em que vive e trabalha há muitos anos, no município fluminense de Paty do Alferes, ele criou um parque de esculturas que batizou com o nome de Lucia Miguel Pereira. Fez justiça com o coração e a cabeça, síntese perfeita que caracteriza os espíritos bem formados, dotados de grandeza moral e vocação para dar à vida um sentido pleno de realização.

A paixão e o amor por Octavio, intensamente correspondidos, coincidiram, na vida de Lucia, naqueles primeiros anos da década de 1930, com uma verdadeira explosão cultural.

Assim é que, após período de um lustro dedicado a incansável pesquisa de fontes, saiu, em setembro de 1936, pela Companhia Editora Nacional, *Machado de Assis (estudo crítico e biográfico)*. Sua autora tinha, então, precoces, juvenísimos e incompletos trinta e cinco anos de idade e se tornava, com o livro pioneiro, uma legítima estrela da constelação das letras nacionais.

Lucia Miguel Pereira fixou, para a eternidade, a vida de um mestiço de origem humilde – filho de um mulato carioca, pintor de paredes, e de uma imigrante açoriana – que, tendo frequentado apenas a escola primária e sido obrigado a trabalhar desde a infância, alcançou alta posição na burocracia e obteve a consideração social numa época em que o Brasil era ainda uma monarquia escravocrata.

Lucia é, também, autora de quatro primorosos livros de literatura infantil (*A fada menina*, *A floresta mágica*, *Maria e seus bonecos* e *A Filha do Rio Verde*), de uma inigualável biografia de Gonçalves Dias e de um longo e definitivo ensaio, *Prosa de Ficção (de 1870 a 1920)*, que integrou, como volume XII, a *História da Literatura Brasileira*, dirigida por Álvaro Lins.

Filha exemplar, companheira perfeita, mãe e avó incomparável, amiga atenta e presente, intelectual e escritora como poucas o Brasil conheceu, a vida de Lucia Miguel Pereira, encerrada tragicamente, ao lado de seu amado, em 22 de dezembro de 1959, encontrou sua melhor definição na síntese irretocável que sobre ela produziu seu primo e discípulo Antonio Candido de Mello e Souza: “Lucia foi um ser de exceção”.



## DRESDEN NO PASSADO, BRASIL NO FUTURO

Lívia Paulini\*

Eu nasci entre duas Guerras Mundiais. Sob esta visão e nestas circunstâncias pouco conhecidas, irei colocar as minhas reflexões sobre a antiga cultura e as novas influências político-filosóficas e até religiosas sempre bem diversas das opiniões que nos cercam. Em várias etapas da minha vida presenciei tempos angustiantes e aflições de todos os tipos, sob o aspecto moral, político, intelectual. Novas ideias filosóficas lançadas eram recebidas pela mídia ansiosamente na busca de uma solução para a crise mundial.

A percepção dramática estava enraizada na Europa, resultado de políticas desastrosas que castigavam os povos. Afinal o enredo do tratado de paz da Primeira Guerra Mundial foi a perda de 2/3 do território nacional da Hungria e grande parte do seu povo: ao norte, terras foram acopladas à Checoslováquia, hoje Eslováquia, que se separou dos Checos; a leste foram mais terras adicionadas para criarem a Romênia; ao sul, para a Sérvia e Croácia e o Burgenland para a Áustria. Os novos ocupantes até hoje perseguem os nativos, que sofrem como verdadeiros escravos. A Hungria reduzida foi ocupada logo após a Segunda Guerra pelo imperialismo soviético, por 45 anos, quando foi totalmente arruinada.

Neste momento tenho posse de novas informações oriundas do Sr. Embaixador da Hungria Dr. Norbert Konkoly registradas em visita oficial, o ano passado, a convite da Presidente Helene na AFEMIL. A recuperação da Hungria é um fato, após a saída dos russos. Hoje o governo oferece 5 modalidades de bolsas de estudo e com previsão de receberem 22.000 estudantes para este ano nas diversas universidades do país.

A intenção destas minhas palavras dirigidas a vocês, Confreiras, nasceu ao ouvir duas pessoas falarem sobre a situação de hoje para nós brasileiros: um médico que me havia visitado e me afirmou (possui dois filhos em idade juvenil) não ter esperança para o futuro deles aqui no Brasil. "Vivem sob a regência de um celular/computador, e nas horas vagas se divertem nos barzinhos com outros amigos da idade deles. Os jovens não ouvem orientações da família. Profetas, pelos quais a nossa geração anseia, não existem mais. Também centenas de

---

\*Escritora, poetisa, pintora, é presidente emérita da Academia Feminina Mineira de Letras  
hmpaulinyi@gmail.com

professores assalariados, tentam em suas salas de aula, como pequenos profetas, melhorar o mundo. Muitos falharam. Os mais bem sucedidos são aqueles que pregam a destruição da velha ordem filosófica. Esta é uma verificação apocalíptica facilmente detectada nas conversas dos jovens” – diz ele.

A outra informação veio de uma menina, vizinha de apartamento, que levanta de madrugada para ir às aulas, ficando o dia inteiro num curso na Rua Alagoas, pagando mil reais por mês, se preparando para o vestibular. Ela não tem tempo para ir se divertir nos barzinhos de noite, pois suas noites são tomadas pelo estudo. Quando pergunto: e os namorados? ela responde “falta de tempo”.

Rememorei, por necessidade, aquilo que presenciei em minha juventude – fatos parecidos como os nossos aqui agora. O desemprego tomou conta da nação.

Após a formatura, fui procurar colocação no Ministério da Educação, conforme era o costume. Recebi a senha de número 12.600 que significava que antes de mim iriam ser colocadas 12.599 pessoas. Naquela sala de apresentação de documentos e pedidos estava sentado do meu lado um jovem. De repente, ele se virou para mim e disse: “não se assuste, tomei agora um veneno e em poucos minutos morrerei”. O secretário ouviu, me pegou pelos braços e me levou para dentro, para que eu não presenciasse a cena. Suicídios eram frequentes.

Agora, já sei bem mais sobre os jovens estudantes. Eles sempre, em quaisquer circunstâncias, precisam de ter ideais para seguir em frente e lutar por aquilo que, acham, salvaria o mundo. Fazem declarações, participam, protestam e vão para as ruas, apoiam revoluções, mudanças políticas.

Nesta luta ou seguem o tradicional ensino familiar, ou ouvem novos profetas que são preparados para dominar as cabeças e os movimentos dos jovens estudantes.

Nós, com meu marido, não fomos diferentes. Quando a Universidade Real da Hungria, recebeu a ordem de Hitler para ir para Heidelberg, saímos com mais de 1000 estudantes. A maioria acreditava que, com a guerra ganha, a colocação em posições-chaves estaria garantida para todos no estado, que foi gloriosamente defendido. Nós não acreditávamos. A guerra já estava perdida pela própria maneira em que se deu a declaração de guerra por parte da Hungria. A Hungria reduzida como estava a 2/3 do seu território, sem a sua força militar total, por exigência da Alemanha, declarou uma guerra ao mesmo tempo contra a Inglaterra, os Estados Unidos, a Rússia, e a França. Sem chances de ganhar nada. O nosso lado chamava-se: “EIXO”, fazendo parte a Alemanha, a Itália, o Japão, e a Hungria.

Do outro lado ficavam os “ALIADOS”: Estados Unidos, Rússia, Inglaterra, França.

Escolhemos sair com a Universidade Real para a Alemanha.

Na saída do trem para a Alemanha, os professores mais antigos não vieram conosco.

Budapeste estava tomada pelos russos e o único meio de sair da estação era

no trilho da contra-mão, pois os outros trilhos já estavam bombardeados. O risco era muito grande de se chocar com tropas alemãs vindas no trilho de chegada. Os estudantes usaram coerção, apontando arma de fogo ao maquinista do trem para seguir o destino planejado. O trem saiu com alta velocidade da estação e continuou na mesma velocidade até Breslau. Lá é que foi comunicado que o destino era Dresden e não Heidelberg. Até que ponto as informações dos estudantes estavam corretas, não podíamos saber. Mas não tenho dificuldades para reconhecer ainda hoje, que naquela altura não tivemos base para desconfiar das ordens dadas pela alta direção alemã.

Uma menina, porém, noiva de um dos estudantes, que sem malas, decidiu acompanhar o noivo e subiu no trem já em movimento, junto com a mãe dela, sabia algo. Foi ela que gritou num impecável alemão: “sou sobrinha do Ribbentrop e não aceitaremos nenhuma mudança no percurso programado”.

Por isso, desde então, ao falar uma vez por ano sobre Dresden, no meu discurso tradicional, a pergunta fica pairando no ar: “Porque aniquilaram Dresden?” “E porque fomos direcionados para lá?”

Os 350.000 habitantes mortos pelos bombardeios e pelo fogo provocado pelas forças americanas e inglesas, na noite de 13 de fevereiro de 1945, quase no final da guerra, serviram para quê? Não precisaria de mais aquele ataque para terminar a guerra. São sempre estas mesmas perguntas dirigidas a mim após as minhas conferências.

Fiquei sabendo somente o ano passado a razão: quando o Pentágono liberou os dados e eu fiquei com uma enorme angústia.

Pois naquele dia, quando nos desviaram do nosso destino, fomos condenados a morrer como tochas humanas incendiadas em Dresden.

Por milagre de Deus, sobrevivemos.

Roosevelt, Stalin e Churchill reuniram-se em Yalta, em fevereiro do ano anterior, em 1944. Stalin exigiu uma prova de colaboração dos Estados Unidos e Inglaterra de tal maneira que os 3 dividiriam o domínio da Europa após a capitulação da Alemanha. Os refugiados do leste europeu seriam direcionados a uma única cidade alemã para serem eliminados. A escolha da cidade caiu sobre Dresden, por seus valores indiscutíveis de cultura medieval, e porque a cidade era a imagem de tudo que se prezava na época: cultura, conhecimento, valores intrínsecos, alma, religiosidade, tudo que Stalin e seus seguidores abominavam e negavam.

Então, quando nos fizeram mudar o destino do trem de Heidelberg para Dresden, naquela altura, nós já éramos condenados à morte não só pelos aliados, mas pelos alemães também.

O Pentágono, de acordo com David Irving, divulgou o conteúdo do compromisso juntamente com as indagações dos jornalistas: “Que favores a União Soviética fez para nós para sentirmos obrigados a nos comprometer com seus desejos?”

As avaliações históricas levam a concluir que a atuação dos conquistadores, pelo fato da inexistência de controles jurídicos internacionais e independentes que possam atuar na defesa humanística (raça humana), sugerem a ocorrência de violências indesejáveis na sociedade levando a atos extremos em que dizimam grande parte da população humana.

Tempos assim fazem com que moldem o HOMEM e influam de maneira inesperada dando uma reviravolta nas ciências políticas, na ética, na espiritualidade e comportamento humanos. Para mim restou ainda analisar as decisões alemãs centradas no uso do poder.

Teorias das mais variadas foram articuladas por cientistas, filósofos e religiosos para responderem a estas questões: dos crimes cometidos contra a humanidade, dentre estes crimes, o bombardeio de Dresden. O ponto em comum: sem nenhuma razão evidente, como aqueles crimes que agora surgiram com atrocidades semelhantes nos atentados fanático-religiosos dirigidos pelo grupo jihadista.

Nós, novos pesquisadores na área psicológica, advertimos que toda a facilidade que hoje usufruímos, e que a vida moderna conquistou por meio dos pesquisadores da área tecnológica, e ofereceu ao Homem, poderá perder o seu valor, no subconsciente, quando expulsa da consciência os valores e os ideais harmônicos, do Bom e do Belo.

Existe o perigo, que sob a influência das regras novas, o Bom e o Belo cedam lugar a uma nova experiência, onde dominem a brutalidade, a intolerância e o ódio.

Devemos aceitar estas intenções como fruto não só da consciência, mas da filosofia que naquele tempo dirigiu a sociedade. Especialmente a dos nacional-socialistas e/ou comunistas pesquisadores como Heidegger e Lukács (ambos agraciados por Hitler). Eles idealizaram suas tendências, assegurando o sucesso de Hitler e ainda hoje com alguns seguidores, que mostram claramente índole terrorista. Devemos analisar a sua origem por meio de outros indicadores.

Não aconselharia a ninguém passar por experiências semelhantes ao enfrentar a morte certa pelo fogo enorme em Dresden. Foi assustador. Em cada metro quadrado caíam bombas pesadas que se abriam em fogo. E ainda quando as pessoas correram até o rio Elba, todo iluminado pelo fogo, para se salvarem das bombas incendiárias, encontraram as metralhadoras dos aviões ingleses que desceram rente ao chão para aniquilar os poucos sobreviventes à beira do rio.

Antes da nossa saída de casa, em Dresden já em ruínas, durante o bombardeio, molhamos o único casaco para cobrir a cabeça e deixamos os últimos pertences lá no chão, pois ao morrer não mais precisaríamos nem de dinheiro, nem de certidões de espécie alguma, nem de roupas, nem de jóias. Cada um de nós, pelo planejamento anterior à partida de Budapest, levava uma maleta contendo dinheiro, talão de cheques, roupa nova, e minha mãe e eu jóias e fraldas para o meu filho de ano e meio e algumas frutas frescas na bolsa.

E aqui, me agrada muito ter a oportunidade de poder esclarecer a uma acadêmica, quando na última festa ela havia perguntado sobre as documentações universitárias, ao direito ao uso do título de Doutor. É oportuno o assunto. Estamos vivendo a época da desvalorização total dos diplomas. A sociedade é condenada ao descaso dos políticos. A minha avaliação vem de outras fontes.

Por exemplo: A última vez quando vi meus documentos foi lá em Dresden, ao sair daquela casa em chamas, naquela pasta que deixei ao lado do tambor de água, no chão. Desde então, não tenho mais meus documentos, inclusive nem a certidão de nascimento. Os russos que ocuparam a Hungria por 45 anos nunca liberaram meus documentos. Mesmo assim, Getúlio Vargas nos convidou e logo após a chegada assinou a nossa naturalização.

Mas, informo a todos os interessados (aqui a maioria é minha afilhada) que os títulos de Mestre e de Doutor são dados por Universidades tanto brasileiras, quanto no exterior, e que são outorgados para as pessoas que tenham reconhecido "Conhecimento do Saber" e que recebem por isso o título de DOUTOR HONORIS CAUSA. O título é merecido, pois foi através deste meio que o reconhecimento veio tanto para o meu marido, quanto para mim e para algumas confradeiras. Meu marido representou o Brasil na Organização Mundial da Saúde por mais de 20 anos e foi Professor Emérito da Escola de Engenharia por 10 anos e Vice Diretor da Escola de Engenharia por 4 anos. O nível de conhecimento e saber que trazíamos dentro de nós valeu o título outorgado.

É nesta fase do meu pronunciamento que tocarei o lado emocional da experiência passada.

Na hora em que Deus permite a percepção, de que, embora sobrevivamos ao holocausto com milhares de mortos ao redor, e não existam recursos para continuar a existir pela falta total de comida, bebida, roupa, emprego e socorro, se exale um respiro de súplica: "Senhor, porque me abandonastes?"

Neste momento só existe Deus e a fé no Divino e de Sua intervenção e para o resto da existência estão salvos os valores que adquirimos pelas vias de estudos (que o Presidente Getúlio Vargas reconheceu) e uma religiosidade profunda que Deus acolhe.

Nestas horas é que se modificam os pensamentos sobre valores de poder, dinheiro, como ter o último modelo de carro, ou uma jóia em uso, as filosofias corriqueiras, as pequenas falhas cometidas / presenciadas por amigos, as propostas escusas para melhorar de emprego. Ver o desaparecimento de um mundo conhecido, de uma hora para outra, é a maior experiência da minha vida.

A única coisa imperdoável eu registrei: a atitude contra a vida humana.

Cabe aqui expressar o meu reconhecimento e a minha admiração pelo povo brasileiro que nos recebeu com muito carinho e dizer que aqui passei anos da minha vida muito felizes.

O que estudei na Europa vim vivenciar aqui, valorizado com novos estudos

e novas experiências, usadas para melhorar a situação político-social e o bem-estar da pátria.

À juventude e seus familiares, aos quais eu dedico a maior parte deste estudo, não podem ficar fora das minhas observações. Pela suas capacidades intrínsecas de observar, de mudar e ao mesmo tempo de construir um mundo novo, onde muitos deles, dos jovens, terão força em lideranças políticas, econômicas, sociais, e talvez religiosas.

A primeira vez que notei mudança brusca nos jovens estudantes, foi logo após a guerra. Os mesmos que lideraram o nosso trem em contra-mão de Budapeste para a Alemanha, procuraram-nos em uma fazenda da Bavária, comunicando a decisão: iriam voltar para a Hungria. Em tom ameaçador acrescentaram que se recusássemos a sair com eles, meu marido sofreria as consequências. Foi difícil evitar a pressão. Minha tia, então casada com o Presidente da Cruz Vermelha húngara, nos ajudou na escolha da emigração para o Brasil.

É neste contexto que criei um espaço, um outro ângulo de pensamento que gostaria de mencionar. São revelações pouco usadas. Serviria como prevenção em caso de perigos e ataques contra vidas humanas ou contra sociedades sadias: o mundo subconsciente, onde revelações pouco conhecidas aparecem.

De modo inusitado pude conhecer János Kele (João Kele) recentemente focalizado. Húngaro de nascimento era muito respeitado na polícia húngara, onde trabalhava. Traziam-lhe casos difíceis, internacionalmente considerados como insolúveis.

Antes de vir aqui falar sobre ele, fiz uma pesquisa na Internet, onde os dados que conhecia, coincidiam. Qualquer pessoa poderá verificar os dados. Reconhecidos os seus talentos pelas autoridades, por sua clarividência e a certeza de nunca falharem nos seus prognósticos. Na Segunda Guerra Mundial, e logo depois, nos Estados Unidos, ele anunciava os acontecimentos com antecedência, prevenindo alguns desastres.

A nossa conversa com ele aconteceu no trem em que saímos com a Universidade Real da Hungria para a Alemanha, por ordem de Ribbentrop-Hitler.

Este episódio consta no meu livro "ANCORADOURO" na página 376. Ele, como professor, fazia parte do nosso grupo. Na nossa chegada a Dresden, despediu-se dizendo que não iria dividir conosco os acontecimentos dolorosos da cidade, que não poderiam ser mais evitados.

Porém, quem iria acreditar nele? Hoje confirmados pela Internet, foi a personalidade mais significativa pelas suas proféticas sinalizações e para mim um apoio para as minhas ideias pesquisadas. Nos livros sobre a vida dele constam episódios como quando foi procurar comida para os húngaros necessitados numa fazenda. A proprietária da fazenda alegou que para eles também não havia nenhum alimento. Ele respondeu: "Dos 106 ovos na sua reserva só preciso de 40". Ela ficou tão nervosa que entregou tudo.

Considerarei também que a mente humana, com esta capacidade, cria obras exageradamente, não só benéficas, mas anti-humanas. Aquelas que dominaram Hitler e Stalin, ou outros similares, sugerindo formulações mais simplistas, como agora se apresentam os extremistas na forma de eliminarem os indesejáveis. Estas intenções é que devemos obrigatoriamente evitar ou remediar.

Balzac ou mesmo Shakespeare conseguem transmitir sentimentos humanos profundos, intuitivos. Eles e outros notáveis romancistas não visavam somente a divertir o leitor, mas deleitavam-se com a fusão de realidade com ficção. Eu mesma a sigo nas minhas obras literárias. Serve, entre outras coisas, como janela para perscrutar o que se encontra no íntimo, e para testemunhar os anseios e temores que surgem na sociedade. A ficção diversificada é imprevisível. Quando Carl Jung afirma que "o sonho com suas previsões possui um imenso poder de imaginação e de intuição", ele acerta na interpretação do sonho, que envolve a capacidade do indivíduo de pressentir acontecimentos reais.

Em resumo, as pesquisas sobre atos cometidos contra a vida, essencialmente bárbaros, sempre estiveram presentes no mundo, embora nunca foram esclarecidas (nem evitadas) as suas razões. O estímulo pode ser qualquer coisa, que é intangível, podendo entrar no radicalismo, na revolta, na ampla desobediência civil, ou altamente sofisticado – agora sacrificial – conforme mencionei.

Os meus estudos na continuação histórica aconteciam, quando todos os modos de explicar as atitudes desumanas, na maioria antagônicas à sociedade, falharam, tanto no seu prognóstico, quanto na defesa e recuperação.

A conclusão a que eu cheguei, após a consulta a vários autores, é que a inteligência que orienta os historiadores não tem sentido sem as raízes psicológicas e culturais.

Um episódio que está na página 404 do ANCORADOURO, descreve o jantar festivo realizado por ocasião do dia de Santa Livia, dia 12 de fevereiro de 1945. E as críticas feitas pela castelã ante este fato. E as observações da autora ao descrever o seu sonho para a castelã: "...pássaros pretos desciam e fechavam as ruas da cidade de Dresden e se alimentavam dos mortos." E conclui: "...não sei se esta noite ainda teremos um teto que nos abrigue..." A castelã ainda retrucou: "E quem acreditaria em sonho de grávida?" Naquele instante soou o alarme – o aviso de sirene – para todos se abrigarem no subsolo por causa de bombardeio que se aproximava. Durante uma hora e meia caíram as bombas pesadas e as de fósforo, e a cidade de Dresden do tamanho de Belo Horizonte, se tornou uma tocha acesa, incandescente.

A cena reforçou a importância que o meu sonho significava. Mesmo não tendo uma explicação palpável, houve uma revelação secreta do sonho.

Sempre existiram profetas, não somente no Antigo Testamento, quando anunciaram o nascimento e a crucificação de Jesus Cristo. Quem não se lembra do Padre Francisco, da catedral da Boa Viagem? Ele chamou a atenção de uma mulher que ia fazer mal ao seu marido. Ou a freira Irmã Maria da Glória, do Convento das Macaúbas, que salvou duas crianças com a sua clarividência. Hoje, ela

é considerada santa, pois viveu vinte anos só se alimentando da sagrada comunhão.

As minhas pesquisas recentes para responder e tentar sanar as tendências das intenções maléficas se baseiam na parte psico-analítica da alma humana.

Como a mudança de atitude dos universitários a voltarem para um regime antes rejeitado por eles. Apesar de estarem afastados da ideologia comunista, o que acontece com frequência, ao experimentarem o sistema hitlerista, desiludidos, acabam aceitando um outro regime totalitário, como uma espécie de salvação para a sua descrença. Com aqueles jovens poderiam ser aplicados os diálogos realistas. Mas nenhum de nós estava preparado para enfrentá-los naquela ocasião.

Tanto a Irmã Maria da Glória quanto outras pessoas clarevidentes estavam cientes de que suas afirmações poderiam desencadear reações nas pessoas que ouviam. O objetivo de todas elas era isso.

As obras de vários autores brasileiros que se referem a como prevenir problemas sérios na nossa economia têm menos influência dentro do Brasil, apesar de sustentarem ideais tradicionais: "ninguém é profeta na própria terra".

O que agora ficou esquecido é que muitas das ideias já fracassadas em outros lugares do mundo: o imperialismo russo na Hungria, o nacionalismo na Alemanha com Hitler, agora estão ressurgindo nos Estados Unidos em uma nova tentativa.

O envolvimento com o totalitarismo provou-se pouco feliz aqui nos governos passados, e elogiarei neste ponto os artigos da nossa querida Confreira Maria Amélia Bracks Duarte, que parece ser inspirada para um novo recomeço político/social brasileiro.

Eu pessoalmente avalio nossos esforços pela perspectiva cristã.

Acredito na capacidade dos profetas e pessoas bem dotadas neste sentido.

Assim como a vinda e o destino de Jesus foram anunciados pelos profetas, a Irmã Maria da Glória ao salvar duas crianças, o Padre Francisco da igreja da Boa Viagem, durante uma missa abertamente defendeu alguém em perigo de vida, ou quando eu previ a destruição de Dresden. Se a castelã me ouvisse e acreditasse, talvez colocasse a máscara de prevenção de gás, evitando a própria morte.

Eu recomendaria mais independência e não se deixar levar pelas pressões políticas que se fazem muito fortes atualmente. Apesar disso os jovens conseguem manter certa independência de pensamento e às vezes aceitam uma luz de religiosidade, como na visita do papa Francisco ao Brasil, e foram ao encontro de Deus na praia do Rio. Foi admirável o enfrentamento deles ao calor, à chuva e à falta de espaço, de comida e bebida. Que Deus acompanhe esses jovens na sua vida plena.



## VIDA

*Yeda Prates Bernis\**

Para Ney

*In memoriam*

Em prístina era  
 ancoraste em meu destino,  
 pérola em ostra.  
 Pintaste com cores fortes  
 os recantos de meus dias.  
 Com haustos de luz  
 coloriste meu viver  
 espargindo ouro  
 por onde eu passava.  
 Eu respirava em azul  
 em momentos de alegria,  
 andando sobre as estrelas  
 com pés descalços.



\*Poetisa, da Academia Mineira de Letras, ocupa a cadeira nº 6. yedabh@yahoo.com.br

## BORGES

Emanuel Medeiros Vieira\*

É vasta a nossa população de mortos.  
 O mundo, Borges,  
 infinita biblioteca, além – é claro – de tigres,  
 espelhos, labirintos, punhais, livros, proféticos  
 sonhos, Homero, Camões, outros cegos – você,  
 a sombra enaltecida não é sombra,  
 claridade de alguns labirintos,  
 portas, enigmas decifrados,  
 alta capacidade mnemônica.

Somos poucos, somos tão poucos,  
 e parecemos muitos.  
 “Alguém constrói Deus na penumbra”, escreves sobre Spinoza.  
 Amor?  
 É o Espírito Santo que nos escreve?  
 A literatura como sedução/invenção: a vida só não basta.

Irmão: fazedor de enigmas,  
                                   decifrador de espelhos,  
                                   contemplador de tigres,  
 este punhal que manejo agora: a construção do poema.  
 Nada podemos contra a solidão?  
 Shakespeare, Cervantes, Stevenson, “As Mil e Uma  
 Noites”, a Bíblia, e toda as obras desta estirpe de  
 mortos, mas que não inventam o silêncio: estão aqui nos livros lemos.

Somos poucos, mestre, somos tão poucos, mas não sozinhos,  
 parecemos muitos.  
 Estás junto aqui, agora, comigo,

\* Escritor, poeta, nascido em Santa Catarina, reside em Salvador, BA – Poema classificado em Festival de Poesia, Funarte, Brasília. metonia55@hotmail.com



neste maio,  
luminosa manhã planaltina  
(poderia ser uma rua perdida de Buenos Aires, ou da  
Bahia, onde começamos).

Sim, é vasta a nossa população de mortos,  
Só queria pressentir tua alma,  
descobrir meus inquietos córregos, pântanos.

Iluminas o breu, mágico cego,  
singrando por outros mares,  
sem portulanos, astrolábios,  
também breve a vida,  
vejo intrusos, lugares remotos, mapas de  
fronteira, duelos, a morte na poeira,  
ruínas e renascimento, sombras dentro de sombras: este sol interior.

O mais pródigo amor te foi outorgado (como te referiste a Baruch Spinoza):  
o amor que não espera ser amado.



## SONETOS DE FLORBELA ESPANCA: A VOZ FEMININA E A EXPRESSÃO DO HUMANO\*

Zina C. Bellodi\*\*

Inicialmente apresento uma síntese que define dois termos, como trazem, por exemplo, os Dicionários: Houaiss, Michaelis, Aurélio, Borba, Caldas Aulete.

Feminino: relativo à ou próprio da mulher; relativo à graça feminina; referente ao sexo caracterizado pelo ovário nos animais e nas plantas; gênero gramatical do que se opõe ao masculino – antônimo; o conjunto de traços físicos e psicológicos que caracteriza as mulheres.

Feminismo: doutrina que preconiza o aprimoramento e a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade; movimento que milita neste sentido; teoria que sustenta a igualdade política, social e econômica de ambos os sexos; atividade organizada em favor dos interesses das mulheres.

Estudei, por algum tempo, a poesia de Florbela Espanca. Devo dizer que nunca tive a preocupação de examinar a produção literária desta poeta, especificamente do ponto de vista da expressão do feminino e do feminismo.

Durante todo o tempo que tive Florbela Espanca como centro de minhas reflexões, via, sentia e interpretava seus poemas como expressão escrita e concebida por uma mulher e que, por esse meio, exprime aquilo que é humano, que é próprio do ser humano. Um homem não teria a visão do amor nem mesmo do sofrimento que podem ser extraídos dos versos de Florbela Espanca.

Portanto, o que mais chamou a minha atenção, durante toda a pesquisa, foi a intensidade da exploração da dor sentida de maneira radical, completa, sem chance de haver espaço para a felicidade. O soneto IV da série de dez, subordinados ao verso de Camões: “É um não querer mais que bem querer”, lida com a expressão da realização amorosa, o único, talvez, na série de cinquenta e sete sonetos que compõem a edição que utilizei para elaboração deste trabalho.\*\*\*

\* Este texto serviu-me de apoio para pronunciar uma palestra na abertura da XVII Semana de Estudos de Letras, de 3 a 6 de outubro de 2016 da Faculdade de Educação São Luís, à qual agradeço pelo convite, especialmente à Profa. Roseli Batista Camargo, Coordenadora de Curso de Letras dessa Faculdade.

\*\* Escritora, professora, reside em Jaboticabal – SP. zinabellodi@uol.com.br

\*\*\* Trata-se de Florbela Espanca, *Sonetos Completos*, com um estudo de José Régio, 8. Ed., Livraria Gonçalves, Coimbra, 1950.

Trabalhei com os 57 sonetos de Florbela Espanca, na edição indicada. Consideram-me, alguns de meus colegas, uma pioneira pelo fato de ser das primeiras pessoas a abordar a obra desta poeta. Não me sinto como tal, porque, muito antes de mim, tivemos, e continuamos a ter, nada mais, nada menos do que Maria Lúcia Dal Farra, a grande estudiosa brasileira de Florbela Espanca. Ela não só iniciou os estudos da sua poesia como examinou o feminismo que sua obra revela.

Procurarei mostrar que esta é uma poesia feita por mulher e que, ao fim e ao cabo, exprime não o seu sentimento, mas sim aquele que é próprio do ser humano. Afinal, esta é a grande característica da expressão literária.

Bom lembrar que, por muito tempo, a expressão literária foi considerada autobiográfica. Por exemplo, o poeta fala sobre aquilo que é do seu cotidiano: se mora em cidade litorânea, o mar será o seu tema constante. Mas tal atitude não corresponde à verdade. O exemplo que Wellek dá para explicitar este equívoco é o seguinte: não é necessário ser um fabricante de xícara para saber usá-la adequadamente; ou sem saber como é feita, é possível conhecer a sua natureza e sua funcionalidade. Até quando o tema da poesia declaradamente remete aos fatos da vida do poeta, o conteúdo dos poemas não é autobiográfico. Por quê? Ora, porque se for apenas autobiográfico é autobiografia. Para ser poesia, o fato autobiográfico tem de sofrer uma modificação, uma transmutação, de tal maneira que deixa de ser conteúdo biográfico e passa a ser expressão estética.

Casais Monteiro dizia que, se o poeta conta suas dores de cotovelo, conta apenas suas dores de cotovelo; mas se esse conteúdo passar por processo de transmutação, de modificação poderá ser uma expressão estética.

#### In Memoriam

Ao meu morto querido

Na cidade de Assis, "Il Poverello"  
Santo, três vezes santo, andou pregando  
Que o sol, a terra, a flor, o rocío brando,  
Da pobreza o tristíssimo flagelo,

Tudo quanto há de vil, quanto há de belo,  
Tudo era nosso irmão! - E assim sonhando,  
Pelas estradas da Úmbria foi forjando  
Da cadeia do amor o maior elo!

"Olha o nosso irmão Sol, nossa irmã Água..."  
Ah, Poverello! Em mim, essa lição  
Perdeu-se como vela em mar de mágoa

Batida por furiosos vendavais!

- Eu fui na vida a irmã dum só Irmão  
E já não sou a irmã de ninguém mais!

Florbela Espanca, *Sonetos Completos*, com um estudo de José Régio, 8. Ed., Livraria Gonçalves, Coimbra, 1950, p. 143.

Posso dizer que "In Memoriam" é um poema no qual é feita referência a São Francisco de Assis ("Il poverello") que acredita que tudo seja nosso irmão: o sol, a terra, a flor... Entretanto, o poema também remete à descrença nesta teoria, pois a poeta foi atingida "por furiosos vendavais" e vive em estado de descrença (até aqui, a informação sobre a morte do irmão do ser histórico Florbela reduz-se à dedicatória). O final do soneto é o grito que caracteriza a dor que se transformou em homenagem, aquela que o soneto encerra: a poeta afirma que foi irmã de um só irmão, mas ele morreu, e por isso não é irmã de mais ninguém. Parafrasear um poema é uma forma de explicar o texto, mas é também empobrecer a exposição do tema, no presente caso, de homenagem póstuma.

O soneto "In Memoriam" foi escrito em homenagem a seu irmão morto, num acidente durante treino na escola de pilotos - fato que a tornou mais amargurada do que já era. Fez um poema sobre esse assunto, mas fez um poema, transformou um grito de dor que caracteriza uma perda para lá de significativa e que pode ser uma experiência comum a muitas pessoas. Diante deste poema os diferentes leitores poderão identificar a ideia de perda significativa, não apenas a ideia de ter sido feita uma homenagem ao Apeles, irmão de Florbela na vida real.

O poeta consegue estabelecer impacto à medida que for capaz de transmutar o sofrimento em expressão estética. Acredito que a poesia de Florbela vale pela expressão do humano e não apenas como expressão do feminino, todos que se aproximam deste poema são capazes de sentir (cada um à sua maneira) a dor de uma perda significativa. Por um lado, não esquecer que muito provavelmente apenas uma mulher poderia exprimir desta forma a dor de uma perda. Por outro lado, a mulher se impõe como alguém que tem voz e que pode lamentar uma perda importante sem depender de ninguém; está exercendo o feminismo de maneira muito forte.

#### Amiga

Deixa-me ser a tua amiga, Amor;  
A tua amiga só, já que não queres  
Que pelo teu amor seja a melhor  
A mais triste de todas as mulheres.

Que só, de ti, me venha mágoa e dor  
 O que me importa a mim?! O que quiseres  
 É sempre um sonho bom! Seja o que for  
 Bendito sejas tu por m'ó dizeres!

Beija-me as mãos, Amor, devagarinho...  
 Como se os dois nascêssemos irmãos,  
 Aves cantando, ao sol, no mesmo ninho...

Beija-mas bem!... Que fantasia louca  
 Guardar assim, fechados, nestas mãos,  
 Os beijos que sonhei pra minha boca!...

Op. Cit., p. 49

O poema "Amiga" inicia com um súplica: "Deixa-me ser tua amiga". Como se verá, "ser tua amiga" é um desejo que não corresponde à verdade, porque a súplica é de uma mulher apaixonada que certamente não quer ser amiga, quer ser amante (aquela que ama).

Há, nos dois quartetos deste soneto, um diálogo com o outro, implícito nesta súplica ficando a certeza de que o outro não quer que ela seja "a melhor/ A mais triste de todas as mulheres." Esta mulher apaixonada bendiz este outro que é objeto de tanto amor.

Nos dois tercetos, fica explícita a situação da mulher apaixonada que dialoga com o outro; parafraseando o poema, pode-se dizer que "eu quero ser sua amiga, você é um sonho bom, e eu quero que de você me venha mágoa e dor – eu não me importo desde que mágoa e dor venham de você".

Aparentemente, o primeiro terceto propõe a solução: beija-me as mãos, mas beija-as bem devagarinho – na 1ª metade do 1º verso do 2º terceto.

A partir da 2ª parte do 1º verso do 2º terceto, a explosão da realidade – "Que fantasia louca" – Sim, porque para um sentimento tão forte, o beijo na mão é, de fato, uma fantasia louca.

Acredito que este poema seja bastante significativo no tocante ao lado feminino da poeta. Ela expõe, com todo realismo possível, a sua condição de mulher que deseja viver incondicionalmente o amor. Para dizer que beijar as mãos é muito pouco, encontrou a expressão "fantasia louca" que exhibe com muita propriedade a intensidade deste amor.

### Sem remédio

Aqueles que me têm muito amor  
 Não sabem o que sinto e o que sou...  
 Não sabem que passou, um dia, a Dor,  
 À minha porta e, nesse dia, entrou.

E é desde então que eu sinto este pavor,  
 Este frio que anda em mim, e que gelou  
 O que de bom me deu Nosso Senhor!  
 Se eu nem sei por onde ando e onde vou!!

Sinto os passos da Dor, essa cadência  
 Que é já tortura infinda, que é demência!  
 Que é já vontade doida de gritar!

E é sempre a mesma mágoa, o mesmo tédio,  
 A mesma angústia funda, sem remédio,  
 Andando atrás de mim, sem me largar!...

Op. Cit., p. 60

Novamente Florbela dialoga com alguém, desta vez com "Aqueles que me têm muito amor". Eles não sabem o que aconteceu com esta mulher: diz ela, um dia a Dor (com letra maiúscula para evidenciar a personificação desta dor) entrou em sua porta e alterou todo o seu interior e destruiu muita coisa. Ela sente essa Dor andando, o que lhe provoca o desejo de gritar. O segundo terceto, por meio do uso do som de m (sem ser uma aliteração perfeita) reproduz uma gradação da mesmice do viver: mágoa / tédio / angústia / sem possibilidade de encontrar uma solução.

A Dor é um dos grandes temas de Florbela\*.

### Impossível

Disseram-me hoje, assim, ao ver-me triste:  
 – "Parece Sexta-feira de Paixão.  
 Sempre a cismar, cismar, d'olhos no chão,  
 Sempre a pensar na dor que não existe..."

\* No texto que antecede a apresentação dos sonetos de *Melhores Poemas de Florbela Espanca*, São Paulo, Global, 2004, e no texto "O sofrimento em Florbela Espanca", publicado na Revista *Andremaria*, Ed. 72, Ano 6, maio de 2015, discuto a questão da dor nessa poesia.

O que é que tem?! Tão nova e sempre triste!  
 Faça por 'star contente! Pois então?!...  
 Quando se sofre o que se diz é vão...  
 Meu coração, tudo, calado ouviste...

Os meus males ninguém mos adivinha...  
 A minha Dor não fala, anda sozinha...  
 Dissesse ela o que sente! Ai quem me dera!...

Os males d'Anto toda a gente os sabe!  
 Os meus... ninguém... A minha Dor não cabe  
 Nos cem milhões de versos que eu fizera!...

Op. Cit., p. 64

Neste soneto, Florbela dialoga com o outro de modo declarado – como os outros a vêm.

A resposta dela – meu coração ouviu e se calou porque de nada adianta dizer que se sofre. E mais: a Dor não fala, mas anda e ai se ela dissesse o que sente. Acontece diferentemente do que aconteceu com Anto (Antônio Nobre) que todos sabiam de seus males. Os dela não. E o pior: não há como expressar a sua Dor – ela não cabe “nos cem milhões de versos que eu fizera!...”

O fecho deste soneto exhibe uma bela hipérbole: “nos cem milhões de versos que eu fizera!...”

\*\*\*

Aproveito para lembrar que o soneto é uma das formas poéticas mais curiosas e mais caprichosas. Apareceu nos séculos XIII e XIV com Dante e Petrarca. Outros poetas experimentaram esta espécie poética. Embora Dante tenha escrito sonetos, devemos a Petrarca sua formatação definitiva. Ele influenciou todos os grandes poetas que se lhe seguiram. Houve até uma época em que fazer algo semelhante a Petrarca era um ideal perseguido. Eis alguns exemplos da influência de Petrarca em Camões.

Petrarca escreveu:	Camões escreveu:
- Io canterei d'amor si novamente	- Eu cantarei de amor tão do-
- Amor, Fortuna et la mia mente	amente,
schiva	- Erros meus, má Fortuna,
- Questa anima gentil che te di-	amor ardente,
parte,	- Alma minha gentil que te
	partiste

Importante entender que Camões parte de uma sonoridade muito próxima à de Petrarca, mas acaba por fazer o seu soneto e não um plágio.

O *Cancioneiro* de Petrarca mereceu, recentemente, uma nova tradução de José Clemente Pozenato, publicado pela Ateliê Editorial.

Os versos de Petrarca ditaram moda, isto é, os poetas o seguiram fazendo algo à imagem do que Petrarca fez.

Em Florbela, não encontramos esta semelhança na sonoridade dos versos, mas a afirmação do amor total, irretocável, idealizado, tanto quanto o de Petrarca que passou a vida cantando o seu amor por Laura sem que a realização amorosa acontecesse.

Todo poeta arrisca-se a escrever sonetos; parece que essa forma é um desafio o qual todo poeta precisa enfrentar.



## ZÉLIA GATTAI - 100 ANOS\*

*Cristina Agostinho\*\**

Quando meu amigo Rogério Faria Tavares me convidou para fazer uma palestra sobre Zélia Gattai porque – segundo ele – eu gosto de biografar mulheres fortes, confesso que fiquei surpresa. É verdade que já escrevi sobre Luz del Fuego, Frida Kahlo, Violeta Parra e Alfonsina Storni, mulheres que me atraíram por estarem à frente do seu tempo, que desafiaram as convenções sociais e pagaram um preço alto por isso: todas tiveram mortes trágicas.

Zélia Gattai nunca havia entrado no meu panteão particular de mulheres fortes. No entanto, a proposta de Rogério me pareceu desafiadora. Por que não? - pensei. Já me chamaram para falar sobre Cervantes porque sou apaixonada por Dom Quixote; e sobre Shakespeare porque escrevi um livro com algumas referências à obra do bardo inglês.

Além disso, Zélia escreveu memórias, gênero ao qual me dediquei em outros trabalhos. Dela eu havia lido *Anarquistas Graças a Deus e Um chapéu para viagem* na época em que foram lançados. De resto, não acompanhei suas obras posteriores e me surpreendi ao saber que ela havia publicado outros 14 livros, dez de memórias, uma fotobiografia e três de ficção.

Arregacei as mangas e pus mãos à obra, melhor dizendo, pus mãos às obras de Zélia. Para descobrir a mulher por trás da escrita, concentrei-me na leitura dos seus livros de memórias. Comecei por aqueles que já havia lido. E, nesse processo, constatei o que o filósofo Heráclito afirmou cinco séculos antes de Cristo: É impossível entrar no mesmo rio duas vezes. As águas já são outras e nós já não somos os mesmos.

Ao relermos um livro, esperamos sentir as mesmas emoções que acompanharam o nosso primeiro contato com o texto. Esperamos que a nossa memória nos faça reviver aquela primeira experiência, mas na realidade não é isso que ocorre. Parece que estamos lendo um livro novo.

Reler os livros de Zélia Gattai três décadas depois, sob a ótica da mulher madura que hoje sou, fez-me perceber o quanto me tinha escapado na leitura inicial. Ainda que a consagração da escritora tenha sido imediata, após a publicação

\* Palestra na Universidade Livre, da Academia Mineira de Letras, em 10 de novembro de 2016.

\*\* Escritora

de *Anarquistas graças a Deus*, em 1979 – merecendo, inclusive, a transposição para um seriado homônimo de grande sucesso na rede Globo de televisão – para mim, Zélia Gattai era apenas uma mulher que vivera à sombra do marido famoso, Jorge Amado, o que lhe proporcionara até mesmo herdar um assento na Academia Brasileira de Letras. Pior, nos meus arroubos de escritora iniciante, menosprezei o trabalho de uma “velha senhora” que, certamente, escrevia por puro diletantismo. Não atentei nem para as sábias palavras da própria autora numa de suas entrevistas:

*Comecei a escrever aos 63 anos, o que não é tarde quando se fala em memória pois, para escrevê-las é preciso viver muito, amadurecer bastante, ter maior compreensão do ser humano, estar despida do sentimento de inveja e de revanche. E escrevo, assim, com liberdade e com o coração.*

Portanto, agora que eu mesma sou uma “velha senhora”, que já vivi muito, amadureci bastante e tenho uma maior compreensão do ser humano, creio que posso falar sobre a mulher Zélia Gattai, *com liberdade e com o coração*.

## ANARQUISTAS GRAÇAS A DEUS

A quinta filha de imigrantes italianos, Zélia, nasceu em São Paulo, em 2 de julho de 1916.

A família do pai, Ernesto – os Gattai – fazia parte de um grupo de homens e mulheres, movidos pela utopia anarquista, que chegou ao Brasil, no final do século XIX, para fundar a primeira “Colônia Socialista Experimental” nos trópicos - a célebre “Colônia Cecília” - tentativa de criar uma comunidade igualitária no interior do Paraná. Uma sociedade onde não haveria necessidade de leis, religião, propriedade privada e o amor era livre.

A mãe de Zélia, Angelina, também veio da Itália. A família Da Col, católica, emigrou para o Brasil para colher café, na condição de colonos, em uma fazenda do interior de São Paulo. Embora com destinos diferentes, as duas famílias vieram para o Brasil no mesmo navio, o Città di Roma, nome que dá título a outro livro de memórias da autora, onde ela narra as lembranças familiares de antes da emigração.

A experiência frustrada da Colônia Cecília durou poucos anos, mas não foi abandonada pelos anarquistas, que se reorganizaram pelos bairros operários de São Paulo, e confrontavam as elites conservadoras da capital. Em *Anarquistas Graças a Deus*, Zélia registra esses momentos libertários do proletariado paulista, as manifestações e os vibrantes encontros que vivenciou na sede das Classes Laboriosas, salão de festas e de conferências políticas. Menina atrevida, que ainda usava laço de fita na cabeça, já cumpria seu papel de pequena ativista, ven-

dendo jornais e números de tómbola destinados a subsidiar fundos para o movimento anarquista.

A par disso, um mundo proibido de livros e pensamentos abriu-se para a menina. Zélia recorda-se de um velho armário onde sua mãe guardava um conjunto de livros “malditos” de autores anarquistas, além de um exemplar de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri – que Zélia adorava folhear para ver as ilustrações de Gustavo Doré – obras de Victor Hugo, como *Trabalhadores do Mar* e *Os Miseráveis*, e o folheto *Eu acuso*, de Émile Zola, autor considerado um ídolo pelos italianos anarquistas, que comparavam o caso Dreyfus com o caso Sacco e Vanzetti.

Anos mais tarde, durante a ditadura de Getúlio Vargas, Zélia testemunharia a apreensão desses livros, tomados como prova da acusação de que seu pai era um “comunista perigoso”, o que o levou à cadeia e, em consequência dos maus tratos sofridos, à morte.

Entremeando as memórias familiares e sociais, Zélia registra em *Anarquistas Graças a Deus*, com uma prosa saborosa, a velha São Paulo provinciana. A São Paulo da garoa, das festas religiosas, das primeiras competições automobilísticas, dos namoricos, das serenatas, do cinema mudo, dos corsos carnavalescos, dos bailes de salão. E o livro termina com um testemunho das transformações urbanas da metrópole, quando o velho casarão alugado pelo pai de Zélia é demolido para dar lugar a um dos inúmeros edifícios na região da Avenida Paulista.

Nesse seu primeiro livro, ela ainda recorda uma passagem que teria profunda repercussão no seu futuro. Ela conta como Oreste Ristori, amigo do seu pai e lendário líder anarquista, deportado pelo Estado Novo, lhe emprestara *Cacau*, o livro de um jovem escritor baiano de nome Jorge Amado.

Resta assinalar o paradoxal título *Anarquistas Graças a Deus*, que remete, não só à religiosidade da família materna, mas também à contradição do patriarcado da família. Liberal e ateu por convicção, Ernesto Gattai procurava se adaptar à São Paulo provinciana, religiosa e moralista, cuidando da virtude das três filhas. Conta Zélia: *Festa de igreja era uma coisa. Carnaval outra, muito diferente. O liberalismo de seu Ernesto acabava por aí.*

## UM CHAPÉU PARA VIAGEM

Em *Um Chapéu para Viagem*, seu segundo livro, publicado em 1982, Zélia Gattai deixa a saga familiar de lado para dar início ao que eu chamaria de sua saga de amor com Jorge Amado.

O texto se concentra no período inicial de sua vida com o escritor, desde o primeiro encontro no Iº Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em São Paulo, em 1945. A essa altura um escritor já consagrado – aos 33 anos já havia escrito sete romances e uma biografia: *Luis Carlos Prestes, o Cavaleiro da Es-*

perança – Jorge Amado voltava de um exílio de dois anos por conta da perseguição da ditadura, e era a grande estrela do Congresso. Zélia, presente no evento, assim relata:

*Admiradora do escritor, ao saber que ele participaria do congresso, toquei-me para o Municipal e, acanhada, em meio a tanta gente importante que lotava o teatro, sentei-me lá atrás, recolhida na minha timidez, só observando. Ao longe eu o vi cercado de gente, sobretudo mulheres belas, cultas e charmosas. Conhecia algumas delas, de jornais e revistas. Sentada estava, sentada fiquei. Quem era eu para me aproximar da celebridade? Não era intelectual, não possuía credenciais, nem mesmo coragem para me apresentar e dizer-lhe ser uma leitora encantada de seus livros, admiradora de sua valentia (...). Fui embora depois de ouvir sua intervenção. Ave-maria! Como falava bem! Que orador entusiasta! Quanto charme!*

Mais tarde, no mesmo ano de 1945, os dois são apresentados um ao outro no Comitê pela Anistia de Luís Carlos Prestes, onde ela trabalhava como voluntária do Partido Comunista Brasileiro. O escritor, conquistador inveterado, põe o olho em Zélia, então com 29 anos, e comenta com os amigos: *Ela será minha mulher.*

Entretanto, essa paixão à primeira vista, com todos os ingredientes de um romance com final feliz, tinha um empecilho. Zélia era casada e mãe de um filho de 3 anos. Esse empecilho, que na remota década de 1940 parecia intransponível, não impediu que a jovem apaixonada deixasse marido e filho para morar com o escritor três meses depois. Na época, Jorge Amado era desquitado e tinha uma filha de 9 anos, que veio a falecer pouco depois.

Aqui valem a pena parêntesis. Zélia, que sempre foi minuciosa em suas memórias, deixa uma lacuna a respeito do seu primeiro casamento. Ela apenas o menciona de passagem em *Um Chapéu para Viagem: Não acertara no primeiro casamento, encerrara essa etapa de minha vida, livro fechado para sempre.*

Seu primeiro marido, Aldo Veiga, tesoureiro do Partido Comunista Brasileiro, era um intelectual bem relacionado, que convivia com a elite cultural do país. Através dele, Zélia conheceu artistas e escritores como Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Di Cavalcanti, Vinicius de Moraes, Rubem Braga e outros.

A separação do filho Luís Carlos – batizado com esse nome em homenagem a Luís Carlos Prestes – foi a contrapartida mais dolorosa de sua felicidade. A rígida legislação e o moralismo da época jamais permitiriam a uma mulher desquitada que abandonara o marido ficar com a guarda do filho. Afora os contatos esporádicos, a convivência com esse filho só foi retomada 30 anos depois.

É importante frisar, também, que o próprio Jorge Amado praticamente não menciona na sua autobiografia, *Navegação de Cabotagem*, seu primeiro casamento com Matilde Garcia Rosa, mãe de sua filha. O casal de escritores mais célebre do Brasil, parece ter feito um “pacto autobiográfico” para proteger seu amor mútuo.

Zélia não deixa transparecer em seus livros o sofrimento brutal pela separação do filho, e justifica sua decisão com os argumentos de uma mulher apaixonada: *De repente, deixara de raciocinar, um sentimento que jamais conhecera apoderara-se de mim: o amor.*

E qual mulher resistiria às investidas de um Don Juan que num arroubo de paixão, uma madrugada, manda parar o táxi em que estão e compra dúzias de cravos vermelhos para cobrir a amada da cabeça aos pés? Esta cena foi testemunhada por ninguém mais ninguém menos que Pablo Neruda. Anos mais tarde, o poeta chileno ainda recordava *la lluvia de claveles rojos em la madrugada.*

Até Dorival Caymmi, amigo de longa data do galanteador, era requestado para passar suas mensagens amorosas à namorada, com muito charme e picardia: *Acontece que eu sou baiano, acontece que ela não é...*

Dos primeiros tempos de união, Zélia narra a mudança do casal para o Rio de Janeiro, quando Jorge Amado é eleito deputado federal em 1946, pelo PCB, e a convivência com os pais dele, especialmente com a matriarca, dona Lulu, uma contadora de causos inata, fonte das inúmeras histórias da família Amado narradas no segundo livro.

Nesse curto período de relativa paz política, eles vivem num sítio na Baixada Fluminense, Zélia engravida de João Jorge, primeiro filho do casal, e o marido tenta dividir seu tempo entre a literatura e as atividades de deputado. É nessa época que Zélia inicia uma função que desempenharia durante toda a vida: a de passar a limpo, datilografando, os originais dos livros do marido. Foi então, também, que aprendeu que não devia dar palpites no desenrolar dos enredos.

Esse tempo de bonança logo foi interrompido pelo turbilhão da Guerra Fria. O Partido Comunista mais uma vez foi posto na ilegalidade, com a consequente cassação dos mandatos dos parlamentares do partido, dentre eles Jorge Amado. Para não ser preso, a única saída do escritor foi o exílio na Europa.

Impossibilitada de acompanhá-lo por conta do filho recém-nascido e do rigor do inverno europeu, Zélia vive a agonia da primeira separação, e revive o pesadelo da truculência policial que experimentara quando o pai foi preso. Sua casa é invadida e praticamente destruída, e ela sofre ameaças de tortura e prisão.

Em abril de 1948, com um filho de cinco meses nos braços, Zélia parte para a Europa, na segunda classe de um navio italiano. E desembarca no mesmo porto de Gênova de onde partiram seus avós. De sofisticado, na bagagem, levava apenas o presente de sua amiga Maria Della Costa, a famosa atriz de teatro: ‘um chapéu para viagem’.

## SENHORA DONA DO BAILE E JARDIM DE INVERNO

Em *Senhora Dona do Baile e Jardim de Inverno*, Zélia relata as andanças dela e do marido pela Europa recém-destroçada pela Segunda Guerra mundial e sob a ameaça permanente da Guerra Fria, entre os anos de 1948 e 1952.

Nos dois primeiros anos, o casal fixa residência em Paris, numa pensão modestíssima, onde ela cozinhava num fogareiro a álcool. Apesar da constante falta de alimentos e produtos de higiene causada pelo desabastecimento no pós-guerra, o exílio não foi um fardo para o casal. Segundo a escritora:

*Falar em exílio é falar em desterro e tristeza. Para nós foi diferente. Aprendemos, nesses anos em que fomos forçados a viver longe do Brasil, a tirar proveito do que seria só nostalgia. Foram anos que nos ensinaram muito, nos deram os melhores amigos, nos permitiram conhecer mundos diferentes, céus de novas galáxias para nossos olhos.*

E pelos olhos da jovem que saíra de um bairro proletário em São Paulo, desfilava uma constelação de romancistas, poetas, pintores, filósofos, todos estrelas de primeira grandeza, com quem convivia assiduamente: Pablo Neruda, Picasso, Marc Chagal, Paul Éluard, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Miguel Ángel Astúrias, e muitos outros. Pablo Neruda e o poeta cubano Nicolás Guillén disputavam o apadrinhamento de seu filho e a chamavam de comadre. Picasso apreciava sua habilidade para contar histórias, e todas as vezes que a encontrava repetia o refrão: *Cuéntame un cuento, Celita*.

Na pensão onde moravam, recebiam para almoços e jantares improvisados, não apenas os intelectuais e artistas que viviam na capital francesa, mas também os amigos brasileiros que por lá apareciam: o poeta João Cabral de Melo Neto, o físico Mário Schenberg, os pintores Di Cavalcanti e Carlos Scliar dentre outros.

Enquanto aproveitava a convivência com esses intelectuais e artistas e todos os atrativos culturais da capital francesa, Zélia procurava se instruir. Matriculou-se em um curso de Língua e Civilização Francesa na Sorbonne, que frequentou durante um ano.

Em Paris também iniciou sua carreira de fotógrafa. Um domingo, no mercado das pulgas, comprou uma câmera fotográfica. Começou assim uma paixão que duraria o resto de sua vida, registrando o dia a dia com o marido. Esse registro rendeu a fotobiografia *Reportagem Incompleta*, de 1987.

Como membro do Conselho Mundial da Paz, movimento criado por intelectuais para contrapor ao avanço da Guerra Fria, Jorge Amado viajava constantemente para os países socialistas da chamada Cortina de Ferro, e Zélia teve a oportunidade de conhecer a Rússia, China, Hungria, Romênia, a antiga Tchecoslováquia e Mongólia.

Simpática, expansiva, ela não se intimidava com as dificuldades dos idiomas, e não se acanhava diante das mais insólitas situações, como num banquete na Romênia, quando o presidente a convidou para dançar uma polka ao som de uma orquestra cigana, e ela, sem errar o passo, acompanhou seu par rodopiando em meio à roda que se formara em torno deles, sentindo-se a própria 'senhora dona do baile'.

Expulso da França sob a justificativa de "viajar muito para os países comunistas", Jorge Amado é convidado pela União dos Escritores Tchechoslováquia. Ali eles vivem no castelo de Dobris, um castelo expropriado da nobreza pelo governo socialista e destinado à moradia e local de trabalho para escritores nacionais e estrangeiros.

Nesse cenário de conto de fadas, eles vivem com conforto e alguma folga de dinheiro, por conta dos direitos autorais dos livros de Jorge Amado no país. Ali nasce sua segunda filha, Paloma, e eles recebem os antigos amigos e fazem novas amizades.

Entretanto, o conto de fadas no aprazível castelo não dura muito. Vivendo agora nas entranhas de um regime socialista, além de presenciarem as dificuldades cotidianas que o racionamento impunha ao povo nas ruas, eles testemunham o sectarismo dos "processos de Praga" para punir traidores, inimigos de Stálin. Zélia escreve: *Pessoas que conhecêramos de perto, amigos queridos, homens até então comprovadamente heróis da causa socialista, eram condenados à prisão e à morte.*

Sujeito ao duro dogma do stalinismo, como toda a Europa comunista, o país vivia impregnado pelo veneno da suspeita. *Um medo que podia tocar-se com a mão*, recorda a escritora. Ela e o marido, que haviam sido vítimas da repressão vigente no Brasil, sob o reflexo da Guerra Fria e do macarthismo, agora se perguntavam: *Teria valido a pena todo o nosso sacrifício por uma causa que julgávamos melhor?*

É interessante observar que Zélia Gattai, sem jamais perder a fidelidade aos princípios de sua formação, voltada para a Justiça e a Liberdade, teve a coragem de escrever sobre sua visão ingênua do stalinismo: *Em nossa ingenuidade, não acreditávamos que Stálin, em quem depositávamos nossa confiança cega, acreditando em sua competência e bondade, estivesse metido naquelas atrocidades.*

O título do seu livro, *Jardim de Inverno*, pode ser interpretado literalmente como uma dependência do Castelo em que viveram, mas também como uma metáfora do inverno de suas desesperanças no socialismo real.

## CHÃO DE MENINOS

Em 1952, ainda militantes do Partido Comunista Brasileiro, os dois recebem autorização do partido para retornar ao Brasil. Durante os dez anos seguintes, vivem no Rio Janeiro, no apartamento dos pais de Jorge Amado.



Nesse período, ocorrem a morte de Stálin e o relatório Kruschev, provocando o afastamento de levas de intelectuais dos partidos de esquerda em todo o mundo. A menina sonhadora que ouvia as histórias do pai sobre o legendário líder comunista de bigodes negros, e o imaginava *um Aladim a iluminar os destinos do mundo com sua lâmpada maravilhosa*, fica perplexa e desencantada. Ela e Jorge Amado se afastam da militância comunista.

Enquanto o escritor retoma a literatura com o livro que será um sucesso mundial – *Gabriela Cravo e Canela* – Zélia retoma o papel de anfitriã, ciceroneando com o marido os amigos europeus em viagens pelo nosso país. No seu quinto livro de memórias, *Chão de Meninos*, ela narra a viagem de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir ao Brasil, em 1960, e recorda o deslumbramento do filósofo diante da arquitetura de Brasília: *Depois da Renascença, nada se fez de mais belo!*

Ela também fala da visita que fizeram a Belo Horizonte, e esta passagem vale a pena de ser mencionada porque diz respeito a um dos membros ilustres desta Academia, e ao nosso monumento arquitetônico recém elevado a Patrimônio Universal:

*Em Belo Horizonte, tivemos a companhia dos intelectuais da terra (...) Comboiados por Irá e Benito Barreto, donos da cidade, Sartre e Simone visitaram a Pampulha, detiveram-se na igreja de Niemeyer, louvaram-lhe a beleza, impressionaram-se com a pintura e os azulejos de Portinari.*

Zélia recorda ainda que, nessa ocasião, Sartre e Simone, constrangidos porque ela estava perdendo aulas na Aliança Francesa para acompanhá-los na viagem, se prontificaram a dar-lhe aulas de francês, para compensá-la dos prejuízos nos estudos:

*De caderno e lápis na mão, passei a receber aulas diárias – às vezes duas por dia. Os improvisados professores, mais ilustres impossível, passavam-me ditados, explicavam-me regras gramaticais. Sartre fazia questão de me ensinar a linguagem popular, “coisas que você jamais aprenderá na Aliança Francesa, Zêde” dizia, chamando-me pelo apelido que inventara para mim.*

## A CASA DO RIO VERMELHO

No seu sexto livro de memórias, *A Casa do Rio Vermelho* (1999), Zélia Gattai conduz o leitor para o desfecho da saga de sua vida com Jorge Amado, inclusive a oficialização da união dos dois, realizada após a legalização do divórcio no Brasil, em 1976.

Nesse livro ela nos conta histórias dos trinta e sete anos que viveram, até a morte do marido, nesse bairro de Salvador. A mudança na década de 1960 aconteceu para fugir da violência do Rio de Janeiro e buscar a paz entre os filhos e netos. Jorge Amado comprara a casa com os direitos autorais de *Gabriela Cravo e Canela*, com o dinheiro do imperialismo americano, como ele brincava.

Na Bahia fizeram novas e entranháveis amizades com artistas plásticos, cantores, pintores e escultores, tais como Caribé, Pierre Verger, Mário Cravo, Calasans Neto, Riachão, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Gilberto Gil.

Na Casa do Rio Vermelho, Jorge Amado e Zélia fizeram o seu quartel-general, e recebiam com o mesmo calor gente simples, personalidades e artistas do mundo todo: Pablo Neruda, José Saramago, Roman Polansky, Jack Nicholson, Harry Belafonte, Jorge Moustaki, Sofia Loren, Amália Rodrigues e Mário Soares dentre outros.

E, claro, continuaram viajando pelo mundo, como turistas ou para cumprir os inúmeros compromissos do escritor. Em Paris tinham um apartamento onde Jorge Amado se refugiava para escrever seus livros.

Recentemente a Casa do Rio Vermelho foi restaurada e transformada em Memorial.

Depois de **A CASA DO RIO VERMELHO**, Zélia Gattai ainda publicaria outros cinco livros de memórias:

**CITTÀ DI ROMA** (2000) - Já citado anteriormente, onde narra a saga de seus pais imigrantes e seus primeiros anos em São Paulo.

**CÓDIGOS DE FAMÍLIA** (2001) - Escrito num momento de muita dor, pela perda do marido. A conselho da filha Paloma, Zélia recolhe e reprograma falas, expressões do cotidiano, modos de dizer da família e de outras figuras próximas.

**JORGE AMADO - UM BAIANO SENSUAL E ROMÂNTICO** (2002) - Com depoimentos da escritora e dos dois filhos.

**MEMORIAL DO AMOR** (2004) - Neste livro ela retoma histórias vivenciadas na Casa do Rio Vermelho, quando Jorge Amado ainda era vivo.

**VACINA DE SAPO** (2005) - Neste último livro, ela faz uma catarse da perda do seu grande amor e narra a lenta agonia dos três anos anteriores à morte do marido em 2001. O mergulho num silêncio impenetrável do homem loquaz, veemente, de efervescente criação literária por quem se apaixonara e com quem convivera durante mais de 50 anos. E das suas tentativas desesperadas para curá-lo, muitas delas nada ortodoxas, como a terapêutica da baba de sapo, de um curandeiro da Amazônia, que dá nome ao livro. O texto não tem amargura algu-

ma, e das memórias de sua própria dor ela consegue extrair o lado divertido e alegre que sempre alimentou a relação afetiva do casal.

## NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

No mesmo ano do falecimento de Jorge Amado, Zélia Gattai foi eleita para a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras, anteriormente ocupada pelo marido. Uma eleição marcada pela polêmica. Houve críticas ácidas como a do jornalista Joel da Silveira, seu concorrente à cadeira, que a qualificou de *literata de terceira ordem*.

O escritor Ledo Ivo, membro da Academia, argumentou que, por questões éticas, *Zélia poderia ter se candidatado a qualquer cadeira, menos a de Jorge Amado, porque a cadeira de um imortal não faz parte dos bens dele e não deve estar na herança*.

A despretensão do texto de Zélia Gattai, sua transparência e simplicidade podem ter endossado a ideia de que ela não passaria de uma “contadora de histórias”, como a própria autora se considerava, e, claro, a imensa sombra projetada pelo seu marido famoso poderia estar subjacente à crítica quanto à sua eleição.

Ademais, a memorialística nunca foi bem estimada pelos críticos literários. Um gênero híbrido entre a autobiografia e a memória social, que também transita entre a ficção e a realidade. O passado que se recorda passa pelo crivo do autor, que o ajusta de acordo com suas preferências, e essas lembranças são revividas sob a ótica do presente. E aqui volto a Heráclito: É impossível entrar no mesmo rio duas vezes. As águas já são outras e nós já não somos os mesmos.

O certo é que apenas Pedro Nava, nosso maior memorialista - que, diga-se de passagem, nunca pertenceu à Academia Brasileira de Letras - teve sua obra analisada em ensaios mais alentados.

Nada disso, no entanto, desmerece a importância da escritora Zélia Gattai, essa Sherazade brasileira que nos legou - através de suas inúmeras histórias narradas com graça e perspicácia - um vasto painel social, político e cultural do Brasil e do mundo, desde o pós-guerra até a primeira década do século XXI.

Quero finalizar esta palestra voltando às minhas dúvidas iniciais, sobre a inclusão de Zélia Gattai no meu panteão pessoal de mulheres fortes. Ao reler sua obra, descobri que ela tinha muito em comum com minhas personagens biografadas. Ela também foi uma mulher que não hesitou em enfrentar a sociedade machista e patriarcal da sua época, que lutou pelas suas escolhas, mesmo pagando caro por elas. Uma mulher que foi coerente a vida toda com sua ideologia política, que buscou o seu espaço na mesma profissão do marido e obteve um grande sucesso por seus próprios méritos.

É importante lembrar que, embora tivesse direito ao sobrenome “Amado”, ela adotou como nome literário “Zélia Gattai”, para reforçar sua individualização como escritora.

Eu diria que Zélia trilhou o mesmo caminho da pintora mexicana Frida Kahlo, que também viveu à sombra do marido famoso, o pintor Diego de Rivera, mas teve seu próprio trabalho individualizado e reconhecido. Da mesma forma que Zélia na escrita, Frida fez dos seus quadros uma autobiografia, e de Diego o principal destinatário de sua pintura.

Como Zélia, Frida admirava profundamente a arte do marido, e se sentia orgulhosa de participar ao seu lado, como esposa, da glória do pintor que, tal qual Jorge Amado, já era uma celebridade quando se casaram.

A artista mexicana também viajou com Diego por outros países, e nessas viagens ampliou sua cultura e se relacionou com personalidades e os maiores artistas da vanguarda europeia. Assim como fizera Zélia.

As duas, como todas as mulheres apaixonadas por homens que vivem cercados por admiradoras, sofreram as agruras do ciúme, mas foram fortes o suficiente para não sucumbirem a ele.

Frida, por mais que sofresse com as infidelidades de Diego, o desculpava argumentando: *Como eu poderia amar alguém que não fosse atraente para outras mulheres?*

Zélia, escreveu em *Senhora do Baile: Em questões do coração a prudência manda não tirar nada a limpo. É preferível ignorar os malfeitos - se é que existem -, viver na ilusão; porque, além de tudo, meu orgulho e minha vaidade jamais me permitiriam provocar cenas de ciúmes ou aceitar traição comprovada*.

Por último, vale a pena citar um episódio divertido e semelhante que ocorreu na vida de Frida Kahlo e de Zélia Gattai. Quando Frida decidiu se casar, seu pai não a achava à altura do futuro genro e disse a Diego: *Presta atenção, minha filha é doente e a vida toda o será; é inteligente, mas não é bonita. Se mesmo assim, quiser se casar com ela, case-se*.

Da mesma forma, a mãe de Zélia se alarmou com o namoro da filha com um homem tão afamado e o advertiu: *Minha filha não está preparada... Para ser mulher de um escritor tão importante é preciso ter muito estudo, ela não vai conseguir acompanhá-lo*.

E essas duas mulheres, que lutaram contra vento e maré para manter seus casamentos, foram muito amadas por seus maridos. Diego de Rivera escrevia bilhetes amorosos todos os dias para Frida, chamando-a carinhosamente de *Fisita* e *Menina dos meus olhos*.

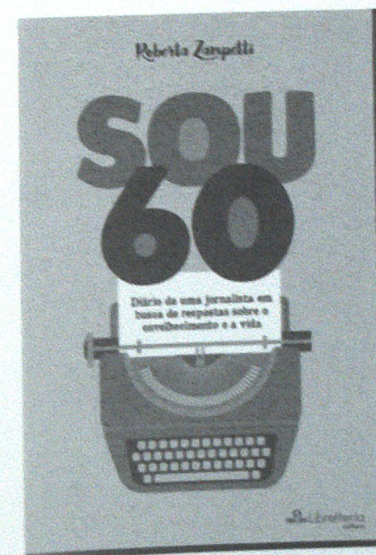
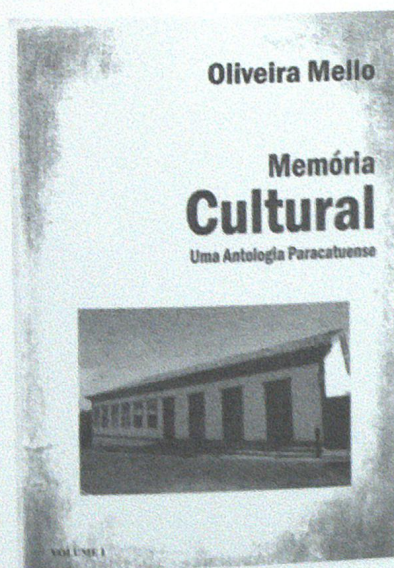
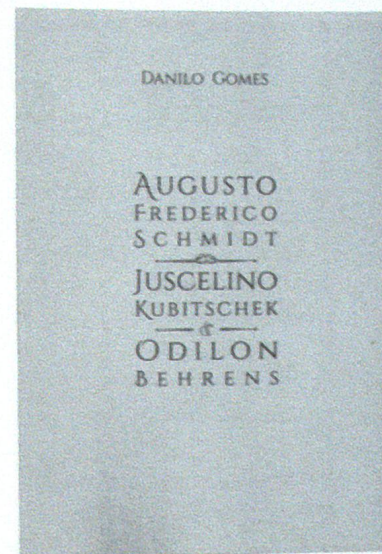
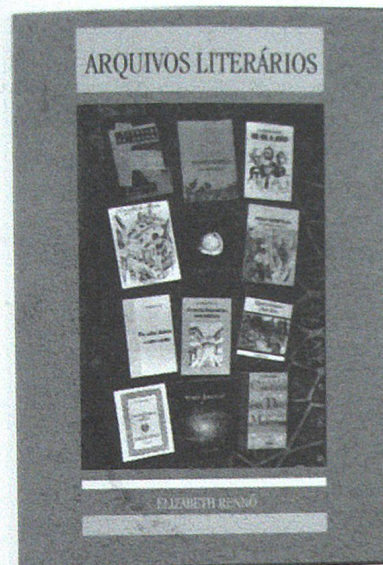
O amor de Jorge Amado por Zélia pode ser resumido neste texto de seu livro da maturidade, *Navegação de Cabotagem*:

*Dá-me tua mão de convivência, vamos viver o tempo que nos resta, tão curta a vida!, na medida de nosso desejo, no ritmo de nosso gosto simples, longe das galas, em liberdade e alegria, não somos pavões de opulência nem gênios de ocasião, feitos nas coxas das apologias, somos apenas tu e eu. (...)*

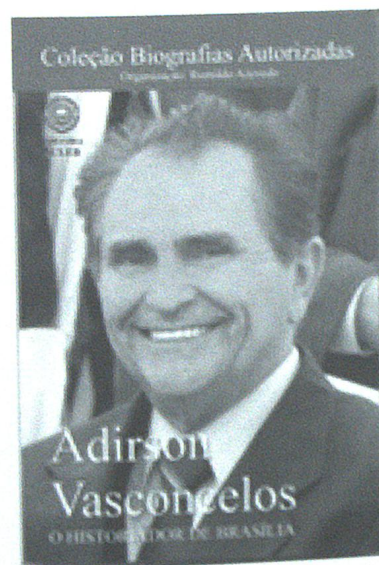
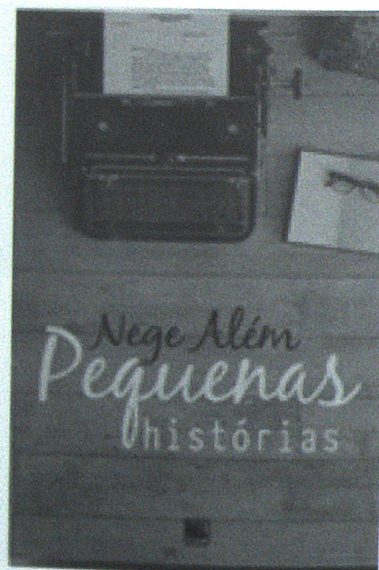
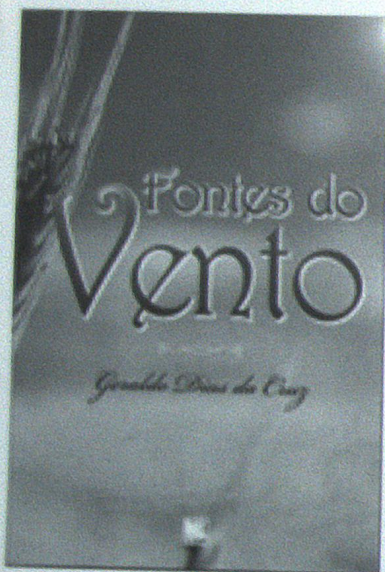
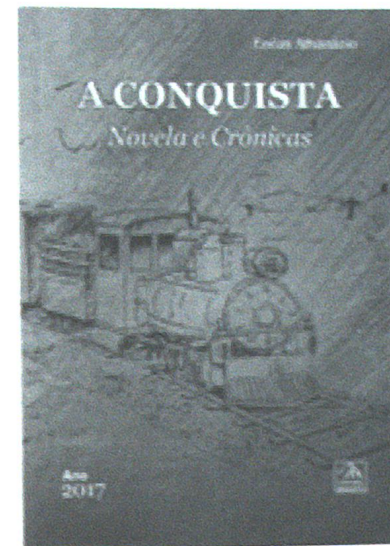
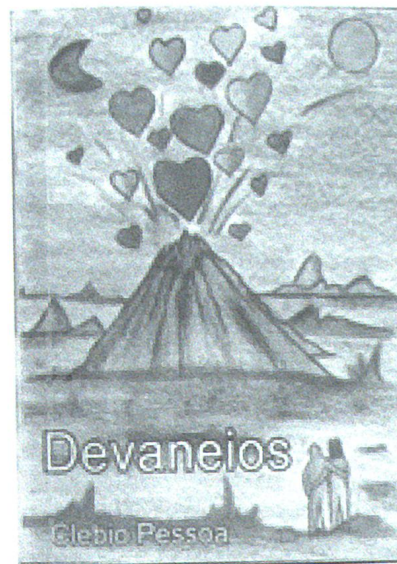
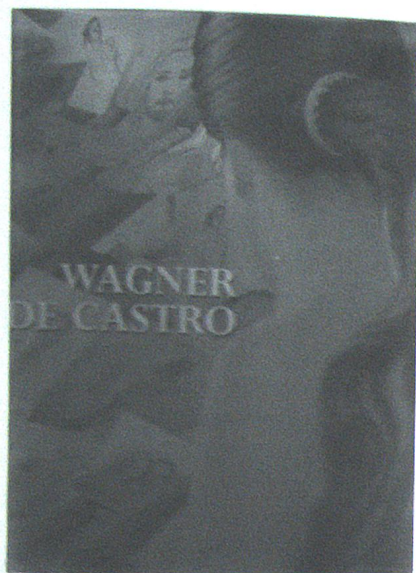
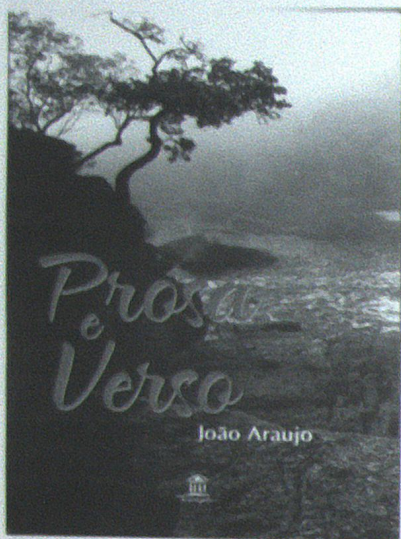
Zélia Gattai faleceu em 17 de maio de 2008, aos 92 anos. E neste ano de 2016, em que se comemora o centenário do seu nascimento, não há uma forma melhor de homenageá-la do que lembrar sua obra, embora minha memória, reconhecimento, jamais fará jus à memória privilegiada da escritora.



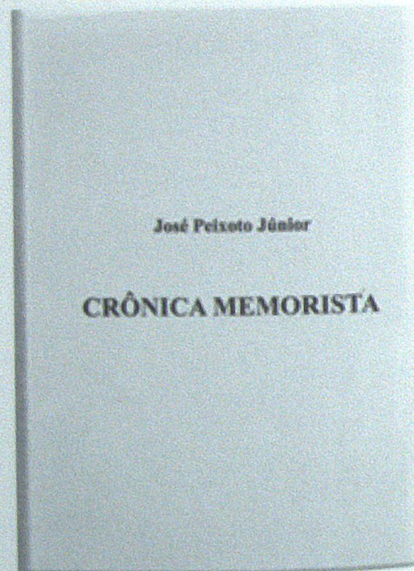
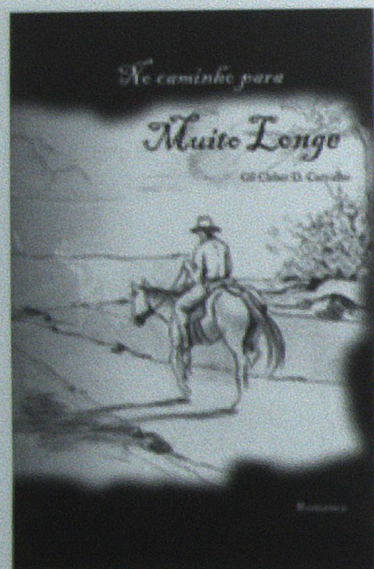
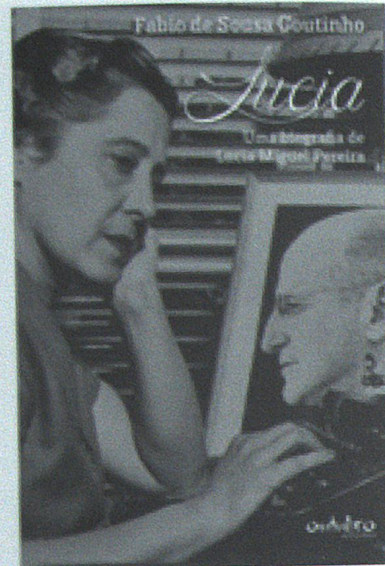
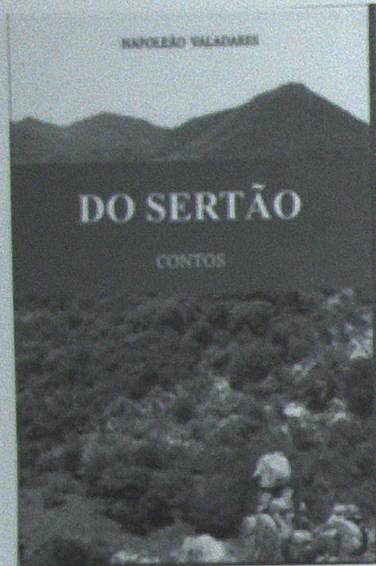
## LIVROS RECEBIDOS



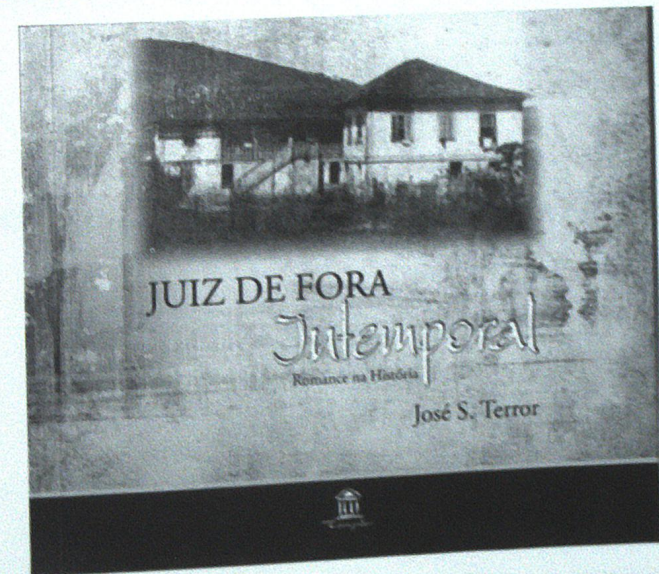
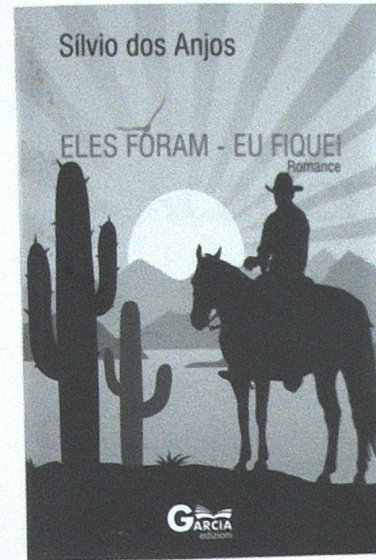
LIVROS RECEBIDOS



## LIVROS RECEBIDOS



## LIVROS RECEBIDOS



# Academia Mineira de Letras

## QUADRO ACADÊMICO

*Patronos, fundadores e atuais ocupantes\**

---

\* Em maiúsculas foram ou são nomes literários geralmente utilizados pelos acadêmicos.

Cadeira nº 1

Patrono: VISCONDE DE ARAXÁ – Domiciano Leite Ribeiro (1812-1881)\*

Fundador – ALBINO de Oliveira ESTEVES (1884-1943)

2º Sucessor – DANILO GOMES (1932)

Cadeira nº 2

Patrono: ARTHUR FRANÇA (1881-1902)

Fundador – ALDO Luiz DELPHINO dos Santos Ferreira Lobo (1872-1945)

3º Sucessor – BENITO BARRETO (1929)

Cadeira nº 3

Patrono: AURELIANO José LESSA (1828-1861)

Fundador – Affonso da Costa Guimarães (ALPHONSUS DE GUIMARAENS) (1870-1921)

4º Sucessor – ANGELO OSWALDO de Araújo Santos (1947)

Cadeira nº 4

Patrono: FREI José Marianno da Conceição VELLOSO (1742-1811)

Fundador – ÁLVARO Astolpho DA SILVEIRA (1867-1945)

2º Sucessor – AMÍLCAR Vianna MARTINS Filho (1949)

Cadeira nº 5

Patrono: José Maria Teixeira de AZEVEDO JÚNIOR (1865-1909)

Fundador – AMANAJÓS de Alcântara Vilhena DE ARAÚJO (1880-1938)

5º Sucessor – CARMEN SCHNEIDER Guimarães (1926)

Cadeira nº 6

Patrono: BERNARDO Pereira DE VASCONCELLOS (1795-1850)\*

Fundador – ARDUINO Fontes BOLÍVAR (1873-1952)

5º Sucessor – YEDA PRATES BERNIS (1926)

Cadeira nº 7

Patrono: LUIZ CASSIANO Martins Pereira (1868-1903)

Fundador – Antônio AVELINO FOSCOLO (1864-1944)

5º Sucessor – RICARDO Arnaldo Malheiros FIÚZA (1937)

Cadeira nº 8

Patrono: João BAPTISTA MARTINS (1868-1906)

Fundador – BELMIRO Belarmino de Barros BRAGA (1872-1937)

4º Sucessor – ROGÉRIO Vasconcelos Faria TAVARES (1971)

Cadeira nº 9

Patrono: JOSAPHAT BELLO (1870-1907)

Fundador – BENTO ERNESTO Júnior (1866-1943)

4º Sucessor – MÁRCIO Manoel GARCIA VILLELA (1939)

Cadeira nº 10

Patrono: CLÁUDIO MANUEL DA COSTA (1729-1789)

Fundador – Francisco Eugênio BRANT HORTA (1876-1959)

2º Sucessor – FÁBIO Proença DOYLE (1938)

Cadeira nº 11

Patrono: Frei José de SANTA RITA DURÃO (1722-1784)

Fundador – CARLOS GÓES (1881-1934)

4º Sucessor – Dom WALMOR Oliveira de Azevedo (1954)

Cadeira nº 12

Patrono: Ignacio José de ALVARENGA (PEIXOTO) (1744-1793)

Fundador – CARLINDO LELLIS (1879-1945)

5º Sucessor – CONÊGO José Geraldo VIDIGAL de Carvalho (1933)

Cadeira nº 13

Patrono: José Pedro XAVIER DA VEIGA (1846-1900)

Fundador – José Joaquim do CARMO GAMA (1860-1937)

4º Sucessor – PAULO TARSO FLECHA DE LIMA (1933)

Cadeira nº 14

Patrono: JOSÉ Cândido da Costa SENNA (1847-1901)

Fundador – Joaquim Cândido da COSTA SENNA (1852-1919)

3º Sucessor – ANTENOR PIMENTA Madeira (1960)

Cadeira nº 15

Patrono: BERNARDO Joaquim da Silva GUIMARÃES (1827-1884)

Fundador – DILERMANDO Martins da Costa CRUZ (1879-1935)

4º Sucessor – BONIFÁCIO José Tamm de ANDRADA (1930)

Cadeira nº 16

Patrono: Francisco de PAULA CÂNDIDO (1805-1864)

Fundador – DIOGO Luiz de Almeida Pereira de VASCONCELLOS (1843-1927)

6º Sucessor – RONALDO COSTA COUTO (1942)

Cadeira nº 17

Patrono: CONDE DE PRADOS (Dr. Camillo Maria Ferreira Armond)  
(1815-1882)  
Fundador – EDUARDO DE MENEZES (1857-1923)  
5º Sucessor – VAGA

Cadeira nº 18

Patrono: Manoel Ignacio da SILVA ALVARENGA (1749-1814)\*  
Fundador – ESTEVAM José Cardoso de OLIVEIRA (1853-1926),  
3º Sucessor – JOSÉ HENRIQUE Santos (1934)

Cadeira nº 19

Patrono: Padre-Mestre José Joaquim CORRÊA DE ALMEIDA (1820-1905)  
Fundador – FRANCISCO LINS (1866-1933)  
2º Sucessor – PADRE José Carlos BRANDI ALEIXO (1932)

Cadeira nº 20

Patrono: ARTHUR LOBO (1869-1901)  
Fundador – FRANKLIN DE Almeida MAGALHÃES (1879-1939)  
4º Sucessor – HINDENBURGO Chateaubriand Pereira-DINIZ (1932)

Cadeira nº 21

Patrono: FERNANDO DE ALENCAR (1857-1910)  
Fundador – GILBERTO DE ALENCAR (1887-1961)  
5º Sucessor – ELIZABETH RENNÓ (1930)

Cadeira nº 22

Patrono: JÚLIO César RIBEIRO (1845-1890)  
Fundador – HEITOR GUIMARÃES (1868-1937)  
2º Sucessor – FÁBIO LUCAS Gomes (1931)

Cadeira nº 23

Patrono: JOAQUIM FELICIO dos Santos (1828-1895)  
Fundador – Dom JOAQUIM SILVERIO de Souza (1859-1933)  
4º Sucessor – MANOEL HYGINO dos Santos (1930)

Cadeira nº 24

Patrona: BARBARA ELIODORA Guilhermina da Silveira (1758-1819)  
Fundador – JOÃO LÚCIO Brandão (1875-1948)  
4º Sucessor – EDUARDO Brant ALMEIDA REIS (1937)

Cadeira nº 25

Patrono: AUGUSTO FRANCO (1877-1909)  
Fundador – JOÃO Augusto de MASSENA (1865-1957)  
4º Sucessor – JACYNTHO José Lins BRANDÃO (1952)

Cadeira nº 26

Patrono: EVARISTO Ferreira DA VEIGA e Barros (1799-1837)  
Fundador – JOSÉ EDUARDO DA FONSECA (1883-1934)  
6º Sucessor – ANGELO Barbosa Monteiro MACHADO (1934)

Cadeira nº 27

Patrono: Eduardo CORRÊA DE AZEVEDO (1856-1904)  
Fundador – JOSÉ Francisco da PAIXÃO (1868-1949)  
5º Sucessor – AFONSO HENRIQUES GUIMARAENS Neto (1944)

Cadeira nº 28

Patrono: AMÉRICO LOBO Leite Pereira (1839-1903)  
Fundador – JOSÉ RANGEL (1868-1940)  
3º Sucessor – MÁRCIO SAMPAIO (1941)

Cadeira nº 29

Patrono: AURELIANO Pereira Corrêa PIMENTEL (1830-1908)  
Fundador – LINDOLPHO GOMES (1875-1953)  
5º Sucessor – AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO Filho (1930)

Cadeira nº 30

Patrono: OSCAR Nogueira DA GAMA (1870-1900)  
Fundador – LUIZ Joaquim DE OLIVEIRA (1874-1960)  
2º Sucessor – CAIO César BOSCHI (1947)

Cadeira nº 31

Patrono: LUCINDO Pereira dos Passos FILHO (1847-1896)  
Fundador – Antônio Vieira de Araújo MACHADO SOBRINHO (1872-1938)  
5º Sucessor – RUI MOURÃO (1929)

Cadeira nº 32

Patrono: MARQUÊS DE SAPUCAÍ (Cândido José de Araújo Vianna)  
(1793-1875)  
Fundador – MÁRIO Franzen DE LIMA (1886-1936)  
3º Sucessor – CARLOS BRACHER (1940)



Cadeira nº 33

Patrono: EDGAR DA MATTA Machado (1878-1907)

Fundador – MÁRIO Antônio de MAGALHÃES Gomes (1885-1937)

4º Sucessor – LUÍS Ângelo da Silva GIFFONI (1949)

Cadeira nº 34

Patrono: THOMAZ Antonio GONZAGA (1744-1810)

Fundador – Joaquim MENDES DE OLIVEIRA (1879-1918)

6º Sucessor – ORLANDO de Oliveira VAZ Filho (1935)

Cadeira nº 35

Patrono: JOÃO PINHEIRO da Silva (1860-1908)

Fundador – NAVANTINO SANTOS (1885-1946)

4º Sucessor – CARLOS MÁRIO da Silva VELOSO (1936)

Cadeira nº 36

Patrono: José ELOY OTTONI (1764-1851)

Fundador – NELSON Coelho DE SENNA (1876-1952)

3º Sucessor – ALOÍSIO Teixeira GARCIA (1944)

Cadeira nº 37

Patrono: Manoel BASILIO FURTADO (1826-1904)

Fundador – OLYMPIO Rodrigues DE ARAÚJO (1860-1923)

3º Sucessor – OLAVO Celso ROMANO (1938)

Cadeira nº 38

Patrona: BEATRIZ Francisca de Assis BRANDÃO (1779-1868)

Fundador – PAULO Emílio da Silva BRANDÃO (1883-1928)

3º Sucessor – PEDRO ROGÉRIO Couto MOREIRA (1946)

Cadeira nº 39

Patrono: José BASILIO DA GAMA (1740-1795)

Fundador – PLÍNIO Sérgio de Noronha MOTTA (1876-1953)

3º Sucessor – PATRUS ANANIAS de Souza (1952)

Cadeira nº 40

Patrono: VISCONDE DE CAETÉ (José Teixeira da Fonseca Vasconcellos)  
(1766-1838)

Fundador – Francisco Augusto PINTO DE MOURA (1865-1924)

2º Sucessor – MARIA JOSÉ DE QUEIROZ (1936)